17869

Livr.ª da Conv.ª
Est. Sc — N.º 2.º

JABOATAÕ MYSTICO

EM CORRENTES SACRAS DIVIDIDO.

CORRENTE PRIMEIRA

PANEGYRICA, E MORAL,

OFFERECIDA,

Debaixo da Protecçaõ da Milagroſa Imagem

DO SENHOR

SANTO AMARO,

Venerada na ſua Igreja Matriz do Jaboataõ,

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

LUIZ JOZE' CORREA

DE SA',

Governador de Pernambuco,

POR

Fr. ANTONIO DE Sta. MARIA JABOATAM,

Filho da Provincia de Santo Antonio do Braſil.

(✠)

LISBOA:

Na Offic.de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

Anno de MDCCLVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

JABOATAÕ MYSTICO

EM CORRENTES SAGRAS DIVIDIDO.

CORRENTE PRIMEIRA

PANEGYRICA, E MORAL,

OFFERECIDA,

Debaixo da Protecçaõ da Milagrosa Imagem

DO SENHOR

SANTO AMARO,

Venerada na sua Igreja Matriz do Jaboataõ,

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

LUIZ JOZE' CORREA

DE SA',

Governador de Pernambuco,

POR

Fr. ANTONIO DE Sm. MARIA JABOATAM,

Filho da Provincia de Santo Antonio do Brasil.

LISBOA:

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

Anno de MDCCLVIII.

Com todas as licenças necessarias.

AO ILL.mo E EX. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREA DE SA',

Governador, e Capitaõ General de Pernambuco.

AVENDO de buſcar hum ſujeito de Nome, para que á ſombra do ſeu ſeguro, e benevolo auſpicio pudeſſe ſahir outra vez á luz

o mais Augusto de todos os Nomes, que depois de Deos, e sua Santissima Mãy, destinou o Ceo, e vio o mundo, que he o especioso, e suave Nome de Jozé, com o qual se orna, se naõ a mayor, a melhor parte destas Oraçoens Panegyricas, que ordenou o meu desvélo, e quer tornar a publico a minha devoçaõ; logo me vi obrigado, entre alguns, que offereceo á penna o discurso, a escolher o que dictou ao entendimento o coraçaõ, sempre depositario fiel de affectos singulares, que foy, e he o de V. Excellencia, em quem, sem lizonja da vaidade, se verifica melhor, o que do seu Maximo cantou o Sulmonense:

... Qui tanti mensuram Nominis imples,
Et geminas animi Nobilitate genus.

E ainda que he taõ gigante a Estatua do Nome, a q̃ se consagraõ estes mal limados rasgos da minha inculta penna, a estes pódem dar todo o complemento, e encher cabalmente, duplicando com os glorioſos acertos das suas Obras, (melhor nobreza da alma) as prendas do seu Illustre nascimento. Sangue illustre, e feitos heroycos saõ a tinta mais fina. e a mais apurada, ou apparada penna, com que se deve escrever nos annaes da Fama o nome grande dos Heróes mais abalizados de todo o mundo. Para neste ser cabalmente conhecido o de V. Excellencia, sobraõ nos seus magnanimos Antepassados as Obras do esforço, assim como abundou em todos o preclaro do sangue. Pela Varonía deste he V. Excellencia ramo Illustre daquelle famoso Capitaõ Payo Peres Correa, bem conhecido em todo o tempo pelo merecido nome de Josué Portuguez: *E se por esta Varonía he taõ alto o tronco de V. Excellencia, ainda he mais subido pelos Regios garfos, que com o decurso*

do

do tempo se enlaçara nelle; porque, se por esta he V. Excellencia descendente de hum Portuguez de tanta virtude, e esforço, como Josué; fóra deste, só de Reys herdou V. Excellencia espiritos de esforço, e Nobreza.

Do Senhor Rey D. Joaõ I. os herdou V. Excellencia por duas vias. Primeira: porque do Senhor D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, e Conde de Barcellos, que era filho do sobredito Rey, foy filho primogenito o Senhor D. Affonso, Marquez de Valença, de quem era descendente, por linha recta, a Senhora D. Angela de Mello, casada com o Senhor Martim Correa de Sá, primeiro Visconde da Asseca, Avós paternos de V. Excellencia.

Pela segunda via: porque do mesmo Senhor D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, e filho do Senhor Rey D. Joaõ I. foy filho segundo o Senhor D. Fernando, segundo Duque de Bragança, de quem era descendente, tambem por linha recta, o Senhor Luiz Cezar de Menezes, Avô materno de V. Excellencia: e assim por estes dous garfos se acha V. Excellencia enlaçado com a Regia Estirpe do Grande Rey D. Joaõ I.

Da mesma sorte se acha com a do Senhor Rey D. Joaõ II.; porque a Senhora D. Marianna de Lancastre Avó materna de V. Excellencia, e consorte do Senhor Luiz Cezar de Menezes, era descendente, por linha recta, do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, que era filho, e muito estimado, do sobredito Rey D. Joaõ II.

E se aonde he o sangue taõ illustre, haõ de ser os feitos os mais heroicos, no mappa inteiro de todo o Orbe acharemos demarcadas, como balizas da Fama, por muitos delles, acções memoraveis em

todas

todas as historias, adonde lemos, com inveja dos Fortes, e assombro dos Timidos, a muitos dos Illustres Ascendentes de V. Excellencia nas mais dificultosas, e arriscadas empresas dos seus Soberanos, empregando as vidas, e cabedaes em conquistar novas terras, Cidades, Provincias, e Reynos; e em manter, e conservar as ja conquistadas. Naõ he isto generalidade da lizonja, saõ creditos da verdade.

Nesse antigo mundo, e primeiro que todos achamos ao ja memorado, e sempre memoravel Payo Correa, como o nomeaõ alguns, ou como o escrevem outros, D. Payo Peres Correa, bem conhecido por este nome, e melhor celebrado por hum Josué Portuguez, pelo que á imitaçaõ deste obrou o seu esforço, e conseguio o seu zelo naquella decantada batalha, em que venceo hum numeroso exercito de Mouros ao pé da Serra Morena, vendo que antes de concluir com ella se lhe acabava o dia, a seu catholico desejo, parou o Sol, dando-lhe sobrada luz, para acclamar de todo aquella victoria; e fazendo na mesma occasiaõ, para saciar a sede dos seus soldados, brotar huma fonte de puras agoas, da dureza de huma penha, ferida com o tôpo da sua lança, para que naõ só em hũa, mas em outra acçaõ, fosse conhecido por novo Josuè este grande Portuguez.

Foy D. Payo Peres Correa Mestre de Santiago, e o primeiro que deo principio á conquista dos Algarves do poder dos Mouros nos fins do Reynado de D. Sancho Capêlo, e em todo o de seu Irmaõ D. Affonso III. o Conde de Bolonha, e no tempo deste aconteceo a referida batalha. E como se todo Portugal fosse pequena esfera para taõ grande Astro, chegaraõ os vigorosos esforços do seu braço a toda

a Hes-

n Heſpanha, adonde vir trinta e tres annos continuos no Reynado do Sãto Rey D. Fernando, e de D. Affonſo o Sabio, ſeu filho, ajudou ao primeiro nas guerras da Andaluzia, e nas conquiſtas dos mais Reynos daquella Coroa. De Heſpanha paſſou a Conſtantinopla com os melhores dos ſeus Cavalleiros em ſoccorro do Imperador Balduino, que liberal, e agradecido lhe offereceo a Cidade de Nicoia, o Caſtello de Medes, e outras terras mais, com todos os ſeus direitos, e juriſdiçoens, para nellas fundar Conventos da ſua Ordem, como fez, ſujeitos á ſua obediencia. O meſmo conſeguio na Hungria, e na Lombardia, donde foy ter depois; e em França beijou o pé ao Summo Pontifice Innocencio IV., o qual lhe confirmou todos os privilegios, e poſſeſſoens da ſua Ordem. Voltou para a patria, e no fim de huma longa idade, pondo-o tambem aos ſeus bem empregados dias, foy ſepultado o ſeu corpo na meſma Igreja, que elle levantára em honra da Senhora, no lugar da miraculoſa batalha, e ſua alma iria receber do Supremo Rey o juſto premio dos ſeus merecimentos.

Se naõ taõ dilatado, outro naõ menos glorioſo hemiſpherio nos offerece aos olhos eſte noſſo Mundo novo, e com muita eſpecialidade a eſpaçoza campanha do Braſil, que parece o deſtinou o Ceo, com alguma Providencia, para collocar nelle como em Eſfera particular dos ſeus luzimentos, e por huma bem comprida carreira de annos, como Cometas do valor, Rayos do eſforço, e Aſtros dominantes, a muitos dos Principes, e Illuſtres Aſcendentes de V. Excellencia.

Aſſim foy viſto na Provincia do Rio de Janeiro, e por ſeu primeiro Povoador, fundador da Cidade, e pri-

e primeiro Governador delle, o Senhor Salvador Correa de Sá, primeiro tambem deſte nome na ſua Aſcendencia, e quarto Avô de V. Excellencia. Sahio eſte Heróe da Fama, do Reyno para o Braſil, em companhia de ſeu tio Mem de Sá, (1) *terceiro Governador do Eſtado, e Capital da Bahia. Com o meſmo ſe achou na primeira empreza de lançar os Francezes da Ilha de Villa-Gailon, na Enſeada daquelle Rio, donde ſe haviaõ intruzamente fortificado, e alli por primicias do ſeu valor deo baſtantes moſtras de forte ſoldado, e deſtro Capitaõ.*

A' propria empreza tornou ſegunda vez com o meſmo Governador, que, depois de conſeguida a victoria em duas perigoſas batalhas, com Francezes, e Tamoyos, foy poſto, e deixado alli por fundador, povoador, e Governador da nova Cidade. Neſte emprego gaſtou alguns annos, concorrendo muito para o augmento daquella Praça, ſeus edificios, e fortificaçoens com o ſeu cuidado, e ainda particular diſpendio, trabalhando juntamente na guerra, e defeza dos Gentios, e com muy particular deſvélo na ſua converſaõ. Segunda vez em tempos mais adiante tornou a governar a meſma Praça.

A eſta meſma empreza do Rio de Janeiro, havia vindo da Corte o Capitaõ mór Eſtacio de Sá, outro ſobrinho do Governador da Bahia Mem de Sá, e em dous annos, que lá aſſiſtio, e em varias, e repetidas pelejas, que houve com Gentios, e Francezes, conſeguio o ſeu esforço outros tantos triunfos, alcançados aſſim pelo forte do ſeu braço, como pelo catholico do ſeu eſpirito, que veyo a render, como tributo devido ao Ceo, ficando gravemente ferido na primeira batalha, que da ſegunda vez deo o Governador

(1) Era Mem de Sá, irmaõ do famoſo Franciſco de Sá e Miranda.

dor Mem de Sá aos Francezes, e Tamoyos do Rio, e na qual derramou o sangue, e a poucos dias depois perdeo a vida.

Da mesma sorte acabou, com gloriosa fama, Fernaõ de Sá, filho do proprio Governador Mem de Sá, mandado por elle á Capitanía do Espirito Santo, contra o Gentio levantado, que a destruia, aonde depois de os vencer no primeiro encontro, vendeo no segundo a troco de muitas mortes a propria vida.

Neste mesmo Governo, e Provincia do Rio, e com as proprias, e connaturaes singularidades de piedade, e esforço, se vio succeder pelo tempo adiante o Senhor Martim Correa de Sá, primeiro deste nome, e terceiro Avô de V. Excellencia.

Alli chegou tambem o Senhor Salvador Correa de Sá e Benavides, segundo Avô de V. Excellencia, e terceiro em ordem aos Governadores da sua Ascendencia nesta Capitanía, merecendo pelo acertado, com que administrou este Governo, ser segunda vez condecorado com o mesmo emprego, de donde passando para o de Angóla na Africa, alli appareceo, como Cometa fatal aos contrarios, Rayo abrazador de Jaimigos, e Astro Dominante daquelle Reyno, que do poder intruzo de Olanda restaurou para a Coroa Portugueza, restituindo a esta antigos dominios, accrescentando á sua Illustre Ascendencia novos creditos, ás Armas da sua Familia distinctos brazoens, e á sua Pessoa bem merecidos laureis.

Do sangue do Arminho, escrevem Authores, se tingiaõ as Purpuras mais finas para os Agigantados Monarchas da passada Antiguidade. Na idade presente o sangue puro de tantas Coroas Regias, e o derramado de taõ preclaros Heróes, he

a tin-

a tinta finiſſima, com que ſe podia dar côr ás merecidas Tógas para a levantada Eſtatua do fauſto Nome de V. Excellencia; e para que ficaſſem eſtas mais refinadas, ou vivas, bem as podia retocar daquellas novas côres, que na rectidaõ, com que obra naõ deixa de tea V. Excellencia muy apurado o antigo eſplendor do ſeu ſangue.

Das mais ricas fabricas cortavaõ tambem os Soberanos de outros ſeculos as ſoberbas Opas, com que cobriaõ os hombros, e ornavaõ as Peſſoas; a de V. Excellencia, para ſeu ornato, dos feitos magnanimos dos ſeus Antepaſſados, póde cortar as melhores roupas; e para que appareçaõ eſtas mais roçagantes, bem as póde forrar com a preclara têa das ſuas acçõeſ.

E para que eſtas naõ ſabiſſem da eſfera determinada dos ſeas Illuſtres, e fortes Aſcendentes neſta propria do Braſil, donde luziraõ Aſtros ſuperiores, como hum deſtes havia ſer V. Excellencia tambem collocado; aquelles fazendo o ſeu influxivo curſo para o Sul deſte hemiſpherio, e V. Excellencia moſtrando o ſeu benigno aſpecto para o Meyo dia deſte. Tudo devemos á acertada diſpoſiçaõ do primeiro Movel da Monarchia Luſitana, o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. de ſaudoſa memoria, que como Intelligencia ſuperior deſte novo Orbe, neſta parte delle taõ principal, como Pernambuco, quiz tiveſſe na carreira dos Aſtros Aſcendentes de V. Excellencia, entre os mais o quarto lugar como Sol, e com muita propriedade, Sol, aqui. Porque, ſe Pernambuco he a parte mais Meridional de todo o Braſil, e o Meridiano he a Eſtaçaõ, onde mais ſóbe, e ſe exalta o Sol, como Sol no ſeu Zenith, no ſeu auge, ou na eſfera dos ſeus mayores luzimentos,

eſtá

eſtá V. Excellencia collocado no Governo de Pernambuco da Provincia do Braſil.

Aqui eſtá V. Excellencia, e aqui largara eu a penna; ſe eſta ſe conſultara ſó com aquella modeſta repugnancia, com que ouve V. Excellencia os ſeus elogios, ſendo eſtas, ſó, as verdades unicas, que achaõ pouca acceitaçaõ em ſeus ouvidos. Mas, ſem offender oquella, devo attender a eſtas, como do ſeu Trajano dizia Plinio. (1) E que diriaõ as virtudes de V. Excellencia, ſe lhes naõ impedira a voz aquella prudente moderaçaõ, com que a darlhes o ſer, juntamente lhes intima a ellas o ſilencio, e a mim o receyo de naõ malquiſtar-me com o genio de V. Excellencia, quando deſejo, e devo ſó aplaudí-lo.

Que diria do Zelo, Juſtiça, e Prudencia, Virtudes ſingulares, e as principaes, que álém de outras conſequentes ſe devem achar em quem Governa, e Preſide, e em nenhum melhor que em V. Excellencia ſe admiraõ praticadas. A Prudencia, com que attende, com diſtinçaõ as Peſſoas, ouve com ſocego as queixas, e ſatisfaz com equidade as partes? A Juſtiça, com que na diſtribuiçaõ dos cargos reparte os premios á igualdade do merecimento, e naõ ao dictame da vontade, ou á força do empenho.

O Zelo, ſem repetirmos o que ao ſerviço do Soberano, augmento da Coroa, e conſervaçaõ do Eſtado pertence, e he nelle V. Excellencia taõ extremado; pelo que toca á honra, veneraçaõ, e culto de Deos, que he o Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, ainda o he muito mais. Pois, para que eſte ſe infunda com effeito no coraçaõ, e alma de todos, he

(1) Nec minus conſiderabo, quod aures ejus pati poſſunt, quam quid virtutibus debeatur. Plin.

V. Excellencia o primeiro, para o executar a praxe: assistindo, sem haver occupaçaõ, que o divirta, nos Templos aos Officios Divinos, e Prégações do Evangelho; frequentando o Sacramento da Penitencia, naõ só nas festas principaes do preceito da Igreja, tambem em muitas particulares, e da sua devoçaõ, e ao tremendo Sacrificio da Missa todos os dias; e em todas estas funçoens sagradas, sempre devoto, como perfeito Christaõ, e attento sempre, como bom Catholico.

Que diria das grandes, e continuadas esmólas, com que acóde V. Excellencia aos communs, e publicos Pedintes todos os dias, e especialmente ao Sabbado de cada semana ás portas do seu Palacio; mas ainda as occultas, e participadas a Pessoas particulares, e Indigentes? Algumas expressoens mais individuaes desta summa piedade de V. Excellencia podiamos repetir aqui, se naõ fóra pela modesta razaõ, com que V. Excellencia procura occultar aos olhos do mundo o mais precioso das suas virtuosas acçoens.

E que diria disto mesmo, que a tudo dá o mayor realce, e he o seu mais avultado timbre? Que diria daquella discreta prudencia, com que, sabendo-o repartir tam bem com huma maõ, com outra o intenta esconder, e ambas vem a descobrir, que sendo isto chãma nascida do grande fogo da charidade, que arde em seu peito, passa a incendio, que o manifesta; e por mais que appeteça o dissimulo, aquelle entrar tristes, o sahir alegres, ou consolados os pobres o está mudamente publicando, como de outro similhante canton Claudiano.

Assiduos intrare inopes remeare beatos.

E que

E que mais diria? Diria, que até os Meninos o eſtaõ acclamando pelas ruas, quando proſtrados aos pés de V. Excellencia lhe tomaõ alegres a bençaõ, ſinal evidente, e certa demonſtraçaõ de que ainda os mais innocentes, e deſintereſſados, o veneraõ como a Pay, e honraõ como a Senhor. E quem naõ dirá que, entre os que dá o mundo todo, eſte para hum ſujeito de diſtinçaõ, he o mais cabal, e perfeito louvor? (1)

E que diria por fim? Diria, que ſe he accidente da Fortuna o naſcer Illuſtre; e que ſuppoſto deve muito V. Excellencia a eſte acciſente, naõ deve tambem pouco a ſi meſmo. Porque ſe aquelle foy luſtre alheyo, que reſultou com o ſangue, eſte he eſplendor proprio, que fabricaraõ os meritos, para Coroa do primeiro. Oh e quantas Coroas póde accreſcentar V. Excellencia ao Illuſtre do ſeu ſangue, com os creditos do ſeu Nome!

Bem póde, pois, ſahir o Fauſtiſſimo Nome do Senhor S. Joſé, e que deo o principal aſſumpto á noſſa penna, ſubſcrito, e rubricado com o nome plauſivel de V. Excellencia, a quem ella conſagra os ſeus toſcos raſgos, buſcando, como a centro de ſuas devidas ſubmiſſoens, as reſpeituoſas aras de V. Excellencia, adonde eſpera ſejaõ tam bem acceitos ſeus fumos, glorioſamente ambicioſos, como foy ſempre quem os offerece.

Ouvio-me V. Excellencia recitar muitas deſtas preſentes Oraçoens, e havendo eu merecido por ellas a boa attençaõ, com que ſabe V. Excellencia honrar a todos, hoje buſcaõ em o ſeu patrocinio aquella ſombra, que coſtuma fazer-ſe, á imitaçaõ da do Sol, reſpeitada, ſobre benefica; pois acolher-ſe

(1) Ex ore Infantium perfeciſti laudem. Pſalm. 8. 3.

ſe á de V. Excellencia he ambiçaõ; de querer participar das ſaus luzes; que ainda que por exceſſivas, poderiaõ abrazar, com o reſpeituoſo do ſeu fulgor, o leve deſte meu obſequio; por temperadas ao genio da ſua benignidade, ſem conſumir, o pódem illuſtrar; eſtylo certamente de luzes ſoberanas. (1) *Naõ ſe contenta com menos Numen o meu alento, aindaque naõ encha todo o ſacrificio o culto da minha veneraçaõ, pelo curto da ſua offerta.*

Todos eſtes preſentes diſcurſos gozaraõ ja da luz publica, quando ſentiraõ as oppreſſoens do prélo. As tres Practicas da Novena do Senhor S. Jozé, com o Sermaõ do dia, que ſaõ o objecto principal do preſente obſequio, com a da Acclamaçaõ do Fideliſſimo Monarcha D. Jozé I. foraõ conſagrados, quando ſe imprimiraõ, ao meſmo Senhor. Por aquella vez foraõ render Vaſſallagem a eſte Fideliſſimo Monarcha, como a Senhor ſoberano, agora vaõ tributar obſequios a V. Excellencia como a Mecenas muy Illuſtre: Alli, guiou-os o reſpeito ao Principe, aqui leva-os a obrigaçaõ ao Patrono.

De alguns Gentios ſe diz, que adorando por Deos ao Sol, offereciaõ alegres ſeus ſacrificios a eſte Monarcha das luzes, quando no horizonte o viaõ naſcer. (2) *Eu apreſento eſte holocauſto a V. Excellencia, a quem venero Mecenas, quando nos acompanha o ſuſto, de que, como Sol, que he deſte hemiſpherio, ja ſe vay a pór. Lá faziaõ elles o cuſtumado obſequio, quando o ſeu Principe os começava a ver: Eu aqui dedico a V. Excellencia que he o meu Patrono, eſta victima, quando ſuſpeitamos nos quer deixar. Elles moſtravaõ naquella anticipada*

(1) Et videbat quod rubus arderet, & non comburcretur. Exod. 3. 2.
(2) Adolebant ad ortum Solis.

pada ceremonia, o quanto pareciaõ intereſſeiros: Eu, com eſte devido tributo, declaro ſó o como ſou agradecido.

Mas agora reconheço por diminuta a minha penna, quando ſe atreveo agradecida a expreſſar com os ſeus limitados, e toſcos caracteres as illuſtres prendas de V. Excellencia: mas tambem alcanço, naõ naſcer eſte defeito, tanto do rude, e raſteiro do meu diſcurſo, quanto do ſubido, e inexplicavel do objecto, que ſe lhe offereceo por empreſa. Succedeo-me ſem duvida com o Retrato de V. Excellencia, (porque tanto pinta quem eſcreve, como eſcreve quem pinta, (1)) o que a Apélles com huma pintura de Antigono. Tinha eſte Principe algum defeito em hum dos olhos, e a queré-lo debuxar Apélles, achou-ſe embaraçada a verdade da Imagem com a cortezanía do Pintor. Delinear a falta, era deſattenção conhecida, com viſos de atrevimento; emendar o defeito, era arte da lizonja, com realidades de mentira. E que fez o Pintor, para nem deſcahir do veridico, nem incorrer na indignaçaõ? Fez o que devia, como Apélles. Formou oblíquo, e de hum ſó lado, ou face aquelle Retrato: para que ficaſſe aſſim faltando na pintura com deſtreza, o que faltava no Original por defeito. (2)

Iſto me há ſuccedido a mim; mas pelo contrario. Quiz ſahir a minha Idéa com huma perfeita copia das altas prerogativas de V. Excellencia, e levantar-lhe huma Eſtatua proporcionada á grandeza do Nome, e por mais que intentou apurada repetir attenta o pincel, e metter ajuſtadas as córes ao agigantado

(1) Pictura eſt oratio tacens. oratio autem pictura loquens. Symonid.

(2) Ex cogitata ratione vitia condendi. Obliquum namque fecit, ut quod corpori deerat, picturæ potius deeſſe videatur. Plin. lib. 35. cap. 10.

gantado do corpo, veyo a ſahir com huma Imagem obliqua, que apenas moſtra hum ſó lado das grandes prendas do ſeu Original, ſendo as ſobradas perfeiçoens do Exemplar defeito preciſo da pintura, pois ainda o pincel do meſmo Apélles, e as pennas mais cultas dos que eſcreveraõ melhor, naõ paſſariaõ de debuxar a metade, ſe ſe encontraſſem com a ſubida empreza deſta noſſa; porque o todo do ſeu Objecto naõ póde caber em quadros, por mais que eſtendeſſe todos os ſeus a voadora Fama, ajuſtando aqui para eſta effigie de V. Excellencia aquelle Epigrafe, que a outra ſimilhante Imagem gravou por empreza o diſcreto Vahuſio, mudandolhe ſómente para o de V. Excellencia o nome daquelle.

Dimidium pinxit qua dextera te, *Ludovice*,
Norat, quod totum pingere nemo poteſt.

E aſſim, turbada a Idéa, confuſas as côres, e embaraçadas as linhas, deixo o pincel, largo a penna, e arrojo as tintas, conſagrando ſó o meu ſincéro affecto aos pés da ſua levantada Eſtatua, e o humilde deſte meu diſcurſo á benefica ſombra do Illuſtre Nome de V. Excellencia, que Deos guarde para outros mais altos, e bem merecidos empregos, e para glorioſo, e cabal aſſumpto de outras mais ſubidas pennas, do que a deſte

Humilde Orador de V. Excellencia,
que lhe beija as mãos

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ.

LICENÇAS
DA ORDEM.

CENSURA DOS MM. RR. PP. MM. Fr. Timotheo da Conceiçaõ, e Fr. Joaõ de Santo Thomaz, Qualificadores do Santo Officio &c.

N. R.mo PADRE COMMISSARIO GERAL.

REſignados na obediencia de V. Reverendiſſima, temos lido com toda a attençaõ o livro de Sermoens intitulado: *Jaboataõ Myſtico em Correntes Sacras dividido*, compoſto pelo M. R. P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor actual, e Chroniſta da ſanta Provincia de Santo Antonio do Braſil: E para explicarmos o noſſo parecer, como V. Reverendiſſima manda, nos achamos com a meſma perplexidade, que teve Santo Anſelmo, quando quiz eſcrever huma de ſuas Cartas: *Cum tibi propono ſcribere: incertus ſum undè potiſſimum exordiar allocutionem meam. Quidquid enim de te ſentio dulce, & jucundum eſt cordi meo*; porque ſe olhamos para a erudiçaõ copioſa do Author, para o elevado dos Aſſumptos, para o ſublime dos Conceitos, e para a expoſiçaõ natural das Eſcrituras, que logo á primeira viſta admiramos: *Dulce, & jucundum eſt cordi noſtro*: ſe olhamos para o fraternal amor, que

Anſelm. lib. 1. Epiſt. 4.

que com èlle temos, ainda ſem intuitivo conhecimento, por ſer de huma Provincia, que ſahio da noſſa, que he em tudo a meſma, por mais que o pleiteem as diviſoens: *Dulce, & jucundum eſt cordi noſtro.* Por iſſo tudo, o que ſe acha de bondade no livro, e no Author naõ póde deixar de nos agradar, porque tudo redunda em credito noſſo; e por eſta reciprocaçaõ de fortunas, com verdade nos podemos adaptar aquellas affectuoſas expreſſoens do meſmo Santo em outra Carta: *Sicut enim bona noſtra, ſi qua ſunt, eſſe veſtra optamus; ita veſtra quæcumque ſunt, eſſe non noſtra nequaquam putamus.* As quaes razoens, bem ponderadas, naõ podiaõ deixar de nos deixar perplexos, para havermos de declarar o noſſo parecer: *Incertus ſum, unde potiſſimum exordiar allocutionem meam.*

Idem Epiſt. 1.

Porêm, depoſto todo o affecto, que podia accuſar ſuſpeiçaõ, obrigados do preceito, nos reſolvemos a dizer, que he tal a erudiçaõ, a facundia, e a formalidade, com que o Author eſcreveo eſte livro, que iſſo ſó baſtava para o acreditar de inſigne Eſcritor, e para o dar a conhecer na paleſtra literaria pelo Sol dos Eſcritores: porque ſe para ſe conhecerem as actividades do Sol, naõ he preciſo verem-ſe todas as ſuas luzes, e huma ſó baſta para informar ao mundo todo dos ſeus muitos reſplendores, ſendo os livros, como diſcretamente diz Sydonio Apollinar, Eſpelhos, em que ſe vem os talentos, e as luzes da Sabedoria dos Authores: *Ita mens patet in*

libro

libro, veluti vultus in ſpeculo., bem ſe deixa ver neſte livro ſó, quam elevados ſaõ os reſplendores deſte Sol Americano. Por iſſo naõ ſem myſterio o intitulou: *Jaboataõ Myſtico*, que he hum Rio com eſte nome, ou hum lugar, que ſervio de berço ao Author, que naõ póde deixar de ter as propriedades de Sol, para lhe communicar os ſeus reſplendores; pois ja houve Rio, que ſe converteo em Sol, e em luzes: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, & in lucem, ſolemque converſus eſt*; Eſth. 10. v. 6. porque como aos Sermoens, que encerra o livro, dá o titulo de Fontes, a ſer cada Sermaõ huma Fonte, preciſamente ha de ſer o livro hum Rio. Sim, he Rio taõ abundante de agoas de celeſtiaes doutrinas, porque nas ſuas Correntes ſe acha o ouro das virtudes: *Torrentes aurei ſunt doctrinæ cœleſtis affluentia.* Laur. verb. Fluvius.

Em fim, ſe ja huma pequena Fonte fez hum grande Rio, naõ póde eſte Jaboataõ deixar de ſer Rio muito mayor, porque ſaõ muito grandes as Fontes, que para elle correm. E eſtamos certos, que quem chegar a beber deſtas Fontes, lhe ha de ſucceder o meſmo, que refere Berchorio daquellas agoas, que quanto mais ſe bebiaõ, mais, e mais ſe deſejavaõ: *Quot plus ſunt potæ, plus ſitiuntur aquæ*; pois aindaque ſeja mais facil ſaciar-ſe o appetite com a bebida, do que com o alimento ſolido, ſegundo o ſentir de Hypocrates: *Facilius eſt repleri potu, quam cibo*, com tudo, quem beber das Fontes deſte Hypoc. lib. 2. Aphoriſm. 21.

Rio, que tem celeſtiaes correntes, nunca poderá ſaciar a ſua ſede, e o ſeu appetite, ſem chegar a engolfar-ſe no mar immenſo da gloria, que he o fim, que o Author teve, quando eſcreveo o livro: o qual, por naõ ter couſa alguma contra a Fé, e bons coſtumes, nem contra as Conſtituiçoens da Igreja, e da Religiaõ merece ſe dê ao prélo. Eſte o noſſo parecer, V. Reverendiſſima mandará o que for ſervido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio aos 9. de Junho de 1758.

Fr. Timotheo da Conceiçaõ,
Ex-Leitor, e Cuſtodio.

Fr. Joaõ de Santo Thomaz,
Ex-Leitor, e Guardiaõ.

Fr.

FR. Pedro Juan de Molina, Lector de Sagrada Theologia, Theologo de Su Mageſtad Catholica en la Real Junta, por la Immaculada Concepcion de Nueſtra Señora, Ex-Miniſtro General de todo el Orden de Menores de Nueſtro Serafico Padre San Franciſco, y en eſta Ciſmontana Familia Commiſſario General, Viſitador Apoſtolico, y ſiervo &c.

POr el tenor de las preſentes, y por lo que à Nòs toca, concedemos nueſtra bendicion, y licencia al Padre Fr. Bonifacio de San Antonio, Hijo de nueſtra Provincia de San Antonio del Braſil, de Menores Deſcalços, y ſu Procurador en la Corte de Lisboa, para que pueda dar à la prenſa un libro, que ha compueſto el Padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatañ, Diffinidor actual, y Chroniſta de dicha nueſtra Provincia de San Antonio del Braſil, cujo titulo es: *Jaboatañ Myſtico em Correntes Sacras dividido*; attento, à que haviendoſe viſto, y examinado de commiſſion nueſtra, por Theologos de la Religion, nos aſſeguran, no contener coſa alguna contra nueſtra Santa Fee Catholica, ni contra las buenas coſtumbres, y que es digno de darſe à la luz publica. Y en todo lo demas ſe obſervaràn los Decretos del Santo Concilio de Trento, *ac cæteris de jure ſervandis*. Datis en eſte nueſtro Convento de

Nueſtro

Nueſtro Padre San Franciſco de Madrid en 14. de Julio de 1758.

Fr. Pedro Juan de Molina,

Commiſſario General.

Por mandado de S. P. Reverendiſſima.

Fr. Gabriel Lazaro.

Secret. Gen. de Deſcalzos y Recoletos.

Reg. tit. Prov.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. Eſtevaõ Cardoſo Telles, Qualificador do Santo Officio &c.

ILLUSTRISS. E REVEREND. SENHORES:

VI o manuſcripto, e o mais que ſe pertende reimprimir, cujo titulo he: *Jaboataõ Myſtico em Correntes Sacras dividido*, e compoſto pelo R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, digniſſimo Diffinidor actual, e Chroniſta da ſua Provincia de Santo Antonio do Braſil, e fiz juizo de que naõ tem couſa, que ſe opponha á noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, e que ſe lhe póde conceder licença, com a meſma razaõ com que ſe concedeo faculdade para ſe dar ao prélo a meſma Obra, que agora intenta reimprimir. Eſte o meu parecer, Voſſas Illuſtriſſimas faráõ o que forem ſervidos. Lisboa, Convento de S. Domingos 16. de Agoſto de 1758.

Fr. Eſtevaõ Cardoſo Telles.

CEN-

CENSURA DO M. R. P. M. DOUTOR Fr. Jozé da Ave Maria Leite, Qualificador do Santo Officio &c.

ILLUSTRISS. E REVEREND. SENHORES.

EM obſervancia da ordem de Voſſas Illuſtriſſimas, vi com attençaõ o manuſcrito, e o mais que ſe pertende reimprimir, cujo titulo he: *Jaboataõ Myſtico em Correntes Sacras dividido*, e nelle naõ encontro couſa diſſonante aos Sagrados Dogmas da noſſa Santa Fé, e bons cuſtumes, antes acho muita erudiçaõ Sagrada, e Eccleſiaſtica, por cujo motivo ſe faz digno da licença, que pede ſeu Author o M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor, e Chroniſta da Provincia de Santo Antonio do Braſil, da ſagrada Religiaõ Serafica. Eſte o meu parecer, Voſſas Illuſtriſſimas determinaráõ o mais acertado. Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa, 25. de Agoſto de 1758.

Doutor Fr. Jozé da Ave Maria Leite.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe reimprimir o livro, que ſe apreſenta, intitulado: *Jaboataõ Myſtico*, e depois voltará conferido, para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 25. de Agoſto de 1758.

Silva. Trigoſo. Silveiro Lobo.

DO

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. Antonio do Amor de Deos, Padre da Provincia de S. Franciſco de Portugal, e Qualificador do Santo Officio.

EX.mo E R.mo SENHOR.

MUitas vezes dezejey merecer a honra de obedecer aos preceitos de V. Excellencia; porêm eſte com que me manda ver o livro, que compôs o P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, filho da ſanta Provincia de Santo Antonio do Braſil, de minha Serafica Religiaõ; a que dá o titulo de *Jaboataõ Myſtico* fez converter todo o dezejo da minha obediencia em huma goſtoſa recreaçaõ; porque aquelles aſſumptos, em que a ſuavidade da liçaõ ſe vê unida com a utilidade da materia, de tal ſorte ſuavizaõ, e trocaõ, o que podia parecer aliàs cuſtoſo ſacrificio de algum trabalho, em divertimento, e recreaçaõ, que tiraõ toda a difficuldade da vontade para o rendimento da obediencia.

Omne tulit punctum, qui miſcuit utile dulci, Lectorem delectando, pariter monendo. Horat. in Art.

O Author deſte livro, unindo nelle a utilidade com a doçura, o delineou com idéas taõ ſingulares, aſſumptos taõ proprios, reparos taõ agudos, conceitos taõ elevados, e eſtylo

taõ elegante, que ſe bem em huma ſó linha, que tirava o grande Apélles, expreſſava a valentia do ſeu pincel, o R. Author neſte livro todo ſeu, em poucas clauſulas oſtenta na ſuavidade de ſuas palavras, e na utilidade da materia a ſingularidade de ſua elevada penna, fazendo-ſe em cada huma das Correntes, em que dividio eſte ſeu *Jaboataõ Myſtico*, norte dos Oradores Evãgelicos, idéa de ſantos coſtumes, theſouro da melhor eloquencia, e argumento de muitas noticias; pois ſem faltar ás pontualidades do Sagrado texto unio com as humildes perſuaſões da moralidade as mais altas maximas de hũa Catholica politica, admirando com os ſeus diſcurſos Evangelicos, e aproveitando com as ſuas ponderações, e politicas obſervaçoens, e perſuadindo com taõ ſelectas doutrinas a ſeguir as mais ſolidas virtudes, com palavras taõ mellifluas, que eſcutando-as com goſto o ſentido, refundem na alma hum grande aproveitamento; preceitos com que Santo Agoſtinho deixou vinculados os Eſcritores Evangelicos para a mais perfeita elegancia de ſuas Oratorias, quando ponderando em David o Pſalm. 1. in Prolog. diſſe: *Ut dum ſuavitate carminis mulcetur auditus Divini ſermonis pariter utilitas inferatur.* Juſtamente ſe põem a eſte livro o titulo de *Jaboataõ Myſtico*; porque alludindo eſte titulo áquelle Rio, que no murmurinho de prateadas ondas, com clarins de cryſtal, quiz moſtrar á propria natureza, que em perolas, e aljofar retratava os applauſos devi-

dos

dos ao Naſcimento de hum Heróe, que o havia de fazer celebre em todo o mundo, quando no prélo de ſeus Eſcritos o vulgarizaſſe; eſta he dos famoſos Rios a mais benigna condiçaõ, que lhe reconheceo o Author do Mundo Symbolico quando contẽplando-a, lhe inſcreveo eſte Lema: *Mundat, & munit*: ou como melhor contemplando a doçura, e utilidade de ſuas agoas, diſſe: *Rigat, ut erigat*: que foy o meſmo, que deixou eſcrito hum famoſo Poeta:

Ut erigat vireta, riſus irrigat.

Diffundindo-ſe pois por tantas Correntes as myſticas agoas da doutrina deſte Jaboataõ, naõ deixaráõ de achar nellas os fieis implicadas a doçura, e a utilidade na elegancia de ſuas palavras, e erudiçaõ de ſuas doutrinas; proteſtando ja na demora, com que ſe retardarem as affluencias de taõ delicioſas correntes, aquelle prejuizo, que á natureza enſinou a propria experiencia:

Claude Poli fontes, arida corde manant. Carducius.

Para que os noſſos coraçoens naõ padeçaõ o tormento da inſaciavel ſede de noſſos deſejos, permitta V. Excellencia que corraõ neſte hemiſpherio as delicioſas correntes deſte Rio, para que bebendo todos as agoas de huma Evangelica doutrina, achem na doçura das palavras o refrigerio de ſeus inſaciaveis deſejos, e na erudiçaõ de ſeus conceitos aquella

utilidade, a que ſe encaminhaõ os documentos de hum Orador Evangelico, a cujos louvores naõ chega o meu conceito; porque naõ póde chegar o encarecimento, aonde ſe remonta o merito: mas fica-me ſómente a gloria de ficar conhecendo neſte mappa pelo dedo a grandeza de hum Gigante, e pelas ſombras da copia as luzes do mais famoſo original, que ajuſtando-ſe em tudo ás obrigaçoens de hum egregio Eſcritor, nada eſcreveo neſte livro, que ſe opponha ás determinaçoens da Santa Madre Igreja, dogmas de noſſa Santa Fé, e bons coſtumes, ou Conſtituiçoens deſte Patriarchado: por cujo reſpeito me parece he digno de ſe imprimir eſte livro, e que merece o ſeu Author a licença, que pede. Eſte he o meu parecer, que naõ obſtante mandará V. Excellencia o que for ſervido. Lisboa no Convento de Santo Antonio, em 6. de Settembro de 1758.

Fr. Antonio do Amor de Deos.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o livro, de que trata a petiçaõ, e depois de impreſſo voltará conferido, para ſe lhe dar licença para correr. Lisboa 11. de Settembro de 1758.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO

DO PAÇO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. Affonſo da Expectaçaõ, Diffinidor actual da Provincia de Santo Antonio de Portugal.

SENHOR.

VOſſa Mageſtade me manda ver o livro de Sermões, que compôs, quer fazer imprimir, e reimprimir o M. R. P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor actual, e Chroniſta da Reformada Provincia de Santo Antonio do Braſil da primeira Ordem de meu Serafico Patriarcha S. Franciſco, cujo titulo he: *Jaboataõ Myſtico em Correntes Sacras dividido*, para nelle dar o meu parecer; ſendo eu aquelle indigno filho da Provincia de Santo Antonio de Portugal, que á voz de V. Mageſtade fui mandado vir no mez de Abril para o emprego na Religiaõ, a que naõ cuidava caminhar, nem pertendia chegar, intimando-ſe-me ſer da ſua Real vontade a minha acceitaçaõ, e vinda para eſte Convento de Santo Antonio, aonde me eſtava parecendo certo naõ haver em mim ſimal algum para lembrança de meu nome na Corte! Pois permitta-me V. Mageſtade dizer aqui tudo o que na verdade ſinto.

Do ſublime Throno, ſobre o qual collocado por muitos annos goze felizmente da Monarchia, ſe digna V. Mageſtade honrar a hum

hum dos ſeus vaſſallos Menores, o mais pequeno, uſando commigo daquelle attributo, que por participaçaõ lhe vem, como lhe póde vir, do Supremo Rey dos Reys Deos Senhor Noſ-
Pſalm.112. v. 5. & 6. ſo: *Qui in altis habitat, & humilia reſpicit*, e para dar o meu parecer, conheço que devo dar as graças por eſta mercê de mandar remetter para a minha maõ eſte livro, antes q̃ tomar delle conhecimento para effeito de cen-
Plin. Jun. 9. Epiſt. 8. Epiſ ſura: *Video ne tam proferre judicium meum, quam referre gratias videar*; devendo tambem dá-las pelas outras, que confeſſo ter recebido.

Como porêm o preceito, poſto que com ſuave violencia, me obriga; naõ havendo reſpeito ás razoens de ſuſpeiçaõ, que no eſtreito vinculo da fraternidade eſpiritual entre mim, e o Author podem fundar-ſe, bem perſuadido eſtou a que poſſo, e devo confeſſar, ainda com o meſmo Plinio, olhando pa-
Idem Plin. Jun. ibi. ra toda a obra apreſentada no volume: *Sed licet videam omnia ſcripta ſua pulcherrima exiſtimo*, ſendo, como he, taõ boa ja a acceitaçaõ, com que corre a proveitoſa agoa da doutrina nos Sermoens por todos os principios excellentemente qualificados.

Claud. *Principibus placuiſſe viris, non infima laus eſt.*

Os quaes Sermoens agora com os regiſtos de nove fontes ſe ajuntaõ na primeira *Corrente Sacra do Jaboataõ Myſtico*, com os manuſcritos de novo accreſcentados, que ſaõ duas colum-

columnas engenhoſamente ideadas, ou dous fundamentos, ſobre que ſe levanta hum arco triunfal no principio da obra, e huma fonte no fim della para completar o numero de dez fontes, que póde ſer com ſeu myſterio, tudo do meſmo Author com a energia, erudiçaõ nas Divinas, e humanas letras, e eſtylo taõ eloquente, adornadas as ſentenças, e agudos os penſamentos, que me deixa ficar a muita diſtancia admirado, excedida a capacidade do meu conceito; tendo mais para confeſſar, que me ſuccedeo, vendo eſte *Myſtico Rio*, ſem poder ſondar-lhe bem o fundo, o que diſſe de ſi o Principe da Filoſofia Moral com hum dos eſcritos, que para ſeu exame lhe enviou ſeu amigo Lucillo: *Tanta autem dulcedine me tenuit, ut illum ſine ulla dilatatione perlegerem, & non tantum dilectatus, ſed gaviſus ſum.* Senec. Epiſt. 46.

Recreava-ſe Seneca alegrando-ſe interiormente em ler aquella Obra do ſeu amigo, ſabendo eſtimá-la como merecia, mas eu admirando a perfeiçaõ deſta com ſuperioridade á minha comprehenſaõ, mais me alegro; porque vejo que he Obra de hum Eſcritor naſcido em hum lugar da America conjunto ao Rio, que deo a eſſe lugar o nome, e ao meſmo Author o ſobrenome: *Jaboataõ*; donde foy tomado para filho da minha Religiaõ Serafica na Provincia de Santo Antonio do Braſil; do qual a boa fama, depois de encher aquella parte da America, até onde tem chegado o ecco de taõ egregio Orador prégando, paſſa a divulgar-ſe

gar-ſe na Europa com applauſos de Eſcritor dignamente approvado, compondo, naõ ſó como admiravel Prégador Sermões, mas tambem como verdadeiro Chroniſta a Chronica da ſua ſanta Provincia, com grande gloria della.

Neſta grande gloria ſe intereſſa a Provincia de Santo Antonio de Portugal, eſtimando-a como propria, por ſer a Mãy daquelles bons filhos, que no anno de mil e quinhentos e oitenta e quatro, deſempenhando inteiramente o nome de Miſſionarios Apoſtolicos em beneficio das almas na Conquiſta de Pernambuco, puzeraõ a primeira pedra na fundaçaõ da Cuſtodia de Santo Antonio do Braſil. Confirmada filha, e ſujeita á meſma Provincia de Santo Antonio de Portugal por Bulla de Xiſto V. dada em Roma em Santa Maria Mayor a tres de Settembro de mil e quinhentos e oitenta e ſeis, anno ſegundo do ſeu Pontificado.

Gonzag. &c

Naõ teve força até hoje a diviſaõ feita no anno de mil e ſeiſcentos e trinta e ſette, quando aquella Cuſtodia de novo ſe creou em Provincia ſeparada, para fazer ſeparaçaõ de animos com o mais leve final de offenſa no amor, com que mutuamente ſe amaõ huma, e outra, ſendo de ambas muitos os filhos, que podem com ſciencia experimental teſtificar deſta verdade, naõ obſtante a muita agoa do mar, que ſe mette de permeyo; e ſe nas cauſas da Religiaõ naõ ſaõ reprovados os depoimentos dos que nella profeſſaõ, valendo-me deſte direito continûo em depôr o que mais ſe me repreſenta

preſenta, vendo que o Author com taõ diſcreta diligencia ſoube deſcobrir as dez fontes originarias, que fazem copioſamente proficua a primeira *Corrente Sacra do Myſtico Jaboataõ.*

Muitos foraõ os que antigamente puzeraõ todo o cuidado em deſcobrir a origem do Nilo, mandado Enviados até os ultimos fins da Ethiopia, que buſcaſſem as fontes daquelle famoſo Rio: aſſim o fizeraõ Seſeſtres, e Philadelfo Reys do Egypto, Cambiſes Imperador dos Perſas, e o Grande Alexandre de Macedonia: naõ ficou pedra, que naõ moveſſem Julio Cezar, e o Imperador Nero, para manifeſtar ao mundo os olhos de agoa, em que principiava o naſcimento do meſmo Nilo; mas ſempre baldadas as diligencias, guardando-ſe eſte taõ deſejado deſcobrimento para aquelle, que no anno de 1618. o chegou a conſeguir verdadeiro em o Reyno do Imperador da Abaſſina.

Lucan. l. 10. Senec. lib. 6. Nat. Quæſt. cap. 8. P. Gaſp. Schot. 1. l. da Anat. flum. apud Mund. Symbol. l. 2. cap. 25. n. 484.

Eſtas diligencias, para achar a natural origem do Rio Nilo por muitos annos fruſtradas, ſoube o Author fazer por ſi proprio a reſpeito do Rio Jaboataõ na America em poucos, com eſpiritual utilidade de muitos povos; pois vemos que ja deſcobrio dez fontes, que concorrem para a primeira *Corrente Sacra do Myſtico Rio*, (e quem diz primeira, dividindo-o em correntes no plural, eſperanças nos dá de deſcobrir mais fontes para multiplicar as correntes) com a felicidade de que ſendo o proveito para as animadas terras, aonde a-

brangerem os effluvios do *Myſtico Jaboatão*, a gloria he para a Provincia do Author; porque de dentro dos ſeus Clauſtros ſahe trasbordando o Rio, embora que traga por alluzaõ o ſeu nome lá de fóra: e ſe para idéa de hum Prégador abundante de fructos ſe pinta curioſamente o Rio Nilo com o Lemma: *Inundatione ferax*, accreſcentando para aqui hum Poeta:

Idem Picin. ibid.n.483.

Arva rigat Nilus fluvius, ſed pectora ſermo;

Seja o *Jaboatão* aquelle Rio, que na America faça tanto ao proprio a figura do Nilo, applicando-lhe a meſma letra: *Inundatione ferax*, que parece eſtar claro no Myſtico o emblema, para que a Religiaõ Seraſica a huma vóz com a Provincia do Author diga:

Glorior, officiis profuit ille meis.

Ovid.Faſt.4.

Naõ ſendo improprio chamarem-ſe os homens Rios geralmente: *Fluvii generaliter dici poſſunt homines*; e podendo applicar-ſe de algum modo á Religiaõ Seraſica o que da Igreja de Deos ſe diz: *Quæ dicuntur de Eccleſia Chriſti poſſunt ſuo modo applicari Religioni Seraphicæ Sancti Franciſci*, muito mais tem que gloriar-ſe no Author a minha Sagrada Religiaõ; porque ſe em Moyſés tirado das agoas do Nilo ſe repreſenta todo aquelle, que apparece no Rio deſte preſente mundo, ſendo a filha do Rey a graça de Deos, que nos adopta filhos do meſmo Deos, tirados da arrebatada corrente deſte ſeculo, e nos entrega

Lauret.verb. Fluv.

Flor.Seraph floss 13.lit.O ex Alva ibi.

trega á mulher Hebrea, ou á que vay paſſando para o Ceo, a Sãta Madre Igreja, para nos criar: *Moyſés eſt quiſquis in fluvio præſentis eſt ſæculi; filia Regis eſt gratia Dei, quæ nos fluxu ſæculi erutos in filios Dei adoptat, & Hebrææ, id eſt, tranſeunti in cœlum Matri Eccleſiæ tradit nutriendos*; naõ ſómente do Rio do mundo, naõ ſómente adoptado filho de Deos pela graça, e entregue á Santa Madre Igreja para o criar como os mais Chriſtãos; mas tambem tirado de hum lugar junto do Rio, de que conſerva o nome para lembrança, e entregue demais á Religiaõ Serafica para lhe dar a criaçaõ, que tanto bem aproveitou, temos ao Author adoptado pela graça de Deos; para que, álêm das obrigaçoens de Catholico, e Religioſo trabalhe no ſerviço do meſmo Deos, prégando, e eſcrevendo entre os ſeus naturaes, como vemos, e eſperamos ver nos ſeus Eſcritos.

Ex Hug. à S. Vict. in Alleg. Exod 1. apud Corn. Alap. in Exod. c. 2. v. 10. Exod. 2. v. 5.

O nome daquelle inſigne homem, que tiraraõ quando menino de entre os juncos, ou eſpadanas, que na borda do Nilo produzia a natureza, interpreta-ſe Tomado das agoas, por cauſa da agoa da Sabedoria, da qual Deos o fez participante: *Moyſés ſic dictus eſt quia ſumptus ex aquis propter aquam ſapientiæ, quam ei Deus impertitus eſt.* Foſſe, ou naõ, natural o defeito da lingua, que elle confeſſava humilde, ſupprio o Senhor eſſe defeito, mandando que eſtiveſſe junto com elle o Sacerdocio em ſeu Irmaõ Aaraõ, que denota eloquencia: *Ut etiam datur, ut ſit Moyſis deſignat eloquentiam*: e iſto, que Deos remediou

Laur. & Alleg. verb. Moyſés.

Idem verbo Aaron.

com duas peſſoas na figura, foy ſervido conceder liberalmente á peſſoa ſó do Author.

Expôs Moyſés ao povo todas as palavras, que o Senhor lhe mandara: *Expoſuit omnes ſermones, quos mandaverat Dominus*; porque com tal arte, e diſpoſiçaõ pôs os preceitos nas ſegundas Taboas, que: *Literæ Tabularum erant magnæ, ut è minus legi poſſent à populo, ideoque ab utraque parte Tabularum ſcribendum fuit, ut in eis integer Decalagus ſcriberetur*: e ſe o fim dos Prégadores nos Sermões, que fazem, e eſcrevem, ainda quando louvaõ as virtudes dos Santos, he para que o povo ſe exhorte a obſervar primeiro que tudo os dez preceitos da Ley de Deos; póde ſer que o Author myſterioſamente naõ deſcobriſſe mais que dez fontes para formar a primeira *Corrente do ſeu Myſtico Jaboataõ*, naõ deixando de correr na ſua maõ a penna para continuar a obra de outras muitas fontes, que façaõ mais abundante de ſalutiferas agoas o Rio, ao meſmo tempo, que naõ larga a de Chroniſta como Moyſés; com a differença, de que ſe Moyſés o foy ſagrado, o Author o he da ſua ſanta Provincia: para que pois a gloria da Religiaõ Serafica ſeja immortal, e a honra do Author ſempre dure com utilidade publica, que mayor ſe eſpera do ſeu incanſavel zelo, digno ſe faz do prélo eſte livro:

Exod. 19. v. 7

Corn. Alap. Exod. 32. v. 15.

Porpert. l. 3. ad Cynthiã.

At non ingenio quæſitum nomen ab ævo
Excidit; ingenio ſtat ſine morte decus.

Sem ſe impedir eſta primeira *Corrente Sacra*, que

que a outras ſe encaminha; porque, como me parece, he juſto conceder-ſe a licença, que pede, por naõ ter couſa que ſe opponha a Fé, e bons coſtumes, Real ſerviço, e Leys de Voſſa Mageſtade, que mandará o que for ſervido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio 29. de Settembro de 1758.

Fr. Affonſo da Expectaçaõ.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa, para ſe conferir, taxar, e dar licença para que corra, que ſem ella naõ correrá. Lisboa 9. de Outubro de 1758.

Carvalho. Emmaûs.

LICEN-

INDEX

DAS FONTES PANEGYRICAS, e Sermoens desta primeira Corrente.

FONTE I. *Practica I. de S. Jozé*, p. 39.
FONTE II. *Practica II. do mesmo*, p. 51.
FONTE III. *Practica III. do mesmo*, p. 65.
FONTE IV. *Sermaõ do seu Patrocinio*, p. 79.
FONTE V. *Oraçaõ Funebre nas Exequias do Fidelissimo Rey D. Joaõ Quinto*, p. 102.
FONTE VI. *Discurso Encomiastico na Acclamaçaõ do Augustissimo, e Fidelissimo Monarcha D. Jozé I.* p. 145.
FONTE VII. *Discurso Historico, e Panegyrico na nova celebridade do B. Gonsalo Garcia*, p. 167.
FONTE VIII. *Sermaõ de S. Pedro Martyr*, p. 225.
FONTE IX. *Sermaõ de Santo Antonio em dia do Corpo de Deos*, p. 249.
FONTE X. *Sermaõ de S. Jozé*, p. 273.

COLU-

INDEX

COLUMNA PRIMEIRA,

PRIMEIRO PE', OU FUNDAMENTO, SOBRE QUE SE levanta o Arco triunfal, ou Triunfo glorioso DO SENHOR SANTO AMARO,

PELA SUA MILAGROSA IMAGEM, venerada na Igreja Parochial do meſmo Santo no lugar de Jaboatão, fabricado em dous diſcurſos Panegyricos, pregados, hum de manhãa, e outro de tarde, na feſta, que ſe lhe fez na ſua Matriz no anno de 1739.

Ecce nos. Matth. 19. 27.

ENTRE os Eſpectaculos, que na antiga, e famoſa Roma mais levavaõ apôs de ſi as attenções do ſeu Povo, e arrebatavaõ os animos, de quem os via, foy hum, a que chamavaõ Triunfo. Era eſte Triunfo, aquella primei-

ra Entrada, que faziaõ em Roma os ſeus Capitães, e Imperadores, quando das Conquiſtas, a que ſahiaõ, voltavaõ triunfantes, deixando inteiramente vencida algũa Provincia, tomado algum Reino contrario, ou conſeguida algũa notavel victoria. Celebravaõ-ſe eſtes triunfos com o mayor apparato, e oſtentaçaõ, a que podia chegar o poder, e vaidade do vencedor; porque, álèm de outras grandezas, que deixo por menos neceſſarias, entrava o Imperador, ou Capitaõ, veſtido todo de ouro, e purpura, ſentado em hum carro triunfal, cuſtoſamente fabricado, pelo qual era coſtume tirarem boys ricamente adornados, excepto o carro triunfal do Imperador Julio Ceſar, que foy levado por quarenta Elefantes, e o de Marco Antonio, que foy conduzido por muitos Leões. Trezentos e vinte e hum foraõ os triunfos, que ſe viraõ, e admiraraõ em Roma; e havendo entre elles alguma differença, na pompa, e grandeza, conforme a mayor, ou menor vaidade do vencedor, huma ſó couſa naõ faltava nelles, como timbre, ou realce, que os fazia mais glorioſos, e vinha a ſer, que logo adiante do carro triunfal do vencedor, hia levantado em alto hum grande Eſtandarte, ou pendaõ, primoroſamente lavrado, no meyo do qual ſe via debuxado com todo o primor, e deſtreza da arte, hum Pé de homem; para ſignificarem aſſim com eſte Pé,

Pé, que deixavaõ ſujeitos, e ſubjugados aos Povos, e Gentes, contra as quaes tinhaõ ſahido, e peleijado.

E ſe hum ſó Pé entre os Romanos fazia taõ glorioſo, e ſubido o ſeu triunfo, que triunfo o mais ſubido, e glorioſo naõ ſerá, o que temos para ver hoje neſta Igreja, pois temos para timbre, e realce ſeu, naõ ſó hum, mas dous Pés! Dous Pés temos hoje, para vermos com elles o mayor triunfo, que neſte dia, e neſte lugar, alcança o melhor Capitaõ da milicia Divina, o Imperador, e Monarcha deſta Igreja o Senhor Santo Amaro, a quem dedicamos hoje eſtes reverentes cultos, e offerecemos eſtes devidos obſequios. E quaes ſeraõ eſtes dous Pés? Para vo los moſtrar aqui melhor, vamos por elles primeiro ao Apocalypſe. Em hũa myſterioſa repreſentaçaõ, vio lá o Evangeliſta Profeta a hum formoſo, e forte Anjo, que fazendo do Ceo para a terra huma como marcha, ou alarde, e formando com os dous Pés, que eraõ a maneira de columnas reſplandecentes de fogo, hum como arco triunfal, aſſentou huma deſtas columnas, ou hum dos ſeus Pés ſobre a terra, e outro ſobre as agoas. *Et vidi alium Angelum fortem deſcendentem de cœlo.. Et pedes ejus tamquam columna ignis,.. Et poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram.* E dizem aqui os ſagrados Expoſitores, que huma das razões, porque aquelle Anjo ha- Apoc. 10. 1.

via pôr hum Pé ſobre o mar, e outro ſobre a terra foy para moſtrar, que o ſeu poder era o mayor que podia ſer, aſſim em toda a terra, como ſobre as agoas: aſſim como tambem eſte Anjo repreſentava a Chriſto; porque eſte Senhor he aquelle, que tem o poder abſoluto delles dous elementos: *Quidam alium Angelum fortem Chriſtum magni conſilii Angelum interpretantur.* Mas, eu parece-me, que ſem violencia alguma podemos dizer, tambem hoje, que eſte Anjo repreſentava ao Senhor S. Amaro, que neſta Igreja ſua, que tambem he ceo na terra, o veremos nella com dous Pés, como columnas de luz, formar delles hum viſtoſo Arco, e pondo-nos nelle, como Eſtandarte glorioſo dos ſeus triunfos, os ſeus dous Pés; para nos moſtrar aſſim, o Senhor Santo Amaro, á imitaçaõ daquelle Anjo do Apocalypſe, e á ſimilhança de Chriſto, que nelle ſe repreſentava, que tambem tem hum univerſal poder, aſſim na terra, como ſobre as agoas. As agoas, e a terra, ſaõ as duas partes, de que ſe compõem eſta noſſa redondeza, ou mundo inferior, em que vivemos, e pizamos; e dominar todo eſte mundo, aſſim, com dous Pés, ſó, depois de Chriſto, o Senhor Santo Amaro. *Poſuit pedem ſuum dexterum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram.*

Apud. Alap. hic.

E agora alcanço eu o grande myſterio, com que o Evangeliſta Profeta, como aguia, que era, fallando

do deſte Anjo, naõ diz que vira hum Anjo, diz que vira outro tambem; que tudo iſto quer explicar naõ ſó o nome *Aliús*, que ſignifica outro, mas o adverbio *Et*, que quer dizer *Tambem*, ou do meſmo modo: *Et vidi alium Angelum*; naõ diz que vira hum, que vira ſó a Chriſto; diz que vira tambem outro, para que entendeſſemos que eſſe outro era hoje o Senhor Santo Amaro: *Et vidi alium Angelum.* E aqui aſſentaõ agora as duas enfaticas palavras do noſſo thema: *Ecce nos*: proferidas hoje com muita gloria ſua pela bocca do Senhor Santo Amaro, fallando de ſi, e com Chriſto: *Ecce nos*: eiſaqui eſtamos, Senhor, eu, e mais vós; vós, que repreſentado primeiro naquelle Anjo Divino, com hum Pé por columna ſobre a terra, e com o outro ſobre o mar, moſtrais o poder univerſal, que tendes ſobre eſtes dous elementos; e eu, que como outro Anjo tambem muito voſſo ſimilhante, pelo poder, que de vós participo, ſobre os meſmos elementos, tambem tenho hum Pé, como columna fixa ſobre as agoas; e aſſim bem poſſo dizer fallando hoje comvoſco: *Ecce nos.*

Veremos pois, e eſte ſerá o aſſumpto, veremos, como em hum formoſo Eſtandarte, debuxados os dous Pés do Senhor S. Amaro, e ſobre elles como ſobre duas fortes, e reſplandecentes columnas, levantado hum viſtoſo arco, no qual ſe ſignificará o glorioſo

ſo triunfo, que neſta Igreja, com os ſeus dous Pés, conſegue o Senhor Santo Amaro. De manhaã formaremos a primeira columna, e aſſentaremos o primeiro Pé deſte arco ſobre a terra; e o ſegundo o lançaremos de tarde ſobre as agoas: *Poſuit pedem ſuum dexterum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram.*

A fazer publico ao mundo, meu Santo glorioſo, eſte voſſo triunfo, foy vontade voſſa vieſſe eu hoje a eſte lugar: e já que por tantos titulos ſou tambem todo voſſo, fazei que, deſterrada a minha ignorancia, poſſa moſtrar agora, que, como voſſo mais obrigado, ſatisfaço o meu deſempenho. Fuy voſſo por naſcimento e criaçaõ, ſou voſſo por affecto, e amor, e ſerei ſempre voſſo por obrigaçaõ, e divida. Naõ como paga, mas como tributo, acceitai agora eſte rendimento, pequeno no valor, muito grande na vontade, com que intento na fabrica deſte diſcurſo levantar hum Padraõ immortal dos voſſos louvores ſobre as luzidas, e fortes columnas dos voſſos Pés. Bem conheço que he taõ difficultoſa a obra, como o haver de trabalhar nella com hum Pé ſobre a terra, e outro ſobre a agoa: mas vós, que para tudo tendes Pés, como reſplandecentes, e fortes columnas, com a ſua fortaleza nos ſuſtentai, para naõ cahirmos, ou no abyſmo da terra, ou no profundo das agoas; e com o reſplandecente do ſeu fogo nos day a luz para o acer-

o acerto, alcançando-nos a da Divina graça.

Ave Maria.

A Primeira baſe firme, e luſtroſa columna, que logo ſe nos offerece, como em viſtoſo Eſtandarte, he o primeiro Pé do Senhor Santo Amaro, que poſto ſobre a terra começa a formar o formoſo arco do ſeu glorioſo triunfo. E de quem alcança o Senhor Santo Amaro eſte triunfo? E qual dos Pés de noſſo Santo ſerá eſte? Pouco tem que ſaber qual dos Pés do noſſo Santo he eſte primeiro, com que triunfa na terra, ſe olharmos para aquella ſua Imagem mayor, e repararmos bem o que falta nella. Todos ſabem que lhe falta naõ menos que o Pé eſquerdo quaſi todo; porque a fé, ou neceſſidade dos ſeus devotos lho tem comido quaſi a bocados; pois, como reliquias, raſpando-lhe os pós, os bebem com agoa. Eſte Pé do Senhor Santo Amaro, que tem ſido, e ſerá a botica univerſal dos ſeus devotos, he o primeiro Pé do noſſo Santo, que poſto ſobre a terra: *Poſuit pedem ſuum ſiniſtrum ſuper terram*, lhe começa a moſtrar aqui a ſeu glorioſo triunfo. E ſabem de quem alcança aqui o Senhor Santo Amaro eſte triunfo? Eu o digo.

Os mayores contrarios, que tem o noſſo corpo, ſaõ os achaques, as doenças, e as enfermidades, inimigos taõ fortes, e robuſtos, que cada hum delles ſó por ſi baſta para nos arruinar a ſau-

ſaude, e deſpojar da vida. E os mayores contrarios deſtes inimigos, ſaõ ſó os Santos; porque aquella enfermidade, que naõ póde vencer a medicina com a ſua natural virtude, ſó hum Santo a ſabe deſtruir com o ſeu efficaz patrocinio. Grandes tem ſido os triunfos, que em todas as partes tem conſeguido os Santos todos, em remediar as neceſſidades dos ſeus devotos: mas foraõ triunfos, em que faltou o Eſtandarte deſte Pé; porque curaraõ, e curaõ ainda com outros remedios, e ſaõ advogados de outras partes do noſſo corpo: ſó o triunfo, que neſta Igreja conſegue o Senhor Santo Amaro, a reſpeito dos mais Santos, he o mayor, que póde ſer; porque aqui leva o Senhor Santo Amaro por timbre, e realce no Eſtandarte das ſuas victorias eſte primeiro Pé, que fórma o arco dos ſeus triunfos ſobre a terra; porque na terra elle he o Advogado dos noſſos pés, e porque ſó elle com a milagroſa terra dos ſeus Pés cura todas as noſſas anfermidades: comecemos pela primeira parte.

He o Senhor Santo Amaro o Advogado dos noſſos pés; e taõ glorioſo conſidero eu já por eſta parte eſte ſeu triunfo, que excedendo o Senhor Santo Amaro, por elle, aos mais Santos, ſó moſtra ter ſimilhanças com o meſmo Chriſto. He o Senhor Santo Amaro o Advogado dos noſſos pés? Pois cedaõ, e dem lugar os mais Snatos; porque eſta excellencia he ſó propria

pria do Senhor Santo Amaro, pois he particular ſó de Chriſto.

Ao entrar o Principe dos Apoſtolos S. Pedro no Templo de Jeruſalem a fazer oraçaõ, hum homem tolhido de ambos os pés, que alli coſtumavaõ pôr todos os dias á porta do Templo, para pedir eſmóla aos que entravaõ nelle, a pedio tambem ao Santo Apoſtolo. Naõ teve S. Pedro, que lhe dar, ouro, nem prata, e deo-lhe a ſaude do corpo; porque os bons ſempre daõ mais do que ſe lhes pede, ficando o que atéli era tolhido, com ambos os pés ſaõs, e ſem lezaõ alguma: Actor. 3. 2. 7. 8. *Protinus conſolidatæ ſunt baſes ejus.* Mas he muito para notar o modo, com que S. Pedro curou os pés áquelle aleijado: *In nomine Jeſu Chriſti Nazareni, ſurge, & ambula.* Homem, diz S. Pedro ao aleijado, ſabe que eſta cura, que agora recebes nos pés, naõ ſou eu o que te a. faço; porque o meſmo Chriſto he quem te cura, ou eu em ſeu nome: *In nomine Jeſu Chriſti.* Notavel advertencia por certo! E que motivo haverá, para que S. Pedro advirta áquelle aleijado, que quem lhe cura os pés he Chriſto, e naõ Pedro? Em outras enfermidades, ſabemos nós que as curava S. Pedro, e ſó com a ſua ſombra. Punhaõ os moradores de Jeruſalem os ſeus enfermos pelas praças, e ruas da Cidade, para que, quando S. Pedro paſſaſſe por alli, ao menos a ſua ſombra tocaſſe aquelles enfermos; e iſto ſó baſtava,

para que ſaraſſem todos de qualquer enfermidade : *Ut venient e Petro , ſaltem umbra illius obumbraret quemquem illorum , & liberarentur ab infirmitatibus ſuis.* Pois , ſe as mais enfermidades cura S. Pedro ſó com a ſua ſombra , e cura-as elle ſó per ſi , como adverte agora a eſte aleijado , que quem o cura he Chriſto , e naõ elle : *In nomine Jeſu Chriſti* ? Porque naõ ha de S. Pedro curar eſte achaque dos pés , aſſim como cura as mais enfermidades ? O porque eſtá evidente. He porque curar pés , dar ſaude a aleijados , iſto ſó Chriſto o póde fazer , e em falta de Chriſto , ſó o Senhor Santo Amaro o faz tambem. Curará S. Pedro outras enfermidades , e as curará ſó com a ſua ſombra ; porém dar ſaude a aleijados , curar pés enfermos , iſſo , nem por ſombra o fará S. Pedro ; porque iſto he ſó para o Senhor Santo Amaro , porque iſto he ſó tambem do meſmo Chriſto : *In nomine Jeſu Chriſti.* Vejaõ agora lá ſe eu dizia bem , que o triunfo , que neſta ſua Igreja alcança o Senhor Santo Amaro , he o mayor que póde ſer ; pois , excedendo por elle aos mais Santos , ſó quer , e pertende ſimilhanças com o meſmo Chriſto : *Ecce nos.*

Actor. 5. v. 15.

Mas para admirarmos melhor eſte grande triunfo do Senhor Santo Amaro , por Advogado dos noſſos pés , ainda veremos mais , e veremos que , por Advogado dos noſſos pés , taõ equivocado ficou o Senhor

S.

S. Amaro com Chriſto, que em certo modo aſſim como Chriſto concorre, como cauſa primeira, para a formaçaõ do homem no ventre materno, quiz concorrer tambem o Senhor Santo Amaro para a reformaçaõ do meſmo homem depois de naſcido; e nos meſmos pés do homem, de quem o Senhor Santo Amaro he Advogado, temos o fundamento para o que dizemos.

He queſtaõ curioſa, entre muitos Medicos, e Filoſofos, aſſim antigos, como modernos, qual ſeja a parte do noſſo corpo, que ſe fórma primeiro, depois de concebido o homem no ventre materno. Galeno ſente, que ſe fórma primeiro o figado, como fonte principal de todo o ſangue. Ariſtoteles affirma, que he o coraçaõ, como Principe da noſſa vida. Avicena eſcreve, que he o Umbelîco, como paſſo primeiro para todo o alimento. Lactancio julga, que he a cabeça, como palacio ſuperior dos ſentidos. Plutarcho entẽde, que ſaõ as coſtas, a quem elle com muita propriedade chama, Quilha da Náo, *Carinam navis*, intitulando ao homem baixel humano, á imitaçaõ da náo, que primeiro ſe lhe fórma a quilha. E finalmente ſaõ tantas, e taõ varias as opiniões, quantas ſaõ as partes, e melhores porções do homem; porque no homem as ſuas bõas partes ſempre andaraõ em opiniões.

Porèm eu hoje mais me inclino á opiniaõ, e ſentença ſingular de Albertino, Bonacio-

lo, Pareo, e do inſigne Medico Farnelio, os quaes todos affirmaõ, que a primeira parte do noſſo corpo, que ſe fórma, depois de concebido o homem no ventre materno, he o dedo grande do pé. Eſta ſingular opiniaõ ſe collige por mais certa, ainda da meſma Sagrada Eſcriptura, que por iſſo, ſem duvida, no Paraiſo o primeiro laço, que o Demonio armou ao homem, foy nos pés: *Tu inſidiaberis calcaneo ejus: Ipſi calcaneum meum obſervavunt.* Porque como o Demonio ſempre intenta a deſtruiçaõ do homem pelo meſmo principio, porque Deos o formou; provavel fica, que pelos pés começou Deos a formar o homem, pois pelos pés o quiz o Demonio logo arruinar.

Suppoſta pois eſta ſingular opiniaõ, de que a primeira parte no homem, pela qual Chriſto concorre para a ſua formaçaõ, ſaõ os pés, eſtes pés, e eſta meſma parte havia tomar o Senhor Santo Amaro á ſua conta, para a reſtaurar, e reformar no meſmo homem; para moſtrar aſſim a muita ſimilhança, e equivocaçaõ, que tinha com Chriſto, em quanto primeiro Author do humano edificio. Naõ podia o Senhor Santo Amaro, como creatura, e cauſa ſegunda, concorrer primeiro para a formaçaõ do homem; e que traça buſcaria para moſtrar neſta parte a muita ſimilhança, que tinha com Chriſto, em quanto primeiro Author do meſmo homem? Já eſtá dito. Buſcou o ſer Advogado

do dos pés; para que concorrẽdo para a reformaçaõ do homem, arruinado na ſaude, por aquella meſma parte, para a qual Chriſto, em quanto Deos, concorre para a ſua formaçaõ, que ſaõ os pés; ficaſſemos entendendo por aqui o grande triunfo, que hoje alcança o Senhor Santo Amaro, por Advogado dos noſſos pés: pois excedendo niſto aos mais Santos, ſó ſe faz ſimilhante ao meſmo Chriſto. *Ecce nos.*

Jactem-ſe muito embora os mais Santos, pela gloria que tem conſeguido, por Advogados de outras partes do noſſo corpo, por curarem aos ſeus devotos de outras enfermidades: jactem-ſe como digo deſſa gloria; porque o Senhor Santo Amaro ſó ſe póde jactar de que, por Advogado dos pés, logra huma gloria grande, e hũa gloria mayor; porque logra por iſto toda a gloria. Temos prova, e muy ajuſtada: *Omnis gloria ejus in fimbriis aureis.* Pſalm. 44. 15. Toda a gloria deſta alma ſanta, diz o Profeta Rey, toda a gloria deſte Santo, e Juſto, eſtá nas fimbrias ou pontas do veſtido: *In fimbriis aureis.* Duas couſas temos aqui muito dignas de ſer notadas. A primeira he, dizer o Pſalmiſta que toda a gloria deſte Santo eſtá poſta nas pontas do ſeu veſtido: *In fimbriis aureis*; a outra he, chamar a eſta gloria toda a gloria: *Omnis gloria ejus.* E qual poderá ſer a razaõ de tudo iſto? Ouçaõ, que parece que a hey de deſcobrir.

Chama-lhe toda a glo-

gloria, para nós dar a entender que, ſendo toda a gloria, ha de ſer por conſequencia grande gloria; ha de ſer gloria mayor: e aſſim, ſendo a gloria deſte Santo gloria mayor, ou gloria inteira, a dos mais ha de parecer gloria com mettos, naõ ha de ſer taõ grande eſſa gloria: e qual ſerá agora a razaõ deſta differença? Porque ha de ſer a dos mais gloria pequena; e porque ha de ſer toda a gloria a deſte Santo: *Omnis gloria ejus*? Vamos aos ſeus veſtidos, que póde ſer que lá a achemos envolta com elles. Os veſtidos, de que aqui falla o Profeta, conforme ao uſo antigo daquelle Povo, eraõ humas roupas compridas, que chamavaõ Talares, as quaes chegavaõ até os pés. Pelas fimbrias deſtes veſtidos entendem os Expoſitores Sagrados as virtudes particulares de cada hum dos Santos; e neſte, de que fallava aqui, a virtude particular de ſer Patraõ, e Advogado dos pés, que para iſſo he que ſervem as fimbrias, ou pontas dos veſtidos compridos, para defenderem, e ampararem os pés. Bem. E pois eſte Santo, de quem falla o Profeta, tem por virtude particular ſua defender, e amparar os pés; he o Advogado dos pés; pois eiſ-ahi a razaõ, porque a gloria, que daqui lhe vem, he huma gloria grande, he huma gloria mayor, e he toda a gloria: *Omnis gloria ejus in fimbriis aureis*. E que Santo he eſte, de quem falla o Profeta, que tem á ſua con-

conta o ſer Advogado dos pés dos homens? Já ſabem todos que he o Senhor Santo Amaro. Pois ſaibaõ tambem que a gloria, que o Senhor Santo Amaro alcança por Advogado dos noſſos pés, he huma gloria grande, he huma gloria mayor, e he toda a gloria: *Omnis gloria ejus... in fimbriis aureis.*

Grande gloria, meu Santo, grande gloria! Mas oh, e que triunfo taõ ſubido naõ ſerá eſte, pelo qual vos vem huma gloria taõ grande! Taõ grande a gloria, taõ glorioſo o triunfo, que por elle vos vejo já taõ avantajado aos mais Santos, quanto vay do Ceo á terra. Aſſim como a terra diſta, e fica longe do Ceo por huma diſtancia, ou medida, que ſe naõ póde tomar; aſſim excede o triunfo do Senhor Santo Amaro, por Advogado dos pés, ao triunfo dos mais Santos, quando defendem, e patrocinaõ outras partes de noſſo corpo. He certo que neſte mundo, em beneficio noſſo, reſplandecem todos os Santos; mas he de notar, que reſplandecem como lirios, ou como açucenas, que tudo he o meſmo: *Florebunt Sancti ſicut lilium.* Aſſim reſplandecem os mais Santos, quando patrocinaõ outras enfermidades, como flores; mas he na terra, que he o lugar das flores: *Sicut lilium.* E como reſplandeceo o Senhor Santo Amaro, quando Advogado dos noſſos pés? Sabem como? Como Eſtrella no Ceo, que aſſim he que reſplandece quem toma a ſeu cargo o patro-

trocinar os pés.

Dizem os Mythologicos, que depois que o valoroſo Hercules matara aquella medonha ſerpente de ſette cabeças, chamada Hydra, indo viſitar ao Sabio Chiron, que tinha ſido ſeu meſtre, e eſtando eſte por curioſidade vendo, e admirando as ſettas, com que Hercules fizera aquella morte, ſuccedeo, por deſcuido, cahir-lhe hũa dellas ſobre hum pé; e como eſtava envenenada com a peçonha, ou ſangue da venenoſa ſerpente, de tal ſorte lhe deixou a chaga incuravel, que por mais remedios, que lhe applicou, em nenhum achou allivio: mas como Chiron era homem ſabio, e conhecia as virtudes occultas de algumas ervas, buſcou huma chamada Centauro, e ſó com eſta ſe pode curar; o que viſto pelos Deozes, collocaraõ no Ceo aquella erva, transformada em hũa brilhante Eſtrella, com o nome Centauro da meſma erva. Merecido lugar para huma erva taõ portentoſa. Huma planta, que a ſua virtude toda ſe emprega na cura de hum pé, ſó no Ceo como Eſtrella ſe deve collocar. Moralizemos o caſo, e paſſemos da mythologia para a metafora, e veremos como, o que na erva Centauro parece fabula dos Poetas, he em o Senhor Santo Amaro verdade Catholica. He o Senhor Santo Amaro o verdadeiro Centauro; porque Centauro he o verdadeiro, e rigoroſo anagrãma de Santo Amaro: *Centaurus, id eſt, Sanctus Maurus.* Se a erva

erva Centauro, por virtude occulta, curou a enfermidade de hum pé; para curar os noſſos pés tem o Senhor Santo Amaro particular virtude. Se por curar hum pé, ſe pôs no Ceo, como Eſtrella, a erva Centauro; o Senhor Santo Amaro, como Eſtrella, eſtá collocado no Ceo, por curar os noſſos pés: *Fulgebunt juſti*, diz a ſabedoria, e accreſcenta Alapide: *Fulgebunt ſicut ſtellæ.* E ſe o Senhor Santo Amaro, por Advogado dos noſſos pés, reſplandece no Ceo como Eſtrella: *Sicut ſtellæ*; e ſe os mais Santos reſplandecem na terra como flores, quando patrocinaõ outras enfermidades: *Sicut lilium*; bem ſe vê logo, que tanto vay do triunfo do Senhor Santo Amaro ao dos mais Santos, quanto vay da terra ao Ceo: para que aſſim ſe veja que he eſte triunfo do Senhor Santo Amaro o mais ſubido, e glorioſo, que póde ſer; pois, excedendo por elle aos mais Santos, ſó apoſta igualdades com o meſmo Chriſto: *Ecce nos.*

E agora eſtava eu para dizer, paſſando já de ſer o Senhor Santo Amaro naõ ſó Advogado dos noſſos pés, mas tambem por curar com o ſeu Pé todas as noſſas enfermidades; eſtava para dizer, que de tal ſorte triunfa o Senhor San-Amaro por eſta parte, que aquillo, que os mais Santos fazem em outras partes com toda a ſua peſſoa, faz aqui o Senhor Santo Amaro ſó com a ponta do Pé. Naõ pareça encarecimento eſte

meu dito; porque he experiencia averiguada neſte lugar. Enferma qualquer devoto do noſſo Santo, ou,ainda que o naõ ſeja, a neceſſidade o obriga, com que o buſque aqui. E como cura o Senhor Santo Amaro aos que aqui o buſcaõ? O remedio mais comum, he raſpar huns poucos de pós daquelle Pé do noſſo Santo, e dá-los a beber em huma pouca de agoa: e, ſe a fé naõ falta, certamente ficaõ livres de qualquer enfermidade. Naõ vay o Senhor Santo Amaro, ou a ſua Imagem, a caſa dos enfermos, como ſe uſa em muitas partes com as Imagens dos mais Santos; fallo deſta ſua Imagem mayor, que he de barro, e naõ da mais pequena, que he de madeira, e chamaõ aqui Santo Amaro o velho; fallo deſta nova a reſpeito da outra, deſta mayor, e he de barro: naõ vay eſta a caſa dos enfermos, manda ſó hũs poucos de pós do ſeu Pé; naõ ſe empenha todo, baſta ſó aquella migalha do ſeu Pé. E naõ he iſto fazer aqui o Senhor S. Amaro com a ponta do Pé, o que nas mais partes fazem os outros Santos todos inteiros? Grande triunfo para o noſſo Santo! Mas o que daqui ſe ſegue agora, ainda he mais.

Manda o Senhor Santo Amaro aquellas migalhas, ou Reliquias do ſeu Pé; e que effeito fazem em quem as toma? Servem ſó para curar os achaques dos pés, de quem o Senhor Santo Amaro he Advogado? Naõ ſenhores: naõ ſervem ſó para curar os achaques

ques dos pés; ſervem para todas as enfermidades. Tudo quanto de mal podemos padecer, tudo cura o Senhor Santo Amaro ſó com aquelles pós do ſeu Pé. Grande triunfo certamente! Os mais Santos cõmummente ſó curaõ aquellas enfermidades, de q̃ ſaõ particulares Advogados. O Glorioſo Bautiſta, porque he o Advogado da cabeça, ſó cura os achaques da cabeça; Santa Luzia, porque he a Advogada dos olhos, ſó cura os males dos olhos; S. Braz, porque he o Advogado da garganta, ſó cura as enfermidades da garganta: e aſſim os mais Santos, cada hum cura aquella enfermidade de que he Advogado particular. O Senhor Santo Amaro naõ he aſſim; naõ ſó cura os noſſos pés, de que he ſingular Advogado, tambem cura todas as mais enfermidades, de que ſaõ Advogados os outros Santos: e o que mais he, que tudo cura, e ſó com a unica meſinha do ſeu Pé. Mas aſſim havia de ſer, para nos moſtrar o Senhor Santo Amaro, que curar aſſim, ſó elle, e Chriſto ſó. Curar com huns pós do ſeu Pé todas, e quaesquer enfermidades, ſó o Senhor Santo Amaro o faz; porque iſto he proprio ſó de Chriſto.

Curou o Senhor aquella mulher, de quem dizem os Evangeliſtas havia doze annos padecia hum fluxo de ſangue; e adverte o meſmo Chriſto neſta occaſiaõ, que eſta cura a fazia elle com a ſua virtude: *Ego novi virtutem de me exiſſe.* E he de notar, que ſó

neſta occaſiaõ lembra o Senhor que ſizera aquella cura com virtude ſua: donde ſe ſegue, que foy eſta cura feita por huma virtude propria, e particular, e ſó ſua: *Virtutem à me.* E em que eſtará a ſingularidade deſta virtude, para que o Senhor a chame particularmente ſua? Sabem em que? Eſteve, em que neſta occaſiaõ curou Chriſto comhũs poucos de pós dos ſeus Pés hũa enfermidade muito differente dos meſmos pés. Ora notem. A enfermidade era hum fluxo de ſangue: *Mulier, quæ fluxum ſanguinis patiebatur.* O com que Chriſto a curou, foy com huns poucos de pós dos ſeus pés. Aſſim ſe póde conjectúrar do meſmo texto: o texto diz, que a mulher enferma ſómente pegou, ou tocou as fimbrias, e as pontas dos veſtidos de Chriſto: *Tetigit fimbriam veſtimenti ejus.* E tocando ella ſómente as pontas dos veſtidos de Chriſto, o que delles podia trazer nas mãos, eraõ alguns pós daquelles, que os pés, com a continuaçaõ do andar, coſtumaõ lançar nos veſtidos talares, ou compridos, como era eſte de Chriſto: *Tetigit fimbriam veſtimenti ejus.*

Matth. 9.20.

Eis-aqui pois toda a razaõ, porque Chriſto chama a eſta cura, cura feita por virtude ſua propria, e particular ſó ſua: *Virtutem à me exiſſe.* Curou Chriſto aqui com huns poucos de pós dos ſeus Pés huma enfermidade muy differente dos meſmos pés: e curar com huns poucos de pós dos Pés outras en-

enfermidades differentes dos meſmos pés, iſto he ſó proprio, e particular de Chriſto; e, depois de Chriſto, ſó particular do Senhor S. Amaro neſta ſua Imagem: porque, como aqui experimentamos por meyo deſta ſua Imagem, com os pós do ſeu Pé cura o Senhor Santo Amaro todas, e quaesquer enfermidades. E ſe hey de dizer hoje o mais, que poſſo, ainda eſtava para dizer mais; e he, que ainda o Senhor Santo Amaro parece que excede aqui ao meſmo Chriſto neſte modo de curar. Porque Chriſto ſó huma enfermidade curou com os pós dos ſeus pés, que foy a deſta mulher; e o Senhor S. Amaro tem curado tantas, e taõ varias, como aqui o experimentaõ os ſeus devotos. Mas, porque eſtes exceſſos naõ ſervem para hoje, contentemo-nos com dizer que curar o Senhor Santo Amaro com os pós do ſeu Pé todas as enfermidades dos ſeus devotos, he alcançar hoje hum triunfo o mais glorioſo, he exceder aos mais Santos, e igualar-ſe ſó com Chriſto: *Ecce nos.*

Parece temos moſtrado com alguma clareza, que o triunfo do Senhor Santo Amaro, neſta ſua Igreja, hoje he o mayor, que póde ſer; pois, excedendo por elle aos mais Santos, ſó apoſta igualdades com o meſmo Chriſto. Mas porque hum triunfo, para ſer o mais glorioſo, deve ter da ſua parte razões, pelas quaes leve os olhos do mundo, e arrebate as attenções

de

de todos; eſte triunfo do Senhor Santo Amaro, parece eſtou ouvindo dizer a alguem, naõ póde ſer o mais glorioſo, porque tem contra ſi huma razaõ muy forçoſa. Se o Senhor Santo Amaro ſe empenhaſſe todo em favorecer, e patrocinar aos ſeus devotos em outra qualquer parte do noſſo corpo, que foſſe mais nobre, e fidalga, eſtava bem; mas tomar o Senhor Santo Amaro á ſua conta os pés dos homens, a parte mais inferior, e menos nobre, parece que naõ ſe empregou bem o noſſo Santo: e que por iſſo naõ merece, como deve ſer, todos os noſſos reſpeitos, e veneraçoes! Ora deixem, que naõ he aſſim como cuidaõ; antes tanto pelo contrario, que para o noſſo Santo ſer o mais reſpeitado, e alcançar as mayores veneraçoes, havia ſer, como he, o Advogado dos noſſos pés.

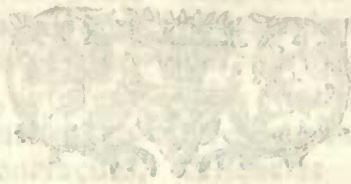
Entre as deidades, que reconheciaõ, e veneravaõ os antigos, o mais reſpeitado foy ſempre o Deos Mercurio, e tanto, que naõ ſatisfeitos com lhe edificarem Templos nas Cidades, e povoados, collocavaõ tambem a ſua Imagem pelos caminhos, e eſtradas, para que em toda a parte tiveſſem preſente aquella Divindade; e em final de reſpeito, e veneraçaõ, quantos paſſavaõ por aquelles caminhos lançavaõ huma pedra aos pés daquella Eſtatua. E porque tanto reſpeito, e veneraçaõ ao Deos Mercurio? Sabem porque? Porque era Mercurio aquelle Deos,

Deos, a quem eſtavaõ dedicados os pés dos homens : havia aquella Divindade tomado á ſua conta patrocinar, e defender nos homens os ſeus pés : *Pedes Mercurio* : dizem os Mythologicos. E ainda que o emprego era baixo, a eſtimaçaõ era a mais alta. A ſeus pés via rendidos, e proſtrados os reſpeitos, e veneraçõe de todos aquelle meſmo Deos, que tinha a ſeu cargo defender, e amparar em todos os meſmos pés : *Pedes Mercurio.* Daqui ſe ſegue que, por ſer o noſſo Santo o Advogado dos pés, nem por iſſo merece menos, antes por iſſo mais merece as noſſas attenções, e todos os noſſos obſequios. Naquelle Diviniſſimo Sacramento temos em mais nobre Divindade o verdadeiro deſta figura. Entre todos os Sacramentos, ſó naquelle Santiſſimo he adonde Chriſto logra os mayores reſpeitos, e ſe lhe tributaõ as mais altas veneraçõe; tanto, que nelle ſó, e por elle, vio o Senhor ſujeito, e ſubjugado a ſeus pés todo o mundo : *Sacramento Corporis Chriſti totus mundus ſubjugatus eſt.* E porque ſó naquelle Sacramento Santiſſimo ha de lograr Chriſto todos eſtes reſpeitos, e veneraçõe ? Vejamos o que fez eſte Senhor, quando inſtituio aquelle Sacramento, e ahi acharemos a razaõ, que nos ſerve para hoje. O que Chriſto fez, quando inſtituio aquelle Sacramento Santiſſimo, foy por-ſe aos pés dos homens, a lavar-lhes os pés com ſuas mãos, moſtrando-

ſe aſſim Protector, Defenſor, e Advogado dos meſmos pés: *Cœpit lavare pedes diſcipulorum*; pois por iſſo neſte Sacramento, adonde ſe moſtra Protector dos pés, ahi meſmo ha de ver a ſeus Pés os reſpeitos, e adorações de todos: *Sacramento Corporis Chriſti totus mundus ſubjugatus eſt*: *Cœpit lavare pedes Diſcipulorum.*

Aſſim Chriſto naquelle Sacramẽto Santiſſimo; e aſſim neſta ſua Igreja o Senhor Santo Amaro. Nem porque he o Advogado dos noſſos pés, merece menos, antes por iſſo ſe faz mais merecedor das veneraçõeſ, e reſpeitos mayores. E ſe eſtes, que aqui vos tributamos, e temos gravados eſta manhaã, ou debuxados no viſtoſo Eſtandarte do primeiro Pé, ou columna, que fórma o Arco do glorioſo triunfo, que aqui alcançais por Advogado dos noſſos pés, e por curares com o voſſo Pé todas as noſſas enfermidades, naõ ſaõ, meu glorioſo Santo, nem os mayores, nem os que vós mereceis; deſculpe o generoſo do voſſo animo o pequeno do noſſo agradecimento. E particularmente perdoay a mim, e a quem vos dedica eſtes obſequios: a elle, por naõ alcançar com o ſeu deſempenho aonde chegava a ſua obrigaçaõ; e a mim, porque, devendo elevar as voſſas excellencias ao gráo mais ſubido, ſó parou em deſejo eſte meu affecto. O que vos pedimos agora he, que, ainda que o naõ merecemos, nos pagueis com

com tudo eſte pouco, que aqui vos damos; e eu fico certo, que nos naõ haveis de faltar, pois vos buſcamos aqui como Advogado dos noſſos pés. Daquella Eſtatua de Mercurio poſta nas eſtradas, dizem que, em paga das veneraçoens, que lhe davaõ como a Advogado dos pés, ella apontava com o dedo aquelle caminho, que deviaõ ſeguir para naõ errar. Errados, meu Santo, andamos muitos neſte mundo; e o que queremos agora, he, que nos guieis os paſſos, aſſim como nos curais os pés: para que, acertando com o verdadeiro caminho da ſalvaçaõ, vamos comvoſco pela eſtrada certa da Bemaventurança. *Ad quam &c.*



COLUMNA SEGUNDA,

SEGUNDO PE', OU FUNDAMENTO, SOBRE QUE SE levanta o Arco triunfal, ou Triunfo glorioso DO SENHOR SANTO AMARO,

PELA SUA MILAGROSA IMAGEM, venerada na Igreja Parochial do meſmo Santo no Jaboatão, em hum Diſcurſo de tarde na meſma feſta, e anno de 1738.

Et vidi alium Angelum fortem deſcendentem de cælo.. Et pedes ejus tanquam columna ignis, ... Et poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram. Apocal. 10. 1.

SEGUNDA vez affectuoſamente rendido, e com repetidos avanços intereſſado, buſco aquelles ſagrados Pés, que já ſerviraõ eſta manhaã de protecçaõ generoſa á minha ignoran-

cia, e do mais alto elogîo á grande ſantidade do ſempre admiravel, e muitas vezes glorioſo, o Senhor Santo Amaro. Serviraõ, meu glorioſo Santo, eſta manhaã eſſas ſagradas Plantas do mayor elogîo á voſſa ſantidade; pois por Advogado dos noſſos pés, e por curares com o voſſo Pé todas as noſſas enfermidades, vos vimos taõ avantajado aos mais Santos, que apoſtaveis equivocações com o meſmo Chriſto. Serviraõ tambem para mim eſſas ſagradas Plantas da melhor protecçaõ; porque ſó ellas, como fortes, e luzidas columnas, podiaõ deſterrar as opacas ſombras do meu juizo, e ſuſtentar a conhecida fraqueza do meu diſcurſo: e com hum tal intereſſe, como o que ſe vê, e em que eu, e vós ambos ficámos bem, vós por mais engrandecido, e eu por bem acertado; naõ haverá quem me cenſure, de que ſegunda vez proſtrado a eſſes Pés buſque nelles Patraõ para a minha ignorancia, e deſempenho para a voſſa grandeza: e por iſſo me naõ heide, nem poſſo apartar hoje dos voſſos Pés.

De manhaã moſtrei, que ſe os Imperadores Romanos, para ſignificarem o ſeu mayor triunfo, tomavaõ por diviza hum Pé de homem primoroſamente debuxado em hum Eſtandarte; o Senhor S. Amaro, naõ com hum Pé pintado, mas milagroſo, como Advogado dos noſſos pés, e por curar com o ſeu Pé todas as noſſas enfermidades, deixou neſte primeiro Pé, que tem

tem fixo ſobre a terra, a primeira columna, ou baſe para o viſtoſo Arco do ſeu triunfo: *Poſuit pedem ſuum.. ſiniſtrum ſuper terram.* Agora, paſſando do elemento da terra para o da agoa, veremos neſta tarde no ſegundo Pé, que tem ſobre o mar, a ſegunda columna, ou baſe, com que ſe acaba de eſtabelecer eſſe Arco triunfal: *Poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare.* Com o Pé, que tem ſobre a terra, o vimos muy equivocado com o meſmo Chriſto; com o Pé, que tem ſobre as agoas, dando hum paſſo mais adiante, o veremos buſcar ſimilhanças com o proprio Deos. E nem eſte paſſo, que intentamos da terra para as agoas póde ir fóra, nem da repreſentaçaõ do Anjo, nem da energia, ou propriedade, com que diz o texto que tinha aquelle Anjo determinadamente o Pé direito ſobre as agoas, e o eſquerdo ſobre a terra. Ora notem. Ter o Anjo determinadamente o Pé direito ſobre as agoas, e o eſquerdo ſobre a terra, dizem os Sagrados Expoſitores neſte lugar, foy, porque aſſim como o elemento da agoa he mais forte, violento, e indomavel, e o da terra mais quieto, pacifico, e menos forte; aſſim era neceſſario, que com o Pé direito, que he no cõmum ſentir dos Fiſicos o pé mais robuſto, e de mayores forças, foſſe conculcado o elemento da agoa mais indomito, e inconſtante; e o da terra, que he mais fraco, e quieto, com o pé eſquerdo, que tem menos

nos força, e valentia. E aſſim como o pé direito, na opiniaõ de Ariſtoteles, quando o homem quer dar paſſos, ou caminhar, he o primeiro, que ſe move para diante, e he o que começa a andar primeiro do que o eſquerdo; aſſim nós para darmos eſta tarde com o noſſo diſcurſo eſſe paſſo mais avante, foy neceſſario aſſentarmos o pé eſquerdo primeiro na terra, deixando ficar o direito, para com elle caminharmos adiante eſta tarde. E juntamente, porque aſſim como entre Chriſto em quanto Deos, e homem, e entre Deos em quanto Deos, ha aquella mayoria, ou prioridade de tempo, que ſabem os Theologos; com muita propriedade começámos de manhaã por eſſe tal, ou qual menos, ſe he que aſſim ſe póde dizer da ſimilhança do Senhor Santo Amaro com Chriſto, em quanto ao primeiro Pé ſobre a terra, para darmos eſte paſſo mais adiante, e vermos ao Senhor Santo Amaro, com o Pé direito ſobre as agoas, neſta tarde ſimilhante ſó a Deos: *Poſuit pedem ſuum dextrum ſuper aquas*; pois o meſmo Anjo, que repreſentava a Chriſto em quanto homem, o repreſentava tambem em quanto Deos. Comecemos.

Lá fingio a fabuloſa antiguidade que Neptuno era o Deos das agoas, e que ao ſeu imperio obedeciaõ todas. Iſto, que naquella fé mentida foy ficçaõ Poetica, he em o Senhor Santo Amaro diſcurſo Catholico: naõ porque elle ſeja al-

algũa Divindade, que o naõ queremos, nem podemos nós dizer; mas ſim, porque ſe entre os Santos ha algum, que no dominio, e poder ſobre as agoas, tenha com Deos alguma ſimilhança, he eſte o Senhor Santo Amaro. O caſo, em que elle moſtrou eſte poder, e ſimilhança, he bem ſabido, e aqui muitas vezes recitado. Sahio de certo Moſteiro, em que aſſiſtia o Senhor S. Amaro, hum Monge ainda mancebo, ou moço ainda na idade, e Religiaõ, com hum cantaro a buſcar agoa ao rio, que lhe ficava perto. E entrando por elle a dentro, mais do que lhe era neceſſario, e com deſcuido de moço, o arrebatou a corrente, e o levava com violencia grande, e perigo certo de ſe affogar. Teve o Patriarca S. Bento, que entaõ era alli Abbade, revelaçaõ do caſo, chama pelo Senhor Santo Amaro, e manda-lhe com voz de Prelado que vá acudir a Placido, que ſe affogava no rio. Obedeceo o noſſo Santo ſem repugnancia: e como a obediencia verdadeira deve ſer cega, ſem ver, nem reparar o Senhor Santo Amaro o perigo a que ſe expunha, porque o rio era impetuoſo, e profundo, corria veloz, e precipitado, e Placido já mettido no mais alto do ſeu pégo; entra pelas agoas, como quem caminha ſobre a terra, e andando por ellas, como ſobre huma eſtrada ſecca, chega ao Monge, que já lidava com as agonias da morte, pega-lhe dos cabellos, e ſuſtentando-o ſobre as agoas, ſa-

ſahiraõ ambos a terra livres, enxutos, e ſem molhar nem ainda huma ponta das ſuas roupas : *Nam cum Placidus Monachus in lacum prolapſus, aquarum impetu raperetur, Sancti Patris juſſu, accurrens Maurus, & ſuper aquas incedens, ſocium capillis apprehenſum ad terram attraxit.* Eſte o caſo: e quem reparar com attençaõ nas ſuas milagroſas circunſtancias, achará em cada huma dellas a grande ſimilhança, e muita equivocaçaõ, que tem com Deos o Senhor Santo Amaro em dominar, e ter poder ſobre as agoas. Vamos notando.

In ejus vitæ legẽd.

He a primeira eſta, de ter poder, e dominio ſobre as agoas o Senhor Santo Amaro. Notavel excellencia! Grande ſingularidade! E ſe naõ, digaõ-me : Que Santo há, que ſeja taõ prodigioſo, que lhe obedeçaõ as agoas? Qual he o Santo, que tenha poder para dominar hum taõ ſoberbo elemento, que apenas ſe rende, e obedece ſó a Deos? Iſto, depois do meſmo Deos, ſó o admiramos em o Senhor S. Amaro. E iſto naõ he ſer Santo como os mais, he ſer Santo como nenhum. Naõ he ſer Santo ſó com apparencias de humano, he ſer Santo tambem com vizos de Divino. He ſer Santo o mais ſimilhante, e equivocado com Deos. Melhor o direy. Iſto naõ o fazem os Santos ſó com poderes humanos, ſó o faz hum Santo, em quem delegou Deos os ſeus poderes.

Vay o Pſalmiſta Real ponderando, e jun-

juntamente com admiraçaõ, as excellencias de Deos em os effeitos prodigiosos da sua omnipotencia, e diz assim em hum dos seus Psalmos: *Domine Deus virtutum, quis similis tibi.. Tu dominaris potestati maris; motum autem fluctuum ejus tu mitigas.* Quem haverá, diz David fallando com Deos, quem haverá Senhor, que seja similhante a vós? Certamente, que nenhum haverá: *Quis similis tibi?* Porque vós, Senhor, sois o que tendes o poder para refrear a soberba das agoas, e a vosso imperio obedecem todas: *Tu dominaris potestati maris.* E pois naõ achou David, para engrandecer em Deos a sua grande Omnipotencia, senaõ o poder, que tem sobre as agoas? Sim: e porque? Porque he excellencia taõ grande, isto de ter dominio sobre as agoas, que achou o Profeta era isto excellencia só de Deos, e que nesta naõ tinha Deos quem lhe fosse similhante: *Domine Deus, quis similis tibi.. Tu dominaris potestati maris.* Mas, oh excellencia admiravel do Senhor Santo Amaro, depois de Deos! Pois nisto, que achou David naõ tinha Deos entaõ quem lhe fosse similhante, nisto mesmo se admira hoje a muita similhança, que tem com Deos o Senhor Santo Amaro; pois elle parece ser tambem outro Deos das agoas, com o qual nenhum dos Santos tem similhança. Os outros Santos teraõ grandes poderes, naõ o duvidamos; porèm

E so-

ſobre as agoas ter poder, e dominar eſte ſoberbo, e inchado elemento, iſto ſó Deos; ou, depois de Deos, ſó o Senhor Santo Amaro. Iſto naõ o fazem os Santos, em quanto homens ſómente; iſto ſó o faz hum Santo, como Deos por excellencia. Em outra circunſtancia deſte meſmo caſo a veremos melhor.

Entrou o Senhor S. Amaro ſobre as agoas naquelle rio, a livrar o Monge Placido, e foy andando ſobre as ſuas correntes, como ſe a pé enxuto caminhara pela terra ſecca, ſem ir ao fundo. Caſo ainda mais notavel, grande ſingularidade! Iſto ſim, que he naõ ſer Santo como os mais: iſto he ſer Santo ſó a Deos ſimilhante; porque iſto de andar ſobre as agoas he privilegio ſó de Deos. Para paſſarem o mar vermelho os filhos de Iſrael, diz o Texto Sagrado, que ſe dividiraõ as agoas, e paſſaraõ todos apé pelo ſecco. Iſto meſmo ſuccedeo a Joſué quando paſſou com a Arca do Teſtamento o Rio Jordaõ; e o meſmo aconteceo aos Santos Profetas Elias, e Elizeo: todos eſtes paſſaraõ aquellas agoas, e as ſuas correntes; mas foy, abrindo-ſe ellas, ficando ſuſpenſas, e paradas as de cima, e continuando as debaixo o ſeu curſo, e aſſim paſſaraõ todos a pé, e pelo fundo ſecco. *Ingreſſi ſunt per medium ſicci maris.* Pois naõ era mais facil ſuſpender-lhes Deos o pezo a todas aquellas peſſoas, e paſſarem por cima dellas, do que abrirem-ſe as agoas, e paſ-

paſſarem pelo ſeu fundo, ou pégo? He ſem duvida, que tudo podia ſer. Pois logo como ſe abrem as agoas ſe era mais facil o paſſar-lhe por cima? A razaõ póde ſer; porque eſte privilegio de andar ſobre as agoas he ſó de Deos, e depois de Deos para o Senhor S. Amaro ſó.

He privilegio taõ taõ grande eſte de andar ſobre as agoas, he excellencia taõ propria, e particular ſó de Deos, que até quando alguma vez ſe vê no meſmo Chriſto, parece ſe naõ póde crer, e ſe duvîda. Quando os Diſcipulos viraõ andar a ſeu Meſtre Chriſto ſobre as agoas, naquella eſpantoſa tempeſtade, que os accometteo no mar de Tiberiades: *Super mare ambulantem*, diz o Sagrado Texto que

Matth. 14. 27.

o naõ queriaõ, ou naõ podiaõ crer os Diſcipulos, e lhes parecia aquillo alguma illuzaõ, ou fantaſma: *Putabant phantaſma eſſe.* E porque haviaõ duvidar os Diſcipulos que foſſe Chriſto o que elles viaõ andar aſſim ſobre as agoas? Porque he excellencia taõ grande eſta de andar ſobre as agoas, que, ainda quando ſe vê em Chriſto, ſe duvîda: *Putabant phantaſma eſſe.* Pois iſto, que ſe fazia incrivel, e duvîda muito no meſmo Chriſto, he o meſmo, que eſtamos vendo em o Senhor Santo Amaro: *Maurus ſuper aquas incedens.*

Mas naõ he ainda iſto o que mais nos deve admirar em o noſſo Santo. O mais he, que naõ ſó ande, e paſſee o Senhor Santo Amaro ſobre as agoas; mas

que faça paſſear, e andar tambem ſobre ellas ao Monge, e companheiro Placido. Aſſim o fez o Senhor S. Amaro. Chegou a Placido, pega-lhe pelos cabellos, e fazendo ambos ſobre aquellas correntes ſeu caminho, tomaraõ porto em terra a ſalvamento: *Socium capillis apprehenſum ad terram attraxit.* E naõ he iſto hum poder muito grande? E quem nos ha de negar que iſto acredita ainda muito mais a grande ſimilhança, que tem com Deos ſobre as agoas o Senhor Santo Amaro? Foy Chriſto ſobre as agoas acudir a S. Pedro, e aos mais Diſcipulos, que ſe viaõ em perigo de ſe affogar: e duvidando S. Pedro ſe era Chriſto aquelle, que via vir andando ſobre as agoas; para ſe tirar de todo daquella duvida, com que lidava, pedio a Chriſto que o fizeſſe a elle andar tambem ſobre as ondas: *Domine, ſi tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.*

Eu naõ reparo agora em que S. Pedro, para ir a Chriſto ſobre as agoas, a poucos paſſos andados ſe viſſe ir ſubmergindo para o fundo: *Cum cœpiſſet mergi*; e que com o grande ſuſto, ou medo de ſe affogar, chamaſſe ao Senhor, que lhe acudiſſe: *Domine, ſalvum me fac*: Naõ reparo, pois, que vá S. Pedro aſſim para o fundo, quando vemos ao Senhor Santo Amaro andar deſte modo ſobre as agoas; porque S. Pedro era todo pedra: *Tu es Petrus, & ſuper hanc Petram*, e como pedra havia pender para o fun-

o fundo : *Cum cœpiſſet mergi*, e o Senhor Santo Amaro nada tinha de pedra, e tinha muito de eſpirito; e hum eſpirito muito chegado ao de Deos, que he eſpirito, que anda ſobre as agoas: *Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas*: O que reparo he, em que dizendo Chriſto a S. Pedro que elle era ſeu Meſtre, e aquelle, que, como Deos que era, tinha virtude, e poder para andar ſobre as agoas, como elle via: *Ego ſum*; *venit ad eos ambulans ſuper mare*; S. Pedro, vendo iſto, ainda ſe naõ deſſe por ſatisfeito, ainda queria ver mais; queria que Chriſto o fizeſſe a elle andar tambem ſobre ellas: *Domine, ſi tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.* Pois para S. Pedro conhecer que Chriſto era aquelle meſmo, que era Deos, naõ baſta que o veja andar ſobre as agoas, he neceſſario que o faça a elle tambem andar? He ſem duvida, que o andar ſobre as agoas he hum grande final de ſer Deos quem iſſo faz: mas communicar eſte poder a outro, ainda he mayor maravilha; porque ainda iſto he muito mais. He tanto, que iſto ſó queria ver S. Pedro, para ficar na certeza infallivel de que ſeu Meſtre Chriſto era aquelle, que elles reconheciaõ por Deos: *Domine, ſi tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.* E ſe iſto, que queria S. Pedro ver em Chriſto para o reconhecer totalmente por Deos, vemos nós agora em o Senhor Santo Amaro, bem parece diziamos, que por eſte Pé, que o Se-

Senhor Santo Amaro, qual outro Anjo do Apocalypſe, tem ſobre as agoas, conſegue hoje o grande triunfo de ſer entre todos o que no poder ſobre as agoas mais ſimilhanças tem com Deos: *Poſuit pedem ſuum .. ſiniſtrum ſuper mare.*

FON-

FONTE I.

NASCE DO V. 20. CAP. I. D. MATTH.

Joſeph Fili David.

E entra com as ſuas myſticas agoas a dar principio ás deſta primeira corrente em hum diſcurſo panegyriço em o primeiro dia de Novena

DO SENHOR

S. JOSEPH,

EM O CONVENTO DE S. ANTONIO do Reciffe no Anno de 1751.

Com aſſiſtencia do

ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.

QUem naõ dirá (Excellentiſſimo Senhor) quem naõ dirá que he o Glorioſo Patriarcha o Senhor S. Jozé hum Santo muito da eſtimaçaõ da Excellencia mayor lá deſſe Ceo, e hum

hum Santo muito do coraçaõ da melhor Excellencia deſta terra, vendo que naõ ſó a Excellencia melhor deſta terra, mas a mayor Excellencia lá do Ceo o vem a buſcar a ſua caſa para o honrarem, e engrandecerem naquellas duas ſolemnidades grandes, que primeiro ſe conſagraraõ ao ſeu Patrocinio: huma, e a primeira, lá no portal de Belem; a ſegunda, e a outra, aqui neſta caſa.

A mayor Excellencia do Ceo, que he Chriſto, veyo authorizar com a ſua aſſiſtencia o poder do Pay adoptivo, que teve na terra, quando, expoſto em ſeus braços a primeira vez no portal de Belem, ſe pôs todo debaixo do ſeu amparo, e patrocinio. A melhor Excellencia deſta terra, que he V. Excellencia, vem authorizar com a ſua aſſiſtencia o poder do Protector adoptado, que tem no Ceo, quando neſta caſa vem conſagrar ao Senhor S. Jozé eſtes novos obſequios ao ſeu Patrocinio. Grande fineza a da mayor Excellencia do Ceo; mas grande piedade a da Excellencia melhor deſta terra! Tudo deviamos crer de hum Excellente Senhor, que, como Chriſto, favorece a todos: tudo deviamos eſperar de hum Senhor, que, como V. Excellencia, do Patrocinio de S. Jozé conſia tudo.

Eſte he aquelle grande Santo, e Glorioſo Patriarcha, que depois que pelas ſuas ſingulares virtudes foy eſcolhido por Deos para Eſpoſo verdadeiro,

ro, e legitimo de ſua Santiſſima Mãy, e Pay putativo de ſeu Unigenito Filho, foy deputado tambem pela excellencia do ſeu admiravel Patrocinio para Pay, e Patraõ univerſal de todos os homens: *Suſcitavit Dominus Sanctum Joſephum ad honorem nominis ſui caput, & Patronum peculiarem Imperii militantis Eccleſiæ*, diſſe o Solano; e o P. Moraes diz: *Quis dubitare poteſt Sanctum Joſeph omnium noſtrum eſſe Patrem.* E ſendo o Patrocinio deſte glorioſo Santo o mais efficaz, e poderoſo geralmente para todos, para aquelles, que com eſpecial devoçaõ, cordial affecto, e amor filial o ſabem honrar, e ſervir, ainda he mais poderoſo, e efficaz.

E ninguem nos ha de tambem negar, que entre todos os devotos, e particulares filhos deſte Santo admiravel he Sua Excellencia o ſeu filho mais particular, e ſeu mayor devoto; pois a inſtancia ſua ſe offerecem ao ſeu Patrocinio, neſtas tardes, novos obſequios. Novos digo, naõ porque ſeja eſta a primeira vez, que aqui ſe lhe offerecem; porque ja o anno paſſado tiveraõ principio por direcçaõ de outro filho, e tambem particular devoto deſte Santo Patriarcha, o noſſo muito Reverendo Prelado actual: mas novos; porque novamente augmentados com eſtas practicas, e Oraçoens panegyricas; para que aſſim ſe faça mais notorio o cordial amor deſte Excellente filho, e o Patrocinio ſempre

grande deſte Pay taõ Excellente.

Para applaudirmos pois, o Patrocinio do Senhor S. Jozé; ou para moſtrarmos o que he o Senhor S. Jozé pelo ſeu Patrocinio, naõ me deo muito cuidado qual havia de ſer o aſſumpto, nem o thema; porque o thema, tanto que ſe me encarregou eſte trabalho, logo aſſentei commigo, havia ſer para cada huma das tardes hum texto da Sagrada Eſcritura, em que ſe achaſſe eſcrito expreſſamente o nome *Jozé*, deſte Santo Patriarcha; e o aſſumpto, moſtrar por elle alguma excellencia do ſeu Patrocinio. Quatorze vezes contadas ſe acha eſcrito no teſtamento novo o nome do Senhor S. Jozé, e tiradas deſtas, quatro, em que ſe repete ao meſmo intento, ficaõ dez, nas quaes ſe nomea a diverſo ſentido, e eſtas dez vezes, em que ſe falla neſte auguſto nome, foraõ as que eſcolhi para elogiar com ellas, ou por ellas o ſeu Patrocinio; nove para as nove tardes, e a decima, e ultima para o dia da ſua feſta.

Deſtas nove me tocaõ tres, e para ellas ha de ſer o aſſumpto moſtrar, que eſtá o Senhor S. Jozé obrigado a naõ faltar nunca com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos pela Peſſoa que he, pelo Nome, que tem, e pelas virtudes de que ſe adorna Pela Peſſoa, que he, iſto dirá neſta primeira practica o texto, que nos ſerve de thema: *Joſeph fili David.* Pelo nome que tem, que he Jozé, iſſo diraõ as palavras

palavras seguintes: *Viro, cui nomen erat Joseph*; e pelas virtudes de que se adorna, como o mostraráõ as outras palavras: *Joseph autem cum esset justus.*

Para as outras seis tardes mostrará o Orador, que lhe tocar, na primeira, o Patrocinio do Senhor S. Jozé o mais poderoso por Esposo de Maria, conforme as palavras, que para esse dia occorrem: *Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph.* Na segunda mostrará o Patrocinio do Senhor S. Jozé taõ poderoso, que pode patrocinar aquella Senhora, que a todos patrocina, a Maria Santissima; para isso lhe daraõ fundamento as palavras, que entaõ se seguem: *Exurgens autem Joseph accepit conjugem suam.* Na terceira mostrará o Patrocinio do Senhor S. Jozé o mais poderoso por Pay de Christo: isto lhe diraõ aquellas palavras: *Nonne hic est filius Joseph?* Na quarta mostrará que foi taõ poderoso o seu Patrocinio, que chegou a patrocinar ao mesmo Jesus: estas palavras o poderaõ dizer: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph dicens... accipe puerum.* Na quinta mostrará o Patrocinio do Senhor S. Jozé taõ poderoso, que ainda o he mais que o de Jesus, e Maria, em quanto Espoza esta, e aquelle Filho; assim o poderá tirar das palavras seguintes: *Invenerunt Mariam, & Joseph, & Infantem.* Na ultima mostrará, como por consequencia de tudo, o Patrocinio

cinio do Senhor S. Jozé mais poderoſo que o de todos os mais Santos, deduzindo-o aſſim deſtas ſeguintes palavras: *Aſcendens autem Joſeph à Galilea.* A empreza he difficultoſa; mas tudo poderemos vencer com o grande Patrocinio de hum Santo, que como Jozé póde tudo. Vamos com a primeira.

Funda-ſe a primeira razaõ, que tem o Senhor S. Jozé para aſſiſtir ſempre com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos pela Peſſoa que he. Mas que he o Senhor S. Jozé pela ſua Peſſoa? Jozé, diz Joaõ Gerſon ſeu grande devoto, foi a Peſſoa mais illuſtre, mais nobre, e mais excellente, que naſceo entre os que puramente naſceraõ: *Fuit Joſeph vir dignior, & nobilior inter omnes homines, qui nati ſunt ex ſtirpe Adam.* Fallou Gerſon naõ ſó como devoto, mas como quem ſabia: era Jozé hum Auguſto deſcendente dos Auguſtos Reys de Judá, e que o ſangue lhe pulava nas veas; primeiro correo pelas de muitos Reys, Principes, Patriarchas, Profetas, Sacerdotes, e Juizes dos Povos, que primeiro eſtabeleceraõ, e foraõ os fundamentos primeiros da ſua Caſa Real. Nas palavras do noſſo thema temos a melhor expreſſaõ deſta verdade: *Joſeph fili David.* Querem dizer, que Jozé he filho de David. E quem foi David? David foi naõ ſó Rey: *David autem Rex*, mas o mais famozo Rey, e hum dos mais illuſtres, e excellentes, que ſahio ao mundo da

da Real Caſa de David. Pois ſe David he Rey, e Jozé he filho de David, que ſe ſegue? Que? Que he Jozé huma Peſſoa Real; pois Peſſoas Reaes ſaõ todos aquelles, que tiverem a fortuna de ſerem filhos de Reys. Logo, ſe Jozé he huma Peſſoa taõ nobre, taõ illuſtre, e taõ excellente, claro eſtá que tem obrigaçaõ de naõ faltar nunca com o ſeu Patrocinio pela Peſſoa, que he. Sabido he o caſo de Mardocheo, e Aman, Eſther, e Aſſuero.

Condenado a pena de morte por hum decreto ſubrepticio do impio Aman, eſtava Mardocheo, e todo o Povo Hebreo; chegaraõ aos ouvidos de Eſther os clamores do Povo, e movida de piedade, e compaixaõ, ſem reparar nos decretos de Aſſuero, que prohibiaõ com pena de morte, até a meſma Rainha, o entrar na ſua Camera Real ſem licença ſua, entra Eſther, pede, roga, inſta, e finalmente alcança de Aſſuero hum perdaõ geral para todo o Povo: *Dona mihi animam meam pro qua oro, & populum meum pro quo obſecro.* E porque ha de obrar Eſther ſimilhante acçaõ? Por que era Eſther huma tal Peſſoa. Era huma Peſſoa Real, huma Peſſoa illuſtre, e excellente, e entendeo que pela Peſſoa, que era, eſtava obrigada a proteger, e amparar com o ſeu patrocinio a Mardocheo, e a todo aquelle povo, que afflicto, e deſamparado recorria á ſua piedade: *Dona animam meam pro qua oro, & populum meum pro*

pro quo obſecro.

Com eſta forçoſa obrigaçaõ naſceo ao mundo o Senhor S. Jozé pela ſua Peſſoa. Naſceo huma Peſſoa nobre, illuſtre, e excellente. E paraque? Para ſoccorrer, e amparar a todos aquelles, que afflictos, e deſamparados, como Mardocheo, recorreſſem ao ſeu patrocinio. O Patrocinio, diz o ſabio, he huma virtude propria, e natural das Peſſoas grandes, e ſoberanas: *Corona inclyta proteget te*; e quanto mais ſoberana, e illuſtre for a Peſſoa, mais ſeguro ſe ha de achar nella o ſeu patrocinio. Por iſſo adverte o meſmo ſabio, que para o patrocinio ſer o mais ſeguro ſe ha de recorrer ao ſoberano, que for mais illuſtre, que iſto he o que diz aquelle *Inclyto*, junto áquella *Coroa*; *Corona inclyta proteget te.* E a razaõ a dá o Profeta Iſaias, quando diz que os mais ſoberanos, e os mais illuſtres, fazem mais apreço da gloria de proteger, e amparar, do que de outra qualquer gloria. Nem as riquezas, nem os Imperios, nem outra alguma couſa do mundo, he de tanta gloria para hum ſoberano, e illuſtre, como a gloria de dar a hum neceſſitado o ſeu patrocinio: *Super omnem enim gloriam protectio.*

Daqui vem, que entre todas as graças, e beneficios, que recebemos dos grandes, e ſoberanos, ſempre teve o primeiro lugar o ſeu patrocinio, tanto para quem o recebe, como para elles. Para elles; porque os grandes, e ſoberanos ſem-

ſempre fizeraõ mais apreço de dar o ſeu patrocinio, do que de repartirem as ſuas riquezas. O animo generoſo, e Real de David, quando quiz remunerar a Berzellay a fineza de deixar o partido de Abſalaõ, e ſeguir a parte de David, naõ abrio os ſeus theſouros para o enriquecer, tirou dos hombros o ſeu manto Real para o cobrir: naõ lhe deo do ſeu ouro, nem da ſua prata, tomou-o debaixo do ſeu patrocinio: *Veni mecum, & ſta ſecurus mecum in Jeruſalem.* Antepoz a ſombra do ſeu ſolio ás luzes do ſeu ouro. Julgou mais vantajoſo para Berzellay o ſeu patrocinio, do que as ſuas riquezas. E certamente que ſim; porque hum ſoberano naõ dá tanto nas ſuas riquezas, quanto dá no ſeu patrocinio. Equem recebe, ſempre recebe mais no patrocinio, do que póde receber nas riquezas. Nas riquezas receberia huma ſó graça, e huma ſó vez; e no ſeu patrocinio, ficaria habilitado para todas as graças, e para qualquer occaſiaõ. E aſſim muito ſeria a hum grande o fazer a hum pobre rico; porêm o tomá-lo debaixo do ſeu patrocinio, ainda ſeria muito mais. Em fim, hum ſoberano quando dá as ſuas riquezas, empenha os ſeus theſouros; quando patrocina, empenha a ſua Peſſoa: quando dá, dá o ſeu; quando patrocina, da-ſe a ſi: e muito mais he dar-ſe a ſi, do que dar o ſeu: aſſim exorna o Cardeal Hugo aquella *Corona inclyta proteget te*, do ſabio: *Se ipſo proteget te*, diz Hugo. Se

Se o Patrocinio pois he huma virtude propria de ſoberanos, e quanto mais ſoberano, mais obrigado eſtá o dar-nos o ſeu Patrocinio; claro eſtá, que nunca nos ha de faltar com o ſeu Patrocinio o Senhor S. Jozé, pela obrigaçaõ da ſua ſoberania, ou pela ſoberania da ſua Peſſoa. Se o Senhor S. Jozé naõ fora a Peſſoa, que he, poderia ſer que alguma vez faltaſſe a eſta obrigaçaõ; mas o Senhor S. Jozé he huma tal Peſſoa, que por iſſo meſmo, que he tal, naõ ſó nos naõ ha de faltar com o ſeu Patrocinio, mas ainda no-lo ha de dar muito mais apreſſado, do que nós lho pedirmos, ſe lho chegarmos a pedir como a tal Peſſoa.

Recorreo a Chriſto na Cruz pelo ſeu Patrocinio aquelle venturoſo ladraõ chamado Dimas: *Domine memento mei*, e he muito para notar aſſim a petiçaõ de Dimas, como o deſpacho de Chriſto. Dimas pedia a Chriſto o ſeu Patrocinio lá para muito depois, quando Chriſto ſe achaſſe já de aſſento no ſeu Reyno: *Dum veneris in Regnum tuum*: e Chriſto, ſem eſperar mais tempo, lho deo logo naquelle meſmo dia: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* E pois como aſſim? Determina o ladraõ tempo para receber de Chriſto o ſeu Patrocinio, e Chriſto da-lhe o Patrocinio, e ainda antes de chegar eſſe tempo? Sim. E porque? Porque o ladraõ naõ ſó pedio o que queria, mas acertou no modo com que o pedio. Pedio a Chriſto o ſeu

o ſeu Patrocinio, e lembrou-lhe que lho pedia como a tal Peſſoa, como a Rey, como a ſoberano, e como a ſenhor, que tudo iſſo dizem as ſuas palavras: *Domine memento mei dum veneris in regnum tuum.* E como Chriſto entendeo que Dimas naõ ſó lhe pedia o ſeu Patrocinio, mas que, quando lho pedia, lhe lembrava a Peſſoa, que era; achou que, como tal Peſſoa, eſtava obrigado a dar-lhe o Patrocinio, que lhe pedia, e dar-lho logo: *Hodie mecum eris in Paradiſo.*

Com os devotos do Senhor S. Jozé fallo agora. Quereis que o Senhor S. Jozé vos acuda com o ſeu Patrocinio, e que ſeja logo, e muito mais apreſſado ainda do que vós quereis; pois pedi-lho pela Peſſoa, que he; lembrai-lhe que he huma tal Peſſoa, huma Peſſoa a mais illuſtre, a mais excellente, e a mais ſoberana; lembrai-lhe que he filho de David: *Joſeph fili David.*

Agora entendo eu a razaõ, porque quando o Anjo fallou ao Senhor S. Jozé, para que naõ faltaſſe com o ſeu Patrocinio a ſua Santiſſima Eſpoſa Maria Santiſſima na reſoluçaõ, que tomava, de a querer deixar: *Voluit occulte demittere eam*, uſou deſtes meſmos termos: *Joſeph fili David*, como quẽ dizia: Olá, Jozé, que quereis fazer? Quereis deixar ao deſamparo a voſſa Eſpoſa? Quereis faltar a Maria com o voſſo Patrocinio? Vede lá o que fazeis: lembrai-vos que ſois filho de David, e huma tal Peſſoa, como vós,

naõ póde faltar com o ſeu Patrocinio. O Anjo aſſim o advertio, e aſſim o executou o Senhor S. Jozé.

E eſte he tambem o fructo, que todos, aſſim grandes, como pequenos, devemos tirar deſta doutrina, que, ainda que taõ politica, he muito catholica. Os pequenos, e os neceſſitados recorraõ confiadamente aos grandes, e ſoberanos, que nelles, pela Peſſoa, que ſaõ, haõ de achar ſeguro o ſeu patrocinio, e amparo; e os ſoberanos, e grandes, lembrem-ſe que, por iſſo meſmo que ſaõ taes peſſoas, eſtaõ obrigados a naõ faltar com o ſeu amparo, e Patrocinio. E por eſta meſma razaõ, aſſim grandes como pequenos, recorramos ſeguramente ao Senhor S. Jozé pelo ſeu Patrocinio; porque nos naõ póde faltar com elle por quem he, neſta vida, para conſeguirmos muitos bens da fortuna, e da graça, e na outra o ſummo bem de todos, que he a Bemaventurança. Amen.

FON-

FONTE II.

NASCE DO V. 27. CAP. I. LUC.

Viro, cui nomen erat Joſeph.

E com as ſuas myſticas agoas entra a unir-ſe com as deſta primeira corrente em hum diſcurſo panegyrico em o ſegundo dia da Novena

DO SENHOR

S. JOSEPH,

NO CONVENTO DE S. ANTONIO
do Reciffe no Anno de 1751.

Aſſiſtio

O ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',
Governador de Pernambuco.

J. M. J.

SE os nomes mais auguſtos foraõ ſempre huns como attributos das Peſſoas mais excellentes, (Excellentiſſimo Senhor) ſe os nomes mais auguſtos foraõ ſempre huns como attributos

das Peſſoas mais excellentes, depois de vermos aqui no primeiro dia o que foy o Senhor S. Jozé, em ordem ao ſeu Patrocinio pela excellencia da ſua Peſſoa, o que ſe ſegue hoje he moſtrar o que he pelo auguſto do ſeu nome. Deſorte que ſe ja vimos o como eſtava obrigado o Senhor S. Jozé a naõ faltar com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos, pela Peſſoa, que he; agora veremos o como tem eſta meſma obrigaçaõ pelo nome, que tem, que he Jozé: *Cui nomen erat Joſeph.* E porque para ponderarmos como ſe deve as excellencias de hum nome taõ eſpecioſo, taõ ſuave, e ſempre auguſto, ſeria pouco ainda muito tempo, e o que ſe permitte para huma Practica naõ he muito, comecemos.

Saõ os nomes, diz S. Iſidoro, huns como indices, titulos, ou notas, pelas quaes ſe lê nas margens, ou frontiſpicios do edificio do homem, o que encerra dentro em ſi: *Nomen dictum eſt quaſi notamen, quod nobis vocabulo ſuo res notas efficiat.* E os Filoſofos enſinaõ, que os nomes explicaõ as eſſencias das couſas. Por iſſo adverte S. Joaõ Chryſoſtomo, que ſe naõ ponha nome a couſa alguma, ſem juizo certo das ſuas propriedades, e o meſmo eſcreve Santo Thomaz: *Nomina debent proprietatibus rerum reſpondere.* Até os Poetas o cantaõ aſſim.

Conveniunt rebus nomina ſæpe ſuis.

Na Sagrada Eſcritura temos a melhor expreſſaõ deſta verdade. A todos os viventes

pôs

pôs Adaõ o nome, e neſte nome, que lhes pôs, achou cada hum huma rigoroſa diffiniçaõ da ſua natureza, e propriedades della: *Omne, quod vocavit Adam animæ viventis ipſum eſt nomen ejus.* A Eva pôs Adaõ eſte nome, que quer dizer, mãy dos viventes; porque aſſim o havia de ſer: *Appellavit nomen ejus Eva mater viventium.* O filho de Seth, e neto do meſmo Adaõ, chamou-ſe Enós, que quer dizer, o que invoca a Deos; porque foy Enós o primeiro, que invocou o nome do Senhor: *Enos, ipſe cœpit invocare nomen Domini.* A Moyſés puzeraõ os Egypcios eſte nome, que ſignifica, o que foy tirado das agoas; porque das correntes do Rio Nilo tiraraõ os Egypcios a Moyſés: *Moyſes, id eſt, ab aquis eductus*: O Suaviſſimo Nome de Maria, diz Santo Ambroſio, em ſi meſmo eſtá inculcando, que eſta Puriſſima Virgem foy eſcolhida para Mãy de Deos: *Maria ſignificat Deus ex genere meo*: O Santo Nome de Emmanuel, que foy poſto a Chriſto, por iſſo lhe foy poſto, porque ſignifica a inextimavel honra, que ao homem fez Deos, de ſe fazer, como elle, homem: *Emmanuel, nobiſcum Deus.*

Eſta foy a fraze da Eſcritura deſde o principio do mundo até a vinda de Chriſto, aonde apenas ſe achará algum nome, que naõ ſeja expreſſivo da natureza, e propriedades do ſeu ſujeito: pelo contrario porèm da vinda de Chriſto até o preſente muito poucos

cos ſe acharáõ, que o ſujeito concorde com o nome. Antigamente os nomes naõ diziaõ mais, nem menos, do que os ſujeitos eraõ em ſi, ou pelas acçõcs, ou pela nobreza; e aſſim vemos lá muitos ſujeitos, e muito famoſos, e grandes, e com tudo com huns nomes bem pequenos, que quaſi naõ paſſavaõ de huma, ou duas ſyllabas, e com bem poucas letras algumas: como Adaõ, Abrahaõ, Iſaac, Jacob, David, Lot, Job &c., hoje naõ he aſſim; vemos huns nomes, que naõ ſó ſe formaõ de muitas letras, mas conſtaõ de muitas ſyllabas, e ainda ſe compoem de muitos nomes, e por iſſo eſtes nomes ſempre dizem mais do que he em ſi o ſeu ſujeito. E querem ſaber agora qual he a razaõ deita differença? A razaõ he; porque no outro tempo os homens naõ faziaõ os nomes para os tomarem, tomavaõ aquelles nomes, que lhes adquiriaõ, e punhaõ, ou as ſuas acçoens, ou a ſua natureza: hoje naõ he aſſim; cada hum faz o nome, que quer tomar, ou pôr aos ſeus, e tomaõ os nomes, que querem, e aſſim fazem, ou compoem huns nomes muito grandes, e o ſujeito ás vezes he bem pequeno.

Sendo pois certo, que os nomes ſe puzeraõ ſempre, e devem pôr como indices, e explicaçaõ das propriedades mais notaveis dos ſujeitos; e ſendo tambem certo, como affirma S. Bernardo, que eſte nome *Jozé* foy poſto a eſte Santo Patriarcha, para que por elle ſe conhe-

nheceſſem as ſuas mais eſpeciaes excellencias: *Quis, & qualis homo fuerit Beatus Joſeph conjice ex appellatione, & proprio vocabulo.* Vamos ja a ver, que excellencia particular ſignifica neſte grande Santo o nome Jozé. Diz o Santo Doutor, que Jozé naõ ſignifica, nem quer ſignificar outra couſa, mais que augmento, ou augmentado: *Ex proprio vocabulo, quod augmentum non dubites interpretari.* E ſeguio niſto Santo Ambroſio a fraze da Eſcritura, que diz, fallando do outro Jozé do Egypto, que eſte nome he hum tal nome, que traz comſigo a celeſtial benção de augmentar a quem o tem: *Filius accreſcens Joſeph filius accreſcens*: Mas, deixando agora os augmentos, que Jozé tirou para ſi do ſeu nome, vamos aos que deſte nome Jozé podem tirar os ſeus devotos, que ſaõ os que nos pertencem hoje.

He o nome de Jozé taõ admiravel, que naõ ſó augmenta a quem o tem, tambem augmenta a quem o invoca, ou a quem elle patrocina: porque patrocinar naõ he outra couſa mais que augmentar; e a razaõ he evidente. Tendes eſta, ou aquella neceſſidade, padeceis eſte, ou aquelle achaque, ſentis eſta, ou aquella falta de ſaude, falta-vos iſto, ou aquillo; recorreis a eſte, ou áquelle Santo pelo ſeu patrocinio, alcancais por elle o que pedis: e que he iſto, ſenaõ ficares com algũa couſa mais do que tinheis, ou que naõ tinheis, e ficares aſſim augmentado,

tado, quando recebeis o ſeu patrocinio? E ſendo iſto graça commûa em todos os Santos, em o Senhor S. Jozé he attributo muito eſpecial; porque no ſeu meſmo nome tem todos os augmentos para quem patrocina. E eſta he a differença, que vay tambem do Senhor S. Jozé ao patrocinio dos mais Santos; porque nos mais, aſſim como lhe falta o nome de Jozé, aſſim faltaõ elles tambem muitas vezes com o ſeu patrocinio: porèm o Senhor S. Jozé naõ falta, nem póde faltar; porque no ſeu meſmo nome tem a razaõ para naõ faltar: tambem temos prova, e certamente de nome.

Quando os Egypcios, naquella grande fome, que padeceraõ por ſette annos, e com ella outras muitas necẽſidades, recorreraõ ao ſeu Rey Faraó para os remediar nella; diz o Texto, que o que fez Faraó, foy mandá-los recorreſſem a Jozé: *Ite ad Joſeph.* Eu naõ reparo agora em que Faraó mande ao ſeu povo recorrer a Jozé para a providencia daquella neceſſidade; porque ſey que Jozé era hum ſeu Miniſtro, e hum tal Miniſtro, que fazia em tudo as vezes do ſeu Rey, e aos ſeus Miniſtros coſtumaõ os Reys e Principes mandar recorrer nas ſuas pertençoens aos ſeus vaſſallos: o que eu noto muito he, naõ dizer Faraó: ide ao Vice-Rey, ſenaõ ide a Jozé; e a razaõ do reparo he evidente. Quando alguma peſſoa nobre occupa algum cargo grande no Reyno, ou Republica, naõ ſe coſtuma

ma fallar neſſa Peſſoa pelo nome, que tem, ſenaõ pelo cargo, que occupa; e nos Principes, e Reys, como era Faraó, eſta he a fraze do ſeu fallar: quando mandaõ recorrer a algum Miniſtro ſeu, naõ dizem fallai a N.ou N.,o que dizem he: Fallai ao Secretario, fallai ao Vice-Rey &c. Pois ſe eſta he a pratica commũa das Mageſtades, como perverte aqui a Mageſtade de Faraó eſta pratica? Porque naõ diſſe ao ſeu povo: fallai ao meu Vice-Rey; ſenaõ, fallai a Jozé: *Ite ad Joſeph.*

A razaõ he; porque Faraó queria acudir áquella neceſſidade do ſeu povo, e queria que ſem falta alguma foſſe remediado: pois, que remedio? O meſmo, que elle buſcou; mandar ao povo que recorreſſe ao patrocinio daquelle homem, naõ pelo cargo, que occupava; mas ſim pelo nome, que tinha: naõ como a ſeu Vice-Rey; mas como a Jozé, que era: *Ite ad Joſeph*: Porque entendeo Faraó, que pelo nome, que tinha, porque era Jozé, eſtava obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio: *Ite ad Joſeph.* Bõa doutrina ſe nos offerecia aqui para certos Miniſtros, que mais credito he para elles buſcá-los pelo lugar, que occupaõ, do que pelo nome, que tem: ſerá talvez, porque nunca tiveraõ nome, antes que tiveſſem o cargo; mas o tempo naõ dá lugar, e nem eſtamos em lugar de Miniſtros, que neceſſitem deſta doutrina: vamos ao noſſo ponto.

Aquelle Jozé do Egypto foy figura do noſſo Jozé, e ſe o figurado ſempre ſahe com exceſſos á figura, porque neſta ſaõ ſó repreſentaçoens, o que naſce naquelle realidades; vede que obrigaçaõ taõ forçoſa naõ terá o Senhor S. Jozé pelo nome que tem; quando pelo meſmo nome, ainda em repreſentaçaõ, a teve aquelle Jozé taõ forçoſa?

Aſſim eſtá obrigado quem he Jozé a naõ faltar com o ſeu Patrocinio, e aſſim ſe faz tambem o Patrocinio do Senhor S. Jozé para nós o mais ſeguro. Agora entendo eu a razaõ; porque neceſſitando Chriſto, e ſua Mãy Santiſſima de hũ Patrocinio o mais ſeguro, para que livrando-os da tyrannia de Herodes os puzeſſe em ſalvo no Egypto, naõ eſcolheo Deos para iſſo algum Anjo, ſenaõ ſó ao Senhor S. Jozé. A hum Anjo ſabemos nós encarregou Deos o acudir a huma mãy chamada Agar, e a hum ſeu filhinho por nome Iſmael, que nos deſertos de Berſabee pereciaõ á neceſſidade; o menino morrendo de ſede, e a mãy acabando, por ver o filho morrer. Pois ſe para huma mãy, e hum filho, humas taes peſſoas, que eraõ eſcravas de Abrahaõ, teve Deos Anjos para os amparar, como naõ tem agora hum Anjo para proteger a hum tal filho como Chriſto, e a huma Mãy tal como Maria? Diremos que foy porque aqui podia o Senhor S. Jozé mais do que os Anjos? Naõ diremos tanto: mas ſempre diremos

foy

foy iſto aſſim; porque no Senhor S. Jozé havia alguma couſa mais que naõ havia nos Anjos. E que tinha o Senhor S. Jozé demais? Tinha o ſeu nome: tinha o chamar-ſe Jozé, nome que naõ tem nenhum dos Anjos; porque nenhum ſe chama Jozé. E como o Senhor S. Jozé na virtude do ſeu nome tinha a efficacia do ſeu Patrocinio; por iſſo naõ aos Anjos, ſenaõ ſó a Jozé encarrega Deos o Patrocinio de Chriſto, e Maria: *Angelus Domini apparuit in ſomnis Joſeph dicens, ſurge, accipe puerum, & matrem ejus.*

Naõ vem como he inſeparavel a virtude do Patrocinio do admiravel nome de Jozé? bem ſe ſegue logo, que quem for Jozé, naõ ſó naõ póde faltar com o ſeu Patrocinio, naõ ſó ha de dar hum Patrocinio o mais ſeguro, ſenaõ, que ainda o ha de dar, ſem que para iſſo ſeja pedido, nem rogado. Depois de eſpirar Chriſto no Calvario, ficou ſeu Sacroſanto Corpo na Cruz ao deſamparo, ſem haver quem ſe reſolveſſe a dar-lhe ſepultura. E tendo o Senhor, álèm de onze Apoſtolos, ſetenta e dous diſcipulos, nenhum delles cuidou naquelle deſamparo. Quando eiſque lá de Arimathea ſahe hum certo homem, e ſem temor, nem receyo dos Judeos, entra no Palacio de Pilatos, pede-lhe o Corpo do Senhor, e alcançada licença, lhe dá huma rica, e honroſa ſepultura: e he de notar, que tudo iſto fez eſte homem, ſem que foſſe pedido, nem rogado: *Homo*

quidam dives ab Arimathea . . . venit ad Pilatum, & petiit corpus Jesus, & sepelivit eum. E porque cuidais vós que fez este homem o que nenhum dos outros se atreveo a fazer; e isto sem que o pedissem, nem rogassem? Sabeis porque? Porque no seu mesmo nome tinha a razaõ para o fazer assim; porque era Jozé, e tinha este nome: *Homo quidam dives ab Arimathea nomine Joseph.* E quem he Jozé, ainda que naõ seja pedido, nem rogado, naõ póde ver desamparados, que os naõ patrocine; naõ póde faltar com o seu Patrocinio, por isso mesmo que he Jozé, e tem tal nome: *Nomine Joseph.*

Grande excellencia de quem he Jozé! Fazer beneficios sendo rogado, dar o seu Patrocinio, sendo pedido; isso fazem muitos, e muitos nem isso fazem: porèm dar o Patrocinio sem ser rogado, fazer o beneficio sem ser pedido; isso o naõ vi eu fazer a ninguem, e só a quem he Jozé o vi fazer. Senhores devotos do Senhor S. Jozé, quereis hum Patrocinio o mais seguro; quereis hum Patrocinio, que nunca vos possa faltar; hum Patrocinio, que vos naõ custe a vergonha, o pejo, ou trabalho de o pedir? pois recorrei ao Senhor S. Jozé, e recorrei a elle como Jozé. E sabeis o quando, e aonde o haveis de buscar como a Jozé para alcançares delle tudo isso assim? Ha de ser aqui, e ha de ser agora. E porque? Porque, sendo o Patrocinio do Senhor S.

S. Jozé em toda a pár-
te, e em qualquer tem-
po o mais ſeguro, por
Jozé, ou por ſer hum
ſó Jozé; aqui, e agora
ainda he mais ſeguro,
pois ſe achaõ tres Jo-
zés para o fazerem
mais ſeguro, e mais
forçoſa a ſua obriga-
çaõ para naõ faltar. A-
cha-ſe o Senhor S. Jo-
zé, acha-ſe Sua Excel-
lencia, que tambem he
Jozé, e acha-ſe como
Jozé o noſſo Reveren-
do Prelado. E certa-
mente, que com huma
myſterioſa ordem na
meſma ordem, com
que em cada hum ſe a-
cha o nome de Jozé.
Acha-ſe em primeiro
lugar o Senhor S. Jo-
zé, a quem ſe dedicaõ
todos eſtes obſequios,
e por iſſo tem tambem
o nome de Jozé em pri-
meiro lugar, porque
naõ tem outro nome
mais que Jozé. Acha-ſe
em ſegundo lugar Sua
Excellencia, que ſó
depois do Senhor S.
Jozé podia ſer aqui o
ſegundo, ſendo em tu-
do o mais ſempre pri-
meiro: acha-ſe, digo
aqui como em lugar ſe-
gundo, e por iſſo tem
tambem o nome de Jo-
zé em ſegundo lugar;
porque he Luiz o ſeu
primeiro nome, e Jozé
he o ſegundo. Acha-ſe
em terceiro lugar o
noſſo Prelado, e pro-
priamente como ter-
ceiro, porque he o que
com o ſeu zelo, e cui-
dado he o agente deſ-
tes cultos, e venera-
çoens, e por iſſo tem
tambem o nome de Jo-
zé em terceiro lugar,
porque he o ſeu nome
Fr. Manoel de S. Jozé.

Agora notem o que
diz a Igreja em huma
oraçaõ dos ſeus offi-
cios; diz, que para o
Patrocinio ſer o mais
ſeguro, ſe haõ de mul-
tiplicar para iſſo os in-
ter-

terceſſores : *Multiplicatis interceſſoribus largiaris.* E que ſaõ os obſequios, honras, cultos, e veneraçoens, que ſe fazem aos Santos, ſenaõ huns fortes, e efficaciſſimos interceſſores para por meyo delles, e pelo ſeu Patrocinio alcançarmos de Deos o bom deſpacho das noſſas petiçoens: e ſe hum Jozé, ſó por Jozé, eſtá ja obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio, o que ſerá tendo o ſeu Patrocinio dous Jozés mais por interceſſores! Se hum Jozé ſó póde tanto, o que ſerá hum Jozé triplicado; o que ſerá tres Jozés unidos! Aqui podia eu agora atar muito bem a eſtes tres Jozés com aquelle *Funiculus triplex difficile rumpitur*, do ſabio, quando diz que o cordel compoſto de tres cordeis com dificuldade ſe rompe; que he o meſmo, que dizer que a uniaõ eſpiritual de tres enlaçados em hum vence tudo, e tudo alcança. E o meſmo Chriſto o diſſe depois, quando diſſe, que o que ſe pedir em nome de tres, ou o que tres pedirem em ſeu nome, infallivelmente o haõ de alcançar: *Ubi duo, vel tres congregati fuerint in meo nomine, ibi ſum ego*: E ſe o nome deſtes tres que pedirem for Jozé, o que ſerá? Por iſſo eu dizia, que quem quizer ſeguramente o Patrocinio do Senhor S. Jozé, recorra a elle agora, e recorra aqui.

E vós, glorioſo Santo, ja que tanto podeis com eſſe voſſo nome; ja que como Jozé podeis tanto, e ja que para as noſſas veneraçoens ſois aqui o primei-

meiro Jozé, lembrai-vos muito particularmente daquelle Jozé, que depois de vós he o ſegundo; de Sua Excellencia digo, que certamente comvoſco póde muito como Jozé: tomai-o muito debaixo do voſſo Patrocinio a Sua Excellencia, e naõ vos eſqueçais tambem daquelle Jozé, que he o terceiro dos voſſos applauſos, ſem que fiquem de fóra todos os mais devotos; para que todos, por meyo do voſſo Patrocinio, alcancemos neſta vida muitos auxilios de graça, e na outra o fructo da Bemaventurança. Amen.

FON-

FONTE III.

NASCE DO V. 19. CAP. I. MATTH.

Joseph autem cum esset Justus.

E com as suas mysticas agoas entra a continuar as desta primeira corrente em hum discurso panegyrico em a terceira tarde da Novena.

DO SENHOR

S. JOSEPH,

NO CONVENTO DE S. ANTONIO

do Reciffe no Anno de 1751.

Com assistencia

DO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.

SE o ter hum nome augusto he dita grande: se he grande fortuna o ser huma Pessoa Excellente (Excellentissimo Senhor) que fortuna, e que dita taõ grande naõ sera, se ao

Excellente da Peſſoa ſe ajuntar o predicado da Santidade, e ſe ao auguſto do nome ſe ajuſtar o ſobrenome de juſto! Pois iſto, que poucas, ou raras vezes ſe acha junto em hum ſó ſujeito, vemos hoje unido em o glorioſo Patriarcha o Senhor S. Jozé; porque naõ ſó foi huma Peſſoa a mais excellente, como filho de David: *Joſeph fili David*; naõ ſó teve o mais auguſto nome, que he Jozé: *Cui nomen erat Joſeph*; tambem para timbre do nome, e realce da Peſſoa, teve o attributo de mais Santo, e mayor juſto: *Joſeph autem cum eſſet juſtus*. E ſe pela Peſſoa, que he, e pelo nome que tem, vimos ja o como eſtava obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos, eſta meſma obrigaçaõ, e ainda mais forçoſa, veremos hoje tem, porque foi hum perfeito juſto: *Joſeph autem cum eſſet juſtus*. Eſte o ponto para o diſcurſo, vamos a ver agora ſe o diſcurſo fere o ponto.

Joſeph autem cum eſſet juſtus. Eſte nome juſto, tomado na ſua primeira, e rigoroſa ſignificaçaõ, quer dizer: hum homem dotado da virtude da juſtiça, que he huma das quatro, a que chamaõ cardeaes. A juſtiça no homem tem dous effeitos principaes: o primeiro he fazer ao homem juſto em ſi, e para comſigo; o ſegundo he fazê-lo juſto para com os outros, e fóra de ſi. O homem juſto para comſigo, he aquelle, que tem em ſi todas as virtudes; porque das virtudes

tudes todas he a juſtiça a origem, o principio, e o fundamento. O homem juſto fóra de ſi, e para com os outros, he aquelle, que naõ falta ao proximo com o que lhe he devido. E tudo iſto teve o Senhor S. Jozé, como juſto, em gráo mais ſubido que todos os mais juſtos. Naõ ſó foi juſto para comſigo, para o que teve juntas, e unidas em ſua alma todas as virtudes, e ainda em gráo mais heroico, e perfeito que todos; tambem foi juſto para com os outros, porque nunca faltou ao proximo com o que lhe era devido, e mais perfeitamente, que nenhum: e por eſtes dous principios veremos o como o Senhor S. Jozé eſtá obrigado, e muito obrigado a naõ faltar aos ſeus devotos com o ſeu Patrocinio: por juſto para comſigo; e por juſto para com os mais.

Que o Senhor S. Jozé, como juſto para comſigo, e como quem mereceo a juſtiça de ter em ſi todas as virtudes, eſteja obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos, he evidente; porque ſe o faltarem, ou naõ faltarem os Santos com o ſeu Patrocinio procede da mayor valîa, ou merecimento, que cada hum tem para com Deos, e eſte merecimento, ou valîa ſe faz mayor, e mais efficaz pelas maiores virtudes, e graças de cada hum; ſendo o Senhor S. Jozé nas graças, e virtudes o mais avantajado a todos, claro eſtá que mais que todos ha deter maiores mere-

cimentos para com Deos ; e como com Deos merece mais , tambem póde mais com Deos , e por conſequencia eſtá mais obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos. Tudo diſſe em menos palavras o devoto Iſolano: *Mortalium inter patronos apud Deum arbitror Sanctum Joſeph eſſe efficaciorem.* Entre todos os advogados, diz eſte devoto , que tem os homens no Ceo para com Deos , naõ ſe póde duvidar he Jozé o mais efficaz , e o que com Deos certamente póde mais que todos ; e he ſem duvida , que tudo iſto tem pelo mais, que merece com Deos , como quem teve em ſi juntas, e unidas as virtudes todas, como juſto para comſigo : *Joſeph autem cum eſſet juſtus* : mas para que vejamos iſto melhor , pergunto :

E que mereceo o Senhor S. Jozé para ſi pela juſtiça das ſuas virtudes , ou por ter em ſi as virtudes todas , como juſto para comſigo ? Mereceo o que nenhum outro Santo mereceo , que foi o ſer eſcolhido para Pay putativo do meſmo Deos feito homem. Pois ſe o Senhor S. Jozé pela virtnde dos ſeus merecimentos, ou pela juſtiça das ſuas virtudes , mereceo o ſer Pay de Deos feito homem : bem ſe ſegue que tem maîs obrigaçaõ que outro Santo algum de naõ faltar nunca com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos ; pois por eſta razaõ, mais que todos, póde mais com Deos, e tanto póde, que para dar o ſeu Patrocinio, nem

nem pede, nem roga a Deos. E pois naõ pede, nem roga, o que faz? Manda, determina, ordena? Naõ digo tanto; porêm digo que naõ pede, nem roga; porque nem roga, nem pede como os outros Santos: ora notem.

He certo que, pelo Patrocinio dos outros Santos, alcançamos de Deos muitas graças, e beneficios; mas eſtes beneficios, e eſtas graças como as alcançaõ os mais Santos? Já ſabemos que ha de ſer pedindo, e rogando. E como rogaõ, e pedem? Sabem como? He com huma ſubmiſſaõ muito grande, e com huma grande dependencia; porque huns pedem como ſervos, que aſſim pedia David: *O Domine quia ego ſervus tuus.* Outros pedem como criados, aſſim pedia Moyſés: *Erat in domo ejus tanquam famulus.* Outros pedem como amigos, aſſim pediaõ os Apoſtolos: *Vos autem dixi amicos*: Outros pedem como vaſſallos, aſſim pedem os Anjos: *Miniſtri ejus, qui facitis voluntatem ejus*: e quem aſſim pede, quem pede com eſta dependencia; muitas vezes naõ alcança o que pede. Pedir o ſervo ao ſenhor, o criado ao amo, o amigo ao amigo, e o vaſſallo ao Rey, vai mui arriſcado eſte pedir. Porque o Rey, com a meſma mageſtade de Rey, pode naõ ouvir bem ao vaſſallo: o amigo, com a meſma cara de amigo, lhe diz que ſe deixe diſſo; que ha amigos, que para tudo tem cara: o amo, com a meſma confiança de

amo,

amo, diz ao criado, que naõ pode agora; e o Senhor, com a razaõ de Senhor, e talvez ſem razaõ, diz ao eſcravo, que naõ quer. E quem aſſim pede, leva muy arriſcado o deſpacho do que pede; porque he pedir com dependencia, e por iſſo faltaõ muitos Santos com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos, porque commummente todos pedem aſſim. O Senhor S. Jozé naõ pode faltar com o ſeu Patrocinio aos ſeus devotos; porque naõ he aſſim o como elle pede. E como pede o Senhor S. Jozé? Sabem como? Pede com Soberania, pede com Dominio, e pede com Imperio, porque pede com authoridade de Pay. Aſſim o conſidera o ſeu grande devoto Joaõ Gerſon: *Dum Pater Filium orat velut imperium reputatur.* Santa Thereza de JESUS nos explicará melhor o que queremos dizer. Pedia eſta glorioſa Santa com muita inſtancia a Chriſto Senhor noſſo por certa Religioſa, e achava a eſte Senhor muy remiſſo em lhe conceder o que lhe pedia. Quando ao meſmo tempo apparece o Senhor S. Jozé ao lado da Santa, e eiſque como reſoluto diſſe aſſim a Chriſto: Senhor, conceda voſſa Divina Mageſtade a minha devota Thereza, o que lhe pede. De maneira, que naõ uzou de termos ſubmiſſos, como quem roga, mas de palavras imperativas, como quem manda. Eiſ-aqui como o Senhor S. Jozé pede, naõ pede com depen-

pendencia, pede com authoridade ; naõ roga com ſubmiſſaõ, roga com imperio. Naõ roga, nem pede o Senhor S. Jozé, quero dizer, naõ pede, nem roga, como os outros Santos : eſte modo de pedir, e rogar, nem he abſolutamente rogar, nem he totalmente mandar : pois que he? Agora o direi melhor : he atar as mãos a Deos, e he ficar Deos como atado, e deixar fazer ao Senhor S. Jozé do ſeu Patrocinio o que quizer. Para atarmos tambem melhor o que himos dizendo, notem huma notavel advertencia do Evangeliſta S. Lucas.

Falla eſte Evangeliſta de Chriſto naſcido no portal de Belem, e diz que ſua Santiſſima May, a Virgem Maria, o enfaixara, e envolvera em humas certas mantilhas, ou pannos: *Et pannis eum involvit.* Notavel advertencia por certo! Se Deos ſe tinha feito homem, ſe naſcia menino, e tinha Pay, e Mãy, ainda que pobres, he ſem duvida que ſe havia envolver em pannos, e e enfaixar em mantilhas. Mas o certo he, que o Evangeliſta, que fez advertencia, havia myſterio. O myſterio foi, diz Drexelio com outros authores, e graves, que aquellas precioſas roupas, e aquellas ricas mantilhas, q̃ aſſim lhes devemos chamar, foi a pobre capa do Senhor S. Jozé ; e o Padre Morales, que tambem eſcreve o meſmo, ainda gozou o dita de alcançar huma reliquia deſte manto ſagrado depois de o adornar na Igreja

ja titular de Santa Anaſtaſia em Roma: *Pannem veſtis Beati Joſephi Sponſi Virginis, in quo involutus fuit Dominus noſter Jeſus Chriſtus in ſua nativitate*: ſaõ palavras do Breve, que authorizou eſta devota, e veneravel reliquia. Agora pergunto: E de que ſervem as mantilhas, ou pannos, com que ſe enfaixaõ os meninos quando naſcem? Servem de apertar, ligar, e prender as mãos, e os pés das crianças. Aſſim o fazem com as ſuas mantilhas todas as mãys aos ſeus filhinhos; e aſſim o fez ao ſeu Menino JESUS aquella Santiſſima Mãy com a capa do Senhor S. Jozé, ligou-o, apertou-o, e prendeo-o de pés, e mãos: aſſim o diz a gloſſa explicando eſte texto de S. Lucas: *Manus, & pedes ſtringuntur*; e o canta aſſim tambem a Igreja em hum dos ſeus Hymnos, celebrando que com aquellas ſagradas mantilhas, ou com a capa do Senhor S. Jozé atara Maria as mãos, e os pés do ſeu Menino Deos: *Dei manus, pedeſque ſtricta cinxit faſcia*. Já ſe deixa entender que neſta capa do Senhor S. Jozé vai emvolto o ſeu Patrocinio, e aſſim ficou Deos atado de pés, e mãos com o Patrocinio do Senhor S. Jozé, e o Senhor S. Jozé com o ſeu Patrocinio livre, e deſembaraçado, para o dar a quem quizer, como quizer, e quando quizer: e tudo mereceo o Senhor S. Jozé pela ſumma perfeiçaõ, e heroicas virtudes, pelas quaes foi eſcolhido para Pay putativo de Deos feito homem, como

mo juſto para comſigo: *Joſeph autem cum eſſet juſtus.*

E ſe o Senhor S. Jozé tem a Deos aſſim atado, ou como enleado com a ſua capa, e o ſeu Patrocinio taõ livre para o dar como quizer; poderá haver alguma occaſiaõ em que o Senhor S. Jozé poſſa faltar com o ſeu Patrocinio? Digo que naõ, e em quanto homem juſto para com os outros, e por aquella parte da juſtiça, que manda, que o homem juſto dê o cada hum o que he ſeu, que he a ſegunda parte do noſſo diſcurſo. Mas he neceſſario, que para o Senhor S. Jozé naõ faltar com eſta juſtiça de dar o ſeu Patrocinio a quem o quer, haja tambem juſtiça, ou direito da parte de quem o pede. E que direito, ou juſtiça podem ter os devotos do Senhor S. Jozé ao ſeu Patrocinio, para que elle de juſtiça naõ poſſa tambem faltar? Naõ he neceſſario outra mais que o ſer ſeu devoto; ſervîllo com huma vontade liza, amá-lo com hum coraçaõ puro, e ter nelle huma confiança catholica, e chriſtaã. E eiſ-aqui tem os devotos do Senhor S. Jozé hum bello modo, e huma rica traça para trazerem tambem ao Senhor S. Jozé como atado, e enleado. O Senhor S. Jozé com a ſua capa atou os pés, e mãos de Deos para o deixar fazer do ſeu Patrocinio o que quizer: e os devotos do Senhor S. Jozé com o ſeu amor, e devoçaõ podem atar tambem a eſte Santo de mãos, e pés para lhes naõ faltar

com o ſeu Patrocinio, pois eſtá obrigado aſſim a dá-lo de juſtiça : *Joſeph autem cum eſſet juſtus.*

Aqui eſtava eu agora para me retractar do que diſſe ja nas duas Practicas antecedentes. Diſſe que quem quizeſſe que o Senhor S. Jozé lhe naõ faltaſſe com o ſeu Patrocinio, que lho pediſſe pela Peſſoa que era, e pelo nome que tem : diſſe bem, naõ me quero retractar ; porêm diſſe pouco entaõ, agora digo mais, e melhor. Quereis que o Senhor S. Jozé de nenhuma ſorte vos falte com o ſeu Patrocinio ? Pois buſcai-o, ou agora, ou em outro qualquer tempo, e buscai-o como juſto. Pela Peſſoa que he, e pelo nome que tem, naõ vos ha-de faltar ; porque naõ ha de querer faltar á regalia do nome, e á excellencia da Peſſoa: mas como iſto naõ he de juſtiça, he por benevolencia, póde faltar, e pode naõ querer, ſe quizer : agora naõ, buſcado como juſto naõ póde faltar ; porque de juſtiça eſtá obrigado a dar-vos o ſeu Patrocinio, por iſſo meſmo que he juſto: *Joſeph autem cum eſſet juſtus.*

Agora me parece eſtou ouvindo dizer a algum critico, que neſta Practica naõ ſegui o methodo, ou modo de provar conforme guardei nas outras ; porque ſe nas duas primeiras, moſtrando que eſtava o Senhor S. Jozé obrigado a naõ faltar com o ſeu Patrocinio pela Peſſoa que era, e pelo nome que tem, provei iſto com ſujeitos determinados do nome

me de Jozé, e excellentes pela Peſſoa: parece pedia a formalidade, que iſſo meſmo fizeſſe agora, e que para moſtrar que o Senhor S. Jozé eſtava obrigado de juſtiça a naõ faltar com o ſeu Patrocinio, havia moſtrar iſto com ſujeitos determinadamente juſtos. A critica na apparencia alguma força parece ter: porêm na realidade naõ tem alguma; porque no que diſſe naõ me apartei do que he ſer juſto conforme a divizaõ. Mas porque deixemos ſatisfeito eſte eſcrupulo, eu provo tudo quanto fica dito neſte diſcurſo, com hum texto ſó, e de ſujeito determinadamante juſto. Notem com attençaõ.

Quando David fugitivo das furias de Saul, e deſamparado de todo o ſocorro humano, deixando a Corte de Jeruſalem, ſe retirou da viſta daquella féra humana; depois de andar embrenhado por montes, dormindo por covas, e grutas, paſſados alguns tempos, ſe determinou a tornar para a Corte: e dando parte deſta reſoluçaõ a alguns daquelles, que o acompanhavaõ, trataraõ deſſuadî-lo fortemente deſte intento, propondo-lhe o riſco a que ſe expunha em ir-ſe metter nas garras daquelle Leaõ furioſo; porêm o que David fez, foi reſponderlhes aſſim: que para que o conſelhavaõ andar por aquelles montes, como paſſaro ſolitario, ſem habitaçaõ certa, ſe elle tinha recorrido ao Patrocinio de hum ſujeito, no qual confia-

va tanto, que seguramente o havia proteger, sem que as iras de Saul, e nem todas as suas astucias o pudessem offender: e que este tal sujeito, debaixo de cujo Patrocinio estava, era o mesmo Deos: *In Domino confido, quomodo dicis animæ meæ transmigra in montem sicut passer?* E como achou David em Deos este Patrocinio taõ seguro? Seria em Deos, como Senhor pela Excellencia da sua Pessoa? Naõ, porque assim ja David se tinha queixado, que buscando-o huma vez o naõ achara: *Exurge, quare obdormis Domine?* Seria em Deos debaixo da protecçaõ do seu nome. Tambem naõ; porque ainda que David alguma vez disse, que assim o havia de buscar: *Nomen Domini invocabo*; o nome de Deos naquelle tempo, que era o nome de *Jehovath*, mais era para metter terror, do que para reconciliar agrado; porque ainda que Santissimo era terrivel: *Sanctum, & terribile nomen ejus.* Pois como buscou David em Deos este Patrocinio taõ seguro, que julgou de nenhuma sorte lhe podia faltar? Elle mesmo o disse logo, dando a razaõ porque tanto confiava nelle. Porque tinha buscado a Deos, como a sujeito justo: *In Domino confido... Quoniam justus Dominus, & justitiam dilexit, æquitatem vide vultus ejus*, e notem, que naõ diz só, que buscara a Deos, como sujeito justo em si pela eminencia da sua santidade, e justiça das suas virtudes: *Justus Dominus*; mas tam-

tambem como a ſujeito dotado da virtude da juſtiça, que obriga a dar com igualdade a cada hum o que he ſeu: *Et juſtitiam dilexit; æquitatem vide vultus ejus.* Ainda naõ diſſemos tudo: e que juſtiça pôs David da ſua parte para merecer de Deos, como juſto, o ſeu Patrocinio? Nenhuma mais que a confiança, que tinha poſto no meſmo Deos o ſeu affecto, e a ſua devoçaõ: *In Domino confido.* Enſinando-nos aſſim David, que quem qũizer hum Patrocinio o mais ſeguro, ha de buſcá-lo em hum ſujeito, que álem da excellencia da ſua Peſſoa, e do bom nome que tem, ha de ter tambem por ſumma da perfeiçaõ o attributo de juſto. Eſte ſujeito, depois de Deos, he o Senhor S. Jozé: recorramos a elle, pondo da noſſa parte a juſtiça, e o merecimento da noſſa fé, e devoçaõ, que elle da ſua parte nos naõ ha de faltar em nos dar o ſeu Patrocinio; porque aſſim eſtá obrigado cõmo juſto, que he: *Joſeph autem cum eſſet juſtus.*

E quem, Excellentiſſimo Senhor, quem melhor que voſſa Excellencia tem para iſto mais juſtiça, e merecimento? Por mais que todos os devotos do Senhor S. Jozé o ſeu devoto; por mais affectuoſo, por mais empenhado, e por mais: mais que? Hia a dizer por mais juſto: mas ſempre direi, por mais ajuſtado. Pois ſe, mais que todos, tem Voſſa Excellencia mais juſtiça ao Patrocinio do Senhor S. Jozé; o Senhor S. Jozé tem tambem

tambem mayor obrigaçaõ de juſtiça em naõ faltar a Voſſa Excellencia com o ſeu Patrocinio; pois como taõ juſto naõ póde faltar em dar a cada hum o que he ſeu. E aſſim a cada hum dos ſeus devotos, conforme ao que lhe merecer, lhe dará tambem oSenhor S. Jozé o ſeu Patrocinio á medida da ſua juſtiça, e do merecimento de cada hum, neſta vida, para conſeguirmos os bens da graça, e na outra o ſummo bem da Gloria. Amen.

FONTE IV.

NASCE DO V. 23. CAP. III. LUC.

Ut putabatur Filius Joſeph.

E com as ſuas myſticas agoas entra a augmentar as deſta primeira corrente em hum Sermaõ panegyrico do Glorioſo Patriarcha

O SENHOR

S. JOSEPH,

Na feſta do ſeu Patrocinio, em occaſiaõ, que ſe eſperava pela noticia da Acclamaçaõ

DO FIDELISSIMO MONARCHA

D. JOSEPH I.

REY DE PORTUGAL,

No Convento de Santo Antonio do Reciffe

Anno de 1751.

Aſſiſtio

O ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.

JOzé Illuſtre! Excellente Jozé! (Divina, e humana Mageſtade! Senhor, naõ repare Voſſa Mageſtade em que eſtando expoſto, e patente neſſe Throno, tiviſſe eu a ouſadia de tomar primeiro venia a Jo-

a Jozé, do que a Voſſa Mageſtade: porque ſe Voſſa Mageſtade eſtá ahi neſſe Throno como Rey: *Chriſtus in Euchariſtia Rex*; tambem he certo eſtá ahi como morto: *Tamquam occiſum*: e como morto o Rey, por direito lhe deve occupar o Throno o herdeiro mais chegado, e Voſſa Mageſtade naõ tem outro herdeiro mais que Jozé, a Jozé, que ja conſiderava no Throno do Rey morto, ſe foraõ hoje todas as minhas attençoens: *Ut putabatur filius Joſeph*) Jozé Illuſtre! Excellente Jozé! Se por Peſſoa taõ grande naſceſtes ja excellente, como filho de David: *Joſeph fili David*; que Excellente Peſſoa naõ ſereis hoje por Pay de Chriſto: *Ut putabatur filius Joſeph*! Por Pay de Chriſto, grande Peſſoa no Ceo, pelo poderoſo do voſſo Patrocinio, pois no Ceo reſpectivo o naõ ha mayor; como vimos todos eſtes dias, e o diz o voſſo devoto Iſolano: *Mortalium inter Patronos apud Deum arbitror Sanctum Joſeph eſſe efficaciorem.* Por filho de David, grande Peſſoa na terra, pelo illuſtre da voſſa aſcendencia; pois por ella nenhum naſceo na terra mais illuſtre que vôs. Aſſim o publica Joaõ Gerſon, outro voſſo grande devoto: *Fuit Joſeph vir dignior, & nobilior inter omnes homines, qui nati ſunt ex ſtirpe Adam.*

E ſe he huma Peſſoa taõ Illuſtre, e Excellente Jozé, que titulo lhe daremos hoje pelo excellente, e illuſtre da ſua Peſſoa? As circunſtancias do tempo, e as

e as excellencias de Jozé me eſtaõ excitando, e aſſim ſupponho o faraõ nos animos dos ſeus devotos, e apaixonados, a que acclamemos hoje a Jozé por noſſo Rey, e Senhor. Aſſim ſerá: por noſſo Rey, e Senhor veremos hoje acclamado a Jozé. E com razaõ; porque ſe o ſer huma Peſſoa a mais illuſtre, e excellente he a melhor condiçaõ para qualquer poder ſer levantado em Rey; quem melhor para Rey do que Jozé, pois he huma Peſſoa a mais excellente, e illuſtre: *Joſeph fili David?* Se o ter hum nome bom he predicado requiſito para hum Principe perfeito; quem mais perfeito para Principe do que Jozé, pois tem hum taõ bom nome: *Cui nomen erat Joſeph?* Se o ſer hum ſujeito dotado da virtude da juſtiça, he attributo neceſſario para hum Monarcha, quẽ mais para Monarcha do que Jozé, pois he por antonomaſia o juſto: *Joſeph autem cum eſſet juſtus?* Eſta ſem duvida foi toda a traça, com que nas tres practicas antecedentes tomei por empenho moſtrar-vos que Jozé era huma Peſſoa a mais illuſtre, e excellente; tinha hum bom nome, e era perfeito juſto: para que movendo-vos aſſim as vontades com taõ ſingulares prendas, achaſſe hoje os voſſos animos diſpoſtos para o intento, que trazia de acclamarmos hoje a Jozé por noſſo Rey, e Senhor. E eſte ſerá todo o empenho deſte devoto, e luzido acto. Veremos o como Jozé eſtá acclamado por

Rey, e Senhor noſſo; o Reyno aonde eſtá, de quem he Rey, e quando foi acclamado. Para tudo nos haõ de dar fundamento as palavras do thema, que ſaõ do Evangelho, que a Igreja applica hoje para a feſta do grande Patrocinio deſte glorioſo Patriarcha: *Ut putabatur filius Joſeph.* Eſte foi o aſſumpto, que me occorreo, e achei mais proprio para as circunſtancias do tempo, e do dia de hoje: porque ſe eſte he o dia, em que a Igreja faz feſta particular ao poderoſo Patrocinio de Jozé; para conhecermos melhor quem ſeja Jozé pelo ſeu Patrocinio, nenhum aſſumpto ha mais proprio do que eſte, em que Jozé ſe ha de ver Rey, e Senhor noſſo. Para as circunſtancias do tempo tambem proprio, pois eſtamos em tempo de acclamaçaõ. As outras, que formos dizendo, cada hum as applicará conforme as entender; humas no ſentido allegorico, outras no ſeu proprio ſentido, e muitas equivocas, ou appropriadas. Tudo poderemos vencer, ſe nos aſſiſtir tambem o Patrocinio de hum Santo, que, por Eſpoſo de Maria, e Pay de Chriſto, teve para tudo toda a graça.

Ave Maria.

POr noſſo Rey, e Senhor temos hoje acclamado a Jozé: e ſe para hum Rey ſer acclamado por tal, ha de ter titulos por onde o poſſa ſer; que titulos terá Jozé por onde poſſa ſer acclamado Rey? Tem todos

dos aquelles, que em rigor de Direito ſaõ neceſſarios, e fundados todos nas breves palavras do noſſo thema: *Ut putabatur filius Joſeph.* He Jozé Pay de Chriſto, e Eſpoſo de Maria, que tudo querem dizer eſtas palavras: e por ambos eſtes titulos podia Jozé ſer acclamado Rey. E primeiramente por Eſpoſo de Maria. S Bernardino de Sena, fundado em certa regra de Direito, e fallando de Jozé, como Eſpoſo de Maria, diz que todos aquelles titulos, e excellencias, que gozava Maria Santiſſima, as lograva tambem Jozé como ſeu Eſpoſo; porque he regra de Direito, que tudo o que he da Eſpoſa, he do Eſpoſo: *Omnia, quæ ſunt uxoris, ſunt viri.* E que titulos tem Maria em quanto ao tratamento da ſua Peſſoa? Tem os titulos de Rainha, e Senhora noſſa: *Maria, id eſt Domina, Regina noſtra.* Logo ſe o que he da Eſpoſa he do Eſpoſo, aonde a Eſpoſa, que he Maria, he Senhora noſſa, e noſſa Rainha; Rey, e Senhor noſſo ha de ſer Jozé, que he o ſeu Eſpoſo. Aſſim o tem o meſmo Direito em outro texto expreſſo: *Reginarum Sponſi in partem Regni vocantur ita ut viris ſuis titulum Regis impertiant.* Quer dizer: Quem jamais cazou com huma Rainha, que naõ foſſe Rey? Quem teve jamais por Eſpoſa a huma Senhora, que ſe naõ chamaſſe tambem Senhor? Logo ſe Maria he noſſa Rainha, Rey, e Senhor noſſo ha de ſer

tambem Jozé, pois he Eſpoſo de Maria: *Reginarum Sponſi in partem Regni vocantur, &c.* Eiſ-aqui o como a Jozé lhe compete o titulo de Rey, e Senhhor, por Eſpoſo de Maria; e iſto meſmo ſe lhe deve por Pay de Chriſto. He Chriſto Rey, e Senhor: *Dominus, & Rex*; he Jozé Pay de Chriſto: *Ut putabatur filius Joſeph*; pois ſeja Jozé tambem Rey, e Senhor.

Senhor de toda a ſua caſa conſtituio lá ao ſeu Jozé o Rey Faraó: *Conſtituit eum Dominum domus ſuæ*: e naõ menos o fez tambem Rey ſegundo, ou Vice-Rey de todo o ſeu Reyno: *Et Principem omnis poſſeſſionis ſuæ.* E nem podia deixar de ſer aſſim: era Jozé Pay de Faraó: eſtava Faraó em lugar de filho, e Jozé em lugar de Pay: *Fecit me Dominus quaſi Patrem Pharaonis*: e como nos Pays recahem, ou reflectem as excellencias dos filhos; ſendo Faraó como filho de Jozé Rey, e Senhor, Senhor, e Rey ha de ſer Jozé como ſeu Pay: *Fecit me Dominus quaſi Patrem Pharaonis: Conſtituit eum Dominum, & Principem.* Iſto, que naquelle Jozé vio já o Egypto, vemos nós aqui em o noſſo Jozé: he Senhor, e Rey o filho de Jozé, que he Chriſto: *Rex, & Dominus*; Rey, e Senhor ha de ſer Jozé, que he ſeu Pay: *Ut putabatur filius Joſeph: Conſtituit eum Dominum. & Principem.*

Ainda para Jozé poder ſer Rey, tem outro titulo mais, e melhor ainda. Porque ſe

ſe os mais foraõ por graça, ou privilegio, eſte he por deſcendencia, e natureza. Por natureza, e deſcendencia he Jozé filho de David: *Joſeph fili David.* E ſe David por deſcendencia, e natureza foi Rey: *David autem Rex*; Rey ha de ſer tambem Jozé, como filho, e deſcendente de David. He Rey o Pay de Jozé, que he David; pois ſeja Jozé, que he ſeu filho, tambem Rey: *Joſeph fili David*: *David autem Rex.*

Eiſ-aqui temos já o como póde Jozé eſtar acclamado em Rey, por todos aquelles titulos por onde hum Rey o póde ſer. Por Eſpoſo de Rainha, por Pay de Rey, e por filho, e deſcendente de Rey. E para que fiqueis na certeza de que Jozé eſtá acclamado Rey, reparai no que naõ ha ainda meya hora aconteceo aqui. Ainda agora naquelle Coro, antes de ſe entrar a eſte ſolemne acto da Miſſa, ouviſtes entoar hum *Te Deum laudamus.* Tambem o eu ouvi, e ſahindo a inquirir a cauſa, naõ achei quem me deſſe a razaõ deſta novidade; ao que eu reſpondi: naõ importa, ſeja o que for; para mim ja ſei o que he: he confirmaçaõ do que temos dito. He para que fiquemos entendidos, que Jozé eſtá acclamado Rey. E porque? Porque o ultimo acto de huma acclamaçaõ, he ſolemnemente o *Te Deum laudamus* em acçaõ de graças. E iſto meſmo he o que nos perſuade o *Te Deum laudamus*, que ha pouco ouvimos, que demos

a Deos

a Deos as graças por nos dar hum tal Rey como Jozé: *Te Deum laudamus*; e que todos proſtrados a ſeus pés, confeſſemos, e reconheçamos a Jozé por noſſo Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur.*

Mas ſe naõ ha Rey ſem Reyno, qual ſerá o Reyno de Jozé? Eu naõ ſei ſe he allegoria, ſe he propriedade, ou ſe he equivocaçaõ do meu diſcurſo; o que ſei he, que Jozé eſtá acclamado Rey. E ſabem donde? Em Portugal. He Portugal o Reyno, donde Jozé eſtá acclamado Rey; porque he Portugal, e foi ſempre o Reyno de Jozé. Bem ſei que me podem dizer, os que tem liçaõ da Eſcritura Sagrada, e ainda os que lem as hiſtorias Seculares, que a Jozé por deſcendente de David, o Reyno que lhe tocava por herança, era o Reyno de Iſrael, e eu tambem aſſim o digo. Pois ſe Iſrael era o Reyno, que pertencia a Jozé, como digo eu agora que em Portugal he que eſtá Jozé acclamado Rey? Por iſſo meſmo. E a razaõ eu ja a apontei aqui da outra vez, pregando nas Exequias do Fideliſſimo, e Auguſtiſſimo Rey Dom Joaõ V. de incomparavel ſaudade, quando diſſe que tanto fazia dizer Porrugal, como Iſrael, e Iſraelitas, como Portuguezes; e juntamente quando diſſe que aſſim como o Reyno de Iſrael era o Reyno de Chriſto, e os Iſraelitas Povo de Deos; aſſim tambem Povo de Deos era o Povo Portuguez, e o Reyno de Portugal Reyno de Chriſto

Chriſto, como o meſmo Chriſto o diſſe ao ſeu primeiro Rey D. Affonſo Henriques, quando pregado em huma Cruz lhe appareceo, e fallou no Campo de Ourique: *Volo in te, & in ſemine tuo imperium mihi ſtabilire.* E agora accreſcentando mais, digo: que por iſſo meſmo que a Jozé pertencia o Reyno de Chriſto, por iſſo meſmo ha de ſer Jozé hoje Rey de Portugal; porque Portugal he com eſpecialidade o Reyno de Chriſto, e como Reyno de Chriſto pertence a Jozé, e ſó a Jozé.

Repara Santo Ambroſio com a ſua coſtumada energia, ou agudeza, que pedindo o bom ladraõ a Chriſto na Cruz o ſeu Reyno: *Domine memento mei dum veneris in Regnum tuum.* Chriſto naõ lhe dera o Reyno em quanto Reyno, ſó lho dera em quanto Paraiſo: *Non de Regno reſpondit, ſed hodie mecum eris in Paradiſo.* Aduvida eſtá percebida: ſe o ladraõ pede o Reyno de Chriſto em quanto Reyno; porque razaõ lho dá Chriſto em quanto Paraizo, e naõ em quanto Reyno: *Non de Regno reſponpondit, ſed hodie mecum eris in Paradiſo?* Para darmosa reſpoſta devemos advertir que naõ falta quem diga que o ladraõ teve para ſi que Chriſto temporalmente havia reinar em Iſrael, aſſim como tambem ſe enganaraõ os filhos de Zebedeo: outros dizem, e he o commum, que o Reyno, que pedia o ladraõ, era o Reyno do Paraiſo, ou da Gloria. Tambem

de

devèmos notar que Chriſto teve dous Reynos: hum eſpiritual, que he o da Gloria, ou Paraiſo, e outro temporal, que era o de Iſrael. Agora vai a reſpoſta de Chriſto, como confirmaçaõ do dito, e como quem com ella tirava a Dimas toda a equivocaçaõ do que pedia. Se tu, ó Dimas, me pedes o meu Reyno eſpiritual, a minha Gloria, ou o meu Paraiſo; neſte naõ tenho duvida tenhas entrada: *Hodie mecum eris in Paradiſo*: mas o meu Reyno temporal, o Reyno de Iſrael, eſſe naõ to poſſo eu dar: *Non de Regno reſpondit*. E porque? Porque no Reyno de Iſrael, em quanto Reyno de Chriſto, eſtava figurado o Reyno de Portugal, que tambem he Reyno de Chriſto: *Imperium mihi*; e o Reyno de Portugal, em quanto Reyno de Chriſto, de tal ſorte pertence a Jozé, que ſe naõ dá a outro ſe naõ a Jozé: *Non de Regno reſpondit*. Mais adiante diremos o mais, que falta.

He logo Portugal o Reyno de Jozé: he logo Jozé Rey de Portugal. E ja agora podemos ſaber tambem que he Jozé hum tal Rey, que, como Rey de Portugal que he, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores. Porque ſe o ſer Rey de Reys, e Senhor de Senhores, he pôr em hum Reyno Reys da ſua maõ, e ter da ſua maõ os Reys deſte Reyno; tudo iſto tem Jozé em Portugal: tem de ſua maõ aos ſeus Reys, e pôs tambem Reys da ſua maõ. Eſe naõ diga o Portugal: mas Jozé o dirá

dirá primeiro: *Per me Reges regnant, & per me Principes imperant*: Por mim, diz Jozé, e bem o pode dizer, por mim reynaõ os Reys em Portugal: *Regnant*: e por mim tem imperio em Portugal os ſeus Principes: *Imperant*: e poderá iſto ſer aſſim? Reſponda Portugal agora, e elle dirá o como he iſto. E que dirá Portugal? Dirá que, para o livrar do cativeiro de Caſtella, lhe deo S. Jozé aquelle ſeu famoſo libertador, o Senhor Rey D. Joaõ IV. que para Reſtaurador de Portugal naſceo em dia de S. Jozé. E ſe iſto he dar Jozé Reys, e Senhores a Portugal, e pôr em Portugal Senhores, e Reys da ſua maõ; iſto he ſer Jozé em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Aſſim ſe fez Jozé em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores dando Reys a Portugal, e aſſim ſe confirma Rey, e Senhor dos Senhores Reys de Portugal, obrigando-os por eſtes beneficios a que lhe paguem feudos, e rendaõ vaſſallagem, como Reys, que eſtaõ da ſua maõ. Que outra couſa ſaõ os cultos, as veneraçoens, os obſequios, e honras, que conſagraõ todos os annos a S. Jozé os Reys de Portugal, ſenaõ humas obrigaçoens voluntarias, com que ſe reconhecem ſubditos, e vaſſallos de S. Jozé? Elles aſſim ſe fazem vaſſallos de Jozé, e Jozé, por ter taes Reys por vaſſallos, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores. Mas paremos aqui, e notemos acerca diſto huma eſ-

peculaçaõ curioſa.

Eſta a que chamamamos vaſſallagem dos Reys de Portugal a S. Jozé ſuppõem duas couzas: ſuppõem hum beneficio, e ſuppõem hum agradecimento: ſuppõem hum beneficio, com que Jozé penhorou a Portugal, e ſuppõem hum agradecimento, comque Portugal ſe deſempenhou para com Jozé. Agora pergunto: e o beneficio por quem começou? Começou pela Mageſtade do Senhor Rey Dom Joaõ o IV.; porque nelle deo S. Jozé Reys a Portugal. E por quem começou o agradecimento? Começou pela Mageſtade do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto; porque por eſte grande Rey começou em Portugal a devoçaõ do Senhor S. Jozé. Oh Rey ſempre grande! Sè grande por Rey de Portugal como Joaõ; como Quinto ainda mayor que aquelle Joaõ em quanto IV.

Daquelles quatro Eſpiritos, que vio Ezequiel, em que primeiro ſe figuravaõ varios Reys, e Monarchas do Mundo, naõ ſó foi a Aguia a mais favorecida de Deos; porque a eſta por Aguia ſe lhe deo a Coroa: tambem foi a mais agradecida, pois como Aguia generoſa ſoube levantar-ſe e elevar-ſe toda em Deos: *Deſuper*: mas he de notar, que fallando deſta Aguia Ezequiel humas vezes lhe dá o quarto lugar; porque com os tres diz faz o numero de quatro: *Similitudo quatuor animalium*: outras vezes moſtra ſer o Quinto no lugar em que eſtá; porque diz que ſaõ qua-

quatro os ſobre que voa: *Deſuper ipſorum quatuor.* E pois como aſſim? A Aguia, que ſempre he a meſma, ha de chamar-ſe alli Quarto, e Quinto? Sim. E porque?

Porque naquelles Eſpiritos eſtavaõ figurados tambem os quatro Evangeliſtas, dos quaes na Aguia eſtava ſignificado Joaõ. Pois ſeja Joaõ o Quarto, e ſeja Joaõ o Quinto: ſeja Joaõ o Quarto quando na Coroa recebe favores; e ſeja Joaõ o Quinto quando ſabe agradecer favores pela Coroa. Mas por iſſo meſmo, que os ſabe agradecer como Quinto, fique ſuperior a Joaõ, quando os recebe como Quarto: *Deſuper ipſorum quatuor.* Do Senhor Rey Dom Joaõ o Quarto foraõ os empenhos, em que S. Jozé o pôs; do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto foraõ os deſempenhos para com S. Jozé. Receber favores no Reyno, e lográ-los iſſo foi para Joaõ o Quarto; pagar favores recebidos pelo Reyno, iſſo foi para Joaõ o Quinto. Por iſſo como Quinto fique ſuperior a Joaõ como Quarto: *Deſuper ipſorum quatuor.* E por iſſo, como hiamos dizendo, ſe ſó para eſte Rey ſe guardou a devoçaõ de S. Jozé; ſe elle foi o primeiro, que reconheceo a Jozé eſta vaſſallagem; por elle começou tambem Jozé a ſer em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Aſſim he, ja naõ temos duvida que he Jozé Rey de Reys, e Senhor de Senhores, como Rey que he de Portugal. Mas quando tomaria Jozé a

poſſe deſte Reyno? Quando ſeria acclamado Rey de Portugal? O dia naõ o pude addivinhar: mas poſſo ſeguramente aſſignar o tempo. Tomou poſſe Jozé do Reyno de Portugal, entrou na poſſe deſte Reyno, quando no meſmo Reyno faltou hum Joaõ, que nelle occupava o lugar de Quinto; e aſſim depois de hum Joaõ o Quinto, temos hoje hum Jozé Primeiro. E aſſim havia de ſer; porque o ſer Jozé o primeiro no Reyno de Portugal, depois de Joaõ o Quinto, eſtava determinado deſde que Portugal começou a ſer Reyno de Chriſto.

Já diſſemos, que o Reyno de Portugal começou a ſer Reyno de Chriſto, quando o meſmo Chriſto pregado em huma Cruz deo o titulo de Rey, e a inveſtidura do Reyno ao noſſo primeiro Monarcha D. Affonſo Henriques; aſſim como tambem o Reyno de Iſrael, em que o de Portugal eſtava figurado, na Cruz he que começou a ſer Reyno de Chriſto: *Si Rex Iſrael eſt, deſcendat de Cruce.* Agora notem o que aconteceo no Calvario no dia deſta poſſe.

Acharaõ-ſe alli ſeis Peſſoas, e todas com pertençoens áquelle Reyno. Achava-ſe Chriſto, que actualmente eſtava de poſſe delle, e era a primeira; achava-ſe Maria Santiſſima, e era a ſegunda; achava-ſe Maria Cleophas, e era a terceira: Maria Magdalena, e era a quarta; e em quinto lugar o Evangeliſta S. Joaõ. Aſſim, e por eſta ordem os

os põem alli o meſmo Evangeliſta : *Stabat juxta crucem Jeſu*, ahi o primeiro : *Mater ejus*, o ſegundo : *Et ſoror matris ejus*, *Maria Cleophe*, o terceiro: *Et Maria Magdalene*, o quarto : *Vidit & diſcipulum ſtantem*, e eis-ahi o quinto: achava-ſe finalmente o bom ladraõ, que a vozes pertendia o meſmo Reyno: *Domine memento mei, dum veneris in Regnum tuum.* Já diſſemos, com Santo Ambroſio, que dando Chriſto ao bom ladraõ o Reyno, que lhe pedia; naõ lho dera com titulo de Reyno, e ſó lho dera com nome de Paraiſo : *Non de Regno reſpondit, ſed hodie mecum eris in Paradiſo* : e a razaõ foi ; porque naquelle Reyno, em quanto Reyno de Chriſto, eſtava ſignificado o Reyno de Portugal; e o Reyno de Portugal, em quanto Reyno de Chriſto, naõ ſe dava a outrem ſenaõ a Jozé: e a razaõ deſta razaõ a daremos agora. Naõ deo Chriſto o ſeu Reyno a Dimas, porque para Dimas entrar naquelle Reyno, havia entrar depois de Joaõ, que alli eſtava em quinto lugar; vindo a ficar aſſim ſendo Dimas o primeiro depois de Joaõ, que era o quinto. E ſer o primeiro depois de Joaõ o Quinto, no Reyno de Chriſto, ou no Reyno de Portugal, iſto, depois que começou a ſer Reyno de Chriſto, eſtava reſervado para Jozé. Valha-me Deos, que uaõ ſei com quem fallo aqui, ou daqui até onde, e para quem me arrebata o penſamento, com que fallo! O certo

certo he que eſtou fallando do noſſo Jozé, como Rey de Portugal, e como quem eſtava determinado deſde que Portugal foi Reyno de Chriſto para tomar a poſſe delle, depois que nelle faltaſſe hum Joaõ, que era o quinto. Para que viſſemos aſſim, que por eſte grande Rey, e Quinto Joaõ começou Jozé a ſer Rey em Portugal, e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Eſte foi o tempo, em que Jozé, como Primeiro do nome ſe acclamou Rey em Portugal, quando em Portugal faltou hum Joaõ, que no nome era o quinto. Mas oh! E que ſe ſegue agora? Seguem-ſe as mayores glorias de Portugal, e para Jozé tambem as ſuas glorias mayores. A mayor gloria para Jozé, por ſe ver em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores. A gloria mayor, que teve aquelle Jozé do Egypto, foi quando ſonhou que o Sol, a Lua, e as Eſtrellas o adoravaõ como Rey: *Vidi per ſomnium quaſi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Numquid Rex noſter eris?* Nem podia deixar de ſer aſſim: no Sol, Lua, e Eſtrellos eſtaõ ſymboliſados os Senhores, os Grandes, e os Reys: e ver-ſe Jozé Rey de Reys, e Senhor de Senhores, nas Eſtrellas, Lua, e Sol, que via a ſeus pês, foi para Jozé toda a ſua gloria. Diſto meſmo ſe gloriava elle muito, quando vio verdades no Egypto, o que em Hebron tinhaõ ſido ſonhos: *Nuntiate Patri meo, gloriam meam.* E ſe

E ſe para Jozé he gloria grande, e toda a ſua gloria, o ver-ſe em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores; que gloria naõ ſerá para Portugal o ver-ſe hoje com hum tal Rey como Jozé! Certamente que neſte Jozé tem Portugal hum Rey para o exaltar, para o engrandecer, e para ter com elle, e por elle muitas glorias, grandes augmentos. Jozé quer dizer augmentos, e mais augmentos: *Joſeph accreſcens, Joſeph accreſcens, Joſeph augmentum.* E ſeraõ taes os augmentos em Portugal com eſte Jozé por Rey, que o Rey paſſará a Imperador certamente, e o Reyno ſem duvida chegará a ſer Imperio: *Imperium mihi.*

E ſe toda eſta gloria tem vindo, e ha de vir ainda a Portugal por Jozé; que mais podiamos nós dizer hoje do Patrocinio de Jozé, do que dizermos que he Rey de Portugal? Porque ſe o ſeu Patrocinio he taõ poderoſo para os de fóra, e para os eſtranhos, o que naõ ſerá para os Portuguezes, que ſaõ ſeus vaſſallos, e para o Reyno, que, como Reyno de Chriſto, he tambem hoje Reyno de Jozé: *Ut putabatur filius Joſeph.*

Excellentiſſimo Senhor: ſe he grande a gloria dos Portuguezes, e de todos os vaſſallos deſte Reyno, o terem hoje hum Rey, e Senhor como Jozé; naõ he menos gloria eſta para voſſa Excellencia, pois he hum dos melhores vaſſallos deſte Rey. Em toda a parte do Reyno de Por-

Portugal ſe póde Voſſa Excellencia gloriar de que teve ſempre muito da ſua parte o Patrocinio deſte grande Rey, do Senhor S. Jozé: mas fique Voſſa Excellencia na certeza de que a gloria toda de ter em ſeu favor todo o Patrocinio do Senhor S. Jozé, ſó em Pernambuco a veyo Voſſa Excellencia perfeitamente gozar. Eu me explico com hum paſſo da Sagrada Eſcritura, que mais parece Profecia, do que prova do que digo, e eſtamos vendo.

Oſtendam tibi gloriam meam; ponam te in foramine petræ, & protegã dextera mea, & poſteriora mea videbis. O' lá Moyſés, (dizia Deos hum dia fallando a eſte famoſo homem) Quando te eu puzer por Governador, e Capitaõ General do meu Povo, lá ſobre a abertura de huma pedra: *Ponam te in foramine petræ*; entaõ te moſtrarey a minha gloria, e terás a gloria de ver ſobre ti todo o poder do meu Patrocinio: *Oſtendam tibi gloriam meam, & protegã dextera mea.* Eu naõ ſey ſe cumprio Deos, ou naõ a Moyſés eſta promeſſa; porque aindaque acho a Moyſés cõſtituido por Deos Governador, e Capitaõ General do ſeu Povo, e favorecido grandemente pelo poderoſo braço do Patrocinio do Senhor, com tudo como naõ acho na Eſcritura aquelle: *Foramine petræ*, lugar determinado por Deos para dar a Moyſés o que lhe promettia, fica-me tambem lugar para dizer que a Moyſés ſe fez a promeſſa, e em

em Voſſa Excellencia ſe cumprio a Profecia, e iſto pelo nome de Voſſa Excellencia, e pelo lugar, em que eſtá.

Eſtá Voſſa Excellencia conſtituido Governador, e Capitaõ General deſte Eſtado de Pernambuco: pois eiſ-ahi eſtá tambem o *Foramine petræ* de Moyſés. *Foramine petræ* naõ quer dizer outra couſa mais que *Pedra furada*, ou *Abertura de pedra*, e eſte he o nome proprio de Pernambuco, que na lingua da terra he *Paranambue*, que que quer dizer *Pedra furada*; nome que deraõ os naturaes a eſte lugar, por aquelles Arreciffes, que alli o cercaõ, e por entre cujas aberturas entraõ, e ſahem as agoas nas ſuas enchentes, e vazantes. Eſte he Pernambuco, e aqui eſtá Voſſa Excellencia poſto: *Ponam te in foramine petræ.*

He o nome de Voſſa Excellencia Luiz Jozé, e eſte meſmo por anagramma puro, e legitimo he o que diz o nome: *Moyſés*. Eſte nome *Moyſés*, conſta de ſeis letras, e na primeira, que he hum M, e na ultima, que he hum S., temos o primeiro nome de Voſſa Excellencia, que he Luiz. Eſta letra M. eſcrita como ſe deve eſcrever, que he em letra de fórma, ou de boa fórma, compõem-ſe de tres letras; porque ſe compõem de huma haſtea, que fica para a parte direita, e de outra haſtea para a parte eſquerda, as quaes apartadas fica no meyo hum U. perfeito: na haſtea da parte direita temos hum perfeito L., na haſtea

da parte eſquerda tãbem temos hum I. perfeito: agora ajuntando o L. primeiro com o U. do meyo, o I. do fim com o S. ultimo de Moyſés, faz o nome primeiro de Voſſa Excellẽcia que he LUIS, de Moyſés tirado o M. do principio, e o S. do fim ficaõ neſte meyo quatro letras, que ſaõ hum I. hum O. hum S. que faz as vezes de Z, e hum E, que juntas dizem JOZE' ficando aſſim o nome Moyſés, por anagrãma puro, dizendo LUIS JOZE.

Ainda mais: Moyſés quer dizer homem, que foi tirado das correntes do Rio Nilo para Governador do Povo de Deos: *Moyſés, id eſt ab aquis extractus*. Para Governador deſte Povo, que, por Portuguez todo, hé todo de Deos, foi Voſſa Excellencia tirado das agoas deſte Oceano. Agora ouça Voſſa Excellencia o que lhe diz o Senhor S. Jozé, que faz aqui as vezes de Deos: porque ſe Deos, como Supremo Monarcha do Reyno de Iſrael, foy o que conſtituio a Moyſés por ſeu Governador; o Senhor S. Jozé, como Rey dos Senhores Reys de Portugal, foy o que influio no Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, para que conſtituiſſe a Voſſa Excellencia por Governador deſte Eſtado: ouça pois Voſſa Excellencia, o que lhe diz o Senhor S. Jozé.

Quando eu puzer ao Moyſés Portuguez, a Luiz Jozé, por Governador, e Capitaõ General em Pernambuco: *Ponam te in foramine petræ*; entaõ verá toda a minha gloria, ou terá a gloria de

de experimentar todo o poder do meu Patrocinio: *Oſtendam tibi gloriam meam,& protegam dextera mea.* Huma gloria,e muitas glorias,promette aqui o Senhor S. Jozé a Voſſa Excellencia: huma gloria para antes: *Oſtendam tibi gloriam meam,*e muitas glorias para depois: *Poſteriora mea videbis*: A gloria de antes, foi a que teve Voſſa Excellencia, quando por influxo do Senhor S. Jozé, e pelo Senhor Rey D. Joaõ o Quinto foi Voſſa Excellencia conſtituido Governador em Pernambuco; que por iſſo ſe põem aqui eſta gloria primeiro que o lugar de Pernambuco em que eſtá Voſſa Excellencia: *Oſtendam tibi gloriam meam*; *Ponam te in foramine petræ.* As glorias para depois, ſaõ as que ha de ter Voſſa Excellencia quando pelo Senhor S. Jozé, como Rey dos Senhores Reys de Portugal, ou pelo noſſo Monarcha Portuguez o Senhor D. Jozé o Primeiro ha de ficar Voſſa Excellencia confirmado outra vez, e conſtituido muitos annos por Governador deſte Eſtado, para augmento, exaltaçaõ, e gloria de Pernambuco,como no nome de Voſſa Excellencia eſtá ſignificado: *Joſeph accreſcens*; *Joſeph augmentum*: E para que de Pernambuco ſaya Vaſſa Excellencia para outros cargos mais augmentados, e para outros empregos de mayor gloria. E para que depois de todas eſtas glorias, tenha a ultima de todas, que he entrar com o Senhor S. Jozé na poſſe do Reyno de

Chriſto, ou de Jozé, que he a meſma gloria : *Poſteriora mea videbis* : *Oſtendam tibi gloriam meam* : *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens.* Amen.

FONTE V.

NASCE DO V. 2. E 16. CAP. I. ECCL.

Ego Eccleſiaſtes fui Rex Iſrael in Jeruſalem... Ecce magnus effectus ſum; & præceſſi omnes ſapientiâ, qui fuerunt ante me; & mens mea contemplata eſt multa ſapienter.

E com as ſuas myſticas agoas entra a augmentar as deſta primeira corrente em huma Oraçaõ Funebre nas Exequias

DO GRANDE, E FIDELISSIMO REY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.

No Convento de Santo Antonio do Reciffe aos 12. de Dezembro de 1750.

Com aſſiſtencia

DO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.

MOnumẽto triſte, o que ſuſtentas? Urna funeſta, qual he o teu depoſito? Mauſoléo funebre, de quem es memoria? Que es memoria de huma Mageſtade defunta, iſſo inculca eſſa tua,

tua, ao meſmo tempo que grande, enlutada pompa. Que es depoſito de hum Ceptro arraſtado, iſſo vêm os noſſos olhos. Que ſuſtentas huma Corôa cahida; iſſo percebe a noſſa viſta. Mas a cabeça, de donde cahio a Coroa; a maõ, que largou o Ceptro, e a Mageſtade, que inculcas defunta; nem tu por inſenſivel o ſaberás dizer, nem o noſſo ſentimento o poderá ouvir. Iſto he o que eſtá moſtrando em ti, entre tantas luzes tantas ſombras, entre tantos rayos tantas trevas, e tanto ſilencio entre tantas linguas. Mas ja que as tuas ſombras offuſcaõ as tuas luzes, ja que as tuas trevas eſcurecem os teus rayos, e ja que o teu ſilencio embaraça as tuas linguas; ouve outra vez o repetido eco das minhas vozes, que ainda que enfraquecidas pela mágoa, quebradas pela dôr, e confuſas pela perda, talvez exporâõ articuladas, o que tu callas immudecido.

Eſſa Coroa, que vês cahida; eſſe Ceptro, que diviſas arraſtrado, e eſſa Mageſtade, que admiras defunta, he Mageſtade, he Ceptro, e he Coroa de hum Rey, que ja o foi: *Fui Rex.* Mas adverte que foi hum tal Rey, que elle ſó póde dizer que o foi: *Fui Rex.* Hum Rey, que entre todos, os que lhe precedêraõ, elle ſó foi o Rey Grande: *Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes, qui fuerunt ante me.* Mas ſe, porque foi ſómente Rey, o naõ conheces ainda, porque muitos ha, que foraõ Reys; ſe, porque foi hum Rey Grande, ain-

ainda o naõ alcançás, porque muitos ſe quizeraõ fazer tambem Grandes Reys; olha para o Reyno, em que o foi, attende para o povo, de quem foy Rey, que certamente o conhecerás: *Fui Rex Iſrael in Jeruſalem*, que val tanto, como diremos logo: Fui Rey de Portuguezes em Portugal. Rey de Portuguezes? Rey mayor, que todos os que lhe precederaõ? Rey Grande em Portugal? Por mais que as tuas ſombras, ó Tumulo laſtimoſo, o queiraõ occultar; por mais que o teu ſilencia, ó Eça lamentavel, o naõ ſaiba dizer; a noſſa grande veneraçaõ, o noſſo ſingular affecto, e a ſua ſaudoſa memoria eſtaõ publicando que ahi ſe depoſita a Mageſtade ſuſpirada d' El-Rey D. Joaõ V., ou o Grande, de Portugal.

Ja agora, Rey, e Senhor noſſo, ja agora conhecemos todos que o theſouro deſejado, a perola perdida, que ſe depoſita neſſe horroroſo cófre, he a memoria viva de Voſſa Mageſtade defunto: porque, álêm de o conhecermos aſſim, aſſim o eſtá publicando o noſſo grande ſentimento. Naõ houve vaſſallo de Voſſa Mageſtade, de qualquer eſtado, ou condiçaõ que foſſe, que naõ ſentiſſe, e ſentiſſe muito a ſua morte; que naõ choraſſe, e choraſſe com exceſſo a ſua falta. Faltou a todos hum Rei taõ Grande, como Voſſa Mageſtade: grande devia ſer o ſentimento em todos. Quando Chriſto morreo na Cruz, ſentiraõ geralmẽte, e ſentiraõ muito a ſua morte as creaturas todas; raſ-

raſgou-ſe o véo do Templo: *Velum Templi ſciſſum eſt*, eſcureceo-ſe o Sol: *Obſcuratus eſt Sol*, quebraraõ-ſe as pedras: *Petræ ſciſſæ ſunt*. Eſtes foraõ os generos de creaturas, que ſentiraõ, e muito, a morte de Chriſto, e a razaõ de ſerem eſtes, foy porque neſtes tres generos de creaturas eſtaõ ſignificados todos os eſtados de peſſoas, de que ſe compõem hum Reyno. Compõem-ſe hum Reyno de Eccleſiaſticos, de Nobres, e de Plebeos, e todos eſtes ſentiaõ muito a morte de Chriſto. Por parte do eſtado Eccleſiaſtico ſentio, e ſentio muito; porque ſe raſgou o véo, a quem a ſua ſorte deo o primeiro lugar em o Templo: *Velum Templi ſciſſum eſt*. Por parte do eſtado dos Nobres ſentio, e ſentio muito; porque ſe eſcureceo o Sol, a quem a ſua luz deo o eſplendor para a ſua nobreza: *Obſcuratus eſt Sol*. Por parte do eſtado da Plebe ſentio, e ſentio muito; porque ſe quebraraõ as pedras, a quem a ſua fortuna pôs no humilde da terra: *Petræ ſciſſæ ſunt*. Mas aſſim havia de ſer, que ſentiſſem, e ſentiſſem muito a morte de Chriſto todos os eſtados: era Chriſto naõ ſó o Rey de todos: *Si Rex Iſrael es*, mas o ſeu Grande Rey: *Rex Régum*; e na falta de hum Rey Grande, grande deve ſer o ſentimento em todos.

Matth. 27. 51. Luc. 23. 45. Matth. ibid.

Todos, Senhor, ſentimos, e ſentimos como devemos; porque ſentimos muito a morte de Voſſa Mageſtade. Os Eccleſiaſticos, os Nobres, e os Plebeos.

beos. O Eſtado Eccleſiaſtico ſentio, e ſentio tanto, q̃ ſe naõ ſe lhe raſgou o véo exterior, partio-ſe-lhe no interior a alma, que he a vida do ſentimento; porque em Voſſa Mageſtade lhe faltou a ſua Regia, e melhor Protecçaõ: *Velum Templi ſciſſum eſt*; e raſgou-ſe em duas partes de alto abaixo: iſto he, do mayor ao menor: *Sciſſum eſt in duas partes à ſummo uſque deorſum*; porque naõ ſó o ſentio em commum todo eſſe grande Eſtado Eccleſiaſtico, como tambem em particular o ſentio, e talvez mais q̃ todos, o Eſtado Menor, ou dos Menores, a Religiaõ Franciſcana toda; porque em Voſſa Mageſtade perdêo tudo, e mais que todos. Mais que todos; porque em Voſſa Mageſtade perdêo Rey, perdêo Patraõ, perdêo Bemfeitor, perdêo Pay, perdêo Amigo, e perdêo tudo; porque tudo perdêo, quando perdêo a Voſſa Mageſtade: *Velum Templi ſciſſum eſt in duas partes à ſummo uſque deorſum.* O Eſtado dos Nobres ſentio, e ſentio de tal modo, que ſe naõ ſe lhe apagou de todo a luz, aſſombrou-ſe-lhe de alguma ſorte o eſplendor; porque em Voſſa Mageſtade lhe faltou aquelle Regio Sol, que mais o illuſtrava: *Obſcuratus eſt Sol.* O eſtado da Plebe ſentio, e ſentio de tal ſorte, que, ſe naõ eſtalou de dor, partio-ſe de magoado; porque em Voſſa Mageſtade lhe faltou huma grande porçaõ daquella Real ſubſtancia, que lhe dava alento: *Petræ ſciſſæ*

O *ſunt.*

ſunt. Todos em fim ſentimos, e ſentimos com exceſſo a falta de Voſſa Mageſtade; porque álèm de perdermos em Voſſa Mageſtade hum Rey, que foy para todos, perdemos por iſſo meſmo hum Grande Rey: e na falta de hum Rey Grande, grande deve ſer o ſentimento em todos.

Eſte he todo o objecto triſte deſta preſente acçaõ; eſte he o empenho todo funebre do meu diſcurſo neſta hora. Depois de exprimir o ſentimento grande, a pena exceſſiva, e a dor ſem medida, que nos acompanha a todos pela morte do noſſo Grande Rey; ſegueſe fazermos publicas ao mundo aquellas Reaes prendas, que o fizeraõ hum Rey Grande. Para taõ grande, como ſentido aſſumpto, as palavras, que me occorreraõ mais proprias, naturaes, ou quaſi profeticas, foraõ as que já referi ao principio, e ſaõ do Cap. 1. daquelle famoſo livro, que compoz Salomaõ, chamapô do ſeu proprio nome Eccleſiaſtes, no qual eſte Rey ſe deſcreve a ſi, naõ ſó como Rey, que foy: *Fui Rex*, mas como quem foy, entre todos, o mayor Rey, ou o Rey Grande: *Ecce magnus effectus, ſum, & præceſſi omnes.* Mas porque naõ baſta que hum diga de ſi, que he grande, ſe naõ moſtrar com obras, e acçoens o porque o he; com que acçoens, e com que obras moſtraria Salomaõ que foy Grande Rey: *Ecce magnus effectus ſum?* As ſuas ultimas palavras

vras o dizem admiravelmente, que saõ humas como causaes das primeiras: *Mens mea contemplata est multa sapienter.* Porque fuy hum Rey naõ só sabio, mas o mais sabio de todos, os q̃ me precederaõ: *Præcessi omnes sapientiâ, qui fuerunt ante me*; porque, rudo, quanto obrey, o fiz com huma contemplaçaõ a mais sabia, discreta, e acertada: *Mens mea contemplata est multa sapienter*: por isso fuy hum Rey mayor que todos; por isso fuy Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes sapientiâ, qui fuerunt ante me.* Estas palavras disse-as Salomaõ pela sua Pessoa; mas o nosso discurso mostrará que o espirito, ou alma dellas encheo, e desempenhou cabalmente o nosso Monarcha. As obras de Salomaõ compuzeraõ esta letra para Texto Sagrado; as acçoens do nosso Monarcha lhe darâõ a alma, ou espirito para Epitafio Real da sua sepultura. Para tudo isso naõ necessitamos, nem de authoridade, nem de exposiçaõ; porque a melhor exposiçaõ haõ de ser as suas mesmas obras, e a authoridade mayor he a da propria fama, que, já com as suas vozes, já com as suas pennas, lhe tem appropriado por estas acçoens o nome de Grande. E supposto foraõ as acçoens, as que lhe deraõ este Grande nome; como antes deste teve tambem Salomaõ o de Ecclesiastes demonstrado com este notavel pronome: *Ego*; comecemos por este,

que elle nos moſtrará melhor o que diremos daquelle.

Naõ quero porêm, que eſte meu diſcurſo tenha outro nome, ou titulo, mais que o de huma Oraçaõ funebre: e porque, como Oraçaõ que he, deve conſtar de pontos, ou partes; ſeraõ as partes, e os pontos della tantos, quantos ſaõ tambem os pontos, ou partes da primeira Oraçaõ do meu thema: *Ego Eccleſiaſtes fui Rex Iſrael in Jeruſalem.* Naõ excitaremos duvidas, nem formaremos reparo, nem uzaremos de outros tropos, ou figuras, que ſe permittem nos diſcurſos panegyricos; porque neſte, como Oraçaõ que he, faremos muito por levantar o penſamento ao mais alto, a que puder ſubir a ſua capacidade, para ponderar, meditar, ou contemplar as acçoens mais notaveis do noſſo Monarcha, tocando ſó de paſſagem aquelles Textos da Eſcritura, que occorrerem para authorizar os pontos deſta Oraçaõ. Comecemos pelo primeiro.

Ego, Eu, diz Salamaõ. Com a demonſtraçaõ deſte pronome, diſſe eſte Sabio Rey de ſi tudo, quanto podia dizer em ordem ao illuſtre da ſua Peſſoa, á nobreza do ſeu ſangue, e á ſua Real deſcendencia: *Ego*, Eu ſou Salomaõ, hum Rey Grande, hum Rey mayor que todos os Reys; porque eu venho naõ ſó de Reys, mas dos mayores Reys; porque eu ſou por deſcendencia, e communicaçaõ da Real Tribu da Caſa de Judá. Tribu ſempre Real deſ-

deſde o ſeu principio. Tribu ſempre Regio pela ſua communicaçaõ. E aſſim digo bem, que em quanto á minha Peſſoa, ao meu ſangue, e á minha nobreza, eu ſou Salomaõ: *Ego*, que foy o meſmo que dizer: Eu ſou quem ſou: eu ſou como nenhum; eu ſou melhor que todos: *Ego*. Deſta fraze uſou Salomaõ para dizer de ſi o que era, e com muito acerto; porque deſta meſma uſou o proprio Deos, quando mandando a Moyſés por Embaixador a Faraó, lhe diſſe aſſim: Diras Moyſés a eſte Rey intruzo, que Eu ſou o que ſou: *Ego ſum qui ſum*; porque na grandeza, nobreza, e excellencia nenhum he como eu: eu ſou mayor, e melhor que todos; porque eu ſou Deos por natureza, e eu ſou Deos por communicaçaõ, ſempre Deos por eſſencia da minha Divina Natureza, e Deos ſempre por cõmunicaçaõ com Peſſoas Divinas; e aſſim nenhum mayor, nem melhor que eu: porque aſſim Eu ſou o que ſou: *Ego ſum qui ſum*. Nem Deos podia dizer mais de ſi, e nem de ſi podia dizer melhor Salomaõ; e bem póde dizer tambem o noſſo Monarcha: Eu ſou quem ſou; eu ſou ElRey D. Joaõ o V. *Ego*; Eu ſou mayor que todos; eu ſou hum Rey Grande; porque por deſcendencia, e communicaçaõ, eu venho naõ ſó de Reys, mas dos mayores Reys: porque eu ſou do Real Tronco da Caſa de Bragança. E quem naõ ſabe, que a Caſa de Bragança, por deſcendencia, e commu-

municaçaõ, vem naõ ſó de Reys, mas dos mayores, e melhores Reys?

Foraõ primeiros Fundadores da Caſa de Bragança o Senhor D. Affonſo, e Dona Britès Pereira. Era eſta Senhora filha do incomparavel D. Nuno Alvares Pereyra, ſegundo Condeſtavel do Reyno de Portugal, e por aqui de Reys, e Grandes Reys; porque dos antigos de Leaõ, e Lombardia. Foy o Senhor D. Affonſo filho delRey D. Joaõ o I., chamado o Meſtre de Aviz, e aſſim vinha a ſer o Senhor D. Affonſo nono neto do famozo Rey D. Affonſo Henriques, primeiro Fundador do Reyno de Portugal. Foy ElRey D. Affonſo Henriques filho do Conde Henrique, a quem, por caſar com Dona Thereza ſua filha legitima, deo ElRey D. Affonſo VI de Caſtella em dote as terras de Portugal com titulo de Condado. Foy o Conde Henrique neto de Roberto I. Conde de Borgonha, e eſte ſegundo, e terceiro neto de Roberto, e Hugo Capeto, Reys de França, os mais nobres, e illuſtres daquella Monarchia. E ſe taõ Regias, como iſto, ſaõ deſde o ſeu principio as raizes, de que brotou por deſcendencia o Real Tronco da Caſa de Bragança; por communicaçaõ engroſſou de tal ſorte eſte tronco, que nenhum he tambem taõ alto, e Regio como elle; pois para a Real Caſa de Bragança tem dado Rainhas as mayores Coroas da Europa, e para

ra todas ellas tem tambem dado Rainhas a Caſa de Bragança. E ſe taõ grandemente Regio como iſto he o Real Tronco da Caſa de Bragança; ſendo o noſſo ſaudozo Monarcha hum dos mais altos ramos deſte Tronco Regio, bem póde dizer: Eu ſou D. Joaõ V., Eu ſou hum Rey Grande, Eu ſou mayor que todos; porque pelo illuſtre da minha Peſſoa, pela nobreza do meu ſangue, e pela minha Real deſcendencia; Eu ſou como nenhum, *Ego. Ecce magnus effectus ſum.*

Iſto he pelo commum da Caſa, ou do Tronco do Noſſo Monarcha. E ſe atttendemos agora mais para o particular da ſua Real Peſſoa, ainda he mais que iſto; pois teve a ſorte imcomparavel de ter por Conſorte, e unir a eſte Tronco Regio a mellior flor de toda Alemanha, a Senhora D. Maria Anna de Auſtria, taõ Illuſtre, taõ Nobre, e taõ Regia, como a que he Neta de Imperador, Filha de Imperador, e Irmãa de Imperadores. Neta do Grande Imperador Fernando, Filha do Grande Imperador Leopoldo, e Irmãa de dous Imperadores tambem Grandes, Jozé Ignacio, e Carlos VI., Rainha ſempre Grande, como Eſpoza do mayor Rey, e muito Grande, como Rainha Mãy, que he do noſſo Auguſto, e Reinante Monarcha, Rey Grande, como Filho de taõ Grandes Pays, e Rey, que ſerá muitas vezes Grande, como o eſtá promettendo a ſingularidade tambem Grande do

ſeu

ſeu novo, e Auguſto Nome: *Filius accreſcens Joſeph*; *Filius accreſcens*. Ou, para concluir melhor, digamos Rey Grande huma vez, como Filho de hum Grande Rey: *Filius accreſcens*; Rey Grande outra vez, como Filho de huma Rainha tambem Grande: *Filius accreſcens*; e muitas vezes Rey Grande em ſi meſmo por Jozé: *Joſeph accreſcens, Joſeph accreſcens*. Como daqui ſe naõ póde ſubir amais, paſſemos do pronome: *Ego*, ao nome *Eccleſiaſtes*,

Eu, diz Salomaõ, fuy chamado Eccleſiaſtes; e o noſſo Monarcha tambem o diz: *Ego Eccleſiaſtes*. He verdade que Salomaõ foy o nome proprio deſte Rey, e do noſſo Monarcha o ſeu nome proprio foy Joaõ. Mas aſſim como por eſtes dous nomes ſe diſtinguiraõ em quanto ás peſſoas, pelo de *Eccleſiaſtes* ſe identificáraõ em quanto ás acçoens. Aquelles dous de Salomaõ, e Joaõ foraõ neceſſarios para ſe conhecerem por diſtinctos os ſujeitos: eſte de *Eccleſiaſtes* foi precizo para ſe moſtrarem equivocados nas acçoens. Para lhes alcançarmos as acçoens, vamos-lhes admirando a equivocaçaõ do nome.

Chamou-ſe primeiramente Salomaõ *Eccleſiaſtes*; porque foy hum Rey naõ ſó ſabio, mas o mais ſabio de todos, os que lhe precederaõ. *Præceſſi omnes ſapientiâ, qui fuerunt ante me*; taõ ſabio, que teve juntas, e aggregadas em ſua alma, ou no ſeu entendimento, todas as ſciencias

encias de todas as cõuſas naturaes, juntamente com a alcançada por eſtudo, e adquirida por experiencia; que por iſſo em lugar da palavra Grega *Eccleſiaſtes*, põem o Texto Arabigo *Congregans*; e o Texto Hebraico *Cohelleth*, *id eſt*, *Collector*, e quer dizer tudo, o que ajunta muitas couſas: *Dicitur Græcè Eccleſiaſtes*, *id eſt*, *Congregans*; *Hebraicè autem Cohelleth*, *id eſt*, *Collector*, *eò quòd anima Salomonis cunctas in ſe ſcientias congregaſſet*, *vel potius Deus congregatas*, *& in unum collectas*, *in Salomonis ſinu effudiſſet*, eſcreve o Alapide neſte lugar. Naõ quero dizer que o noſſo Monarcha teve ſciencia deſte modo infuſa, como Salomaõ; mas digo, que da alcançada por eſtudo, teve toda a que baſtava a conſtituir hum Principe perfeitamente ſabio; e da adquirida por experiencia foy taõ ſabiamente douto, como moſtráraõ todas as operaçoens do ſeu entendimento: de tal ſórte, que para ſe conhecer era aſſim douto, e ſabio, baſtava olhar para a ſua Peſſoa; porque álêm de ſer nella gentilmente bem diſpoſto, e parecido, grave no aſpecto, e na repreſentaçaõ mageſtoſo, com todas eſtas perfeiçoens, e graças naturaes moſtrava outra, naõ ſei ſe ſuperior, mas mayor que todas; e era aquella notavel circunſpecçaõ do ſeu entendimento, porque parecia, a quem o via, que media com reflexaõ, attentava com juizo, e contemplava com diſcurſo a peſſoa,

as palavras, e acçoens de quem lhe fallava. Iſto dava a entender a quem o via, e iſto moſtrou em todas as operaçoens do ſeu entendimento, pelas quaes, como a novo Salomaõ, lhe vem com muita propriedade o nome de Eccleſiaſtes: *Ego Eccleſiaſtes: Congregans, ſeu Collector.* Melhor o moſtráraõ as meſmas acçoens.

Huma das couſas, em que muito, e ſabiamente contemplou Salomaõ, e ſahio com ella á luz, como parto feliz do ſeu entendimento, foi o moſtrarſe ſummamente inclinado á honra, veneraçaõ, e Culto de Deos. E para que da confuzaõ, e deſordem, em que eſtava, ſe reformaſſe, e tornaſſe á ſua melhor perfeiçaõ, edificou aquelle ſeu grande, e celebrado Templõ; no qual, depois de adornado com a magnificencia, que nunca ſe vio, tudo rico, tudo precioſo, e com abundancia tudo; pôs nelle Miniſtros, e Sacerdotes, ordenou Ritos, e Ceremonias, para que alli, como repreſentaçaõ de toda a Igreja, ſocegada, pia, e devotamente foſſe Deos melhor ſervido, e honrado; e por iſſo, eſcreve Alapide, dizem cõmummente os Sagrados Expoſitores, melhor que por outro principio aſgum, ſe dá a Salomaõ o nome de Eccleſiaſtes: *Melius alii cenſent Salomonem dici Eccleſiaſtem, quòd ex confuſo hominum cœtu, & tumultuante turba fecerit Eccleſiam ordinatam, pacatam, & piam.* Grande debuxo do noſſo Monarcha! Qual outro Salomaõ mere-

ce

cè por iſſo o nome de *Eccleſiaſtes*. Quem naõ ſabe a inclinaçaõ natural, ou genio ſuperior, que para o Culto Divino, honra de Deos, augmento da Igreja, veneraçaõ de ſeus Miniſtros, e exaltaçaõ do eſtado Eccleſiaſtico teve o noſſo Monarcha, deſde que teve a luz do entendimento? Os Templos, que edificou, a magnificencia, com que os fez, a riqueza, com que os ornou, a perfeiçaõ, com que quiz ſe celebraſſem os Officios Divinos, ordenando tambem para iſſo Ceremonias, e Ritos, com que melhor, e mais gravemente foſſe Deos ſervido, e honrado; o goſto, e devoçaõ, com que aſſiſtia ás funções Sagradas, e nellas taõ ſabio, e previſto, que muitas vezes advertia, e emendava aos Miniſtros do Altar o minimo ápice, ou ponto, a que faltavaõ; conſeguindo aſſim no ſeu Reyno, melhor que Salomaõ no ſeu, ver a ſua Igreja ordenada, quieta, pia, e devota: *Quòd fecerit Eccleſiã ordinatam, pacatam, & piam*, reſplandecendo em tudo iſto a ſua Real grandeza, liberalidade, e ſabedoria: a ſabedoria, com que diſpôs, e ordenou tudo; a liberalidade, com que deo, e a grandeza, com que o fez.

Diga tudo iſto a ſua Sé nova, e Patriarchal; e melhor o diga a máquina, ou Templo de Mafra, que na fórma, materia, e perfeiçaõ bem póde competir com o Templo, e maquina de Salomaõ; e digaõ-no finalmente as novas fabricas das Neceſſidades, nas quaes, e em todas as mais, a va-

riedade dos ſeus marmores, a idéa da ſua architectura, o precioſo dos ſeus ornatos, o rico das ſuas peças de ouro, prata, e bronze eſtaõ publicando, e publicaráõ eternamente, que foraõ obras de hum Monarcha naõ ſó Grande no poder, mas Grande na ſabedoria, com que tudo diſpôs, com huma contemplaçaõ taõ ſabia, como ſua, de engrandecer a Igreja, augmentar o Culto, e honra de Deos, e exaltar o Eſtado Eccleſiaſtico. Eſte foi todo o fim, com que contemplou o ſeu entendimento ſábio aſſentar no ſeu Reyno hum novo Patriarchado, nunca d' antes nelle viſto; e nas ſuas Conquiſtas hum novo Biſpado na Cidade do Pará, emulaçaó do ſeu Patriarchado de Lisboa; dous Biſpados novos nas Minas do Braſil, e no meſmo Eſtado novas Parochias, novos Curatos, e muitas Miſſoens tambem novas, accreſcentando as congruas, e porçoẽs de todos os Miniſtros da Igreja, e tudo para o meſmo fim de exaltar, e engrandecer o Eſtado Eccleſiaſtico.

Todo elle em commum o deve confeſſar aſſim; e em particular he grande teſtimunha de tudo iſto a Religiaõ Franciſcana toda; pois foi taõ grande, e notorio para com ella o ſeu affecto, e piedade, que o moveraõ a tomá-la debaixo da ſua Real protecçaõ, particularmente a eſta noſſa Provincia do Braſil, dignando-ſe ſer o ſeu Protector. Amava de coraçaõ aos ſeus Religioſos, fazia-lhes grandioſas eſmólas. Lá o diraõ os que melhor o ſabem,

ſabem, que nós cá diremos o que experimentámos. Para o Convento da Cidade da Bahia mandou hum todo de veludo negro para os ſeus cinco Altares mayores. Outro todo para o Convento da Cidade de Olinda, de damaſco de ouro com franjas do meſmo. Outro do meſmo modo para o Convento do Cayrû; e para o Convento de Sergipe do Conde outro da meſma ſórte, álêm de outras graças, e mercês mais particulares. E para cabal complemento deſta ſua grande, e affectuoſa devoçaõ para com eſta Serafica Familia, quiz que o ſeu corpo foſſe amortalhado no habito pobre de S. Franciſco, levando ſó ſobre elle as armas, e manto Real de Gram Meſtre da Ordem de Chriſto. Grande confuſaõ para aquelles, que, ſendo inferiores aos Reys no habito, naõ ſe querem parecer com eſte Grande Rey na mortalha! Grande hõra para a Religiaõ Serafica; mas grande gloria para eſte ſábio, e piedoſo Rey! Nem Salomaõ em toda a ſua gloria ſe ſoube por ultimo veſtir aſſim: *Nec Salomon in omni gloria ſuá coopertus eſt ſicut.* Matth. 6. 29. Até iſto foi contemplaçaõ ſábia do entendimento do noſſo Rei: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter*, para que foſſe Rey mayor que todos; para que foſſe Rey Grande: *Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes.*

Verdadeiramente, que naõ podia o noſſo Monarcha contemplar meyo mais acertado, nem maxima mais

mais discreta para se fazer celebrado, famoso, e Grande ainda aos olhos do mundo, do que esta da honra, e Culto de Deos, reformaçaõ da Igreja, veneraçaõ dos seus Ministros, e exaltaçaõ do Estado Ecclesiastico. Reparem para as historias antigas, assim Sagradas, como profanas, e acharaõ nellas a todos aquelles Monarchas, e Reys, que merecêraõ o titulo de Grandes, ou Magnos, celebrados, e applaudidos por taes, mais pelo que mostráraõ de piedosos ao de Deos, do que pelo que tiveraõ de esforçados ao do mundo.

Quem fez a Alexandre Magno conhecido por tal? Sem repetirmos os grandes votos, e sacrificios, com que se mostrou excessivo para com os seus falsos deoses; mais o exaltou a grande reverencia, com que, entrando victorioso, e triunfante na Cidade de Jerusalem, e sahindo a recebê-lo ás portas da Cidade o Sûmo Sacerdote Jaddo revestido nas vestiduras Pontificaes, assim como o avistou aquelle barbaro Rey, como se fora o mayor Catholico, lançando-se precipitadamente do feroz bruto, em que vinha montado, com summo acatamento, e mayor espanto dos seus, todo humilhado, e prostrado aos pés daquelle Ministro de Deos, adorou o nome do Senhor, que trazia o Sûmo Sacerdote esculpido em huma lamina de ouro pendente da Mitra sobre a testa; e introduzido dalli ao Templo, offereceô sacrificio ao Deos verdadeiro,

deiro, honrou em grãde maneira ao Summo Sacerdote, e mais Miniſtros do Templo, concedendo-lhes muitas graças, e exempções, e livrando ao povo de Jeruſalem dos muitos, e grandes tributos impoſtos pelos Reys da Syria. Eſtes extremos da ſua piedade, mais que os exceſſos das ſuas armas, lhe grangearaõ o nome de Magno. O que triunfou dos homens com as armas, pôs ao mundo em hum profundo ſilencio: *Siluit terra in conſpectu ejus*; o que tributou a Deos em piedades, ainda hoje o eſtá acclamando por Grande.

1. Mac. cab. 1. 3.

Quem moſtrou a Conſtantino Magno conhecido por eſſe? Naõ as grandes victorias, que alcançou dos homens; mas o muito que engrandeceo, e exaltou a Igreja de Deos. Quem pôs a Carlos I. de França o nome de Magno? Mais os muitos Templos, e Igrejas, que conſagrou a Deos, do que as façanhas heroicas, que entre as ſuas fabulas lhe attribuem as hiſtorias. E quem finalmente deo a D. Affonſo III. de Caſtella o nome tambem de Magno? Mais o que executou em honra de Deos, e da Igreja, do que o que conquiſtou dos Mouros. Os Moſteiros, Igrejas, e Templos, que fez, e eſpecialmente o grande Templo de Santiago de Galliza, que ſendo huma pequena Igreja de taipa, eſte famoſo Rey a mandou fabricar de novo com grandeza Real: cuja conſagraçaõ foi feita com a mayor ſolemnidade, e pompa, que até alli ſe tinha

tinha visto em Hespanha; pois só de Prelados sagrados assistiraõ dezasette Bispos. O muito, que cuidou na reformaçaõ, e augmento do Estado Ecclesiastico: e para extirpaçaõ dos abusos introduzidos nelle pela cõmunicaçaõ, e trato com os Mouros, fez celebrar hum Concilio nacional na Cidade de Oviedo; no qual, com authoridade do Summo Pontifice Joaõ VIII, e diligencia, e zelo deste piedoso Rey, se tornou a pôr na sua primitiva perfeiçaõ. Estas obras da sua piedade, mais do que as victorias das suas armas, lhe grangearaõ o nome de Grande.

Estes saõ os quatro Reys, e Monarchas, que acho nas historias expressamente decorados com o nome de Magnos, ou Grandes, e naõ tanto pelas proezas das armas, como pelas empresas da piedade. Antes digo que o nome de Magnos merecêraõ estes Monarchas só pelo que mostraraõ de piedosos, e naõ pelo que tiveraõ de esforçados. E se naõ, vamos á Historia Sagrada. Quem mais esforçado que David? Quem mais guerreiro? Quem derramou mais sangue dos inimigos de Deos? Tanto, que o mesmo Deos o notou desta demasia: *Multum sanguinem fudisti, & plurima bella bellasti*; e com tudo naõ lemos que merecesse David o nome de Grande, nem ainda encarecimento algum excessivo, que o singularizasse entre os mais: e a razaõ he, porque, ainda que foy taõ venturoso, guerreiro, e esforçado, 1. Paralip. 22. 8.

forçado, naõ parecêo taõ zeloso do Culto de Deos; pois naõ se acha que edificasse hũ só Templo para o Senhor: antes necessitando tanto delle, que em todo o tempo de David andou Deos na sua Arca por casas alhêas, nunca este Rey se resolveo a fabricar-lhe o seu Templo; e se alguma vez cuidou nisso, o naõ quiz o Senhor, só porque tinha sido David muito guerreiro: *Non poteris ædificare domum nomini meo, tanto effuso sanguine.* 4.Reg. 23.25.

E quem fez entre todos os Reys taõ famoso a Jozias, que affirma a mesma Escritura, que nem antes, nem depois delle houve outro, que lhe fosse similhante: *Similis illi non fuit ante eum Rex, nec post eum surrexit similis illi?* Certamente que naõ foraõ as emprezas militares; porque na unica, que emprendêo contra o Rey de Egypto, nos primeiros recontros da batalha encontrou com os ultimos alentos da vida, perdendo-se a si, aos seus, e a victoria: o que o fez Rey Grande, e sem similhante, foi a piedade, com que mandou reedificar o Templo de Jerusalem, arruinado, e quasi destruido de todo pelos Assyrios; o zelo com que reformou a todo o Estado, assim secular, como Ecclesiastico daquelle tempo das idolatrias, idolos, e abominaçoens; e o muito que cuidou no Culto, e honra de Deos, celebrando em todo Israel a festa grande do Senhor chamada *Phase*, ou Paschoa, com a mayor solemnidade, 4.Reg. 23.25.

que hunca athé alli ſe
2.Paralyp. 33. 18. tinha viſto: *Non fuit Phaſe ſimile huic in Iſrael; nec de cunctis Regibus Iſrael fecit Phaſe ſicut Joſias.* Daqui ſe vê com toda a clareza, como o que deo o nome de Grandes, ou Magnos a eſtes Monarchas, e Reys, naõ foi tanto o que venceraõ pelas armas; mais foi o que triunfáraõ com a piedade: ou, como hia dizendo, o ſerem piedoſos, como Jozias, e naõ esforçados como David, foi ſó o que lhes grangeou o nome de Grandes. E ſe para hum Rey, ou Monarcha, merecer o nome de Grande, naõ lhe he neceſſario conquiſtar Reynos, vencer batalhas, e alcançar victorias; baſta-lhe ſó levantar Templos, augmentar o Culto de Deos, e engrandecer o Eſtado da Igreja; quem por acçoens como eſtas, e mais glorioſas ainda, poderá negar ao noſſo Monarcha o nome de Grande?

Grande foi Alexandre, Grande Conſtantino, Carlos, e Affonſo tambem Grandes; mas o noſſo Monarcha mais que todos eſtes Grande. Naõ ſó porque no Culto, e honra de Deos, veneraçaõ, e augmento da Igreja, e do Eſtado Eccleſiaſtico excedêo a todos; mas ſim porque depois dos quatro, que tiveraõ o nome de Grandes, foi o ultimo, que merecêo eſte nome. E ſer o ultimo dos Grandes, he ſer mayor que todos. Que foſſe Grande Alexandre, muito foi, pois foi o primeiro, que no mundo merecêo eſte nome. Que foſſe Grande

de Conſtantino, já foi mais ; pois pode ſer Grande á viſta de outro Grande: e muito mais, e mais foi que foſſem Grandes Carlos, e Affonſo depois de tantos Grandes: mas depois de todos eſtes ſer o noſſo Monarcha ainda Grande; iſto he, ſem duvida, ſer por ultimo dos Grandes o mayor de todos, ou entre todos elles ſer por ultimo ſó o Grande. Iſto he por ultimo; e por Quinto naõ he menos que iſto. He o Quinto depois dos quatro, que tiveraõ o nome de Grandes; pois ha de ſer por Quinto o mayor de todos.

Ao ultimo Imperio, que ha de haver no mundo, chamaõ, porque aſſim ha de ſer, o Quinto Imperio; e ha de ſer ſem comparaçaõ o mayor de todos: e a razaõ de ſer taõ grande he, porque como Quinto ha de contêr em ſi os quatro Imperios Grandes, que houveraõ no Mundo: o dos Caldeos, o dos Aſſyrios, o dos Gregos, e o dos Romanos ; porque todos eſtes grandes Imperios ſe haõ de incluir naquelle Quinto, vindo aſer aſſim por Quinto o mayor de todos: e o fundamento he, pelo fim, com que como Quinto ſe ha de eſtabelecer eſte Imperio, para reformaçaõ de todo o mundo, e exaltaçaõ de toda a Igreja, e para augmento, e ultima perfeiçaõ do Culto, e honra de Deos.

Deixemos agora as conjecturas, por lhes naõ chamar profecias, que fazem ao noſſo Reyno de Portugal,

por ſingularizado na honra, e Culto de Deos, augmento da Igreja, e exaltaçaõ de todo o ſeu Eſtado, eſte Quinto, e ultimo Imperio; que foi tambem o fundamento, com que o meſmo Deos diſſe ao noſſo primeiro Rey D. Afonſo Henriques, queria eſtabelecer nelle eſte ultimo, e Quinto Imperio: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire, ut feratur nomen meum ad exteras gentes*: e deixemos tambem o affecto, e vontade Portugueza, com que aquelle Prégador do ſeculo paſſado, tambem Portuguez, e tambem Grande, diſcorrendo do noſſo defunto Monarcha, ainda antes de naſcido, o fez ultimo, e Quinto Imperador deſte Quinto, e ultimo Imperio; que o que eu poſſo concluir, he, que pelo muito, que contemplou o noſſo Monarcha na exaltaçaõ da Igreja, e Eſtado Eccleſiaſtico, veneraçaõ dos ſeus Miniſtros, no augmento do Culto, e honra de Deos: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter*, o que poſſo concluir, he, que ſe naõ foi o ultimo, e Quinto Imperador do Quinto, e ultimo Imperio, foi por ultimo, e Quinto entre os Reys, e Monarchas, que tiveraõ o nome de Magnos, ou Grandes, o mayor de todos, ou entre todos o que por ultimo, e Quinto foi ſó o Rey Grande: *Ecce Magnus effectus ſum, & præceſſi omnes.*

Vieira Palavr. de Prégador Empenh. §. IV. fol. 161.

Para coroa deſta particular excellencia do Noſſo Monarcha, ſeja-me

seja-me licito repetir aqui o que, fallando em commum das suas excellencias, cantou, debuxou, e imprimio hum Engenho deste Pernambuco. Debuxou a Fama em figura de hum Genio alado, que cortando velozmente os ares, espalhava pelo mundo todo com o sonoro som da sua trombeta este Districho heroico, com huma só palavra mudada ao nosso intento;

Fonsec. Opusc. Euchar.

Quà surgit Cœleste jubar, quà mergitur undis,
Credite, nil maius Quinto Reverente *Joanne.*

Quer dizer em Districho tambem heroico, e Portuguez:

Desde onde nasce, até onde se põem o Sol,
Naõ se deo para o Pio Rey Mayor.

Depois de edificado por Salomaõ o seu Templo, e reformáda aquella sua Igreja, contemplou este sabio Rey levantar tambem huma casa á Sabedoria, pondo-lhe por fundamentos sette colum- Pro. verb. nas fortissimas: *Sapientia ædificavit sibi? domum, excidit columnas septem.* Esta casa, que para a Sabedoria edificou Salomaõ, como escreve Alapide com outros, era huma famosa Universidade, de cujas cadeiras, que eraõ sette, se ensinavaõ todas as sciencias, e artes liberaes; ou, como tem Pineda, e o Cartagena, era huma Real Academia, na qual se escreviaõ as obras notaveis dos Varoens antigos: *Sapientia ædificavit sibi domum, id est, Salomon Rex sapientissimus juxta Regiam,*

giam, & juxta Templum, immò in atrio Templi, ædificavit Academiam, in quâ Doctores docerent sapientiam. Excidit columnas septem: septem ergo columnæ sunt septem gymnasia, in quibus totidem erant cathedræ, è quibus Doctores profiterentur omnes artes liberales. E por isso se chamou aambem Salomaõ *Ecclesiastes*, ou *Cohelleth*, que querem dizer *Recopilador*, ou porque nesta casa, como em huma Universidade, ajuntou todas as sciencias; ou porque nella, como em huma Academia, recopilou todas as historias: *Dicitur Græcè Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cohelleth, id est Collector; gnomas, & dicta David Patris sui, cæterorumque Patriarcharum, & Prophetarum hoc libro coacervavit, & in unum collegit.*

Nisto foi tambem no que muito, e sabiamente contemplou o nosso Monarcha: levantou naõ só huma, senaõ muitas casas para a Sabedoria; porque instituio muitas Aulas, e Estudos, em que se ensinassem todas as sciencias. E porque naõ sahisse a sua contemplaçaõ da intelligencia de Salomaõ, dentro dos mesmos Templos, Conventos, e nos seus Claustros quiz se estabelecessem estas Aulas, e Estudos, como os Geraes de Mafra, entregues aos Religiosos Franciscanos: *In atrio Templi*; e os novos das Necessidades commettidos aos Reverendos Padres de S. Filippe Neri, naõ só no atrio, ou Claustro

do

do ſeu novo Templo; mas defronte do ſeu Palacio Regio, como o fez tambem Salomaõ: *Juxta Regiam... ædificavit*; ennobrecendo aſſim eſtes, como as antigas Univerſidades, de novas rendas, novos privilegios, e izençoens tambem novas aſſiſtindo com a ſua Real Fazenda a muitos ſujeitos, aſſim Religioſos, como Seculares, que tendo talento, e muito para as letras, tinhaõ muy poucos talentos para as poder continuar. Tudo contemplaçaõ ſabia do ſeu alto entendimento: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter.*

E como iſto naõ baſtava para o muito, que o ſeu entendimento ſabio ſabia neſta materia das ſciencias contemplar, lá foi, como Salomaõ, levantar huma Academia Real: *Ædificavit Academiam*; na qual pelos ſeus doutos Meſtres, e incançaveis Eſcritores, ſe eſquadrinhaſſem, ajuntaſſem, e eſcreveſſem as obras virtuoſas do eſpirito, as façanhas heroicas do eſforço, e os partos ſcientificos do entendimento dos Varoens notaveis em letras, armas, e virtudes, e das mais antiguidades do ſeu Reyno: *Edificavit Academiam.*

E porque a eſta Claſſe das ſciencias, e artes liberaes pertencem a Muſica, a Pintura, a Eſcultura, e outras, para que até na contemplaçaõ dellas ſe ajuſtaſſe o ſeu entendimẽto com o de Salomaõ: *Feci mihi Cantores.* Eccel. 2. 8. *Mitte mihi virum, qui noverit operari in auro, argento, ære, & fer-* Para. lip. 2. 7.

ferro, purpurâ, coccino, & hyacintho, & qui ſciat ſculpere cœlaturas &c; lá procurou introduzir tambem no Reyno a Muſica mais conſoante, os Pintores mais deſtros, e os mais apurados Eſcultores, ſem que lhe eſcapaſſe da ſua contemplaçaõ, porque tambem ſaõ artes, e tem ſciencia, as novas fabricas de ſedas, vidros, e outras, em que tudo moſtrou ſabîa contemplar em tudo o ſeu entendimento alto: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter*: para ſe moſtrar aſſim em tudo, mayor que todos os Reys, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes.*

E ſe a eſta parte de ſer o noſſo Monarcha taõ amante da ſabedoría ajuntarmos a primeira, que ja tocámos, de ſer hum Rey em tanto extremo ſabiõ, acharemos merecé por iſſo naõ ſó o nome de Grande, mas hum nome muito grande. Tudo, por abbreviarmos, recopilou em | outro Diſticho o Poetico Engenho, que ja apontámos, formando huma famoſa mythologia entre o noſſo Monarcha, e o Deos Apollo, e formalizando, que dera Apollo ao noſſo Monarcha o ſeu entendimento, e com elle hum nome muito grande, o qual ſó o merecem aquelles, que no Palacio do Sol, ou da Sabedoría, occupaõ aquellas duas caſas, ou thronos, que ſaõ devidos aos Sabios, e juntamente amadores da ſabedoría.

Nomen utramque domum per Magnum ſolli

ſolis adimplet,
Ingeniumque dedit doctus Apollo ſuum.

E ſe pelo nome de Eccleſiaſtes tem taõ grande analogia com Salomaõ o noſſo Monarcha, naõ a tem menor pelo titulo de Reys, que foraõ ambos do povo, e Reyno, em que o foraõ; que he o ponto, que ſe ſegue, confórme as partes da noſſa Oraçaõ: *Ego Eccleſiaſtes fuit Rex Iſrael in Jeruſalem.* Ambos foraõ Reys, e Reys de hum povo eſcolhido por Deos. Salomaõ do povo Iſraelitico eſcolhido por Deos para fundar com elle o ſeu primeiro Reyno: *Elegit te Dominus Deus tuus, ut ſis ei populus peculiaris*; o noſſo Monarcha do povo Portuguez eſcolhido pelo meſmo Deos, para eſtabelecer nelle o ſeu ultimo Imperio, como o diſſe o proprio eSnhor ao noſſo primeiro Rey Dom Affonſo Henriques no campo de Ourique: *Volo in te & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire.* E ſe repararmos mais em o nome de hum, e outro povo, ainda apparece melhor a congruencia entre ambos. O povo eſcolhido por Deos, de quem Salomaõ foy Rey, chamava-ſe Iſraelitico; o povo eſcolhido pelo meſmo Senhor, de quem foy Rey o noſſo Monarcha, he o povo Portuguez; e Portuguez, como ja apontámos ao principio, val tanto, como dizer Iſraelita. Iſraelita naõ quer dizer outra couſa mais que homem forte, homem valoroſo, homem conſtante. Eſte foy o titulo honroſo, que deo Deos a Jacob, depois

Exod. 6, 7.

pois que forte, valoroſo, e conſtante pelejou a braços huma noite inteira com o meſmo Deos, mudando-lhe entaõ o Senhor em o de Iſrael o nome de Jacob: *Nequaquam appellabitur Jacob nomen tuum, ſed Iſrael; quia ſi contra Deum fortis fuiſti; quanto magis contra homines prævalebis.* Iſto quer dizer Iſrael, e naõ quer dizer menos que iſto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valoroſos? E que homens ha mais conſtantes, aſſim na fortuna, como na adverſidade, do que os Portuguezes? Nem temos neceſſidade de nos determos aqui; porque diſto de Portuguezes eſtaõ chêas ás hiſtorias, e naõ falta nellas quem compare os Portuguezes com os Iſraelitas: vamos a outra conveniencia.

Genes. 32.28.

Foy Salomaõ Rey de Iſraelitas em Jeruſalem, foy o noſſo Monarcha Rey de Portuguezes em Portugal: *Fui Rex Iſrael in Jeruſalem.* Tambem por aqui concordaõ admiravelmente; porque tanto faz dizer Portugal, como Jeruſalem. Jeruſalem quer dizer Vizaõ de paz: *Jeruſalem, id eſt, pacis viſio*; lugar, em que ſe vê paz, e naõ de qualquer ſórte, ſenaõ huma paz, que ſempre ſe vê. E aſſim como em Jeruſalem nunca ſe vio mais paz do que no tempo de Salomaõ, porque a teve continuada por todo o tempo, que reynou, que por iſſo ſe chamou Salomaõ, que quer dizer pacifico: *Salomon, id eſt, Pacificus*; aſſim tambem quando ſe vio em Portugal mais paz, do que no Reynado

do

do noſſo Monarcha? Eſta paz foi todo o ſeu cuidado; eſta paz foi a couſa, em que mais contemplou o ſeu entendimento. Quantos meyos, quantas induſtrias, e que de maximas naõ contemplou para conſervar eſta paz, e tudo com diſcriçaõ, acerto, e ſabedoria, ſem que para manter eſta paz repararſe, nem ainda em grandes diſpendios do Real Theſouro! Donde ſe ſegue outra contemplaçaõ do ſeu entendimento, e taõ ſábia como ſua; e he, que naõ contemplava em conſervar eſta paz por outro principio algũ, ſenaõ ſó pelo bem commum do ſeu Reyno, quietaçaõ do ſeu povo, e ſocego dos ſeus vaſſallos. E quando naõ tiveſſe o noſſo Monarcha outra excellencia Real, eſta ſó baſtava para o cõſtituir hum Rey mais que todos Grande. Rei Grande, Rey Superior a todos chamou a Igreja a Chriſto, quando o vio naſcido, e naõ por attributo algum da ſua Divindade, ſó pela excellencia de Rey Pacifico: *Rex pacificus magnificatus eſt vehementer.* Iſto foi o mais, que diſſe a Igreja deſte Pacifico, e Soberano Rey; e nem do noſſo Rey ſe póde dizer mais do que iſto: que pelo muito, que pela paz, e ſua conſervaçaõ contemplou ſabiamente o entendimento do noſſo Monarcha: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter*, foi hum Rey mayor que todos, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes.*

E ſe aqui fizermos mais huma breve re-

flexaõ ſobre eſta paz do noſſo Monarcha, ainda o veremos por ella muito mayor. Sendo taõ conhecido o noſſo Monarcha dos mais Reys, e Principes por Grande, e Poderoſo em tudo, ainda foy conhecido por mais Poderoſo, e Grande por eſta ſua paz. Deſorte que conſeguio o noſſo Monarcha com eſta ſua paz ſó, o que com todo o poder das ſuas armas naõ pudéraõ alcançar os mais Reys. Tudo exprimio neſte Diſticho o Poetico engenho, que ja outras vezes deixamos apontado.

Regia Gẽs timuit Magnum, ſed pace potentem,
Quod nulli robur Pax dedit eſſe magis.

Aſſim viveo, e acabou em paz o noſſo Monarcha; e aſſim como acabou em paz a preſente vida, aſſim podemos crer piamente entraria na outra tambem em paz. Para o crermos aſſim nos dá baſtante motivo a ultima contemplaçaõ do ſeu entendimento, em a qual moſtrou era verdadeiramente Rey ſabio. Oito annos antes da ſua morte, e depois de accommettido por aquelle fatal achaque, que ſendo o ſeu primeiro effeito com os movimentos do corpo privar juntamente das operaçoens do entendimento, para moſtrar que o do noſſo Monarcha era ſuperior o todos, nunca lhe offendeo o entendimento, ainda quando mais lhe proſtrava o corpo; porque enfermo, e taõ enfermo, ſempre nas diſpoſiçoens, e acerto delas,

las, moſtrou obrava com huma contemplaçaõ a mais ſabia. Mas aonde acabou de moſtrar que ſabiamente contemplava todas as couſas o ſeu entendimento, foi, como hiamos dizendo, naquella famoſa reſoluçaõ, com que, conhecendo pelo achaque, ainda no ſeu principio, era mortal; quiz morrer antes de morrer: largou o governo, deixou a adminiſtraçaõ do Reyno, e tratou ſó de preparar-ſe para a ultima hora, que com effeito a teve taõ feliz, como moſtraraõ os effeitos, pelas ſete horas da tarde do dia ultimo de Julho deſte meſmo anno. E aqui temos deſempenhadas cabalmente nas ultimas cõtemplaçoens do noſſo Monarcha as principaes palavras de Salomaõ: *Fui Rex*, fui Rey.

He ſem duvida, que quando Salomaõ diſſe que fora, ou tinha ſido Rey, naõ o diſſe porque naturalmente eſtiveſſe ja morto, porque entaõ o naõ diria elle: mas diſſe-o, porque moralmente ſe contemplou morto. Porque conhecendo era mortal, e havia morrer, levado deſte conhecimento, contemplando a brevidade da vida, a vaidade do mundo, como elle meſmo o diſſe neſta occaſiaõ: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas, dixit Eccleſiaſtes*, e outras muitas couſas, que aqui deve contemplar quem he ſabio; movido de penitencia largou a adminiſtraçaõ, e governo do Reyno, e por iſſo ſe tratou como morto, ou como quem ja naõ era Rey como fora: *Fui Rex, fui, inquit, jam*

Hæc apud Alapid. hic ubi pro hac pia opinione poſſùt videri Auth. &c.

jam non ſum, quia etſi ſum idipſum, jam nihil eſſe agnoſco quod ſum, conclue o Alapide neſte lugar. Todas eſtas couſas contemplou aqui o entendimento de Salomaõ : *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter.* E que de couſas como eſtas naõ contemplou o entendimento do noſſo Monarcha na occaſiaõ, em que, conhecendo era mortal, deixou de ſer Rey : *Fui Rex*! Contemplou primeiramente, que o Rey, que he ſabio, deve entender todas eſtas couſas ; deve conhecer, que o Rey entre todos os homens he o mais mortal : taõ mortal, que morre duas vezes ; taõ mortal, que ſempre morre mais de preſſa ; taõ mortal, que o meſmo he ſer Rey, que eſtar ja morto. Contemplemos nós agora tambem o como tudo iſto he certo, e logo veremos, como iſto tudo foi contemplaçaõ ſabia do entendimento do noſſo Monarcha naquella ultima reſoluçaõ de ſe conhecer mortal : *Fui Rex.*

A muitos Reys parece, que aquella meſma fortuna, que os fez mayores, os fez tambem immortaes : pelo menos quando o demonio prometteo a Adaõ que havia ſer Soberano : *Eritis ſicut Dii* ; logo lhe inſinuou que havia ſer immortal : *Nequaquã moriemini* ; parecendo-lhe áquelle eſpirito mentirozo, que naõ poderia Adaõ crer a promeſſa da mayoria, ſem o attributo da immortalidade. Aſſim parece ao Rey neſcio, ao Rey ignorante ; mas ao Rey, que he entẽdido,

ao

ao Rey ſabio naõ lhe parece aſſim. Naõ ſó conhece que os Reys ſaõ mortaes, mas entende que ainda ſaõ mais mortaes, por iſſo meſmo que ſaõ Reys. E taõ mortaes, que morrem duas vezes. Ora notem. Saõ taõ mortaes os Reys, que eſtando a morte avinculada á natureza humana, aos mais homẽs vem-lhes a morte pelo que tem de homens; aos Reys vem-lhes a morte pelo que tem de homens, e pelo que tem de Reys. Morrem os homens por huma ſó via, morrem os Reys por dous principios; ou, para o dizer melhor, os mais homens morrem huma ſó vez como homens: *Statutum eſt hominibus ſemel mori*; os Reys morrem duas vezes, morrem huma vez como homens: *Vos autem ſicut homines moriemini*, e morrem outra vez como Reys: *Et ſicut unus de Principibus cadetis*. E aſſim o pedia a razaõ; porque como vivem com duas vidas, huma, com que como homens vivem ao tempo, outra com que como Reys vivem ao officio; aſſim era juſto tiveſſem duas mortes, ou morreſſem duas vezes, huma como homens, outra como Reys. Tudo diſſe aquelle Profeta, que tambem foy Rey: *Non moriar, ſed vivam*. Naõ hey de morrer, hey de viver, dizia David. Hum deſtes termos parece demais. Quem naõ morre, he certo que vive, pois ſe diz David huma vez, que vive: *Non moriar*; como diz que vive outra vez: *Sed vivam*? Já eſtá

Pſalm. 81. 7.

Pſalm. 117. 7.

eſtá dito. Era David Rey, e era entendido, e como tal conheceo que, como Rey, tinha duas vidas, huma, com que vivia como homem, outra, com que vivia como Rey; e por iſſo diſſe vivia duas vezes: *Non moriar, ſed vivam.* E ſe os Reys tem duas vidas, ou vivem duas vezes; duas vezes haõ de morrer: ſaõ mais vivos, que os mais, pois ſejaõ tambem mais mortaes: vivem como homens, e como Reys; pois morraõ como Reys, e como homens. Mas advirtaõ, que ſe como homens tem a morte certa: *Statutum eſt hominibus ſemel mori*; como Reys tem a vida breve: *Principatus vita brevis*, e taõ breve, que ſe como homens podiaõ morrer mais de vagar, ou mais longe: *Mori*, como Reys acabaõ mais depreſſa, morrem com mayor brevidade: *Principatus vita brevis.*

Ainda mais: ſaõ taõ mortaes os Reys, que, ainda quando vivos, ſempre ſe devem contemplar como mortos. Em caſa de dous Grandes de Judéa entrou Chriſto em certa occaſiaõ, em caſa de Pilatos, e em caſa de Herodes. Em caſa de Pilatos veſtiraõ ao Senhor com huma purpura vermelha, diviſa de Rey: *Induunt eum purpurâ.* Em caſa de Herodes veſtiraõ-no com huma roupa branca, mortalha de defunto: *Indutum veſte albâ.* E aſſim devia ſer, entrou Chriſto alli feito Rey: *Quia ſe Regem facit*; e anda taõ unida a mortalha com a purpura,

Marc. 15. 17. Luc. 19. 11.

pura, que ao meſmo tempo, em que o Senhor teve a purpura de Rey na roupa vermelha, teve a mortalha de defunto na roupa branca. No meſmo dia, em que Pilatos o veſtio como Rey: *Induunt eum purpurâ*; Herodes o amortalhou como defunto: *Indutum veſte albâ*,

Que outra couſa era ſerem os Reys antigamente ungidos, quando os coroavaõ, ſenaõ fazê-los certos, de que o meſmo era nelles entrar a reynar, que começar a morrer. Melhor o diremos: ungidos quando coroados, porque entendeſſem que, ſe como homens eſtavaõ vivos, como Reys já eraõ mortos. Quando as antigos Romanos coroavaõ aos ſeus Imperadores, ao meſmo tempo, que lhes aſſentavaõ a Coroa na cabeça, e na maõ o Ceptro; entrava hum meſtre de obras de canteria com huma ſalva, e nella tres pedaços de pedra: hum marmore branco, hum porfido negro, e hum polido jaſpe, e dizia aſſim fallando ao Imperador: *Elige ex iſtis ſaxis, Auguſti ſſime Cæſar, ex quo ipſe tibi tumulum me fabricare velis*; eſcolhe, ó Imperador Auguſto, de qual deſtas pedras queres ſe lavre o teu ſepulchro: como quem lhe advertia, entendeſſe que o meſmo era ſubir para o Throno que deſcer para a ſepultura: porque ſe como homem ſe achava vivo, como Rey ſe devia contemplar morto. Mas iſto ſó o contempla hum Rey, que he ſabio; por iſſo contemplan-

do como ſabio tudo iſto Salomaõ, ſendo ainda vivo, como homem, concluio-ſe morto, como Rey: *Fui Rex.*

E tudo iſto contemplou o noſſo novo Salomaõ ſabio, e defunto Rey: *Fui Rex.* Foy Rey, porque, como Rey que foy, morreo duas vezes, huma quando naturalmente morreo, outra quando conheceo que havia morrer. Morreo huma vez, quando como homem ſe lhe acabou a vida; e morreo outra vez, quando como Rey ſabio conheceo que eſta vida ſe lhe havia acabar. Morreo antes de morrer. Morreo antes, e morreo depois. Morreo cedo, e morreo tarde. Como homem havia morrer huma vez, quando com effeito morreo; mas como iſto havia ſer mais tarde, quiz como Rey morrer mais cedo; e morreo, quando na deixaçaõ do governo conheceo que havia morrer. E iſto meſmo foy moſtrar que, ſendo vivo como homem, era já morto como Rey: *Fui Rex.* Mas por iſſo meſmo, que contemplou ſabiamente todas eſtas couſas: *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter*, foy mayor que todos os Reys, foy hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes.*

Morreo finalmente aſſim o noſſo ſabio Rey, morreo o noſſo Rey Grande, morreo ElRey D. Joaõ V. ! Mas naõ diſſe bem. Naõ morreo: porque o Rey, que he ſabio, o Rey, que ſabe contemplar tudo iſto, que contemplou o noſſo Rey, ainda que ſe poſſa

poſſa dizer que foy Rey, porque morreo; naõ ſe deve dizer que acabou, porque foy hum tal Rey: *Fui Rex...* Ouviraõ tudo quanto contemplou o noſſo Rey? Pois ainda contẽplou muito mais; ou, para o dizer melhor, tudo quanto contemplou para morrer, foi buſcar hum novo modo para nunca acabar. Contemplou morrer duas vezes, para vir a naõ morrer nenhuma. Contemplou morrer antes, para naõ morrer depois. Contemplou-ſe ſempre morto, para viver eternamente. Ahi naõ ha mais contemplar! Ora vejaõ como foi diſcreta eſta ſua contemplaçaõ.

He ſem duvida que naõ ha remedio para fugir á morte; mas ſe algum póde haver, he ſó a contemplaçaõ da meſma morte. Quando Deos creou a Adaõ naquelle primeiro eſtado de immortal, a primeira couſa, que fez para lhe conſervar eſta immortalidade, foy pôr-lhe a morte na contemplaçaõ: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*; como ſe diſſera ou quizeſſe dizer Deos: contemple-ſe Adaõ morto, que logo ſe conſervará immortal; porque a officina da vida he a contemplaçaõ da morte. Quem ſe contempla morto, faz-ſe immortal. E he iſto tanto aſſim, que a couſa primeira, que o o demonio intentou tambem tirar a Adaõ, para o fazer mortal, foy a contemplaçaõ da morte: *Nequaquam moriemini*: e aſſim aconteceo; porque o meſmo foy eſquecer-

ſe Adaõ da morte, q̃ achar-ſe logo morto: *Cum cognoviſſent ſe eſſe nudos.* Mas iſto, que naõ entendeo aquelle primeiro Rey da natureza, por ſe querer fazer neſcio: *Homo cum in honore eſſet non intellexit*; contemplou como ſabio o noſſo Rey: contemplou-ſe morto por tantos modos, para que por nenhum principio pudeſſe acabar.

Diſſemos que o noſſo Monarcha vive, e viverá eternamente; mas naõ diſſemos ainda que vida he eſta, que ha de viver. Digo que he a vida dos que morrem, porque conheceraõ que haviaõ morrer. He a vida dos Juſtos, porque ſó elles, como verdadeiros ſabios, he que tem eſte conhecimento. E por iſſo, ainda quando morrem, naõ morrem. E eſta he toda a razaõ, porque a morte dos Juſtos ſe chama vida, e ao dia do ſeu tranſito ſe chama dia do ſeu naſcimento: porque entaõ, quando morrem, he que começaõ a viver a verdadeira vida. E porque ſuppômos que o noſſo Monarcha morreo como Juſto; porque como Juſto conheceo que havia morrer: por iſſo dizemos que ainda vive, e viverá eternamente, quando conhecemos que já he morto: *Fui Rex.*

Ainda naõ diſſemos tudo: vive, e viverá eternamente o noſſo Monarcha, naõ ſó por que morreo como Juſto, para ſempre viver; mas porque ha de viver ſempre na noſſa lembrança. Teve duas vidas, quando viveo, huma como homem, outra como Rey; morreo

reo duas vezes, quando morreo, huma como Rey, outra como homem : e assim depois de morto ha de tornar a viver duas vidas, huma, com que, como homem Justo, ha de viver eternamente na Gloria ; outra, com que, como Rey desejado, e saudoso, ha de viver para sempre na nossa lembrança. Teria a morte jurisdiçaõ para o fazer acabar a vida, mas naõ terá poder para o tirar da nossa memoria ; e como naõ póde ser esquecido, ha de permanecer sempre vivo. *Receſſit à nobis, ſed non totus receſſit*, dizia o Arcebispo de Milaõ Santo Ambrosio, discorrendo na morte do Grande Imperador Theodozio. Morreo, he verdade : *Receſſit* ; mas naõ acabou, porque ainda vive na nossa lembrança: *Sed non totus receſſit.* He verdade, ó Monarcha saudoso, ó Rey D. Joaõ o Grande, he verdade que vos roubou a morte a nossos olhos: *Receſſit* ; mas como vos naõ pode tirar da nossa lembrança, deixou-vos nella eternamente vivo: *Sed non totus receſſit.*

Assim he, Rey Grande, Monarcha entendido, assim he; se athégora vos choramos morto, ja desde aqui vos devemos celebrar vivo: vivo, porque na certeza da morte seguraſtes a perpetuidade da vida; vivo, porque aindaque faltaſtes a nossos olhos, viveis, e vivereis sempre na nossa lembrança. E tu, ó cadafalso enganoso, padraõ fatal de desgraças, emblema certo de tristezas, se foſtes troféo da morte, ja

ja te pódes transformar em obelisco da vida; ja as tuas luzes pódem desterrar as tuas sombras; ja os teus rayos pódem consumir as tuas trévas, e ja pódem romper o teu silencio essas tuas luminosas linguas, publicando a vozes, que ahi vive, e viverá eternamente aquelle Monarcha Portuguez, cujas acçoens, contempladas sabiamente pelo seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, o estaõ mostrando, ainda quando morto, Rey vivo, como foy: *Fui Rex*; hum Rey, que foy mayor que todos, hum Rey, que será, assim como foy, sempre Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

Tudo recopilou ao nosso intento, fallando em commum das acçoens do nosso Monarcha, o Poetico Engenho, que ja tantas vezes deixámos apontado, neste seu ultimo, e elegante Districho.

Nil maius terris, mortales fata dedere,
Nec quamvis redeant aurea secla dabunt.

Vem a dizer em districho Portuguez:

Por mais que venhaõ seculos dourados,
Naõ daráõ Rey taõ grande os Fados.

E porque as acções de hum taõ grande Rey, resumidas ao breve epilogo das palavras do meu thema, fiquem eternamente, ou impressas na nossa memoria, como brazoens seguros da nossa saudade, ou gravadas nestas pyramides, como Epitafio Real da sua sepultura,

ſepultura, eu as torno a repetir como reclamo da noſſa mágoa, como conſôlo da noſſa perda, e como Memento ultimo das acções de hum Rey ſempre Grande: *Ego Eccleſiaſtes fui Rex Iſrael in Jeruſalem... Ecce magnus effectus ſum, & præceſſi omnes ſapientiâ, qui fuerunt ante me, & mens mea contemplata eſt multa ſapienter.*

FONTE VI.

NASCE DO V. I. EX HYMN. ECCLES.

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur,

E com as ſuas myſticas agoas entra a unir-ſe com as deſta primeira corrente em hum diſcurſo Encomiaſtico na feliz, auſpicada, e Real Acclamaçaõ

DO AUGUSTISSIMO, E FIDELISSIMO SENHOR

D. JOZE' I.

REY DE PORTUGAL.

Recitada na Matriz da Cidade da Paraíba no dia 7. de Setembro de 1751.

Com aſſiſtencia do Senado da Camera, e do Meſtre de Campo Governador daquella Capitanîa

ANTONIO BORGES DA FONSECA.

J. M. J.

DAr graças a hum Rey, e Senhor Soberano, que he Deos: *Te Deum laudamus*; Reconhecer, e confeſſarmos, como dado por Deos, a hum Soberano, que he hoje noſſo Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur*; he todo o objecto

cto deſte luzido, nobre, e illuſtre acto. Melhor o direy ao meu intẽto. Render a Deos as graças, como a Rey de Reys, e Senhor de Senhores : *Te Deum laudamus* : *Rex Regum, & Dominus Dominantium* ; por nos dar por Senhor hum Rey com attributos de Deos: *Te Dominum confitemur* : *Ego dixi, Dii eſtis* ; he o empenho todo do meu diſcurſo neſta hora ; porque eſte he todo o objecto deſta Regia acçaõ neſte dia.

Que ſeja Deos, como Rey de Reys, e Senhor de Senhores, o que dá Senhores, e põem Reys em todo o mundo, ninguem o duvida; e que no Rey, que nos dá hoje por Senhor, nos dá hum Senhor, e hũ Rey com attributos de Deos; ou aſſim como Deos quando he Rey ; iſſo he o que ha de moſtrar agora o meu diſcurſo : e para iſto, vejamos logo a conſonancia, que fazem entre ſi, o diſcurſo, o objecto, e o thema. *Te Deum laudamus.* Saõ palavras eſtas, pelas quaes principia aquelle admiravel, altiſſimo, e ſagrado Hymno, ou Cantico compoſto pelos dous mayores Doutores, e lumes da Igreja Santo Ambroſio, e Santo Agoſtinho ; deſte Hymno, e das ſuas profundiſſimas palavras uſa a Igreja em todas aquellas acções, em que por algũa circunſtancia grande, ou notavel, ſolemnemente congregados os ſeus Fieis, coſtumaõ dar a Deos as graças por beneficios, e favores recebidos do meſmo Senhor. Mas ſendo eſtas palavras comũas para quaeſ-

quaeſquer acçoens de graças, que a Deos ſe tributaõ por bens recebidos da ſua Divina, e liberal maõ ; pelo bem de dar ao ſeu Povo Reys, e Senhores, ainda ſaõ mais proprias, e ajuſtadas;e taõ ajuſtadas , e proprias para a preſente acçaõ, que aqui nos traz hoje, de darmos a Deos as graças, pela grande, que fez a todos os Portuguezes, de nos dar hum Principe , hum Rey, e hum Monarcha, como o que hoje nos dá no noſſo Auguſto Senhor D. Jozé I., que me atrevo a dizer , e ainda a provar, que ſó para a acçaõ de graças preſente , pela acclamaçaõ do novo Rey, que hoje ſubditos amantes , e leaes vaſſallos adoramos reverentes, e reconhecemos rendidos , ſaõ as mais ajuſtadas, e ſó proprias para ellas.Ora vejaõ.

Entra Santo Ambroſio, e Agoſtinho a dar graças aDeos neſte ſeu admiravel Cantico do *Te Deum laudamus* ; e depois de convidarem para ellas aosFieis da Igreja Militante na terra : *Te per orbem terrarum ſancta confitetur Eccleſia*; continuaõ em dizer, que eſſas graças ſe daõ a Deos pelo grande, e ſingular bem, que fez aos homens em lhes mandar ao mundo feito homem ſeu Unigenito Filho Jeſu Chriſto: *Venerandum tuum verum, & Unicum filium*; mas he de notar, que em todo eſte hymno naõ daõ a Chriſto outro titulo, mais que o de Rey, e ſómente Rey : *Tu Rex gloriæ Chriſte.* E pois como aſſim ? Se Chriſto tem tantos, e taõ admira-

veis títulos, como conſta de toda a ſagrada Eſcritura, como lhe naõ daõ aqui algum titulo deſtes, ſenaõ o de Rey, e ſómente Rey: *Tu Rex gloriæ Chriſte?* Sabem porque? Porque nos quizeraõ enſinar, como taõ grandes Meſtres, que as graças, que ſe devem dar a Deos no ſeu Cantico do *Te Deum laudamus*, ſó ſe daõ com toda a propriedade, quando ſe daõ por Chriſto, como Rey; ou por hum Rey como Chriſto; *Tu Rex gloriæ Chriſte: Te Deum laudamus.* E ſe nós moſtrarmos agora, que o noſſo novo, e reynante Monarcha he hum Rey como Chriſto, quero dizer, he hum Rey com attributos de Deos, ou como Deos, quando he Rey, naõ ficará provado que eſte Canti-

co do *Te Deum laudamus* para nenhum outro Monarcha vem mais proprio, do que para o noſſo Rey, ou para as graças, que a Deos ſe devem dar pela ſua feliz acclamaçaõ? He ſem duvida que ſim. Pois iſſo he o que havemos moſtrar agora. Mas antes que entremos ao diſcurſo, naõ poſſo deixar de reparar em algumas circunſtancias deſte dia taõ ſolemne, e que certamente daõ muito realce a eſſa acçaõ em tudo Regia, humas em obſequio do dia, outras em abono do aſſumpto.

Em abono do aſſumpto, porque, ſe eſte he, vermos ao noſſo reynante Monarcha, hum Rey aſſim como Deos, quando he Rey; para iſto concorda muito ſabermos, que aſſim como Deos, em quanto

Rey,

Rey, foi Rey do Reyno de Iſrael, chamado o Reyno de Chriſto; aſſim tambem Reyno de Chriſto, ſabem todos, he com eſpecialidade o Reyno de Portugal, donde o noſſo Auguſto Monarcha eſtá hoje acclamado Rey. E ſe aquelle Povo, de quem Deos era Rey, foy chamado o Povo Iſraelita, quem naõ ſabe que eſte meſmo nome ſe dá tambem ao Povo Portuguez, de quem heRey o noſſo Monarcha; porque tanto faz dizer Iſraelita, como Portuguez, e Portuguez, como Iſraelita? Iſraelita naõ quer dizer outra couſa mais que homem forte, homem valoroſo, homem conſtante. Eſte foi o titulo honroſo, que deo Deos a Jacob, depois que forte, valoroſo, e conſtante pelejou a braços huma noite inteira com o meſmo Deos, mudando-lhe entaõ, em o de Iſrael, o nome de Jacob: *Nequaquam appellabitur nomen tuum Jacob, ſed Iſrael; quia, ſi contra Deum fortis fuiſti, quanto magis contra homines prævalebis.* Iſto quer dizer Iſraelita; e naõ quer dizer menos que iſto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valoroſos, e que homens tem havido mais conſtantes aſſim na fortuna, como na adverſidade, do que os Portuguezes? Nem temos neceſſidade de nos deter aqui; vamos ao noſſo ponto. E ſe tanto faz dizer Portuguez, como Iſraelita, e Reyno de Iſrael, como de Portugal; bem podemos dizer, e com muita propriedade, temos acclamado em Portu-

gal

gal hum Monarcha, que he Rey com attributos de Deos, ou aſſim como Deos, quando he Rey. Iſto he em abono do aſſumpto, e em obſequio do dia naõ he menos que iſto.

Huma das primeiras acções dignamente louvada em o noſſo reynante Monarcha, foi aquella, com que determinou ſe celebraſſe a ſua acclamaçaõ na Corte de Lisboa neſte meſmo dia, em que eſtamos hoje, ſete de Setembro do anno paſſado, dia em que faz annos a Senhora Rainha ſua Mãy. E quem deixará de louvar, que para eſte meſmo dia guardaſſe eſta Cidade eſte ſolẽne acto? Niſto ſe excedeo Lisboa a ſi meſma; e niſto, excedendo eſta Cidade a todas as mais do Reyno, lá ſe vay competir com a de Lisboa. Mas aſſim como aquelle acerto lá ſe ficou devendo todo á diſcreta attençaõ do noſſo reynante Monarcha; aſſim aqui todo o acerto deſta eſcolha ſe deve attribuir á attencioſa diſcriçaõ de quem a governa.

Ainda temos aqui mais que notar, e com iſto daremos principio a eſte diſcurſo: advertindo ſómente, que depois de fundado em hum texto particular, e exquiſito da Sagrada Eſcritura, naõ uſaremos de mais Eſcritura, nem de authoridade alguma de Santo Padre; porque para Authores nos baſtaõ hoje Santo Ambroſio, e Santo Agoſtinho, e por Eſcritura os principaes verſos do ſeu Cantico do *Te Deum laudamus*; porque cõ elles provaremos tudo. Hoje, como diziamos

mos, faz hum anno, que ſe acclamou em Portugal o noſſo Auguſto, e reynante Monarcha, e hoje fazem ſeſſenta e oito annos, que naſceo na Auſtria de Alemanha aquella Auguſta Rainha Mãy, que nos deo para Portugal eſte Monarcha. E que quererá dizer, a occurrencia do naſcimento da Rainha Mãy na Auſtria, no meſmo dia, em que ſe acclama em Portugal o filho por Rey? Sabem o que? Couſa notavel he; mas he força que o diga. Quer dizer: Que acclamar-ſe em Portugal por ſeu Rey o noſſo Monarcha, no meſmo dia, em que na Auſtria naſceo a Rainha ſua Mãy, foi para que ficaſſemos entendendo, tinhamos acclamado por Rey hum Monarcha, que era Rey com attributos de Deos, ou aſſim como Deos quando he Rey. Vamos ao noſſo texto particular da Sagrada Eſcritura.

Deus ab Auſtro veniet. Virá Deos das partes do Auſtro, dizia hum dos Profetas menores. E que viria a dizer niſto eſte Profeta? Quiz dizer, confórme o commum ſentir dos Doutores Sagrados, que Deos havia de vir ao mundo feito homẽ, e naõ como qualquer homem commum; ſenaõ como hum homem Rey, e Rey, naõ como qualquer, mas hum tal Rey, e hum Monarcha tal, que o naõ podia haver mayor, como quem era todo Divino, grande em ſi, e grande para os ſeus. E para admirar tanta grandeza, como couſa nova, e nunca ouvida, convida o Profeta as admirações do mundo, e a attençaõ Habacuc. 3. 3.

das

das Gentes, ſignificada naquella palavra Hebraica, *Selah*; com que na raiz do texto ſe nota eſte verſo: *Selah, Deus ab Auſtro veniet: Selah*, explica o Alapide, *Attendite, ſtupete, celebrate hanc Dei in nos exceſſivam dignationem, & beneficentiam, qua ejus majeſtas nobis ſe oſtendere dignata eſt.* Quatro couſas nos quiz advertir aqui o Profeta na explicaçaõ do Alapide. Primeira, a admiraçaõ do mundo: *Attendite.* Segunda, a Acclamaçaõ de Deos em Rei: *Celebrate.* Terceira, a grandeza da ſua Mageſtade: *Ejus majeſtas.* Quarta, e ultima, a conveniencia tambem grande para os ſeus: *Dei in nos exceſſivam dignationem, & beneficentiam.* E porque tanta grandeza em Deos quando Rey acclamado? Ou porque, quando acclamado aſſim por Rey, ha de cauſar a ſua grandeza tanta admiraçaõ? O texto naõ dá outra razaõ, mais que dizer, era, porque vinha Deos entaõ das partes do Auſtro: *Deus ab Auſtro veniet: Selah, attendite, ſtupete, celebrate.*

E quem naõ vê agora, que iſto meſmo, guardada a devida proporçaõ, nos eſtá inculcando hoje o noſſo Monarcha no dia da ſua acclamaçaõ, e quando ſe faz no meſmo dia, em que na Auſtria naſceo a Rainha ſua Mãy? Ora notem: Entre Auſtria, e Auſtro, naõ ha mais differença, que ſer hum o original do outro; derivar-ſe do nome Auſtro a palavra Auſtria: e por naõ perdermos tempo em cou-

couſa menos neceſſaria, naõ aponto outras razoens de congruencia, e ainda naturalidade entre huma, e outra; vamos ao noſſo ponto. Aſſim Rey com toda eſta grandeza ſe acclama Deos, quando ſe diz que vem do Auſtro; e por vir da Auſtria, vemos acclamado ao noſſo Monarcha por hum Rey Grande, por hum Rey com attributos de Deos, ou aſſim como Deos, quando he Rey. *Deus ab Auſtro veniet*; *Selah*, *attendite*, *ſtupete*, *celebrate hanc Dei in nos exceſſivam dignationem, & beneficenciam*, *qua ejus Majeſtas nobis ſe oſtendere dignata eſt.*

Por outros termos me explicarey melhor: Por filho de huma tal Mãy, como a AuguſtaRainhaD. Maria-Anna de Auſtria temos hum Monarcha acclamado em tudo por Grande Rey. E ſe por filho de huma tal Mãy, Rey Grande; que Grande Rey naõ ſerá por filho de hum tal Pay, como foi o noſſo ſaudoſo ſempre, e ſempre digno de eterna memoria o Senhor Rey D. Joaõ o quinto! Por aqui acabaremos de ver agora o como o noſſo reynante Monarcha, por filho de hum tal Pay, he hum Rey com attributos de Deos, ou aſſim como Deos quando he Rey: vamos ao noſſo Cantico do *Te Deum laudamus*; vay Santo Ambroſio, e Santo Agoſtinho continuando o ſeu, e noſſo Cantico, e depois de acclamarem nelle a Chriſto por Rey: *Tu Rex gloriæ Chriſte*, accreſcentaõ logo, que eſte Rey Chriſto

he Filho de ſeu Eterno Pay : *Tu Patris ſempiternus es Filius.* E que quer dizer chamar aqui a Chriſto Filho do Eterno Pay, depois de o terem acclamado Rey: *Tu Rex gloriæ Chriſte, Tu Patris ſempiternus es Filius?* Quer dizer, que ſe os filhos Reys participaõ em tudo das excellencias dos Reys ſeus Pays; Chriſto, que he Filho do Eterno Pay, ha de ſer hum Rey, aſſim como Deos, quando he Rey : na nobreza da Peſſoa, o mais illuſtre, pois he por natureza Divino, e aſſim em tudo o mais, mayor que todos os Reys do mundo ; porque em fim, ſendo Rey, he juntamente Deos. Deos Pay, aſſim he que he Rey; e Chriſto, como Filho de tal Pay, he hum Rey, aſſim como Deos: *Tu Patris ſempiternus es Filius: Tu Rex gloriæ Chriſte.*

E de que Rey, melhor do que do noſſo reynante Monarcha, ſe póde dizer, no modo em que ſe póde: *Tu Patris es Filius*, vós Senhor ſois filho de voſſo Pay? Sois filho do Senhor Rey D. Joaõ o V. ou o Grande de Portugal. Grande Rey, que foi pela nobreza da ſua Peſſoa; porque do Real tronco da Caſa de Bragança, das mais Illuſtres, e Regias de toda a Europa. Grande Rey pelo magnanimo do coraçaõ: Grande Rey pelo magnifico das obras, e Rey muito Grande pelo piedoſo do eſpirito. E ſe taõ Grande Rey foi o Pay do noſſo Auguſto Monarcha ; acclamado temos ao noſſo Monarcha Auguſto por hum

hum Rey muito Grande, como filho de tal Pay: *Tu Patris es Filius*: *Tu Rex*: o Pay, o Grande Rey, o Senhor D. Joaõ o V., o filho hum Rey Grande, o Senhor Dom Jozé I. Mas valha-me o Ceo, que aqui parece me vay fugindo o lume dos olhos, quando conſiderando ao noſſo Monarcha reynante, como Rey filho de taes Pays, me lembra que eſte filho Rey he Jozé. Ora notem.

Jozé quer dizer o que creſce, e naõ ſó o que creſce huma vez, ſenaõ o que muitas vezes creſce, o que ſempre vai em augmento: *Filius accreſcens. Joſeph, filius accreſcens*, *Joſeph augmentum*, dizia o velho Jacob, quando por deſpedidas deſta vida lançava a bençaõ ao ſeu Jozé: e he de notar, que quando Jacob promettia a Jozé eſtes augmentos, ja Jozé eſtava acclamado, ou ao menos declarado Rey de ſeus irmãos: *Numquid Rex noſter eris*? Do Pay Jacob, que era o tronco do Reyno de Iſrael, veyo a Jozé ſeu filho, quando ja acclamado Rey, tanta grandeza. Deixemos aqui a Jozé filho de Jacob, e vamos com Jozé filho de Joaõ. Por Grande, e muitas vezes Grande podemos acclamar ao noſſo reynante Monarcha, naõ ſó como Jozé que he, mas como filho de taes Pays. Grande huma vez por vir da Caſa de Auſtria, e por filho de huma Rainha tambem Grande, como a que he neta de Imperador, filha de Imperador, e irmãa

maã de Imperadores. Neta do Grande Imperador Fernando; filha do Grande Imperador Leopoldo, e Irmaã de dous Imperadores tambem Grandes, Jozé Ignacio, e Carlos VI. Grande outra vez o noſſo reynante Monarcha, por filho de hum Rey Grande, o Senhor D. Joaõ o V. Grande pela ſua Peſſoa, e pelo ſeu Solar da Caſa de Bragança. Rey Grande o noſſo Auguſto Monarcha, huma vez por filho de huma tal Mãy: *Filius accreſcens*; Grande Rey outra vez por filho de hum tal Pay: *Filius accreſcens*; e Rey Grande muitas vezes em ſi meſmo, como eſtá promettendo a ſingularidade tambem Grande do ſeu Auguſto, e novo nome de Jozé, *Joſeph accreſcens*, *Joſeph accreſcens*, *Joſeph augmentum*. E reparem bem, que ſe por filho de huns taes Pays, creſceo muyto o noſſo Monarcha: *Filius accreſcens*, *filius accreſcens*; com tudo o termo ultimado da ſua Grandeza, o tem elle em ſi proprio, que he o ſer augmento de ſi meſmo, como Jozé que he: *Joſeph augmentum*: *Tu Rex*: *Tu Patris es filius*.

Da Grandeza da Peſſoa ſe ſegue a das obras, ou acçoens; e tambem por eſtas temos em o noſſo reynante Monarcha hum Rey muito Grande; hum Rey com attributos de Deos, ou aſſim como Deos, quando he Rey; magnanimo, magnifico, liberal, piedoſo, e ajuſtado. Tudo iſto tem Deos, quando he Rey, e iſto tu-

tudo tem moſtrado já ter o noſſo Monarcha por participaçaõ de Deos. A da Peſſoa moſtra-o Grande em ſi meſmo; a das acçoens moſtra-o Grande em ordem aos ſeus vaſſallos. E certamente, que neſta parte podemos ter a conſolaçaõ, de que nos deo Deos hum Monarcha, e hum Rey em tudo Grande. Grande no magnanimo com que decorou com muitos titulos de Condes, Duques, e Marquezes aos Grandes tambem do ſeu Reyno. Grande no magnifico, com que fez celebrar as mayores funçoens da ſua Corte, aſſim Reaes, como Divinas. Grande no liberal, com que mandou pagar aos ſeus Militares, gaſtando niſto, como ſe diz, dous milhoens, e muitos centos de mil cruzados. Grande no piedoſo, com que, para reſarcir a tardança no pagamento dos meſmos militares, dizem tambem mandara darlhes, como de juros, quatro mezes mais: nos donativos, que mandou alleviar aos Povos das ſuas Conquiſtas; e nas meſmas, as novas pragmaticas ſobre o ouro das Minas, e açucares do Braſil. Ajuſtado finalmente, ou temente a Deos, como quem com os olhos no meſmo Senhor, dezejando acertar em tudo, eſcolheo para conſelheyros, Miniſtros, e Prezidentes mayores dos ſeus Tribunaes, os ſujeitos tambem da mayor Jerarchia, aſſim na qualidade do ſangue, como na intelligencia dos negocios; os mais entendidos no governo politico

tico, e os mais amantes do bem commum. Grande excellencia do noſſo Rey! Mas por iſſo meſmo hum Rey Grande, hum Rey aſſim como Deos, quando he Rey. Rey como Deos, que he, temos hoje acclamado a Chriſto em o noſſo Cantico do *Te Deum laudamus*: *Tu Rex gloriæ Chriſte. Tu Patris ſempiternus es Filius*: E porque ha de ſer Chriſto acclamado aqui por Rey, aſſim como Deos o he? A'lèm das razoens, que já demos, huma, e a principal he o verſe Deos, ou Chriſto, quando Rey, acclamado como Deos, com Cherubins, e Seraſins a ſeus lados, os quaes naõ ſó lhe fazem aſſiſtencia, mas tambem lhe eſtaõ dando aos ouvidos continuamente vozes: *Tibi Cherubim, & Seraphim inceſſabili voce proclamant.* Os Seraſins ſaõ Intelligencias amantes, os Cherubins ſaõ Eſpiritos entendidos: e huma vez, que Chriſto, quando Rey acclamado, tem a ſeus lados por Miniſtros, e aſſiſtentes, humas taes Intelligencias, todas Seraficas no amor, e Cherubicas todas no entender, ha de ſer hum Rey Grande, aſſim como Deos, quando he Rey: *Tu Rex gloriæ Chriſte*: *Tu Patris ſempiternus es filius*: *Tibi Cherubim & Seraphim inceſſabili voce proclamant.*

Chriſto em quanto Rey, e em quãto Deos, naõ neceſſitava para os acertos entendidos do ſeu governo, nem para o tratamento amoroſo de ſeus vaſſallos, de intelligencias ſuperiores, que lhe aſſiſtiſſem;

ſiſtiſſem ; porque he por natureza , como Divino , ſummamenſabio , e ſabiamente amoroſo ; mas foi aſſim , para deixar aos Reys , e Monarchas hum vivo exemplar do que haviaõ de ſer : que para ſerem Reys, aſſim como Deos quando o he , haviaõ ter a ſeus lados por Miniſtros,e aſſiſtentes os de Jerarchia ſuperior : os mais amantes do bem commum , e os mais intelligentes na pratica do governo. Naõ neceſſitava o noſſo reynante Monarcha de outras intelligencias a ſeu lado ; porque a experiencia o tinha feito o mais intelligente dos negocios do Reyno , e as acçoens o tinhaõ moſtrado em extremo amante de ſeus vaſſallos : mas quiz pôr a ſeus lados por Miniſtros , e aſſiſtentes , humas taes intelligencias, para moſtrar aſſim , era hum Rey tal, hum Rey Grande,hum Rey aſſim como Deos quando he Rey : *Tu Rex : Tibi Cherubim , & Seraphim.*

Atéqui temos viſto o que he o noſſo novo, e reynante Monarcha. Grande em ſi , e Grande para os ſeus. Grande em ſi, pela ſua Peſſoa , pela ſua aſcendencia , e pelas ſuas acçoens, e Grande para os ſeus;porque neile tem os ſeus vaſſallos hum Principe benigno , hum Rey magnanimo , hum Monarcha magnifico , e hum Senhor em tudo Grande. Atégora fallámos do que he de preſente o noſſo Monarcha;agora diremos o q̃ hade ſer de futuro. Diſſemos já o que he pela Peſſoa, e acçoens , agora diremos o que ha de ſer pe-

pelo nome, que he Jozé: e por aqui veremos juntamente as glorias mayores para Portugal, e para Jozé tambẽ as ſuas mayores glorias. Vejamos as de Jozé, que ellas nos moſtrarãõ quaes hajaõ de ſer as de Portugal. Veremos as mayores glorias de Jozé, porque em Jozé veremos hum Rey o mais glorioſo de todos, quantos tem tido o Reyno de Portugal, e ainda o mundo todo. Porque ſe hoje o temos acclamado hum Rey aſſim como Deos, quando he Rey: aſſim como Deos quando he Rey, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores; Senhor de Senhores, e Rey de Reys, havemos ver tambem ao noſſo Jozé. E adonde ha de ſer Jozé Rey de Reys, e Senhor de Senhores? Sabem adonde? Em Portugal, e fóra de Portugal. Em Portugal ja o temos viſto Senhor dos Senhores Grandes de Portugal, e Rey adorado de Infantes, Principes, e Peſſoas Reaes, e daquellas duas Mageſtades, que elle adora tambem, huma como Eſpoſa, outra como Mãy. E naõ he grande gloria eſta para Jozé? De outra, quaſi como eſta, ſe gloriava muito aquelle outro Jozé, quando pelo Sol, Lua, e Eſtrellas, q̃ já via proſtrados a ſeus pés, ſe julgava Rey de Reys, e Senhor de Senhores; porque ſe ſonhava adorado Rey de ſeu Pay, Mãy, e Irmãos. *Vidi per ſomnium, quaſi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Numquid Rex noſter eris?* Nun-

Nuntiate Patri meo gloriam meam. Eſta daquelle Jozé foi toda a ſua gloria lá no Reyno de Iſrael; e naõ he menos que eſta a do noſſo Jozé, e eſta a tem elle no Reyno de Portugal; e fóra de Portugal, qual ha de ſer eſta gloria? Ha de ſer, q̃ depois de reinar glorioſamente em Portugal, ha de reynar em todo o mundo, porque para o noſſo reynante Monarcha o Senhor D. Jozé I. eſtá guardada aquella promeſſa, por lhe naõ chamar Profecia, que diz que de Portugal, e dos ſeus Principes ha de ſahir aquelle Grande Rey, que ha de ſer Monarcha do mundo todo, e Imperador do ultimo, e quinto Imperio de Chriſto, fundada eſta promeſſa na palavra, que deo o meſmo Chriſto ao noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriquez, de que nelle, e nos ſeus deſcendẽtes queria fundar o ſeu Imperio, que he eſte quinto, que ha de occupar todo o mundo: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire, ut feratur nomen meum ad exteras gentes.*

Iſto dizem as profecias do Reyno de Portugal. E quem nos ha de dizer agora, que eſte Rey, que ha de ſahir de Portugal para dominar o mundo todo, e ſer Rey de Reys, e Senhor dos Senhores de todo o mundo, ha de ſer o noſſo Monarcha, e Rey novamente acclamado? Iſto, com licença dos Sebaſtianiſtas, ou ſem ella, o direy eu. E para que vejaõ a razaõ, com que o digo, ouçaõ o V. 6. do noſſo Cantico do

Te Deum laudamus ; myſterioſo certamente para hoje: *Pleni ſunt cœli,& terra majeſtatis gloriæ tuæ.* Todo o Ceo, e a terra toda eſtá chêa da gloria da voſſa Mageſtade. Ou para o dizermos melhor : grande gloria he a voſſa; porq̃ a voſſa Mageſtade encheo o Ceo,e tambem a terra; foſtes Rey de todo o mundo cá na terra, e tambem o foſtes lá no Ceo: *Pleni ſunt cœli,& terra majeſtatis gloriæ tuæ.* De Chriſto Rey, aſſim como Deos quando he Rey,ſabemos ja fallaõ aqui Santo Ambroſio, e Santo Agoſtinho. E para tirarmos agora daqui o que nos ha de ſervir para o noſſo Monarcha, devemos ſaber, que Chriſto em quanto Rey, aſſim como Deos, teve dous Reynos, hum eſpiritual, outro temporal, huin na terra, outro no Ceo: o da terra foi o Reyno de Iſrael,chamado tambem Reyno de Chriſto;e o do Ceo, que he o da Gloria. Tambem he certo,que do Reyno do Ceo tomou Chriſto poſſe, e eſtá reynando nelle glorioſamente. E por eſta parte ſe cumprio em Chriſto a primeira parte do noſſo verſo: *Pleni ſunt cœli majeſtatis gloriæ tuæ.* Mas pela outra parte, que toca ao Reyno temporal, tambem he ſem duvida , que ſe naõ cumprio em Chriſto, porque Chriſto naõ reynou temporalmente na terra ; e aſſim he conſequencia , que ſe ha de cumprir em outro. E como ſe ha de cumprir em outro?Em outro nenhum póde ſer melhor, do que em o noſſo Auguſto, e reinante

nante Monarcha; e a razaõ he evidente. Porque ſe eſte Monarcha univerſal de todo o mundo ha de ſahir dos Principes de Portugal, e ha de ſer hum Rey, aſſim como Deos quando he Rey; nenhum melhor que o noſſo Monarcha o póde ſer, pois o vemos ja acclamado por hum Rey aſſim como Deos quãdo he Rey; e he Rey, e Principe natural de Portugal. Ficando aſſim repartido o Imperio de Chriſto: o eſpiritual, e do Ceo para o meſmo Chriſto, em quanto Deos, e Rey da gloria; *Pleni ſunt cœli majeſtatis gloriæ tuæ*; e o temporal, e da terra para o noſſo Auguſto, e reynante Monarcha ſer nella Imperador univerſal do quinto Imperio, e ter a grande gloria de ſer Rey de *Reys*, e Senhor de Senhores de todo o mundo: *Te Dominum confitemur*; cumprindo-ſe aſſim nelle a ſegunda parte do noſſo verſo: *Plena eſt terra majeſtatis gloriæ tuæ.*

Ainda naõ diſſemos tudo; porque dizendo que o noſſo reynante Monarcha ha de ſer Monarcha univerſal do mundo todo, por ſer hum Principe de Portugal, e hum *Rey* aſſim como Deos, quando he *Rey*; naõ diſſemos ainda, havia ſer tudo iſto pelo ſeu nome, que he Jozé. Agora o diremos, e outro Jozé nos dirá o como. Sonhou Jozé que via a ſeus pés, o Sol, a Lua, e as Eſtrellas; e niſto entendeo havia ſer adorado, como Rey de ſeu Pay, ſua Mãy, e de ſeus Irmãos; e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores; e

tudo iſto ſonhou Jozé no *Reyno* de ſeu Pay, que era o de Iſrael. E quereria dizer alguma couſa mais eſte ſonho de Jozé? queria dizer mais, e muito mais. O ra notem: No Sol eſtaõ ſignicados todos os Principes,e Monarchas, que ſeguem as luzes da verdade, e rayos do Evangelho, e Fé de Chriſto, que he o verdadeiro Sol. Na Lua eſtaõ ſymbolizados todos os *Reys*,que na noite obſcura dos erros, ſeguem outras leys, como Mouros, Turcos, e outros, de quem a Lua he a ſua diviza. Nas Eſtrellas eſtaõ numerados todos os mais grandes, e ſenhores eſpalhados por todo o mundo: huns, que ſeguem as ſombras da Lua; outros as luzes do Sol: e todos eſtes Senhores, Reys, e Monarchas ſonhou Jozé via proſtrados a ſeus pés,e q̃ era adorado de todos,como Rey de Reys, e Senhor de Senhores. E acaſo cumprio-ſe em Jozé eſta profecia? he ſem duvida que naõ; porque Jozé naõ ſó naõ dominou o mundo todo, e nem ainda no proprio Egypto, onde logrou as ſuas eſtimações, ſe vio abſolutamente Rey, e nem adorado de Rey algum. Que por iſſo, com muita advertencia, ou energia, explica o texto eſtas grandezas de Jozé,por hum *Quaſi*: *Quaſi Solem, & Lunam,& Stellas*; que he termo, que quer dizer alguma couſa, mas naõ diz tudo. Porque na verdade, tudo iſto de Jozé foi huma como ſimilhança, hum como remedo; foy finalmente hum ſonho, e foi hu-

huma profecia: ſonhou hum Jozé o que para outro Jozé eſtava profetizado. Sonhou hum Jozé no Reyno de Iſrael, o que no Reyno de Portugal ſe havia cumprir em outro Jozé. Sonhou Jozé filho de Jacob, o que em Jozé filho de Joaõ haviamos ver; porque para o noſſo reinante Monarcha, pelo nome, que tem de Jozé, eſtá guardado o ſer Rey de Reys, e Senhor de Senhores do mundo todo, e nelle Imperador do quinto Imperio de Chriſto: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperiũ mihi ſtabilire. Plena eſt terra majeſtatis gloriæ tuæ: Tu Rex: Te Dominum confitemur.*

Grande glória para o noſſo Auguſto, e reinante Monarcha, o verſe adorado em todo o mundo por Rey de Reys, e Senhor de Senhores: mas que gloria naõ ſerá para Portugal o ver-ſe hoje com hum tal Rey, como Jozé! Certamente, que neſte Jozé tem Portugal hum Rey, naõ ſó para feliz, e acertadamente governar, e reger o ſeu povo, e vaſſallos; mas hum Rey para os engrandecer, e exaltar eternamente, ou por todo o mundo, como vay cõcluindo o noſſo Cantico. *Et rege eos, & extolle illos uſque in æternum*; porque aſſim o eſtá prometendo tambem o Auguſto, e novo nome do noſſo Monarcha. Jozé quer dizer augmentos, e mais augmentos: *Joſeph accreſcens, Joſeph accreſcens, Joſeph augmentum.* E ſeraõ taes os augmentos em Portugal, cõ eſte Jozé por Rey, que o Rey Jozé ſerá exaltado

ſem

ſem duvida a Imperador; e o Reyno de Portugal certamente levantado a Imperio : *Imperium mihi*. Aſſim o eſpero, Senhor, da voſſa Divina palavra; e o confiamos todos da voſſa grande miſericordia; para confuzaõ dos inimigos da Fé, para inveja das Nações, e Reynos eſtranhos, e para gloria eterna dos voſſos Portuguezes; como o eſtá concluindo hoje o voſſo notavel Cantico do *Te Deum laudamus*: *Fiat miſericordia tua Domine ſuper nos, quemadmodum ſperavimus in te*: *In te Domine ſperavi, non confundar in æternũ.* Amen.

FONTE VII.

Naſce do V. 22., e 23. do Cap. 6. Luc.

Beati eritis cum vos oderint homines, & cum ſeparaverint vos, & exprobraverint vos, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum... Gaudete in illa die, & exultate.

E com as ſuas myſticas agoas entra a unir-ſe com as deſta primeira Corrente em hum diſcurſo Hiſtorico, Geografico, Genealogico, Politico, e Encomiaſtico; recitado em a nova celebridade, que conſagraraõ os Pardos de Pernambuco ao Santo da ſua côr:

O BEATO
GONÇALLO GARCIA,

Na ſua Igreja do Livramento em Santo Antonio do Reciffe aos 12. de Setembro do anno de 1745.

J. M. J.

SEndo tantas as occurrencias da feſta, naõ podiaõ ſer menos as palavras do thema. Serviraõ de thema eſtas palavras para o Sermaõ; porque he juſto que o Sermaõ tenha thema: mas a mim mais me parecem huma ajuſtada profecia da preſente ſolemnidade, e de

e de todas as circunſtancias, que nella occorrem. Dedicaõ-ſe hoje eſtes reverentes cultos, eſtes cuſtoſos applauſos, eſtes grandes feſtejos, eſtes devidos obſequios, e toda eſta nova, e grande celebridade ao glorioſo, e invicto Martyr S. Gonçallo Garcia; credito, luſtre, honra, e gloria, de todos, os que pela ſua côr ſe chamaõ Pardos. Eſte he aquelle nome, que proferido com outros termos, e tomado em linguagem vulgar, ſe vos lançava até agora em roſto, quaſi por deſprezo, como com menos politica o faziaõ alguns, ſem mais razaõ, ou ſó com a ſemrazaõ, de naõ teres os Pardos hum Santo, que canonizaſſe a voſſa côr; mas hoje, que vos apparece hum Santo da voſſa côr, e ja canonizado, ja o nome vos naõ póde ſervir de deſdouro algum, antes ſim de muita gloria, pois em o Beato GonçalloGarcia, Santo da voſſa côr, vos deparou Deos hũ Reſtaurador, ou Redemptor das calũnias do voſſo Nome.

Eſte he em ſumma o objecto todo deſta nova, e grande celebridade. Feſtejar-ſe aqui hum Pardo Santo, que ſabendo-ſe atégora que era Santo, naõ ſe conhecia foſſe Pardo; e por eſte Pardo Santo, verem todos os da ſua côr tornado bom aquelle Nome, q̃ ſe ſe ſuppunha atégora como máo. E tudo iſto temos myſterioſa, e profeticamente incluido nas palavras, que me ſervirão de thema, que ſaõ do Evangelho, com que a Igreja declarou por San-

Santo ao Beato Gonçallo Garcia : *Beati eritis, cum vos oderint homines, & cum ſeparaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum..... Gaudete in illa die, & exultate.* Alegray-vos, dizem as palavras do Evangelho, fallando em profecia com os Pardos hoje, alegray-vos: *Gaudete*; porque, aindaque vejais muitas vezes o voſſo Nome deſprezado, e lançado á parte como máo: *Et ejecerint nomen veſtrum tamquam malum*, e por eſte meſmo Nome ſejais calũniados, e tidos como em odio pelos homens, e por elles ſeparados até de tudo o que he acçaõ boa, e virtuoſa: *Cum vos oderint homines, & ſeparaverint vos, & exprobraverint*; alegray-vos: *Et exultate*; porque lá ha de chegar tempo, lá ha de vir hum dia: *In illa die*, em que por eſſe meſmo Nome calumniado, e deſprezado haveis de ſer bemaventurados, haveis de ficar muito glorioſos : *Beati eritis*. Nem as palavras do Evangelho dizem mais, e nem vós tendes experimentado menos.

Quantas calumnias, quantos opprobrios, que de deſprezos, e irrizoens naõ tem ouvido os Pardos ſobre a falta, que tinhaõ de Santo da ſua côr! attribuindo-ſe eſta falta ao defeito da meſma côr; como ſe a côr, por accidente, pudeſſe ſer ſujeito de algũa maldade. E com tanto empenho, que, por malicia da meſma côr, os queriaõ ſeparar (ao noſſo modo de dizer,)

até da communicaçaõ dos Santos. A alguem ouvi dizer, (seria talvez por chiste) que do Beato Gonçallo Garcia huma só cousa duvidava, e era, que fosse Santo sendo Pardo, com os seus termos vulgares. He verdade, que neste mundo todos somos como as abelhas de S. Pedro, (conforme dizem) que pelo que fazem huns, perdem os outros, e alguma abelha má poderá ter havido, que com o veneno da sua malicia inficionasse aos mais; e o que foi defeito particular de algum ficou sendo contagio universal para todos: mas como isso naõ he culpa original, que por força de Decreto hajaõ de contrahir todos, o que commetteo hum; seja embora máo o que he máo, dê-se o Nome ao que obra mal, que aos mais naõ lhes pode o Nome fazer mal, se obraõ bem. E assim com estes fallo.

Alegrai-vos huma vez: *Gaudete*, e outra vez vos alegray: *Et exultate*; porque isso, que até agora passou por vós, he o mesmo, que disse Christo havia acontecer aos seguidores do seu Evangelho, ou do seu Nome. O Nome dos seguidores do Evãgelho, que he o do Crucificado, ou de Christaõ, nem era máo, nem continha em si maldade alguma, senaõ aquella, que os contrarios do mesmo Nome lhe queriaõ pôr; e com tudo os Discipulos do Senhor eraõ calumniados, e desprezados, só por terem aquelle nome: e sendo os Discipulos os calumniados, Chri-

sto

ſto he o que principalmente vinha a ſer o offendido pelo Nome: *Nomen veſtrum tamquam malum propter Filium hominis*: o meſmo paſſa em o noſſo caſo. O Evangelho em commum parece falla com todos os Pardos, mas determinadamente ſe encaminha ao Beato Gonçallo Garcia; porque elle he o que ſe achava mais offendido, quando os Pardos pelo ſeu Nome eraõ calumniados, pois ao meſmo tempo, que o Beato Gonçallo Garcia era Santo, e eſtava beatificado, o mundo julgava o contrario, e naõ queria, que ſendo Pardo foſſe Santo, ſó porque tinha aquelle Nome: *Nomen veſtrum tamquam malum.*

Chriſto, para deſenganar aos Eſcribas, que o ſeu Nome naõ continha em ſi maldade alguma, dizia aos Diſcipulos que ſe alegraſſem, porq̃ daquelle meſmo Nome calumniado, e deſprezado, lhes haviaõ reſultar todas as ſuas glorias. Porq̃ aquella particula: *Cum*, aqui he cauſal, e quer dizer, q̃ as glorias lhes haviaõ ſobrevir depois da meſma cauſa, donde lhes naſciaõ entaõ as calũnias: *Cum vos oderint homines, & ſeparaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum.* Eiſ-aqui a cauſa das calumnias *Beati eritis*, eiſ-aqui as glorias deduzidas daquella cauſa. Da meſma ſorte, para deixarmos hoje deſenganados aos calumniadores deſte Nome Pardo, que naõ contêm em ſi maldade alguma o Nome, lhes havemos

moſtrar, que deſte meſmo Nome calumniado reſultaõ aos Pardos todas as ſuas glorias: *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum ſeparaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum .. Gaudete in illa die, & exultate.*

Chriſto dizia aos Diſcipulos, que haviaõ ter hũ dia deſtes; mas naõ lhes declarou quando havia de ſer eſte dia; talvez, porque quiz que pelo dia de hoje vieſſemos em conhecimento daquelle dia. Commũmente acode Deos nas tribulaçoens, quando ellas apertaõ mais aos attribulados, e quando nellas ſe eſpera menos algum ſoccorro, e allivio: nunca os Pardos eſperaraõ menos hum Santo da ſua côr, do que na preſente occaſiaõ; e nunca tanto como agora os apuraraõ, e apertáraõ mais as tribulaçoens dos calumniadores do ſeu Nome: e por iſſo, nunca tanto como neſta occaſiaõ ſe faria nelles mais appetecido hum Santo da ſua côr. Pois agora, diz o Senhor, agora he tempo, já chegou o dia. Agora fim, que creſceraõ, e chegaraõ a ſeu termo as caluminias do voſſo Nome: *Cum vos oderint homines, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum*, agora he o tempo de ſe publicarem as voſſas glorias: *Beati eritis*, já chegou o dia do voſſo grande prazer, e goſto: *Gaudete in illa die, & exultate.*

A bemaventurança, ou gloria, de que o Senhor aqui falla, naõ he a do Ceo, he a da terra,

ra; naõ he a que ſe goza lá na Patria, he a que ſe póde ver neſte mundo: he aquella gloria, aquelle prazer, aquelle goſto, e aquella alegria, que coſtuma ſobrevir, depois de vencido o trabalho, desfeita a calumnia, e paſſada a tribulaçaõ: he ſentido literal do texto; porque tudo o que nelle ſe trata he couſa, que havia paſſar cá no mundo, e entre os homens, adonde a gloria, que póde haver, naõ paſſa de hum prazer, e goſto, que paſſa: *Beati eritis. Gaudete, & exultate.*

Daqui ſupponho ſe eſtá percebendo, que naõ venho hoje prégar da bemaventurança, e gloria, que o Beato Gonçallo Garcia goza no Ceo, como Santo, nem tampouco hey de diſcorrer ſobre a declaraçaõ, que o Summo Pontifice fez da ſua Santidade; porque iſto naõ he hoje couſa nova, e nem padece duvida alguma: a declaraçaõ, que eu me parece devo fazer hoje, he daquillo, que póde ter, e com effeito tem alguma contrariedade, e faz repugnancia a alguns, que he a natureza, e côr parda deſte Santo. Eſta côr parda, he a que eu venho hoje beatificar, ou declarar por bemaventurada; quero dizer, venho moſtrar como o Beato Gonçallo Garcia he Pardo por naſcimento, e deſcendencia, e declarar que a ſua côr parda naõ ſó he tam bemaventurada, e ditoſa como as mais; mas ainda alguma couſa mais. E como iſto tudo ha de reſultar em gloria do noſſo Santo, ao menos acci-

accidental: *Beati eritis*, e em goſto, e prazer de todos os da ſua côr: *Gaudete, & exultate*; todos me devem ajudar a pedir para o acerto, por interceſſaõ do meſmo Santo, o patrocinio daquella Senhora, em cuja caſa eſtamos, que nos naõ ha de faltar, como Mãy que he de graça. *Ave Maria.*

ASſumptos ha, que melhor he ouvîlos, que dizê-los; naõ eſtá tambem o diſcorrê-los em conceito proprio, mais conveniente he ouvî-los em diſcurſo alheyo. Aſſim devia muitas vezes ſer, naõ tanto pelo difficil dos aſſumptos, quanto pela diverſidade dos ouvintes; pois naõ havendo aſſumpto taõ inacceſſivel, que ſe naõ poſſa penetrar, e ainda dar alguma ſahida, a difficuldade toda eſtá em deixar ſatisfeitos aos que ouvem; porque certamente ha genios de paladar taõ deſgoſtoſo, que ſempre lhes deſagrada o alheyo, por mais concertado, que vá, talvez ſó por que he alheyo; e ſó lhes parece bem o proprio, e muitas vezes ſem mais tempero, que o ſer proprio. Hum dos aſſumptos mais repugnantes, que tem tocado o meu diſcurſo, he o preſente; porque entro nelle conhecendo, que naõ tendo tanto de difficultoſo pela materia de que trata, ha de ter muito de contrariedade pelo aſſenſo, que muitos lhe deraõ, ou tem ja dado. O que eu poſſo affirmar he, que naõ trago intento, e nem o tive nunca, de perſuadir couſas novas, por

porque ſó determino moſtrar a verdade dellas; e eſta, naõ dictada pela minha eſtimaçaõ, mas deduzida de varios Authores: da verdade de todos elles ha de conſtar o preſente diſcurſo, que naõ ha de ter de meu, mais que a fórma, a compoſiçaõ, e ornato; e aindaque por força ha de começar em narraçaõ hiſtorica, naõ deixará por iſſo de continuar, e acabar em diſcurſo Panegyrico, atado todo ás palavras do Evangelho; entremos nelle.

O Beato Gonçallo Garcia naſceo em Baçaim, Cidade do Eſtado da India Oriental, Conquiſta dos Sereniſſimos Reys Portuguezes, noſſos Senhores. He Baçaim, álêm de outras excellencias, que della contaõ os Hiſtoriadores, huma das mais nobres Cidades da India, aſſim em edificios, como em moradores; pois apenas, dizem elles, ſe achará em Portugal caſa, ou familia illuſtre, que lá naõ tiveſſe deſcendencia; por cujo reſpeito eraõ alli tantos os Dons, que até á Cidade lhe tocou o ſeu, pois a chamavaõ algũs D. Baçaim. Supponho, q̃ ao noſſo Sãto, lhe naõ coube em ſorte Dom algum deſtes, porque, nenhum dos Eſcritores, q̃ vi lho declaraõ nem ainda os nomes de ſeus pays. Só nos dizem, que hum era Portuguez, e por conſequencia branco, e outro natural da terra, e conſeguintemente negro; eſta era a mãy, natural de Baçaim; e aquelle o pay, filho de Portugal. Aſſim o trazem, álêm dos Eſcritores da Ordem, o A-

o Agiologio Luſitano, ou Calendario Portuguez, do Licenciado Jorge Cardoſo, no dia cinco de Fevereiro. Naõ achamos eſcrito, nem o dia, nem o anno do ſeu naſcimento, nem tampouco os que teve de idade; ſó achamos, que entrando os Portuguezes a tomar poſſe da Cidade de Baçaim no anno de 1534. e ſendo o martyrio deſte Sãto no de 1597. correm neſte meyo tempo 63. annos, e aſſim podemos affirmar certamente, que dos 61. ou 62. naõ podia paſſar a ſua idade, dado caſo que naſceſſe logo no primeiro, ou ſegundo anno daquella entrada dos Portuguezes em Baçaim.

Tambem naõ achey couſa particular da ſua vida até o Eſtado de Religioſo; ſó ſim, que nella exercitou primeiro o trato da Mercancia, navegando da India para a Ilha de Manilha, huma das chamadas Philipinas, no mar da China. Neſtas Ilhas tem os Religioſos Franciſcanos Reformados hũa Provincia intitulada de S. Gregorio, e em Manilha hum Convento, aonde Gonçallo Garcia coſtumava muitas vezes ir, quando ſe achava na terra com o ſeu negocio. E, ou affeiçoado aos Religioſos, ou chamado por Deos, pedio alli o habito, e fez profiſſaõ para Frade Leigo. Tambem naõ pudemos deſcobrir o tempo deſta Profiſſaõ; ſó achamos que no anno de 1593., eſtando por Cõmiſſario dos Religioſos nas Philipinas o Beato Fr. Pedro Bautiſta, e ſendo enviado Embaixador por Philippe

lippe II. de Caſtella, a Taycozame Imperador do Japaõ, levou comſigo por companheiros a dous Religioſos mais, e a Fr. Gonçallo Garcia por interprete, porque, como Mercador, que tinha tratado com aquellas gentes, entendia melhor a lingua da terra.

Naõ ſó compôs Fr. Pedro os negocios de Eſpanha com o Japaõ, como Embaixador, mas tambem como Miſſionario: (para cujo emprego levava breve do Papa Clemente VIII.) alcançou licença do Imperador para prégar a Fé áquelles Gentios, como com effeito o fez, converteó a muitos, edificou Conventos, e Hoſpitaes; e paſſadas neſtas, e em ſimilhantes obras mais de tres annos, movido o Imperador, por hum Medico ſeu, e alguns Sacerdotes dos Idolos contra os Religioſos, foraõ preſos todos, que eraõ em numero ſeis, com quinze terceiros, e tres ſeculares mais, naturaes todos do Japaõ; e ſentenciados á morte na Cidade de Meaco, depois de quaſi dous mezes de carcere, e cortada a cada hum a orelha eſquerda, e levados a correr as ruas açoutados aſpera, e affrontoſamente com as mãos atraz; dalli os conduziraõ atropellados, e em tempo de inverno por mais de cem legoas de caminho á Cidade de Nangan Zaqui, onde os crucificaraõ, traſpaſſando com duas lanças a cada hum. Eſtando ja na ſua Cruz o Beato Gonçallo Garcia, e tocandolhe por ſorte o ficar no meyo daquelle triun-

fante exercito, era o que a vozes prégava a todo aquelle povo, aſſim Chriſtaõ, como Gentilico; a eſtes, advertindo-lhes os erros em que ficavaõ, e áquelles, admoeſtando-os á perſeverança da Fé: e ao tempo, que o traſpaſſáraõ com aquellas lanças, foraõ eſtas as ultimas palavras, que proferio: *Senhor havei miſericordia de mim.* Tambem ſe acha, que no tempo, em que eſteve no Japaõ o Beato Gonçallo Garcia, eſcrevera varias Epiſtolas áquelles Chriſtãos, que andavaõ eſpalhados por aquellas Ilhas, cheyas de fervor, e zelo do ſeu abraſado eſpirito; por cuja cauſa o Padre Salmantino o põem em o numero dos Eſcritores no 2. *Tom.* da ſua Biblioteca Germanica Franciſcana na letra G. Foi o martyrio deſte Santo a cinco de Fevereiro, do anno de 1597. e dahi a trinta annos, no de 1627. foraõ declarados todos verdadeiros Martyres, por Bulla do Sũmo Pontifice Urbano VIII. no quinto anno do ſeu Pontificado. Conſta todo o referido do Breviario, e Martyrologio Seraphico, Agiologio Luſitano, com mais de trinta Authores, lá apontados.

Do que fica dito, ja ſey que o que ſó ſe duvida agora, he da côr da mãy do Beato Gonçallo Garcia; porque dizendo os Eſcritores todos, que era natural de Baçaim, ſe accreſcẽta agora, que era da côr preta, e talvez diraõ, que ſó a fim de fazermos Pardo ao Beato Gonçallo Garcia, como deſcendente de preto,

preto, e branco. Como eſte he o ponto principal, e todo o tropeço do noſſo diſcurſo, para procedermos nelle com a clareza neceſſaria, e diſtincçaõ poſſivel havemos diffinir primeiro, que couſa ſeja Pardo, naõ ſó neſſe ſentido, mas tambem no commum, e vulgar do Povo. Pardo em termos vulgares, diz o Padre D. Rafael Bluteau no ſeu Vocabulario da lingua Portugueza, na letra M. Mulato he aquelle, que he filho de branco, e negro; Pardo, aſſim como nós o proferimos, diz o meſmo Author na letra P., he aquelle, que nem he branco, nem he negro, mas participa deſtas cores ambas; e mixto, vem a ſer o meſmo, que Pardo, porque he huma côr meya, que participa de ambas as côres, preta, e branca; diz o ſobredito Bluteau na letra M.

Que o Beato Gonçallo Garcia ſeja Pardo por todos eſtes principios, que participaſſe da côr preta, e branca; em quanto a eſta naõ ha duvida, porque ſem contradiçaõ dizem todos, que o pay era Portuguez; que participaſſe da côr preta, por parte da mãy he a mayor difficuldade. Sabemos certamente, que era ella natural de Baçaim, mas tambem ſey, que muitos duvidaõ, qual ſeja a côr dos ſeus naturaes. E aſſim digo, que a côr dos naturaes de Baçaim, como de todos os demais da India, he a côr preta, e negra; porque ſaõ todos negros, e pretos. Para aſſentarmos por indubitavel eſta propoſiçaõ havemos refe-

rir, o que dos naturaes daquellas terras, e da côr delles, dizem os Eſcritores: e para iſto tudo ſe perceber melhor havemos fazer hum abbreviado mappa do que chamamos India, eſpecialmente deſta, de que fallamos, ſeus termos, coſtas, e divizoens.

Dividem os Eſcritores, e Geografos a tudo o que ſe chama India em tres partes: e deixando a primeira, que chamaõ India mayor, terra firme, ou Imperio do Mogol, e a terceira, que he huma Peninſula mais Oriental, a ſegunda, que he a de que fallamos, he outra Peninſula, a que chamaõ Occidental. Começa eſta Peninſula, ou ponta de terra cõ 230. legoas de largo, entre as deſembocaduras dos dous famoſos rios, o Ganges, que fica para a parte do Oriente, e o Indo, para a parte do Occidente, e fazendo coſta por huma, e outra parte vay igualmente eſtreitando até acabar, com 280. legoas em hum cabo, ou ponta, que chamaõ de Comorî. Corre direito de Norte para o Sul, ficando-lhe para o Sul o cabo, e o groſſo para o Norte. E deixando as coſtas, que correm pela parte do Oriente, e diſcorrendo pelas que ficaõ cá da parte do Occidente, hum dos primeiros lugares, começando do Norte para o Sul, he a Cidade de Baçaim, cõ 16. legoas de coſta; daqui, paſſados alguns lugares de menos nota, entra o diſtricto de Goa, que he huma Ilha ao longo da terra com pouco mais de tres legoas. Dos confins de

Goa

Goa entra o que chamaõ Reyno de Malabar, e coſta da Peſcaria, por quaſi duzentas legoas até o cabo de Comorî. E que os naturaes de toda eſta India ſejaõ negros, e da côr preta, o dizem cõmũmente todos os Eſcritores.

Monſiur de Chevigni, Francez, nos ſeus livros intitulados *Sciencia para las Perſonas de Corte, Eſpada, y Toga*, na taboa, ou mappa da India mayor, ou Imperio do Mogol, fallando dos ſeus naturaes, que ſaõ os que confinaõ com os da noſſa India, diz eſtas palavras: *Son morenos, pero no tanto como los de las otras coſtas de la Peninſula Occidental, en cuya comparacion, eſtos del Mogol ſe llaman blancos.* Duas couſas temos aqui que notar: A primeira he, que Mogol na lingua daquella gente, quer dizer branco, e por iſſo aquelles, por ſe terem por brãcos, ſe chamaõ Mogoles. A ſegunda he, que a eſtes, que lá ſe tem por brancos, chama eſte Author, e outros muitos, *Morenos*. E ſe quizermos ſaber, que côr he eſta de Moreno, dirá o Vocabulario Portuguez, que Moreno he aquelle, que tem a côr eſcura, e quaſi negra, que em latim he *Subniger*: tambem ſe deve aqui advertir, que eſtes Morenos, que ſaõ quaſi negros, ſaõ os que lá chamaõ brancos, e iſto a reſpeito dos da noſſa India, que ainda ſaõ mais negros. Agora quizera me reſpondeſſem ſem paixaõ: Para hum Moreno deſtes, que he quaſi negro, ſe chamar branco a reſpeito

peito de outro, que he mais negro, que côr ha de ſer a deſte mais negro? He ſem duvida, que ha de ſer negro, e muito negro. Pois eſta era a côr da mãy do Beato Gonçallo Garcia, natural da Cidade de Baçaim lugar principal da coſta da noſſa India.

D. Franciſco Giuſtiniani no ſeu *Athlas abbreviado* no mappa da noſſa India deſcrevendo-a diz aſſim: *Eſtá ſituada entre los 7. y 22. grados de longitud Septentrional, por cuya cauſa el ayre es eſtremadamente caliente, y ſus naturales mas negros, que los del Indoſtan, ò Mogol.* Os do Mogol ſaõ Morenos, e quaſi negros, os da noſſa India ſaõ ainda mais negros: bem ſe deixa ver, que ſaõ negros, e muito negros. D. Franciſco de la Torre, no ſeu *Athlante Peregrino*, Vida do grande Padre S. Franciſco Xavier, fallando da entrada, que eſte Apoſtolo das Indias fez na Cidade de Goa, e deſcrevendo os ſeus naturaes, diz eſtas poucas, e elegantes palavras: *Son negros, por ſer blanco a los tiros del Sol.* O Author do *Oriente Conquiſtado na 1. part. a fol.* 100. diz que no Seminario de Goa ſe criavaõ noventa meninos, entre brancos, e pretos, eſtes pretos ſaõ os naturaes da terra.

De Goa para diante entra o que chamaõ Reyno de Malabar, por quaſi 200. legoas até o cabo de Comorî; e todos eſtes Malabares dizem geralmente os Eſcritores todos ſaõ negros, e os mais negros de toda a India. Seja o primeiro o noſ-

ſo

ſó Homero Portuguez, pois foy naõ ſó dos primeiros que os deſcreveo, mas como que eſcrevia pelo que tinha viſto. Falla elle na oitava 93. do Canto 8. das ſuas *Luziadas*, de hum Catual, que he dos primeiros Miniſtros do Rey de Calecut, o qual teve como preſo, ou retido, dia e meyo, ao grande Vaſco da Gama, e diz aſſim: *Concertaõ-ſe, que o Negro mande dar*: Negro, diz que era eſte Malabar, e peſſoa principal daquelle Reyno. Por negros os trata tambem a todos eſtes Malabares o P. Alonſo de Sandoval, em varias partes do ſeu tratado *De Inſtauranda Æthiopũ ſalute*, com varios Authores por elle citados; baſte por todos a Authoridade do meſmo Apoſtolo das Indias S. Franciſco Xavier, em o Cap. de huma carta, que eſte Santo eſcreveo da Cidade de Cochim ao ſeu glorioſo Patriarcha Santo Ignacio em 15. de Janeiro de 1544. vaõ as palavras do Santo fallando dos naturaes do Malabar: *Tambem perguntaraõ ſe Deos era branco, ou negro, pela differença de côres, que viaõ nos homens, e porque aqui todos ſaõ negros.* Saõ palavras de S. Franciſco Xavier. E de caminho ſe deve aqui advertir, que deſtes negros da India, e naõ dos da Africa, he que ſe diz que eſtimaõ tanto a ſua côr preta, que até aos ſeus Idolos, e Deoſes pintaõ negros. E ſe os naturaes da India, e de todas as ſuas coſtas ſaõ negros todos, e todos da côr preta, deſta côr ha de ſer tambem a mãy do Beato Gon-

Gonçallo Garcia, pois he natural de Baçaim, Cidade principal na coſta da India.

Do que fica dito ja podiamos concluir, que o Beato Gonçallo Garcia he Pardo legitimo por natureza, e deſcendencia; pois participa por huma parte de côr branca, e da preta pela outra. Mas porque me parece ouvir dizer a alguem, que o Pardo para ſe ter por legitimo, naõ ſó ha de deſcender de negro, mas de tal negro, que, álêm da côr preta, ha de ter de mais duas propriedades: huma, que ha de ter o cabello retorcido, ou demaſiadamente creſpo; a outra, que ſe ha de poder chamar Ethiope, iſto he, que ha de ſer natural da Ethiopia. Os da India, dizem eſtes duvidoſos, nem ſaõ Ethiopes, nem tem o cabello retorcido: logo, aindaque tenhaõ a côr preta, nem por iſſo ſe devem ter propria, e rigoroſamente por negros; e aſſim o Beato Gonçallo Garcia, aindaque deſcenda de hum deſtes da India, da côr preta, nem por iſſo ſe póde dizer que he Pardo com propriedade.

A iſto ſe reſponde: que eſta duvida ſó vem a fazer-nos mais dilatado eſte diſcurſo, e a obrigar-nos a moſtrar com mayores razoens como os naturaes da India ſaõ propria, e rigoroſamente negros; naõ ſó pela côr preta, mas pelos meſmos principios, que querem os duvidoſos. E aſſim digo, que a ſua duvida naõ tem força alguma, porque ſe funda em principios falſos. O primeiro, he ſupor,

por, que os cabellos retorcidos, ou demaſiadamente creſpos ſaõ de tal ſorte connaturaes a todos os negros, que naõ haja negros naturaes ſem cabellos retorcidos, o que he falſo, porque os ha.

Em Moçambique pela terra a dentro, diz Fr. Joaõ dos Santos na ſua *Ethiopia Oriental*, citado pelo Padre Sandoval, ha huma naçaõ de Ethiopes, a que chamaõ Machacatos, e habitaõ nas Cidades de Brava, e Magadacho, os quaes dizem eſtes Authores ſaõ negros como azeviche, e tem os cabellos lizos, e corredios; e nem por iſſo deixaõ de ſer negros; e Ethiopes verdadeiros. E na India nas Ilhas Philippinas, e Malucas, diz o meſmo Sandoval ha negros com os cabellos taõ engrenhados, e retorcidos, como os de Guiné, e mais naõ ſaõ naturaes da Africa, ou Ethiopia. Donde ſe ſegue, que os cabellos retorcidos naõ ſaõ de tal ſorte connaturaes a todos os negros, que ſe naõ achem negros naturaes ſem cabellos retorcidos; e aſſim os da India, aindaque naõ tenhaõ todos, e de todo o cabello retorcido, naõ deixaõ por iſſo de ſer rigoroſamente negros. Ouçamos aqui humas palavras de Herodoto, que traz o Padre Vieira na ſua *Hiſtoria do futuro*, tocando, ainda que a outro intento, eſte meſmo ponto; e ficará mais evidente, o que himos dizendo: *Hi Æthiopes, qui ſunt ab ortu ſolis ſub Pharnazatre, cenſebantur cum*

Sãdov. lib. 1. cap. 2. fol. 15. Ibid. cap. 8. fol. 19.

Indis ſpecie nihil admodum cæteris differentes, ſed ſono vocis duntaxat, atque capillatura; nam Æthiopes, qui ab ortu ſolis ſunt, permixtos crines, qui ex Africa creſpiſſimos inter homines habent. Naõ ſe podia dizer, nem mais, nem melhor para o intento. Diz, que na India, que he parte da Azia, tambem ha negros, ou Ethiopes, aſſim como na Africa; e que ſó ſe diſtinguem huns dos outros, no ſom da voz, e nos cabellos; porque os da Azia, ou da India, tem o cabello entre creſpo, e ſolto; e os da Africa muito creſpo, e retorcido: e aſſim fica baſtantemente claro, e entendido, que os da India, ainda que naõ tenhaõ todos, e nem de todo o cabello retorcido, nem por iſſo deixaõ de ſer rigoroſamente negros.

A ſegunda ſuppoſiçaõ, que fazem os duvidoſos, he entenderem que os Negros ſe chamaõ Ethiopes, por ſerem naturaes da Ethiopia, e daqui ſe ſegue tambem terem para ſi, que a Ethiopia he a que deo aos Negros o nome de Ethiopes, o que tudo he erro. Porque devem ſaber, que os Negros ſe chamaõ Ethiopes, pela meſma razaõ de ſerem Negros; e como Negros, ou Ethiopes, elles foraõ os que deraõ o nome á Ethiopia. Plinio diz, que a Ethiopia ſe chamou aſſim, de hum filho de Vulcano chamado Ethiopes, que reinou na Africa muitos annos; e já por aqui ſe vê, que hum Ethiope foy o que deo no-

nome á Ethiopia. Melhor o diremos com a Sagrada Eſcritura, e Santos Padres. Aſſentaõ todos, que os primeiros habitadores da Ethiopia foraõ os Negros deſcendentes de Chus fillho de Cham. Cham quer dizer Negro, ou negrura: *Cham id eſt, nigredo, ſeu niger*, e negro na lingua Hebrea, he o meſmo, que Ethiope na Latina; porque os Hebreos chamaõ Ethiope ao que tem a côr negra, e preta: *Niger id eſt Ethiops.* S. Jeronymo, Joſepho, Iſidoro, o Toſtado com os ſettenta Interpretes, diz Alapide, affirmaõ que aquella parte da Africa, que eſtes deſcendentes de Chus povoaraõ, ſe chama Ethiopia, ou Chuſia, porque eſtes fundadores ſe chamavaõ Chuſios, ou Ethiopes, Ethiopes porque eraõ negros, e pretos na côr; e Chuſios como filhos, e deſcendentes de Chus: *Filii aut Cham Chus*: diz o Sagrado Texto; *Chus*, accreſcenta Alapide, *ab hoc orti ſunt Ethiopes, qui hinc ſe ſua lingua Chuſius vocant. Chus enim filius Cham, qui nomen dedit Ethiopiæ*, diz o meſmo Alapide em outro lugar. Daqui ſe vê claramente, que os Ethiopes foraõ os que deraõ o nome á Ethiopia, e naõ a Ethiopia aos Ethiopes; e que os Negros ſe chamaõ Ethiopes naõ por ſerem da Ethiopia, ſenaõ porque ſaõ pretos, e negros na côr: *Niger, id eſt, Ethiops. Chus, qui nomen dedit Ethiopiæ.* E por eſtas razoens, conclue o Padre Sandoval, convem cha-

Alap. in Gen. c. 10. v. 6.

Id. in Soph. 3. v. 10.

memos a todas as naçoens de côr negra, Ethiopes; e assim este Author, fallando de negros, que diz ha naõ só na Ethiopia em Africa, mas na Azia, na Arabia, na India, e na nossa America, adonde diz ha tambem naçoens de negros, a todos chama Ethiopes. E se o negro, para ser propria, e rigorosamente negro, nem he necessario que seja natural da Ethiopia, e nem que tenha cabellos retorcidos, porque basta só que seja preto na côr, para se chamar com propriedade negro; os naturaes da India, ainda que o naõ sejaõ da Ethiopia, e nem tenhaõ todos os cabellos retorcidos, saõ negros naturaes, e Ethiopes verdadeiros, porque tem o que lhes basta para isso, que he serem pretos na côr; e por consequencia o Beato Gonçallo Garcia, porque descende de hum preto destes com branco, he Pardo legitimo por natureza.

Sãdov. lib. 1. cap. 1. col. 3. & seq.

Mas porque desejo nesta parte deixar de todo satisfeitos a estes duvidosos, digo mais: a mãy do Beato Gonçallo Garcia, como todos os demais da India, naõ só saõ Ethiopes legitimos por serem pretos na côr, mas tambem saõ Ethiopes verdadeiros, porque saõ tambem naturaes da Ethiopia. Para o que devem saber, que a primeira parte do mundo, que teve o nome de Ethiopia, foy a India Oriental. Assim o disseraõ S. Epifanio, e Anastasio Niceno citados pelo Doutor Solorzano no seu primeiro

ro tomo de *Jure Indiarum* a fol. 6. §. 50. fallando deſta India Oriental, de que nós agora com elle tambem fallamos: *Totam hanc Indiam Orientalem, de qua loquimur, magnam Ethiopiam appellant, & ſatis appoſitè.* Notem bem os termos: *Satis appoſitè*: Que querem dizer, que os que chamaõ á India Oriental Ethiopia o fazem com muita propriedade, e acerto: *Satis appoſitè.*

E ſe iſto parecer muito, muito mais ha de parecer, ſe nós diſſermos mais, e he o que ſe vay ſeguindo: que a India Oriental he aquella Ethiopia dos Antigos taõ celebrada nas Divinas letras, da qual diz o Profeta David, foy a primeira que as mais partes do mundo no conhecimento de Deos feito homem: *Ethiopia prævenit manus ejus Deo: id eſt, prima veniet*, accreſcentaõ os Sagrados Expoſitores: Pois ſaibaõ, que eſta Ethiopia, que dizia David havia ſer a primeira no conhecimento de Deos feito homem, he a India Oriental. Aſſim o traz o Padre Leblanc ſobre o verſ. 11. do Pſalmo 72. *Et adorabunt eum omnes Reges terræ*, acarretando para aqui o verſ. paſſado: *Ethiopia prævenit manus ejus Deo*, e juntamente o v. 10. do cap. 3. de Sophonias: *Ultra flumina Ethiopiæ*, onde diz, que por eſta Ethiopia entendem Arias, Vatablo, e o Caldeo a India: *Arias, Vatablus, & Chaldeus intelligunt ibi Indiam.* E mais largamente o tinha já eſcrito Pſalm. v. 32.

crito antes o P. Alapide ſobre eſte meſmo verſ. de Sofonias; onde diz, que o Caldeo em lugar do verſ. *Ultra flumina Ethiopiæ*, põem *Ultra fluvios Indiæ*, e que eſtes Authores todos juntos com à Caſtro, de tal ſorte entendem por eſta Ethiopia da Eſcritura a India Oriental, que a eſtendem até o Japaõ, e a China: *Alii*, diz Alapide, *quibus favet à Caſtro, putant hìc notari Indiam Orientalem, uſque ad Japonem, & Chinam.* Naõ ſe podia extender mais, porque naõ havia mais para onde extender. E aqui ſe ficará tambem entendendo, que o primeiro Ethiope, ou negro, que por eſta India Oriental, ou grande Ethiopia rendeo vaſſallagẽ a Deos feito homem, foy Gaſpar terceiro Rey dos Magos, que duvidando-ſe muitos ſeculos donde foſſe, depois que os noſſos Portuguezes entráraõ na India ſe ſabe certamente era ſeu natural, e Rey de Crangranor na coſta do Malabar.

E ſe acharem iſto muito, muito mais acharáõ ainda ſe nós formos dizendo; porque aſſim ſe vai ſeguindo, que primeiro houve negros na India, do que os houveſſe na Africa; e que da India he que vieraõ os primeiros negros para a Africa. Aſſim o traz o Padre Leblanc no lugar já citado, pouco adiante vaõ as ſuas palavras: *Adde, quod Ethiopes filios Chus, quidam velint olim ad Indum flumen habitaſſe, relictisque ſedibus ſuis juxta Ægyptum conſediſſe inter*

Ni-

Nilum, & Oceanum ſupra Heliopolim, & inde paulatim ad interiora Africæ penetraſſe. Quer dizer, que os Ethiopes, ou negros, filhos, ou deſcendentes de Chus, ſahindo de ſuas patrias fizeraõ a ſua primeira habitaçaõ na India ás margens do ſeu rio, e ſahindo daqui, ſe partiraõ para o Egypto, e fizeraõ o ſeu aſſento entre o rio Nilo, e o mar Oceano ſobre a Cidade de Heliopolis, e daqui pouco a pouco ſe foraõ eſpalhando por toda a Africa. Naõ cita eſte Padre Authores, talvez por julgar ſer opiniaõ provavel; mas no Doutor Solorzano achamos os que baſtaõ para a probabilidade deſta opiniaõ; foy o primeiro, que eſcreveo, ou dos primeiros, Herodoto, e depois delle Euſebio, e Torquemada, concordando em que eſta paſſagem dos Negros da India para a Africa, ou Egypto, aconteceo no anno da creaçaõ do mundo de 3580. *Juxta hanc Ægypti Aſſiaticam partem Æthiopes ab Indo flumine conſurgentes, conſediſſe, anno mundi* 3580., *ut poſt Herodotum tradidit Euſebius, & Torquemada.* Solorzan. ib. §. 48.

E ſe, conforme a vontade dos duvidoſos, Pardo legitimo he aquelle ſó, que he deſcendente de branco, e negro, e tal negro, que ſe poſſa dizer que he Ethiope, ou natural da Ethiopia; ſendo a primeira Ethiopia, que houve no mundo, a India, e ſendo os ſeus naturaes ſempre Ethiopes, ou negros deſde o ſeu principio, bem dizia eu,

eu, que vos havia moſtrar hoje como o Beato Gonçallo Garcia he pardo legitimo por natureza, e deſcendencia, pois he deſcendente de hum Portuguez branco, e de huma Ethiope, natural de Baçaim na India, que foy a primeira Ethiopia dos antigos: *Totam hanc Indiam Orientalem magnam Æthiopiam appellant; & ſatis appoſitè.*

Suppoſto eſtá baſtantemente provado, que os naturaes da India ſaõ negros, e Ethiopes, naõ ſó pela côr preta, mas tambem pela natureza, como deſcendentes de Chus, filho de Cham, como me pódem ainda allegar, que, dado cazo que aſſim foſſe naquelles principios, hoje já naõ he aſſim; porque ainda que pela coſta de Malabar, cabo de Comorí, e outros lugares hajaõ ainda deſtes negros, como tambem na Ilha de Ceilaõ, e outras muitas das Malucas, e Philippinas; com tudo dos confins do Malabar, correndo a coſta de Goa até Baçaim, e para diante, conſta de peſſoas, que por ellas tem andado, que os ſeus naturaes hoje, e já no tempo, que os Portuguezes entráraõ na India, naõ eraõ abſolutamente negros, e pretos, mas trigueiros, baços, ou morenos, que aſſim os tratáõ tambem alguns Eſcritores; e vulgarmente lhes chamaõ alguns Cafres, ou Canarins, e naõ Negros. E aſſim parece, que de balde tem trabalhado o noſſo diſcurſo, em querer fazer aos da India todos Negros.

Ou-

Ouçaõ a reſpoſta, que poderá ſer fiquemos ainda melhor.

Digo pois, que eſtes baços, ou morenos, que naõ ſaõ abſolutamente pretos, ſe naõ devem chamar Cafres, ou Canarins, porque iſto he erro do vulgo. Canarim, conforme os meſmos naturaes da India, quer dizer o que he natural de Canará, que he huma Provincia, ou Reino, que fica entre os confins de Goa, e principios do Malabar pela terra a dẽtro, cuja Cidade principal ſe chama tambem Canará. Vejaõ ao Padre Bluteau no ſeu Vocabulario. Tambem ſe naõ devem chamar Cafres os naturaes da India; porque, conforme ao meſmo Bluteau, Cafre vem da palavra Arabiga *Cafir*, que quer dizer *Homem ſem ley*, e eſte nome Cafre ſe dá ſómente pelos Eſcritores a huma naçaõ de negros, que habita na coſta de Africa pelo Cabo daBõa Eſperança até quaſi Moçambique, chamada Cafraria, ou Provincia, e Reyno do Monomutapa; e daqui vem, que os naturaes da India, quando lá apparece algum negro da Africa, a eſtes he que chamaõ Cafres, porque os da India ſe tem ainda por mais negros, do que os proprios da Africa.

Tambem he neceſſario advertir aqui a alguem, que ouvindo dizer que o Beato Gonçallo Garcia era Indio, entendeo ſeria algum individuo dos Tapuyas da noſſa America, porque a eſtes chamaõ tambem Indios, ainda que com pouca propriedade; porque, como nota certo Eſcritor [1], impro-

priamente ſe chamaõ Indias as terras da America; porque Indias ſómente ſe entendem as Orientaes, ditas aſſim em razaõ do rio Indo, que as rega, e parece naõ pódem ter muita congruencia entre ſi eſtas duas partes da terra, ſendo taõ differente huma da outra, quanto vay do Oriente ao Ocidente; do principio ao fim do mundo. E ſendo os naturaes de ambas taõ differentes em tudo, que até o ſaõ nas cores, os da America vermelhos, e os da India negros.

Correa ſobre a Oit. 2. do Cant. 1. de Cam. S. ult.

E ſe me perguntarem o como devemos chamar a eſtes da India, que naõ ſaõ totalmente negros, mas baços, ou morenos; digo que os havemos chamar mixtos, Pardos, ou mulatos; porque eſta em termos Portuguezes he a côr dos baços, ou morenos da India. Tambem temos Authores, que aſſim o eſcrevem. O noſſo Homero Portuguez na Oitava 100. do Canto 10., fallando das Arabias, e deſcrevendo os ſeus naturaes, diz aſſim: *Olha as Arabias tres, que tanta terra tomaõ, todas da gente vaga, e baça.* Manoel de Faria e Souſa, explicando eſta côr baça, ou morena dos naturaes das Arabias, diz: *Quiere dezir, que la gente deſſas partes es de color ni blanca, ni negra, que en Portugal llamamos Pardo, ò Mulato, porque ſe llaman mulatos los hijos de negro, y blanco.* Daqui devemos notar mais, que a côr morena, ou baça, naõ he outra mais, que a mixta, ou parda, e par-

parda legitima; porque diz eſte Author, ou dá a entender, que aſſim a parda, como a morena he côr mixta, que procede de branco, e preto. Melhor o diremos ainda com Authores, que fallaõ determinadamẽte dos baços, ou morenos da India.

O Sandoval, já allegado aqui tãtas vezes, no lib. 4. cap. 3. pag. 11. fallando da eſtimaçaõ, que a Sagrada Companhia de Jeſus fez de ſer nomeada pelos Summos Pontifices, e Reys de Portugal para o emprego da converſaõ dos negros da India, diz eſtas palavras: *Eſtimòlo tanto, que ſeñalò para él, y para la Miſſion de la India Oriental, cuyos naturales* (reparem aqui) *ſon todos, ò negros, ò mulatos, como lo dizen graves Authores.* E no meſmo liv. 4. cap. 7. pag. 44. fallando dos naturaes das Malucas, torna a dizer: *Y que eſtos ſean negros, dexando à parte lo que dizen los que eſcriven las coſas de la India Oriental, que ſus naturales todos, ò ſon negros, ò mulatos.* Eiſ-aqui temos com toda a clareza como a côr morena dos naturaes da India naõ he outra mais que a Parda, de que fallamos, e Pardo legitimo; porque aquelles Morenos da India vem por deſcendencia direita da côr branca com a preta. E ſe quizerem averiguar eſta razaõ, he deduzida do que da India, e dos ſeus naturaes dizem os Authores, que deixamos referido.

Horat. Truxelin. lib. 2. cap. 1. Franc. Martin. p. 39. Lucen. l. 1. c. 21.

Dizem que a India he aquella grande, e primeira Ethiopia dos

Antigos; dizem que os Ethiopes, ou Negros, primeiro habitáraõ na India, e depois ſe paſſáraõ para a Africa; e o que daqui ſe ſegue he, que os da India, que naõ forem negros, haõ de ſer Pardos, ou Mulátos legitimos por deſcendencia. E a razaõ he concludente. Porque ainda que da India vieraõ os primeiros negros para a Africa, naõ era poſſivel paſſaſſem todos de tal ſorte, que naõ ficaſſem muitos, e a mayor parte delles; porque, álèm de eſtarem eſpalhados pelas tres Indias, e muitas Ilhas, os que fallaõ neſta retirada, ſó dizem que paſſáraõ para Africa os que habitavaõ as margens do rio Indo: *Ab Indo flumine conſurgentes*, que he donde tem principio as Indias. Tambem he provavel, que com a ſahida dos negros do rio Indo para a Africa, haviaõ ſer povoadas aquellas ribeiras de gentes eſtrangeiras, e brancas: eſtas haviaõ entrar pelas Indias a dentro, e cõmunicando-ſe com os mais negros, que ficaraõ, daqui reſultou aquelle mixto, ou terceira eſpecie, que alguns Eſcritores chamaõ morenos, outros baços, e os noſſos com mais propriedade dizem Pardos, ou Mulatos, como deſcendentes de preto, e branco.

E he taõ natural eſte diſcurſo, que os que habitaõ mais para a terra a dentro, e da Peninſula, e coſtas da noſſa India, que correm para o Sul, e Cabo de Camorî, Ilha de Ceilaõ, e outras mais, que lhes naõ era taõ

taõ facil a cõmunicaçaõ com aquella gente branca, que entrou pelo rio Indo, ſaõ ainda hoje taõ negros, e pretos, como d'antes o eraõ; e os que ficavaõ para as margens do Indo, e terra intermedia, como os do Mogol, e alguns da noſſa India, que podiaõ mais facilmente communicar-ſe com aquella gente branca eſtrangeira, eſtes ſaõ os que hoje chamaõ morenos, baços, pardos, ou mulatos, como miſturados de negro e branco. E eſte he o fundamento todo, com que dizem eſtes Authores, que os naturaes da India
Gen. 13. 20. ſaõ todos, ou negros, ou mulatos: mulatos os que procedem daquelles negros, que ſe miſturaraõ com brancos; e negros os que naõ entraõ naquella miſtura.

E quem haverá ainda taõ cativo da ſua vontade, que, vendo o que dizem eſtes Authores, poſſa duvidar mais, que o Beato Gonçallo Garcia, como natural que hé da India, ſeja Pardo legitimo por natureza, e deſcendencia? Atégora podia-o ſer por hum ſó principio; agora já o póde ſer por dous: atégora podia ſer Pardo ſendo os naturaes da India todos, e ſómente negros, e ſendo elle deſcendente de hum deſtes com branco; agora já o póde ſer tambem, ſendo os naturaes da India, que naõ forem negros, mulatos, ou Pardos; Pardo, e mulato, ha de ter tambem o Beato Gonçallo Garcia; pois o que deſcende de mulato, ou Pardo com branco, he Pardo, e mulato. E fiquemos niſto:

niſto : ou me haõ de conceder que os naturaes da India ſaõ todos negros, ou que ſaõ negros, e juntamente mulatos outros ; e de qualquer ſorte, que ſeja, ſempre o Beato Gonçallo Garcia fica ſendo mulato legitimo, como deſcendente de negro, e branco.

Aſſentado aſſim com taõ ſolidos fundamentos, que o Santo Gonçallo Garcia he Pardo legitimo por naſcimento, e deſcendencia, he tempo já debeatificarmos a ſua côr, e declararmos que he taõ bemaventurada, e ditoſa como as mais, e mais ainda. As cores, que tem, e teve ſempre oppoſtas á ſua côr parda, foraõ a branca, e a preta : o que tem feito ditoſas, e bemaventuradas eſtas duas cores, foraõ os póvos, e naçoens, de que cada huma dellas tem ſido principio, e origem ; os Principes, Reys, e Monarchas, que dominaraõ eſtes póvos ; as Peſſoas grandes, e aſſinaladas em todos os eſtados, e Jerarchias : e porque aſſim a côr branca, como a preta tinhaõ para ſi que tudo iſto faltava na côr parda, eſte era o motivo de a terem por menos ditoſa, e bemaventurada. Mas enganava-ſe certamente, aſſim a côr branca, como a preta; porque a côr parda em tudo iſto tem ſido naõ ſó taõ bemaventurada, e ditoſa como ellas, mas ainda alguma couſa mais.

A côr parda tambem tem ſido principio, tronco, e origem de póvos, e naçoens inteiras. Todos ſabem que os Iſmaelitas, Agarenos, ou Mauritanos,

nos, ſaõ deſcendentes de Iſmael. E tambem devem ſaber, que deſta naçaõ eſtá taõ cheyo o mundo, que ella ſó occupa toda a Aſia, a mayor parte da Africa, e muita da Europa; ſendo quaſi aſſentado, que eſta ſó gente excede em numero, e multidaõ aos da côr branca, e preta. Vendo-ſe aſſim cumprida nella aquella promeſſa, que repetidas vezes fez Deos a Abraham ſobre Iſmael, que de tal ſorte multiplicaria a ſua deſcendencia, que delle naſceriaõ doze Capitaens, e ſe faria daqui hum povo taõ grande, que ſe naõ poderia numerar: *Super Iſmael quoque exaudivi te*; *multiplicabo eum valde. Duodecim Duces generabit, & faciam eum in gentem magnã.* Gen. 13. 20. Diſſe Deos huma vez; e outra diſſe: *Multiplicans multiplicabo ſemen tuum*; ... *& non numerabitur præ multitudine.* Gen: 26. 20.

E quem era eſte Iſmael? Iſmael era hum homen da côr parda, e Pardo legitimo; porque era filho de Abraham, que era branco, e de Agar ſua eſcrava, a qual era preta, e negra por naſcimento, porque era natural do Egypto, como dizia Sara fallando com Abraham ſobre Agar: *Habens ancillam Egyptiam nomine Agar.* Gen: 16. 1. E que os Egypcios por natureza, e deſcendencia ſejaõ negros, he opiniaõ commũa dos Sagrados Expoſitores; porque dizem que os primeiros habitadores do Egypto foy Meſraim com ſeus deſcendentes, e por eſta cauſa o Egypto na lingoa

Hebrea ſe chama Meſraim, e ainda hoje os Arabios, e Turcos, chamaõ ao Egypto Meſra; e Meſraim, conſta do Sagrado Texto, era negro, porque era filho ſegundo de Caim. *Filii autem Cham, Chus, & Meſraim*, diz o texto, e
Gen. 10.6. accreſcenta Alapide: *Meſraim, ab hoc habitata, & propagata eſt Egyptus, quæ inde Hebraice Meſraim vocatur, & etiam nunc ab Arabibus, & Turcibus vocatur Meſra.* E aqui temos a Iſmael Pardo legitimo, como deſcendente por hũa parte de branco por Abraham, e pela outra de negro por Agar. E por aqui temos a côr parda naõ ſó taõ bem aventurada, e ditoſa, como a preta, e a branca, pois como ellas tem ſido tronco, e origem de póvos, e naçoens inteiras, mas ainda mais; pois eſta ſó gente Parda por Iſmael, excede em multidaõ a branca, e a preta.

A outra dita, e bem-aventurança da côr branca, e negra, conſiſte nos Reys, Principes, e Monarchas, que cada huma teve, e tem neſſas gentes, que dellas procederaõ. Tambem por aqui a côr parda he taõ ditoſa, e bem-aventurada como ellas, e ainda mais. Tanto, porque a côr parda, neſſe Povo, que della ſahio, tem tidô muitos, e muitos Reys; e ſó Iſmael, conſta do Sagrado Texto, teve doze filhos, nomeados ahi por Capitaens, e Principes: *Duodecim* Gen.
Duces generabit: Duo- 25.16.
decim Principes Tribuum ſuarum, e diz Joſefo que todos eſtes foraõ Reys; porque, ſa-

ſahindo Iſmael com ſua mãy Agar deſterrado da caſa de Abrahaõ ſeu pay, viera ter ao Deſerto de Pharan, como conſta do texto, e caſando ahi com huma mulher natural do Egypto: *Habitavitque in deſerto Pharàn, & accepit illi mater ſua uxorem de terra Egypti*, deſta teve aquelles 12. filhos, os quaes eſpalhados por toda a Africa, foraõ nella Reys, e dominaraõ varias Provincias; e daqui ſe tem eſpalhado por quaſi todo o mundo, com o nome de Iſmaelitas por Iſmael, Agarenos por Agar, e Mauritanos da palavra Grega *Mauron*, que quer dizer couſa quaſi negra, e queimada, por elles ſerem deſta côr. E por eſtes Reys, e outros muitos, que tem tido a côr Parda, he taõ bem aventurada, e ditoſa como a preta, e a branca, e ainda mais; porque os primeiros Reis, Principes, e Monarchas, que houve no mundo, aſſim entre os da côr branca, como da preta, foraõ da côr Parda: parece-me que o hey de moſtrar, hum com certeza, outro com probabilidade.

Gen. 31. v. 21.

Joſef. l. 1. c. 21. de Antiq.

Da creaçaõ do mundo até o tempo do diluvio, na computaçaõ do Alapide, correraõ 1656. annos: e em todo eſte tempo naõ conſta do Sagrado texto, ou de Author algum houveſſe filho, ou deſcendente de Adaõ, que dominaſſe na terra com titulo de Rey, e Senhor abſoluto; porque cada hum governava a ſua familia como pay, e cabeça della: veyo o diluvio, e ainda ſe paſſaraõ 170. annos ſem que no

Alap. ſup. Gen. c. 5. v. 3.

Cc mun-

mundo ſe ouviſſe o nome de Rey; mas neſte meſmo anno, eſtando ja Noé com todos os ſeus filhos retirados para o campo de Senaar, entre o rio Tigris, e Eufrates, para onde vieraõ no anno 131. depois do diluvio, e tendo dado principio á fundaçaõ da Cidade de Babylonia, e Torre de Babel, Nemrod, principal agente de toda eſta maquina, começou a moſtrar-ſe poderoſo na terra, a dominar aquelle Povo, e a fazer-ſe ſenhor delle, até que no anno 184. do diluvio, eſtava reconhecido, e adorado de todos como Principe, Rey, e Monarcha abſoluto: Alap. ſup. c. 10. *Nemrod, ipſe cæpit eſſe potens in terra: fuit Babylon principium Regni ejus*: diz o texto, e o Alapide diz: *Primus in orbe Princeps, & Rex fuit Nemrod.* E que era eſte Nemrod? Nemrod era hum homem da côr Parda. Aſſim o podemos tratar com boa probabilidade, porque Nemrod era filho ſexto de Chus: *Porro Chus genuit Nemrod*, Gen. 10. e ja por aqui temos a Nemrod com hũa parte de preto por ſeu pay: e que tiveſſe outra parte de branco por ſua mãy, provavelmente ſe póde affirmar; porque, ainda que naõ achamos quem foſſe a mulher de Chus, e mãy de Nemrod, podemos diſcorrer era da côr branca, e deſcendente dos dous irmãos de Cham, que eraõ Sem, ou Jafet; por que Chus, como filho primeiro de Cham, e o primeiro, que por caſtigo do pay ſahio da côr preta, naõ podia, como primeiro,

meiro, ter outra da ſua côr, com quem caſaſſe; porque, para ſer da ſua côr, naõ podia ſer ſenaõ filha do meſmo Cham, e irmãa de Chus; e naõ conſta do texto, e nem de Author algum, que tenhamos noticia, que houveſſe eſta irmãa de Chus, ou filha de Cham; e nem, dado caſo que a houveſſe, podiamos affirmar que Chus tomaſſe por mulher huma ſua irmãa, em tempo, que havia mulheres de outra geraçaõ mais remota, como eraõ as de Sem, e Jafet da côr branca; provavelmente podemos dizer, que Nemrod, porque por huma parte participava da côr preta por ſeu pay, e pela outra da brãca por ſua mãy, era hum homem da côr Parda, e eſte o primeiro Principe, Rey, e Monarcha, que houve no mundo, aſſim entre os da côr preta, como da branca, que todos ſe achavaõ alli juntos, porque iſto tudo aconteceo antes da confuzaõ de Babel, e diviſaõ das gentes. Eſte foy o primeiro Rey, e Monarcha, que achamos ſer da côr Parda com diſcurſo provavel; e com certeza, ainda temos mais.

Reynando em Jeruſalem Salomaõ, filho de David, levada da fama da ſua ſabedoria, veyo a vê-lo, e ouvîlo a Rainha de Sabá, a eſta recebeo tambem Salomaõ por mulher, como Rainha, e teve della hum filho, que lhe naſceo eſtando ja retirada na ſua Corte, e lhe pôs o nome David como ſeu avô; eſte Principe ſendo ja de vinte e hum annos, e deſejando ver ſeu pay, e tomar-lhe a bençaõ,

veyo a Jeruſalem, e Salomaõ naõ ſó o reconheceo por filho, mas com todas as ceremonias, e inſignias Reaes o fez coroar no Templo por Rey, e Imperador da Ethiopia, e foi o primeiro, que alli houve, porque até entaõ ſe governava aquelle Povo ſó pelas ſuas Rainhas ſem admittirem os varões á ſucceſſaõ. Agora pergunto: e que caſta de homem era eſte? Seria da côr branca, ou da preta? Naõ era ſenaõ da parda, e Pardo legitimo; porque era filho de pay branco, que era Salomaõ, e mãy negra, que era a Rainha de Sabá, e negra natural de Ethiopia, na opiniaõ de muitos.

E que dirá agora a iſto a côr preta? Que ha de dizer; que ouve agora, o que nunca cuidou ouvir. Que hum Pardo, ou mulato, como elles dizem, foſſe naõ ſó Rey, e Imperador dos negros, mas o primeiro Imperador, e Rey, que tiveraõ, e na ſua propria terra, e patria dos meſmos negros. Que dirá a côr preta? Naõ tem outro refugio, mais que apellar para a duvida, e dizer, que como iſſo naõ conſta da Sagrada Eſcritura, e nem he myſterio de fé, naõ eſtaõ obrigados a dar-lhe credito. Mas ſaiba que tem contra ſi muitos, e graves Authores, e o mayor de todos a meſma tradiçaõ antiga, pela qual conſta, que muitos dos Imperadores da Ethiopia tiveraõ o nome de David, e todos até o preſente nas ſuas eſcrituras ſe trataõ por filhos de David, e Salomaõ, e aſſim o fazia hum delles, que no anno

no de 1507. mandou huma Embaixada ao Papa Clemente VII.,e a'ElRey de Portugal D. Manoel, jactando-ſe eſte, e todos elles, da Real regalia deſta deſcendencia. E aqui temos a côr Parda naõ ſõ taõ ditoſa, e bem-aventurada, como a preta, e a branca,pois, como eſta, teve Reys, e muitos Reys; mas ainda muito mais bẽ-aventurada, e ditoſa, pois os primeiros Reys, e Monarchas, que houve entre os da côr branca, e preta,foraõ da côr Parda.

Dos Principes, e Reys ſe ſeguem osGeneraes, Governadores, Meſtres de Campo, e mais Póſtos daMilicia: e ſem ſahirmos do noſſo Braſil, e ainda de Pernambuco, podiamos fazer de todos huma boa liſta, ſe aſſim como lhe ſabemos os nomes,naõ achaſſemos alguns com côres mudadas.NaJerarchia Eccleſiaſtica tambem tem a côr Parda ſujeitos aſſinalados: Sacerdotes ſem numero, Curas, Vigarios, e outros ainda de mayor Jerarchia tambem,ſem irmos muito longe de Pernambuco, podiamos de todos fazer hum catalogo muito bom, huns,que conhecemos, outros,que talvez ſe naõ conheceraõ.

Nas letras naõ menos tem a côr Parda homens dignos de ſe nomearem. O Padre Manoel Gonçalves natural de Pernambuco, Doutor formado pela Univerſidade de Coimbra, applaudido na Corte, e de quem ElRey D. Pedro fazia muitas eſtimaçoens, e pela ſua virtude, e humildade foi pratica,

naõ

naõ quiz eſte Clerigo admittir a de o querer aquelle Rey nomear Biſpo para S. Thomé. Domingos de Sá e Silva, tambem de Pernambuco, Doutor em ambos os Direitos pela meſma Univerſidade, Advogado da Caſa da Supplicaçaõ, e geralmẽte celebrado por Douto, e buſcado das primeiras peſſoas para as dependencias das ſuas cauſas; e outros muitos Letrados, e Doutos aſſim nas letras humanas, como Divinas.

Na virtude, e Santidade, que he o principal objecto deſte diſcurſo, tem a côr Parda ſujeitos ainda de mayor diſtinçaõ. E ſem ſahirmos da noſſa America temos aquelles, que baſtaõ para credito da meſma côr. E deixando algũs mais modernos, como hum Irmaõ Ignacio, muy celebrado neſtes noſſos tempos na Cidade da Bahia, aonde falleceo o anno paſſado, naõ deixaremos de fazer particular memoria do Veneravel Padre Pedro Soares Pereira, natural do Rio de Janeiro, que deſapparecẽdo daquella terra, ſem ſe entender para onde, ſe ſoube depois fora achado em huns lugares deſertos da Cidade de Genova na Italia, morto, e de joelhos, e com hum papel na maõ, em que dava noticia de quem era, e de donde natural; e neſta meſma poſtura ſe conſerva na Sé de Genova: conſta o referido de hum Summario, que deſſas partes ſe mandou tirar ao Rio de Janeiro, e foraõ Juiz, e Eſcrivaõ delle o Padre Joaõ de Barcellos Machado Vigario

gario no Rio, e o Padre Bartholomeu de França, Cura da Sé.

O Veneravel Fr. Martinho Donato profeſſo de meu Partiarcha S. Domingos, na Cidade de Lima, Reyno do Perû da America, aſſinalado em todas as virtudes, e com exceſſo na da Caridade, a qual ſe extendia até aos brutos, e irracionaes: ſaõ eſpantoſos, por nunca ouvidos, os prodigios da ſua Caridade, achaõ-ſe eſcritos na 4. parte do Agiologio Dominicano no dia 3. de Novembro.

Na Capitanîa do Eſpirito Santo para a parte do Rio de Janeiro, duas mulheres deſta voſſa côr, huma caſada, e outra viuva, as quaes em huma guerra, que houve entre o Gentio com os moradores, foraõ cativas, e entregues ao mayoral delles; e querendo eſte uſar mal dellas, em defenſa da ſua pureza, e caſtidade foraõ martyrizadas. Teve revelaçaõ do ſeu martyrio o Veneravel P. Jozé de Anchieta, da Companhia de Jeſus, que ſe achava dalli diſtante muitas legoas, no meſmo dia, e hora em que ſuccedeo, que foi a 18. de Janeiro de 1560., e indo para o altar, no ſeu modo, as beatificou celebrando dellas Miſſa do Commû. Aſſim o traz o Calendario Portuguez.

E quando na virtude, e ſantidade naõ tiveſſe a côr Parda mais que o Beato Gonçallo Garcia, eſte ſó baſtava para ſe poder gloriar com elle, tanto como com todos os ſeus ſe gloria a côr branca, e a preta. Melhor o diremos. Até-

qui

qui temos viſto, e parece-me que iguaes a côr preta, e branca, com a Parda; porque ſe a dita, e bemaventurança deſtas duas cores conſiſtia em terem Santos, e por iſſo motejavaõ a Parda pelos naõ ter; ſaiba agora a côr preta, e mais a brãca, que a côr Parda naõ ſó lhe taõ bemavẽturada, e ditoſa como ellas, pois ja tem tambem Santos da ſua côr, mas ſaiba que ainda o he alguma couſa mais; e ſaiba que eſta mayor dita, e bemaventurança vem á côr Parda, por iſſo que he Parda. Porque a côr Parda, por iſſo que he Parda, he mais perfeita que a branca, e que a preta. Tudo havemos ver ſem offenſa das partes, e por principios, natural, Filoſofico, Theologico, Moral, e Divino, ou da Sagrada Eſcritura.

He a côr Parda taõ perfeita, que todo o fim, com que apparece nos homens, naõ he outro mais que perfeiçaõ. Comecemos por eſte fim, como principio, que he deſta cor, A cor Parda nos homens reſulta, e tem principio da cor branca, e da preta. E para que, ou com que fim? Naõ deſcubro hoje outro mais que a fim de perfeiçoar-ſe por aqui nos homens a cor preta. A cor preta nos homens, como ſignal, que he de huma culpa, e caſtigo de hum peccado, (pois na opiniaõ mais conforme ás Divinas letras, e texto Sagrado, quiz Deos com eſta tinta negra, eſcrever a malicia de Cham, e a maldade de ſeus deſcendentes, e diſtinguî-los com eſta diviſa, taõ fea, como igno-

ignominioſa dos mais filhos de Noé) vem a ſer juntamente hum borraõ da natureza , huma nota infame , e huma mancha deforme. Mas como a natureza ſempre aſpira a perfeiçoar-ſe, e mais a mais , cõmunicando-ſe , ou miſturando-ſe a cor preta com a branca , por meyo da meſma natureza, aſſim ſe vai com a branca perfeiçoando-ſe a preta , até tornar ao ſeu principio , e ficar no ſeu natural. E quem negará que a côr Parda, que reſulta aſſim da preta , e da branca, naõ aſpira toda á perfeiçaõ deſde o ſeu primeiro principio ?

Adiantemos eſta natural razaõ com outras razoens tiradas de principios tambem naturaes , e ainda veremos melhor eſta perfeiçaõ da côr parda. De quatro principios deſcubro eu agora procede nos homens a mudãça das cores. Primeiro , por caſtigo do peccado , como já notamos em Cham filho de Noé. Segundo, por mudança de clima , ou por actividade do Sol, como eſcrevem alguns dos naturaes da Africa , e os da noſſa America. Terceiro , por predominaçaõ de algum dos quatro humores , como vemos ainda nos meſmos homẽs de côr branca , huns mais claros, outros baços , e trigueiros outros; confórme em cada hum deſtes predomina mais o ſangue , a colera , ou fleuma, &c. Quarto , por miſtura das naturezas , como ſabemos que do branco,e preto naſce o Pardo. Mas o que eu aqui agora quero notar , he que nas mais cores a

mudança procede de defeito; na parda he para perfeiçaõ. Peccou Cam, e ficou negro; predomina o ſangue, ou algum dos outros humores, e ficaõ com varias cores os homẽs: intempera-ſe o Sol, e faz vermelhos, e moremos a outros: miſturaõ-ſe as naturezas, e ſahe a côr parda. E quem deixará de entender aſſim, que nas mais cores a mudança eſtá moſtrando o defeito, de que procede; e que na parda eſtá inculcando a perfeiçaõ, a que aſpira?

Sendo, como ſe vê, a côr parda toda perfeiçaõ pelo ſeu principio natural, entremos por aqui meſmo a realçar a perfeiçaõ deſta côr, entre a preta, e a branca.

Naturalmente fallando, he a côr parda tanto mais perfeita que a branca, e que a preta, que a primeira imagem do homem, que houve no mundo, havendo Deos de lhe dar côr, naõ quiz para iſſo, nem a preta, nem a branca, ſenaõ ſó a parda. Naõ ſe ha de negar que a primeira materia, e o primeiro principio natural do noſſo corpo foy o barro; e que a eſte barro aſſim amaſſado, e formado em corpo humano, ou figura de homem, lhe pôs Deos por nome *Adam*, que quer dizer: *vermelho*, por ſer eſte vermelho a côr daquelle barro: *Adam*, id eſt, *Ruber*. Agora pergunto: e como era o vermelho daquelle barro? He ſem duvida que naõ era aquelle vermelho, a que chamamos proprio, ou rubicundo; era outro vermelho improprio, qual he o do barro: por-

porque naõ ha barro natural, que ſeja propriamente vermelho, ſenaõ baço, ou pardo, que eſta he a propria, e rigoroſa ſignificaçaõ do nome *Ruber*, que quer dizer: *Couſa vermelha, loura, ou que tira a roxo, que he o baço, ou pardo do barro.* E he iſto tanto aſſim, q̃ eſte nome *Pardo* dá o P. Antonio Vieira a eſte barro de Adam, diſcorrendo ſobre eſtas meſmas cores branca, preta, e Parda, e appropriando o Pardo do barro á côr nos Pardos; e fazendo o reparo, porque naõ havia Deos chamar a Adam com o nome do barro, ſenaõ da côr: eſte foy o ſeu reparo, o que eu faço agora, he eſte. E porque naõ quiz Deos, para dar côr áquella primeira Imagem do homem, nem a côr branca, nem a preta, ſenaõ ſó a Parda? A razaõ, que devemos dar hoje he; porque a côr Parda era mais perfeita que a preta, e que a bráca. Das meſmas palavras daquelle grãde Prégador havemos tirar eſta razaõ. Diz elle aſſim: *Naõ quiz Deos que aquella côr foſſe alguma das extremas, quaes ſaõ a branca, e a preta, ſenaõ outra côr meya, e miſta, que ſe compuzeſſe de ambas, qual he a vermelha*, ou Parda no ſeu ſentido. Agora digo aſſim:

Vieir. Serm. 20. do Roſario p. 165. §. 177.

A côr Parda, diz aquelle Prégador, he huma côr meya, ou miſta, que participa da branca, e da preta: logo bem ſe ſegue, que a côr Parda he mais perfeita que a preta, e que a branca; he ſem duvida, pois os miſtos, como ſabem os Filo-

ſofos, ſaõ mais perfeitos que as partes, de que reſultaõ; porque participaõ das perfeiçoens deſtas partes. E aqûi temos já, por principio natural, a côr Parda mais perfeita, que a côr preta, e branca. E eſta he a razaõ, porque naõ quiz Deos, para dar côr áquella primeira imagem do homem, nem a côr branca, nem a preta, ſenaõ ſó a Parda, porque a Parda era mais perfeita que a preta, e que a branca. E aſſim o pedia a meſma razaõ natural; porque, ainda naturalmẽte fallando, aquella imagem do homem, era a obra mais perfeita que tinha ſahido das maõs de Deos, e como mais perfeita, devia ſer adornada com a mais perfeita côr; a côr foy a Parda: logo a côr Parda, naturalmẽte fallando, he mais perfeita que a preta, e que a branca: *Adam, id eſt Ruber*. Para confirmaçaõ nos naõ ha de faltar, nem a Filoſofia, nem a Theologia com as ſuas razoens. E ainda que os exemplos, que apontamos, naõ pertençaõ todos á linha dos miſtos, os que vem fóra della, he porque tem para o noſſo intento o que baſta, que he conterem em ſi as perfeiçoens das partes, que contêm, e por iſſo ſerem mais perfeitos que eſſas partes.

Na bõa Filoſofia o corpo miſto elementar he mais perfeito que cada hum dos elementos, e a razaõ he; porque o corpo miſto elementar contêm em ſi todas as qualidades elementares, e participa da perfeiçaõ de cada huma dellas. A alma

ma racional he mais perfeita que a alma ſó vegetativa, e que a alma ſenſitiva ſó: e a razaõ he; porque a alma racional contêm em ſi eſtas duas, e todas as ſuas perfeições. O Sol entre todos os Planetas he o mais perfeito: e huma das razões he; porque no Sol ſe vem juntas, e unidas as perfeiçoens de todos, e cada hum dos Planetas *In unum collectis.* Deos he mais perfeito que todas as creaturas: e a razaõ he; porque Deos contêm em ſi todas as perfeiçoens das creaturas. Logo, ſe a côr parda inclue, e participa as perfeiçoens da negrura, e alvura; bem ſe ſegue que a côr Parda he mais perfeita que a branca, e que a preta.

Mais ainda, e he razaõ Theologica. O conhecimento ſimul intuitivo, e abſtractivo he mais perfeito, *extenſivè*, que o conhecimento ſó intuitivo, e que o conhecimento abſtractivo ſó: e a razaõ he; porque o conhecimento ſimul intuitivo, e abſtractivo ha-ſe como huma terceira eſpecie, que participa dos dous conhecimentos intuitivo, e abſtractivo. Agora a noſſa concluſaõ: A côr Parda ha-ſe como hũa terceira eſpecie, que participa da côr branca, e da côr preta: logo a côr Parda he mais perfeita que a côr preta, e que a côr branca. Vamos á razaõ moral.

Moralmente fallando, aquella virtude he mais perfeita, que põem ao ſujeito em gráo mais ſuperior, e lhe dá o primeiro lugar. O martyrio

na

na Jerarchia da Igreja tem o primeiro lugar, e põem aos Santos em gráo mais ſuperior que a confiſſaõ: logo, he mais perfeito que a confiſſaõ o martyrio. Agora digo aſſim: A côr parda o primeiro Santo, que deo para a Igreja foy hum Santo Martyr; a côr branca, ainda que tem dado muitos Martyres, os primeiros que deo foraõ Confeſſores; e a côr preta ſó Confeſſores he que tem dado até agora; o martyrio, na ordem da Igreja, põem aos Santos em gráo mais ſuperior, e lhes dá o primeiro lugar que aos Confeſſores: logo a côr Parda, moralmente fallando, he mais perfeita que a branca, que os primeiros Santos, que deo, foraõ Confeſſores; e que a preta, que ſó Confeſſores tem dado.

Venha já a Divina Eſcritura com a ſua luz a fazer-nos mais claro eſte diſcurſo, e ſeja em hum paſſo todo de luzes. *Quæ eſt iſta, quæ progreditur quaſi aurora conſurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol?* Que alma Santa he eſta? Quem he eſte Santo, que levantando-ſe como engraçada aurora, e participando juntamente dos reſplandores do Sol, e dos reflexos da Lua, vem dando paſſos, que inculcaõ vagares, e moſtraõ primazias: *Quæ eſt iſta, quæ progreditur quaſi aurora conſurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol?* Se a Sabedoria de Salomaõ ſe puzeſſe de propoſito a fazer-nos hum raſcunho da Imagem do noſſo Santo, o naõ podia deixar debuxado com melhores cores. Vieira tom. 10. Serm. 20. p. 151. §. 159.

res. Notem: tres cores divizou a grande luz do Padre Antonio Vieira neſte quadro de Salomaõ : a preta , a branca , e a Parda. No Sol a branca , que he o dia ; na Lua a preta , que he a noite; e a Parda na aurora , que ſaõ huns crepuſculos , que naõ ſaõ noite , nem dia, mas participaõ do branco , e do preto de ambos. Já por eſtas cores temos deſcuberto que a Imagem , ou figura, que aqui deſcrevia Salomaõ, era a do noſſo Santo: Pardo pela côr , com participaçaõ de branco , e preto: *Quaſi aurora conſurgens , pulchra ut Luna , electa ut Sol.*

Aqui , como ſombras , para darem algum realce a eſte quadro , e fazerem mais propria eſta pintura , parece podemos applicar o que na Oit. 14 do Cant. 1. diſſe o noſſo Portuguez Homero. Reinos da Aurora chama elle alli aos da India Oriental : e da meſma Aurora direi eu agora ſaõ filhos os ſeus naturaes , pela proporçaõ , que tem com os crepuſculos daquella a côr deſtes Pardos com propriedade , como o noſſo Santo, por participar do branco, e preto como natural dos Reinos da Aurora : *Quaſi aurora conſurgẽs, pulchra ut Luna , electa ut Sol.*

Ainda conheceremos melhor ao noſſo Santo neſta figura , ſe repararmos de caminho nos paſſos , com que diſſe Salomaõ havia elle fazer eſta ſua jornada : *Quæ progreditur* : *Progreditur* quer dizer paſſar avante de hum a outro lugar , naõ com paſſos apreſ-

apreſſados, mas com decurſo vagaroſo. Aſſim tem feito eſta ſua viagem do Japaõ até Pernambuco o Beato Gonçallo Garcia, pois partindo das Indias há 148. annos, que tantos há deſde o do ſeu martyrio até o preſente, ainda agora chega aqui: *Progreditur*. Mas os vagares, com que veyo, nos deraõ lugar a reparar em que a ſabedoria de Salomaõ, naõ ſó o quiz deixar conhecido por Pardo, ſenaõ que no modo, com que o deixou, logo exprimio tambem a ſingularidade, e primazia da ſua côr Parda ſobre a branca, e a preta; porque naõ ſó põem a aurora primeiro que o Sol, e a Lua, e a côr parda em primeiro lugar que a preta, e a branca: *Aurora*, *Luna*, *& Sol*; mas diz tambem que entre a branca, e a preta ſe levanta a Parda com a primazia, que iſſo quer dizer o *Conſurgens*: *Quaſi aurora conſurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol.*

E tanto fica, em ordem de perfeita, a côr Parda ſuperior á branca, e á preta, que nem a preta, nem a branca, ſenaõ a Parda a guardou Deos, para que com a gloria dos ſeus Santos puzeſſe na ſua Igreja a ultima coroa. Temos texto quaſi expreſſo: *Veni de Libano ſponſa mea; veni de Libano, veni coronaberis; de capite Amana, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum.* Cãtic. 4. 8.

He ſentido de Hortulano, que traz Alapide, que neſte lugar convidava Chriſto a ſua Igreja para ſer coroada com a gloria, que

que lhe havia reſultar pelas gentes, que a eſta Igreja haviaõ vir de todas as quatro partes do mundo, repreſẽtadas naquelles quatro montes, que de tal ſorte eſtaõ ſituados, que cada hum delles conreſponde a cada huma das quatro Regioens do Orbe. O Libano, que olha para o Septentriaõ, o Amaná para o Occidente, o Sanir para o meyo dia, e o Hermon para o Oriente. Vejaõ ao Alapide neſte lugar. Agora duvido aſſim: Se as gentes, que ſe nomeaõ aqui para coroarem a Igreja, ſaõ as que habitaõ as quatro Regioens do mundo, como naõ ſaõ as coroas tambem quatro? As coroas haõ de ſer tres, ſignificadas naquelles tres *Veni, veni, veni coronaberis*; e as gentes divididas em quatro partes: *De Libano, de Amana, de Sanir, de Hermon?* Sim; e porque? Porque aindaque as partes do mundo ſejaõ quatro, as gentes, que as habitaõ, conſtaõ ſó de tres cores, que ſaõ a branca, a preta, e a parda; porque fóra deſtas tres naõ ha gente no mundo de outra côr. E daqui ſe ficará entendendo que fóra do branco, e preto, tudo o mais ſe deve reduzir a côr parda, e buſcar neſta côr a ſua propria eſtaçaõ. E como as cores de todas as gentes, aindaque eſtejaõ eſpalhadas pelas quatro partes do mundo, ſe reduzem ſó a tres, e deſtas tres queria Chriſto compor as coroas para a ſua Igreja, por iſſo diz que haviaõ ſer as coroas tres, porque tres ſaõ as cores de todas as gentes: *Veni*,

veni, veni coronaberis.

Antes que concluamos o conceito, he preciſo notarmos aqui alguma couſa mais. A commũa opiniaõ dos ſagrados Expoſitores tem, que aquellas ultimas palavras: *Decubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, ſe devem referir aos tres montes: *Amaná, Sanir, e Hermon*; porque nelles, e nas ſuas cavernas, e grutas tem os Leoens, e Pardos a ſua morada, e aſſiſtencia. Adricomio na deſcripçaõ da terra Santa, com Brocardo, e Brandebachio, dizem que eſte: *De cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, he outro monte muy differente dos quatro nomeados, e affaſtado do Libano para a parte do meyo dia. Agora diſcorro aſſim:

Apud. Alap. hic.

Ou aquelles montes ſejaõ quatro, como querem alguns, ou o monte dos Pardos ſeja o quinto, como affirmaõ outros; ſempre nelles havemos deſcobrir as tres cores de gentes, que habitaõ toda a terra, a branca, a preta, e a parda. Se forem ſó quatro os montes, e nelles eſtejaõ as grutas dos Leoens, e Pardos, nelles temos todas as tres cores. A branca repartida por todos os quatro montes; porque, em todas as quatro partes do mundo acharemos a côr branca, e em todas quatro partes dando Santos para gloria, e coroa da Igreja de Deos. E em algumas deſtas quatro partes, como na Africa, e Ethiopia, que he covil de Leões, a côr preta, formando tambem para a Igreja a ſua coroa com os ſeus San-

Santos; e a noſſa America, em cujas ſerranias abundaõ tigres, e onças,e onde os racionaes Pardos mais tem dilatado as ſuas deſcendencias, a ſua côr compondo tambem para a Igreja a ſúa coroa,com ſujeitos aſſignalados em virtude, e ſantidade.

E ſe com eſte monte dos Pardos ſizermos outro monte diſtincto dos quatro, ainda acharemos mais ao vivo eſtas tres cores. A branca repartida pelos quatro, como diſſemos; e com mais extenſaõ no monte Libano, que ſignifica alvo, ou branco, e olha para o Septentriaõ, ou Norte, onde foy, e he o mayor ajuntamento da gente branca: *Libanus ſignificat album: Reſpicit ad Septentrionem.* No monte dos Pardos, e Leoens, as duas cores, preta, e parda: ou porque eſtas, ſendo duas meyas irmãas na côr, e andando quaſi ſempre juntas, ſaõ taõ pouco unidas, que ſe trataõ como duas féras; ou porque neſte monte dos Pardos, diz o meſmo Adricomio,em huma grande gruta ſe acha hum magnifico ſepulchro, que diz Alapide ſer de Canaan filho de Cham, negro pela cor, e preto por caſtigo. E aqui temos neſte ſó monte a cor parda, e mais a preta. A preta por Canaan negro, e a parda pelos Pardos: *De montibus Pardorum. Adde quod ibi oſtendit in ſpelunca monumentum,quod incolæ putant eſſe ſepulchrum Joſue, ſed verius videri eſſe ſepulchrum Chanaan filii Cham*, diz Alapide.

Alap. ſupr.

Agora para concluirmos

cluirmos o penſamento, pergunto: e qual deſtas tres cores foi a que pôs na Igreja com a gloria dos ſeus Santos a ultima coroa? O meſmo texto eſtá dizendo foi a cor parda, pois he a ultima, que aqui ſe põem, *Veni, veni, veni coronaberis ... De montibus Pardorum.* E nós o eſtamos hoje vendo aſſim, pois vemos ao Beato Gonçallo Garcia, Pardo pela cor, ſendo o ultimo, q̃ entre os da cór branca, e preta vem a pôr na Igreja eſta coroa: *Veni coronaberis ... de montibus Pardorum.* Grande excellencia da côr parda! Grande dita a deſta côr! Guardá-la Deos, para que neſtes ultimos tempos com a gloria dos ſeus Santos puzeſſe na ſua Igreja a ultima coroa! Grande dita! Ainda naõ eſtá encarecida, como pede o dia, eſta dita da côr parda ſobre a brãca, e a preta; e para o acabarem de ver, notemos mais.

Se fizermos reflexaõ neſte texto, acharemos que ſó diz que a Igreja fora convidada para ſer coroada por eſtas tres cores; mas naõ declara qual dellas foi a que pôs eſta coroa. Diz que haviaõ de coroar: *Coronaberis*, mas naõ diz qual foi a que coroou. E ſe lermos os Sagrados Expoſitores, e Santos Padres, acharemos que ſó da côr parda diz S. Gregorio que foi a que pôs na Igreja aquella coroa: *De montibus Pardorum coronatur Eccleſia.* E pois como aſſim? He convidada a Igreja, para ſer coroada pela côr branca, pela preta, e pela parda: *Veni, veni, veni*

Div. Greg. apud. Alap. hic.

ni coronaberis, e no remate ſó a côr parda he a que põem eſta coroa: *De montibus Pardorum coronatur Eccleſia?* Havemos dizer que a Igreja naõ foy coroada pelas mais cores? Naõ diremos tal; porque naõ ſó foy coroada por ellas, mas ellas foraõ as primeiras, que lhe deraõ coroas, pois foraõ as que primeiro tiveraõ Santos. Mas por iſſo meſmo, que foraõ primeiras, ſe naõ havia dizer que foraõ ellas as que coroaraõ; porque a gloria de pôr a coroa, ſó a leva aquelle, que vem por ultimo; porque o ultimo dizem, he o que coroa: e a razaõ toda póde ſer porque a côr parda, por iſſo meſmo que era a ultima, era mais perfeita que a branca, e que a preta; e como mais perfeita por ultima, havia ſer guardada para que com a gloria de ſeus Santos puzeſſe na Igreja de Deos a ultima coroa: *Veni, veni, veni coronaberis... De montibus Pardorum. De montibus Pardorum coronatur Eccleſia.* Nem o Beato Gonçallo Garcia podia ter hoje mayor gloria *Beati eritis*, e nem os da ſua côr pódem ter neſte dia goſto, e prazer mayor: *Gaudete in illa die, & exultate.*

Glorioſo Santo, Martyr ſempre invicto, agora, que tenho concluido eſte diſcurſo, he que conheço hum grande erro, que commetti: fuy nelle muy dilatado, naõ podia ſer muito comprehenſivo; pois foy ſempre achaque de comprehender pouco o dizer muito, e certamente, naõ podia diſcorrer muy

muy fundo, quem naõ paſſou da ſuperficie. Arrebataraõ-me os accidentes da voſſa côr, naõ pude chegar ao ſubſtancial das voſſas virtudes: mas como podia entẽder de ſubſtancias, diſcurſo poſſuido de accidentes? Fiquem pois eſtas virtudes para quem com mayor juizo poſſa formar dellas melhor cõceito. Que o que eu agora vos quero pedir tanto pelos da voſſa côr, como pelos da branca, e preta, he que deſpacheis para todos aquellas duas petições, que por vós fizemos hoje a Deos na oraçaõ, que vos cantámos com a Igreja, he aſſim: *Præſta, quæſumus, omnipotens Deus, ut intercedente Beato Gundiſalvo Garcia, & à cunctis adverſitatibus* (digamos aſſim) *mundemur in corpore, & à pravis cogitationibus liberemur in mente.* Os da voſſa côr, meu Santo, vos pedem lhes alcanceis de Deos fiquem para ſempre limpos, e purificados da maldade, que lhes punhaõ os adverſarios do ſeu nome nos accidentes da ſua côr: *Et à cunctis adverſitatibus mundemur in corpore*; e os da côr branca vos pedem tambem, ou eu por elles, lhes alcanceis do meſmo Senhor lhes queira livrar o entendimẽto de cuidarem mais, que os da voſſa côr tem impedimento algum para terem Santos; porque iſto he hũ penſamẽto máo: *Et à pravis cogitationibus liberemur inmẽte.* Para que, aſſim como a voſſa, ſe acabe tambem eſta noſſa oraçaõ, para mayor honra, e gloria de Deos. Amen.

O que

O que aqui ſe diz da virtude de alguns ſujeitos, que ainda naõ eſtaõ declarados pela Igreja, e nem tem por ella culto, naõ queremos tenha mais fé, que a que ſe deve a huma pura narraçaõ; e o ſujeitamos á determinaçaõ da meſma Igreja, e Decretos Pontificios.

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ.

FONTE VIII.

NASCE DO ℣. V. CAP. 15. JOAN.

Qui manet in me ... hic fert fructum multum.

E com as ſuas myſticas agoas entra a unir-ſe com as deſta primeira corrente em hum diſcurſo panegyrico

DO GLORIOSO

S. PEDRO

MARTYR,

Na Igreja Matriz do Corpo Santo da Villa do Reciffe de Pernambuco, feſta dos Familiares do Santo Officio, no anno de 1750.

J. M. J.

SEndo ſempre Salomaõ admiravel nas ſuas empreſas, na empreſa, que ſe nos offerece hoje, ainda ſe moſtrou mais admiravel. Foraõ todas as empreſas deſte ſabio Rey, ou Emblemas, com que quiz expreſſar as paixoens do ſeu affecto, ou Enigmas, com que pertendeo apurar os mais agudos engenhos; e aſſim ficaraõ ſendo tambem, ou idéas para os noſſos diſcurſos, ou exemplares para as

noſſas acçoens. Vejamos o objecto da acçaõ preſente, e com elle decifraremos o Enigma de Salomaõ.

He todo o objecto deſta feſtiva, e preſente acçaõ, celebrarem os Familiares do Santo Officio ao glorioſo S. Pedro Martyr, como a Protector, e primeiro Inquiſidor Geral deſte Santo Tribunal, neſte Templo do glorioſo S. Pedro Gõçalves com a aſſiſtencia de Chriſto Sacramentado. Eſte he o empenho todo, que nos traz aqui hoje; e toda eſta fabrica a deixou delineada aquelle Sabio Rey neſte ſeu profundo, e diſcreto Emblema: *En lectulum Salomonis; ſexaginta fortes ambiunt ex fortiſſimis Iſrael; omnes tenentes gladios propter timores nocturnos, & ad bella doctiſſimi. Ferculum fecit ſibi Rex Salomon, columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, aſcenſum purpureum, media charitate conſtravit.*

Fez Salomaõ, diz o cap. 3. dos Canticos deſte Sabio Rey, hum leito, ou throno portatil, ſuſtentava-ſe eſte em columnas de finiſſima prata; o reclinatorio, ou lugar, em ſe recoſtava para deſcançar, era do ouro mais puro; os degraos, por onde ſubia a elle, eraõ da mais rica purpura; e eſtava todo elle cercado de ſeſſenta Varoens fortes, e os mais fortes de todo o Reyno de Iſrael, cada hum cingido com a ſua eſpada, para defender, e guardar aquelle leito das invazoens, e aſſaltos dos inimigos nocturnos.

Eſta a empreſa de Salo-

Salomaõ;e ſem nenhuma violencia, antes com huma grande naturalidade, podemos dizer hoje, que eſte leito de Salomaõ, he o rectiſſimo Tribunal do Santo Officio, donde deſcança ſegura, e firme a Fé. Fundado com authoridade Pontificia, e poder Real; que por iſſo ſe diz,que tinha o reclinatorio de ouro, e a ſubida de purpura: *Reclinatorium aureum: aſcenſum purpureum*: Os fortes, ou fortiſſimos, que defendem eſte leito, em que deſcança firme, e ſegura a Fé; ſaõ os Inquiſidores, e Familiares deſte Santo Tribunal: armados todos, naõ ſó com huma, mas com duas eſpadas;com a eſpada da doutrina,e com a eſpada do rigor: com a eſpada da doutrina, para deſtruirem com ella os erros dos Hereges, e com a eſpada do rigor, para caſtigar obſtinados, e Apoſtatas da Fé: *Omnes tenentes gladios propter timores nocturnos; quos in nocte, id eſt, in tenebris infidelitatis, excitant Hæretici.* Accreſcenta Alapide. As columnas de prata,que ſuſtentaõ eſte leito, ou Tribunal Santo, ſaõ a doutrina ſolida, e razoens claras, com que os ſeus Miniſtros, como Doutos, ſuſtentaõ em pé, e firme a Fé, e Ley de Chriſto: *Colũnas ejus fecit argenteas, & ad bella doctiſſimi.*

Atéqui eſtá decifrado em commum o Enigma, ou Empreza de Salomaõ, muito propria, e adequada para ſe ſegurar nelle qualquar Tribunal do Santo Officio; mas no que falta ainda por deci-

frar, acharemos, que quando Salomaõ debuxava eſte Emblema, eſtava ſem duvida traçando, ou ideando nelle, naõ outra qualquer Junta de Miniſtros, e Familiares deſte Santo Tribunal, ſenaõ eſta, que aqui ſe faz, e congrega neſta Igreja do Glorioſo S. Pedro Gonçalves. Para o que devemos ſaber, que eſte leito, ou ferculo de Salomaõ, era figura da Igreja Militante na Ley da Graça. Aſſim o tem S. Gregorio, Caſſiodoro, Beda, Theodoreto, Filo, e outros com o Alapide: *Fere ad unum omnes per lectulum Salomonis accipiunt Eccleſiam.* E hoje particularmente repreſenta eſta Igreja em que eſtamos. Ora notem: diz o texto, que os meyos deſte Tabernaculo, ou Igreja, ornára Salomaõ cõ a Imagem da Caridade: *Media charitate conſtravit.* E deixadas agora as varias opiniões, que ha ſobre a fórma, ou figura, com que aqui debuxara Salomaõ, ou pintara a Caridade, a mais commũa he, que eſtava alli a Caridade figurada em duas pedras precioſas, chamadas, huma Pyropo, e a outra Carbunculo, cujas propriedades ſaõ, ſe naõ arderem em levaredas, luzirem com reſplandores como de fogo, aſſim no claro do dia, e muito mais no obſcuro da noite: *Media charitate conſtravit. Medium ejus* (diz Santo Ambroſio) *calculis compoſuit, quales ſunt Pyropi, & Carbunculi. Lapidibus ignitis charitatem repræſentantibus*; conclue Alapide.

Ora vejaõ, que conſonancia

ſonancia taõ ajuſtada para o noſſo caſo! Hum Templo, ou Igreja cujos Altares, que ſaõ os ſeus meyos, ſe ornaõ, ou adornaõ com duas imagens da Caridade, e figuradas ambas em pedras, e em pedras precioſas, em hum Pyropo, e hum Carbunculo, cujas propriedades ſaõ abrazarem-ſe em luzes, e reſplandecer em chammas, naõ ſó á luz do dia, muito mais nas trevas da noite, qual poderá ſer eſte Templo, ſenaõ eſte do Corpo Santo, adornado com aquellas Imagens de dous Santos, e ambos Pedros, ou pedras, e todos abraſados em fogo do amor de Deos, e caridade dos proximos. S. Pedro Gonçalves verdadeira pedra Carbunculo, que para o alluminar, e guiar aos ſeus devotos naufragantes ſobre as agoas, todo ſe transforma em luzes, na obſcuridade das mayores tormentas: e S. Pedro Martyr legitima pedra Pyropo, tranſmutada toda em fogo, ou para dar luzes aos que erraõ nas trevas da Infidelidade, ou para abrazar em pyra de chammas, aos que naõ querem ver as luzes da Fé.

Parece naõ póde eſtar mais ajuſtada a idéa de Salomaõ com o objecto da preſente acçaõ; e que eſta acçaõ, e aquella idéa, ſe ajuſtem tambem com a letra do Evangelho de hoje, naõ tem duvida; pois nada temos no Evangelho de hoje, que naõ ſeja hum perfeito debuxo deſte Santo Tribunal neſte dia. Porque ſe o empenho todo deſte Santo Tribunal, e ſeus Miniſtros, he fazer, com

que

que ſe conſerve, e ſuſtente firme a Fé, aſſim como Chriſto a enſinou aos Apoſtolos, e os Apoſtolos aos mais fieis; eſte he tambem todo o empenho, com que Chriſto ſe propõem hoje no Evangelho em parabola de Vide, e aos Martyres como ramos deſta Vide: *Ego ſum vitis, vos palmites: Proponit hic Chriſtus parabolam vitis, & palmitum; hoc ſcopo, ut Apoſtolos doceat manere in ſua fide, nec ab ea diſcedere*: cõmenta Alapide. Eſte he todo o empenho de Chriſto no Evangelho, que conſervemos a Fé, que nos enſinou, e nem eſte Santo Tribunal tem outro empenho mais, que eſte.

Saõ os Miniſtros, Propagadores, ou ſuſtentadores deſta Fé, os Senhores Inquiſidores, e mais Familiares; e todos eſtes eſtaõ ſignificados nos ramos que daõ fructo, e eſtaõ unidos pela Fé á verdadeira vide Chriſto; ſendo o principal ramo deſta vide o glorioſo S. Pedro Martyr, primeiro Inquiſidor deſte Santo Tribunal, e o que melhor, que todos, por eſtar mais unido pela Fé com a vide Chriſto, deo fructos mais abundantes: *Qui manſerit in me* (*Per Fidem* diz Alapide) *hic fert fructum multum.*

Naõ faltaõ tambem no Evangelho Hereges, e faltos de Fé, nos ramos, ou ſarmentos da vide, que naõ daõ fructo: *Si quis in me non manſerit* (*Per Fidem*) *mittetur foras, ſicut palmes, & areſcet; ſarmenta, quæ fructum non ferunt, ſunt hæretici*; diz Theo-

Theofilato. Tambem para queimar eſtes Hereges, e conſumir Idolatras, naõ falta no Evangelho fogo: *Ignem mittet, & ardet*; caſtigo, que coſtuma dar eſte Santo Tribunal, aos que ſaõ abſolutamente negativos, ou contumazes. Finalmente, ſe Chriſto no Sacramento he o que preſide hoje a eſta Junta; tambem a preſença deſte Senhor nos naõ falta, nem no Evangelho, nem na Empreza. No Evangelho Sacramentado na vide: *Ego ſum vitis, Chriſtus in Euchariſtia vitis*; e na Empreza expoſto, como em throno, ou cuſtodia, que tudo iſto ſignificava tambẽ o Ferculo, ou leito de Salomaõ: *Ferculum Euchariſtia.*

Só nos falta agora, tirar de toda eſta fabrica hum aſſumpto ajuſtado tambem com toda ella. He ſem duvida, que eſte he o empenho mais arriſcado em hum Sermaõ; mas tambem confeſſo, que foi eſte o Sermaõ, que menos me cuſtou a tirar-lhe o aſſumpto; porque o meſmo foy encõmendarem-me eſte Sermaõ, que reparar eu para o nome de quem me fazia aquella honra, e ver que o ſeu ultimo cognome era o de *Guerra*, que dizer, e aſſentar logo commigo, *Guerra*, ha de ſer o aſſumpto do Sermaõ de S. Pedro Martyr eſte anno. E iſto, que logo alli pareceo impulſo, naõ ſey de que particular affecto, vim a conhecer depois, naõ podia vir melhor, por mais, que foſſe muito conſiderado, porque álẽm de ſer toda a vida do noſſo Santo, huma viva, e conti-

continuada guerra cõtra Hereges: *Ab ipſa pene infantia contra hæreſes pugnavit*; e toda a guerra ſe coſtuma fazer a ſangue, e fogo; para o fogo achamos baſtante materia no Evangelho, nos Hereges, q̃ como ramos ſeccos, ſe mandaõ queimar ao fogo: *In ignem mittet, & ardet*: e para o ſangue, nos ſobravaõ eſpadas, nos Miniſtros deſte Santo Tribunal; ou porque a Eſpada he a principal inſignia deſte Tribunal Santo, como todos ſabem, e dos ſeus Miniſtros como os vio Salomaõ: *Omnes tenentes gladios; & ad bella doctiſſimi*; ou porque a Prégaçaõ, e palavra de Deos, por onde devem começar eſta guerra, tambem ſe chama Eſpada, como diz Alapide: *Porro fax, ſeu culter, quo Deus palmites, ſeu fideles purgat, eſt ſermo Dei*: e S. Paulo diz: *Vivus eſt ſermo Dei, & efficax, & penetrabilior omni gladio ancipite*. E porque toda a guerra tem por remate a coroa para quem vence; ſuppoſto que S. Pedro Martyr he o que ha de vencer eſta guerra, ha de ter paciencia o noſſo Santo, que a coroa deſta guerra hoje contra Hereges, naõ ha de ſer para S. Pedro Martyr, para Chriſto he que ha de ſer eſta coroa: mas iſto meſmo ſerá para mayor gloria de S. Pedro Martyr; tudo moſtrará o diſcurſo, que ſerá hoje ainda mais breve do que eu coſtumo; porque aſſim me rogou, quem me podia mandar. Tudo poderemos conſeguir, ſe nos aſſiſtir para tudo o auxilio da

Exc. vit. Lend.

da Divina graça. *Ave Maria.*

A Guerra, que contra os inimigos da Fé tomou por empreſa S. Pedro Martyr, e a coroa, que naõ para ſi, mas para Chriſto, conſeguio em muitas batalhas, que teve com Hereges, he todo o empenho do meu diſcurſo neſta hora, e para irmos logo admirando o ſeu catholico esforço, vamos fazendo huma abbreviada liſta dos ſeus mais notaveis encontros. Naſceo S. Pedro Martyr, e o que logo aqui admira he, que creando Deos a eſte Santo para pelejar, e fazer huma continua guerra a Hereges, permittiſſe eſte Senhor, que naõ ſó naſceſſe de pays Hereges, mas que huma mulher Herege foſſe a ama, que lhe deſſe o primeiro leite, e o criaſſe a ſeus peitos. Ora vejaõ lá em que apertado combate, e em que batalha taõ perigoſa ſe acha S. Pedro Martyr; e logo, que entra no mundo! Naõ ſabia Deos muito bem, que no leite, que bebem os meninos, e ainda ſendo o primeiro, bebem tambem as inclinações, ou paixões de quem lhes dá o leite? He ſem duvida que ſim. Pois ſe iſto he aſſim, como ariſca Deos que S. Pedro Martyr beba no leite a inclinaçaõ á Herezia, ſe o criava para o eſtrago de Hereges?

Porque Deos criava a Moyſés para flagello dos Egypcios, e para travar com elles huma porfiada guerra, naõ conſentio Deos criaſſe a Moyſés alguma mulher, que foſſe Egypcia, para que no

leite della naõ bebeſſe Moyſés a inclinaçaõ, e amor aos Egypcios. Pois, ſe Deos queria a S. Pedro Martyr para ruina dos Hereges, para que conſente que beba menino o ſangue da Herege, podendo-lhe beber com elle o amor, e inclinaçaõ? Mette Deos a S. Pedro logo que naſce em huma batalha, que, por perigoſa, naõ quiz que naſcido entraſſe logo nella Moyſés? Qual ſerá a razaõ deſta differença? A razaõ póde ſer; porque, como S. Pedro Martyr na guerra contra Hereges, havia ſer como nenhum, bem podia fiar delle, o que naõ quiz Deos fiar, nem ainda do proprio Moyſés. Melhor o direi ainda.

Naõ conſente Deos que beba Moyſés o leite da Egypcia, e conſente que S. Pedro Martyr beba o leite da Herege; porque conheceo acharia em S. Pedro Martyr, o que talvez naõ acharia em Moyſés. Moyſés poderia ſer que com o leite bebeſſe juntamente a inclinaçaõ, e amor aos Egypcios; S. Pedro Martyr eſtava Deos certo, que ainda que bebeſſe o leite da Herege, naõ lhe havia beber a inclinaçaõ, e amor; antes pelo contrario havia beber, como bebeo naquelle leite, o odio, e aborrecimento. Soube S. Pedro Martyr ja naquella idade ſeparar naquelle leite duas formalidades, que talvez naõ ſaberia diſtinguir o menino Moyſés. Eu me explico. O leite, que bebem os meninos, origina-ſe do ſangue das mãys, que lhes daõ o leite: e como

como S. Pedro Martyr havia ſer o mayor inimigo, que haviaõ ter os Hereges, partio no leite, que bebeo dos Hereges, eſtas duas formalidades: partio a formalidade de leite, e a formalidade de ſangue, e como partio eſtas duas formalidades, naõ bebeo aquelle leite, como leite, bebeo o leite como ſangue; e para que? ou porque? Porque, ſe em beber o ſangue aos inimigos ſe moſtra o mayor odio, que ſe lhes póde ter; bebeo S. Pedro Martyr o ſangue aos Hereges quando bebeo o leite da Manichea, e como bebeo o leite como ſangue, e naõ como leite, naõ lhe bebeo o amor, e a inclinaçaõ, bebeo-lhe o odio, e aborrecimento.

Iſto fez S. Pedro Martyr, e por iſſo naõ importava, antes convinha, que o primeiro leite, que bebeſſe, foſſe aos peitos da Herege; porque conhecia Deos que lhe naõ havia beber o leite como leite, mas ſim o leite como ſangue; naõ o amor ſenaõ o odio: e iſto naõ o faria Moyſes; e por iſſo naõ convinha que bebeſſe o leite da Egypcia. Os peitos da Egypcia foraõ a primeira çarça, a q̃ Deos naõ conſentio chegaſſe Moyſés: *Ne appropries huc*; por q̃ naõ bebendo o leite como ſangue, mas como leite, o naõ picaſſe depois o amor dos Egypcios: mas ſe Moyſés naó ſaberia beber o odio na fonte do amor dos Egypcios; na fonte do amor dos Hereges ſoube S. Pedro Martyr beber-lhe o odio quando no leite lhe bebeo o ſangue.

gue. Atéqui naõ chegou Moyſés: *Ne appropries huc*; porque ſó S. Pedro Martyr havia chegar atéqui: *Hic fert fructum multum.*

Eſte o primeiro encontro de S. Pedro Martyr; vamos ao ſegundo, que naõ ſerá menos glorioſo que eſte: porque ſe no primeiro ſoube ſeparar o que era ſangue, do que era leite, ſó pelo goſto, que lhe tomou aos peitos da Herege; agora, que ja ſabe articular vozes, veremos diſtinguir com palavras, e moſtrar com obras, o que he eſpirito, e o que he ſangue. Por natureza naſceo S. Pedro Martyr de pays Hereges; huma mulher Herege o criou aos peitos, mas nem a inclinaçaõ do leite da ama, nem a força da natureza dos pays baſtaraõ a mudar-lhe a natureza. Vinha hum dia o menino da eſcóla, e perguntando-lhe hum tio ſeu, grande Herege dos Manicheos, o que nella tinha aprendido, reſpondeo-lhe, que o Credo, e Artigos da Fé: e por mais que o tio o quiz perſuadir com argumentos de razoens, e ainda com ameaços de caſtigo, que naõ deſſe Fé, nem creſſe no Credo, e ſeus Artigos; o menino naõ ſó ficou mais firme no que cria, e tinha aprẽdido, ſenaõ que com razoens claras, e evidentes deixou ao tio, ſe naõ convencido, ao menos certo, de que aquelle menino pelo tempo adiante havia ſer o principio da ſua ruina, e hum grande contrario á ſua ſeita. E que razaõ teria eſte Herege para formar de hum menino taõ

peque-

pequeno hum tal conceito, e taõ grande?

Foi a razaõ; porque conheceo que hum menino, que, contra toda a força da natureza, ſabia diſtinguir o que era eſpirito, e o que era ſangue; ſaberia deixar a Herezia, para onde o levava o ſangue pela força da natureza, e ſaberia abraçar a Fé, para onde o guiava a vehemencia do Eſpirito: eſte menino diſcorria o Herege, ha de ſer o principio da noſſa perſeguiçaõ, e a total cauſa da noſſa ruina, porque iſto he o que eſte menino ha de aprender neſta eſcóla.

Na eſcóla da natureza diſſe Galeno que a parte principal na compoſiçaõ do homem era o cerebro; porêm Ariſtoteles com a mayor parte dos Filoſofos affirma, que o principio na compoſiçaõ do homem he o coraçaõ: *Cor eſt principium vitæ.* E pois o coraçaõ he o que ha de ter o primeiro lugar na compoſiçaõ do homem? Se nós examinarmos ao coraçaõ do homem, acharemos que mais ſe inclina para o lado eſquerdo, do que para o lado direito; porque deixando de todo o lado direito, lá eſtá continuamente a bater para o lado eſquerdo. E porque mais ſe ha de inclinar o coraçaõ para o lado eſquerdo, do que para o lado direito? A razaõ a deo o meſmo Ariſtoteles; e vem a ſer: porque no lado direito, diz elle, reſide a mayor parte do ſangue, e no lado eſquerdo a mayor porçaõ do eſpirito: *Cor habet duos ventres, dextrum ſcilicet, & ſiniſtrum:*

niſtrum: dextrum plus habet de ſanguine, ſiniſtrũ autem de ſpiritu. E hum coraçaõ, que deixando a parte do ſangue, ſe inclina todo para a parte do eſpirito, claro eſtá que na compoſiçaõ do homẽ ha de ſer eſte coraçaõ o ſeu principio: *Cor eſt principium vitæ.*

Iſto, que na eſcóla da natureza faz o coraçaõ na compoſiçaõ do homem, fez S. Pedro Martyr, para ſe compor a ſi, e aos hereges, quando ainda menino de eſcóla. O compor-ſe o homem naõ he outra couſa mais, que ajuſtar-ſe à recta razaõ, e dictames da Ley de Deos; e quem deſta compoſiçaõ quer ſer o principio, ha de deixar a parte do ſangue, e ſeguir a parte do eſpirito. Eſta para todos he a mayor batalha, que tem neſte mundo hum homem para acertar a vencer ao meſmo mundo; e taõ difficultoſa, que poucos a chegaõ a vencer, porque contra o eſpirito prevalece commummente o ſangue. E ſe iſto he difficultoſo a qualquer creatura poſta no mundo entre vicios, e virtudes; que defficultoſa naõ ſeria para S. Pedro Martyr, e ainda menino, vencer eſta batalha poſto entre a Fé, e a herezia; entre o ſangue e o eſpirito: o eſpirito, que o guiava para a Fé; e o ſangue, que o levava para a herezia! E verſe S. Pedro Martyr, quãdo menino, mettido entre o ſangue, e o eſpirito, entre a Fé, e a herezia, e deixar a heregia, e abraçar a Fé; iſto foi moſtrar S. Pedro Martyr áquelle ſeu tio herege, que aſſim

aſſim como menino ſabia diſtinguir o que era eſpirito, e o que era ſangue: que ſaberia deixar o ſangue, que por força da natureza o inclinava para a herezia; e ſeguir o eſpirito, que por ſuperior impulſo o guiava para a Fé: aſſim tambem para convencer, e converter hereges à Fé, e deſtruir herezias, havia ſer o principal inſtrumento, e o principio todo da ſua ruina. Aſſim o entendeo o tio herege, quando vio que, deixando o ſangue, que tinha por força da natureza inclinado para a herezia, ſeguia a Fé, no eſpirito, que o guiava por outra mayor força; e aſſim aconteceo.

Porque continuando com a guerra contra hereges, vencendo a outros muitos, quando já homem; e a muitos mais no eſtado de Religioſo, o Papa Innocencio IV. o nomeou Inquiſidor Apoſtolico em todo o Reyno de Milaõ, e Eſtados da Lombardia na Italia. Com hereges, e Hebreos ſahia todos os dias a publicas contendas, e deſafios, e depois de lhes fazer guerra eſpiritual com a eſpada da Doutrina, foi tal a guerra temporal, que lhes fez, que aquelles hereges, a quem o fogo da contriçaõ, e arrependimẽto naõ deſfez em prantos, o fogo material desfez em cinzas.

Mas o que neſta guerra nos deve admirar mais he, que a naõ temeſſe nunca S. Pedro Martyr ſendo ella tanto para temer, q̃ até ao meſmo Chriſto parece metteo medo. No Horto diſſe

S.

S. Mattheus que Chriſto começára a temer, e a tremer: *Cæpit pavere, & tædere.* Notavel medo por certo, e por ſer em tal peſſoa mais notavel! E de que teria Chriſto medo no Horto? Acaſo da morte, que ſabia o eſtava já deſafiando? Parece que naõ; porque a morte, elle a quiz muito por ſeu goſto; e o que ſe buſca por goſto, naõ mette medo: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.* Pois ſe Chriſto no Horto naõ temeo a morte, que he o que temeo no Horto? Santo Agoſtinho diz, que o que Chriſto temeo no Horto, foi aquelle encontro, que eſtava para ter com Judas, o qual por inſtantes o eſtava accõmettendo já: *Ecce appropinquat, qui me tradet.* E com razaõ podia Chriſto temer eſte encontro. Ora vejaõ: Judas foi o primeiro Herege, que houve na Igreja de Chriſto, e o primeiro Apoſtata, que appareceo na Ley do Evangelho; eſtava Chriſto para entrar em batalha com eſte Herege, e reconhecendo a difficuldade grande de vencer, ou convencer a hum Herege, a duvida da ſua converſaõ o fez temer, e tremer, ainda antes de entrar neſta batalha: *Cæpit pavere, & tædere: Ecce appropinquat.* Ainda naõ diſſemos tudo.

Tanto temeo Chriſto eſte encontro com Hereges, tanto receou eſta batalha, que chegou a pedir ao Padre Eterno que o livraſſe de entrar nella ſe foſſe poſſivel: *Pater, ſi poſſibile eſt, tranſeat à me calix iſte.* Digo que pedia

pedia Chriſto ao Padre que o livraſſe de entrar em batalhas cõ Hereges, quando lhe pedia que o livraſſe de ſe ver entre mãos com eſte Caliz do Horto; porque neſte Caliz, diz Alap. com muitos Santos Padres, eſtava incluida aquela batalha, que Chriſto eſperava ter com os Judeos, que no ſeu modo todos eraõ Hereges como Judas: *Horret Chriſtus calicem, non quia ſui ſanguinis eſt, ſed quia à manibus Judæorum.* Era batalha com Hereges, e metteo medo ao meſmo Chriſto; e por iſſo pedia ao Pay que o livraſſe de ſimilhante encontro: *Trãſeat à me Calix iſte.*

Ainda ſe embebe mais alma neſte Caliz. Duas couſas ſaõ neceſſarias para ſe accommetter, e ſuſtentar hũa batalha: animo, e forças, corpo, e eſpirito; animo varonil, e corpo forte. Mas iſto, que nunca faltou em S. Pedro Martyr, porque nunca negou o corpo ao peito deſta guerra contra Hereges, e nem lhe faltou o eſpirito para continuar nella com o meſmo fervor, e zelo; alguma couſa diſto parece faltou a Chriſto, quando conſiderou ver-ſe mettido neſte empenho: naõ lhe faltou a fortaleza do Eſpirito; porque era divino: *Spiritus quidem promptus eſt*; mas diſſe que lhe faltavaõ as forças do corpo: *Caro autem infirma*: e por iſſo pertendeo deſviar eſte encontro: *Tranſeat à me Calix iſte.*

Aſſim parece pedia Chriſto a ſeu Eterno Padre o livraſſe de entrar em batalha, por-

que lhe faltavaõ ao que parece as forças do corpo para huma guerra taõ pezada: mas aſſim havia de ſer, porque Chriſto neſte particular quiz ſeguir hũa maxima mui differente da que quiz ſeguiſſe S. Pedro Martyr. S. Pedro Martyr, deſde que naſceo até a morte, andou ſempre a deſafiar Hereges, a contender, e a pelejar com elles: iſto foi maxima de S. Pedro Martyr; mas a de Chriſto naõ foy aſſim: naõ foi buſcar, nem pelejar com Hereges, foi deſviar-ſe, e fugir delles, e iſto deſde menino; porque deſde menino começou a fugir dos Herodes da ſua vida, e dos Hereges da ſua ley: *Accipe puerum, & fuge in Ægyptum.* Aſſim andou Chriſto a fugir ſempre deſta guerra com Hereges; e aſſim até a morte quiz fugir: *Trãſeat à me calix iſte. Non quia fui ſanguinis eſt, ſed quia à manibus Judæorum.*

E parece tinha Chriſto muita razaõ, em fugir deſtes encontros com Hereges; porque em hum, de que naõ pode fugir, tambem o naõ pode vencer, valendo-ſe para iſſo daquellas meſmas armas, de que ſe valeo depois S. Pedro Martyr em outro ſimilhante. Vamos ao de S. Pedro Martyr, e logo iremos ao de Chriſto. Tinha S. Pedro Martyr hum grande amigo ſeu, e novamente convertido á Fé pelo meſmo Santo. Havia no lugar outro Herege grande, e famoſo Nigromantico; quiz eſte feiticeiro perverter ao novamẽte convertido, e fez com

com que o demonio transformado em Anjo de luz tomaſſe a Imagem, ou figura de Maria Santiſſima. Aſſim o fez o demonio; e apparecendo aſſim áquelle novo convertido em preſença de hũ grande concurſo de gente, lhe dizia pela boca daquella fingida Imagem, que de nenhum modo ſeguiſſe aquella Fé, que de novo abraçava, porque certamente ſe perdia nella.

Teve S. Pedro Martyr noticia deſte caſo, e, ao meſmo tempo, que acontecia eſta tragedia, appareceo alli repentinamente, e tirando de hum Relicario, em que trazia o Corpo de Chriſto Sacramentado, e expondo-o à viſta de todo aquelle povo, mandou ao demonio imperioſamente, que ſe elle era a verdadeira Mãy de Deos, adoraſſe a ſeu Filho, que aſſiſtia com preſença real naquella Hoſtia; mas ſe era demonio, como elle ſabia que era, que deixaſſe aquella Imagem, e appareceſſe áquelle povo na ſua propria figura. Deſappareceo a figura, e deixou-ſe ver o demonio, como he, com notavel terror, e eſpanto de todos, ficando o povo atemorizado, os Hereges confuſos, e o Catholico, e amigo do noſſo Santo, mais amigo, e mais Catholico. Eſte o paſſo de S. Pedro Martyr, vamos ao de Chriſto.

De hum amigo de Chriſto, que foi Judas: *Amice ad quid veniſti?* tomou poſſe o demonio no Cenaculo de Jeruſalem: *Cũ diabolus jam miſiſſet in cor, ut traderet eum*

Judas: Para lançar o demonio do coraçaõ deſte amigo, que ſendo Catholico ſe tinha tornado Herege, entrou Chriſto com elle em batalha. E que armas tomaria o Senhor neſta occaſiaõ? As meſmas, que S. Pedro Martyr. Sacramentouſe Chriſto, e tomando em ſuas Santas maõs o ſeu Santiſſimo Corpo: *Accepit panem in ſanctas, ac venerabiles manus ſuas*; ſahio ao encontro a Judas, e ao Demonio: *Surgite eamus*: mas com taõ pouco effeito neſta batalha, que nem o demonio fugio, e nem Judas ficou mais amigo, nem mais Catholico, antes mayor Herege, e mais demonio: *Maius peccatum habet.*

E pois como aſſim? S. Pedro Martyr com as meſmas armas, que Chriſto tomou, vence ao Herege, e affugenta o demonio; Chriſto, com a ſua propria peſſoa ſobre o poder das meſmas armas, naõ affugenta ao demonio, nem vence ao Herege Judas: razaõ tinha logo eſte Senhor para que em toda a ſua vida ſeguiſſe a maxima de fugir ſempre a encontros de Hereges. Em S. Pedro Martyr, diſpoz Deos que naõ foſſe aſſim. E aſſim deſde menino até a morte andou ſempre a contender com Hereges, e com elles ſempre em continua guerra, e neſta guerra, ſem fugir nunca, venceo ſempre. Venceo a guerra, que lhe fez o amor, e natureza, ſabendo apartar nos peitos da ama o que era leite, e o que era ſangue, e ſabendo diſtinguir do que era ſangue, o que era eſpiri-

pirito; e venceo outras muitas em ſua vida; ſempre com fortaleza de corpo, e valentia de eſpirito; até que na ultima, ſem que lhe faltaſſe o eſpirito, rendeo o corpo. Rendeo o corpo ás eſpadas dos Hereges, que com muitos golpes lhe tiraraõ a vida; mas naõ rendeo o eſpirito, com que eſcrevendo na terra com hum dedo, e o proprio ſangue, aquellas altiſſimas palavras do ſimbolo da Fé: *Credo in Deum*: creyo em Deos, deixou gravados para eterna memoria os trofeos, a victoria, e a coroa, que, como fructo copioſo deſta empreza, colheo, como ramo mais unido pela Fé com a verdadeira Vide Chriſto: *Ego ſum vitis*: *Qui manet in me*, (*Per fidem*) *hic fert fructum multum.*

Concluida aſſim eſta guerra, e alcançada a coroa da victoria, ainda que á cuſta do proprio ſangue, ſó nos reſta ver agora como eſta coroa, que o glorioſo S. Pedro Martyr alcançou, foy para Chriſto, e naõ para ſi. E aqui ſe offerece logo huma grande difficuldade, e he: porque, conforme acho no que tenho lido, a Imagem de S. Pedro Martyr coſtuma pintar-ſe com huma palma verde na maõ, e tres coroas enlaçadas na meſma palma, como ſuas, e como triunfo das ſuas victorias. Pois ſe S. Pedro Martyr ſe acha coroado com tres coroas, como digo eu que a coroa, que S. Pedro Martyr alcançou neſta guerra, foy para Chriſto, e naõ para S. Pedro Martyr? Ora digo bem, e ſe naõ, vejaõ. S. Pe-

S. Pedro Martyr foi Santo como os mais, e foy Santo como nenhum. Foy Santo como os mais; porque foy hum Santo Martyr, foy hum Santo Doutor, e foy hum Santo Virgem: e foy Santo como nenhum; porque foy hum Santo Inquiſidor, e o primeiro Inquiſidor, que houve Santo. Em quãto Santo como os mais, as coroas, que alcançou, alcançou-as para ſi, e por iſſo as tem enlaçadas na ſua palma; hũa coroa como Martyr, outra como Doutor, e a outra como Virgem. Mas em quãto Santo Inquiſidor, mereceo outra coroa: he verdade, que eſta a naõ mereceo para ſi, para Chriſto he que a mereceo. E porque? Porque as coroas devem conreſponder ao objecto, ſobre que ſe peleja, ou contende: *Tuliſti certamina, tuliſti coronas.* Batalha hum Virgem pela caſtidade contra os vicios oppoſtos, e como leva por objecto a ſi meſmo, que he o ſer puro, e caſto; a coroa, que alcança neſta batalha, he para ſi meſmo, que foy o objecto da ſua peleja; aſſim das mais virtudes, e nos mais Santos: nos Santos Inquiſidores naõ he aſſim. Como o objecto ſobre que pelejaõ he Deos, para Deos, que he o objecto da Fé, por quem pelejaõ os Inquiſidores, he a coroa das ſuas victorias.

Aſſim S. Paulo fallando com os Propagadores da Fé pelo Evangelho. Todos nós pelejamos pela Fé, todos andamos em hũa continua batalha: *Omnes quidem currimus*; po-

porêm a coroa das noſſas victorias neſta guerra naõ he para nós, hum ſó, que he Deos, he o que leva a coroa: *Sed unus accipit bravium.* Iſto em commum he para todos os Inquiſidores, porque de todos em cõmum he Deos o objecto da ſua Fé. Mas como o objecto da Fé de S. Pedro Martyr, depois de Deos, foy determinadamẽte Chriſto, e em Myſterios particulares da ſua vida como o da Euchariſtia, e outros; para Chriſto, que foy o objecto da Fé de S. Pedro Martyr, e da ſua guerra contra Hereges, he que foy a coroa das ſuas victorias. Outra vez aqui S. Paulo, como taõ exercitado neſtas batalhas: *Vos eſtis gaudium, & corona mea.* Vós, dizia S. Paulo em peſſoa de Chriſto, fallando com os Propagadores da ſua Fé, vós ſois toda a minha gloria, e em vós tenho a minha coroa, e particularmẽte, porque como Inquiſidores pelejaſtes pela minha Fé: *Vos eſtis gaudium, & corona mea: Per fidem.* E como as batalhas de S. Pedro Martyr, contra Hereges, foraõ ſobre particulares Myſterios pertencentes a Chriſto; para Chriſto, que foy o objecto da Fé de S. Pedro Marryr, foy a coroa dos ſeus triunfos: *Vos eſtis gaudium, & corona mea: In fide.*

Mas, nem porque a coroa das victorias de S. Pedro Martyr foy para Chriſto, teve S. Pedro Martyr niſto menos gloria, antes por iſſo meſmo ficou o noſſo Santo mais glorioſo. Porque ſe as acçoens virtuoſas dos San-

Santos redundaõ em gloria de Deos, e tanto he mayor a gloria, que Deos recebe nos ſeus Santos, quanto ficaõ elles tambem mais glorioſos; como a gloria, que Chriſto recebeo neſta coroa, que lhe poz S. Pedro Martyr, foy a mayor que podia ſer; ficou tambem S. Pedro Martyr o mais glorioſo que ſer podia.

Que aquella coroa foſſe de gloria, iſſo diz o ſer ella coroa de goſto, e gozo: *Gaudium, & corona*; e o gozo em Deos já ſe ſabe que he a ſua meſma gloria: e que foſſe a mayor, que podia ſer, iſſo ſignifica o dizer o Apoſtolo, quando vio a Chriſto aſſim coroado, e glorioſo, por S. Pedro Martyr, como Inquiſidor, que paraſſe alli: *Vos eſtis gaudium, & corona mea*: *Sic ſtate*: aſſim eſtai, ou parai aqui; como que era taõ grãde aquella gloria, que naõ havia mais para onde ſubir: *Sic ſtate*; e aqui ficará tambem o noſſo diſcurſo, porque aſſim ficou Chriſto com hũa coroa de gloria, que parece naõ podia ſer mayor; e aſſim ficou S. Pedro Martyr, quando poz a Chriſto eſta coroa, o mas glorioſo que podia ſer. E aſſim ficaráõ tambem muito glorioſos todos os Miniſtros, e Familiares deſte Santo Tribunal; porque todos pertendem pôr em Chriſto a meſma coroa, pois todos pelejaõ pela ſua Fé. Chriſto ficará com huma gloria muito grande por coroa: e os ſeus Familiares, com huma coroa de grande gloria. *Ad quam, &c.*

FON-

FONTE IX.

NASCE DO ℣. LVII. CAP. 6. JOAN.

In me manet.

E com as ſuas myſticas agoas entra a unir-ſe com as deſta primeira corrente em hum diſcurſo panegyrico

DO GLORIOSO PORTUGUEZ

S.TO ANTONIO,

No ſeu Convento da Villa do Reciffe de Pernambuco, em dia do Corpo de Deos no anno de 1743.

J. M. J.

UM corpo por força de palavras ſem alma; huma alma a violencias da morte ſem corpo, he o que veneramos na feſta, e adoramos no dia. O dia he do Corpo de Deos, a quem reverentemente adoramos hoje; a feſta he do Glorioſo Portuguez Santo Antonio, que hoje rendidamente veneramos: e já ſupponho entendem, que Santo Antonio he a Alma, que eu dizia eſtá hoje ſem corpo, a violencias da morte; e que aquella Hoſtia Sacro-ſanta he o Corpo, que eu affirmava eſtá

ſem Alma, por força de palavras.

Por força das palavras, que na conſagraçaõ diz o Sacerdote: *Hoc eſt corpus meum*, ſabem os Theologos, naõ eſtá Chriſto naquella Sagrada Hoſtía formalmente, em quãto Deos, ſenaõ ſó em quanto homem expreſſamente; antes, *ex vi verborum*, ſó eſtá Chriſto alli em quanto corpo de homem: porque por força daquellas palavras ſe faz alli huma myſtica ſeparaçaõ daquelle corpo para huma parte, e para a outra parte de tudo o mais, que naõ he corpo; e por iſſo, como eu dizia, hũ corpo ſem alma por força de palavras.

E ſe naõ, digaõ-me: quaes ſaõ as operações de hum corpo ſem alma? Nenhumas; porque ainda que tenha olhos naõ vê; ainda q̃ tenha ouvidos naõ ouve; ainda que tenha bocca naõ falla; e ainda que tenha os ſentidos todos, nada ſente; he finalmente corpo, o corpo ſem alma, mas naõ tem operaçaõ alguma. E naõ he iſto meſmo, o que ádora a noſſa Fé naquelle Corpo Sacramentado? ainda que Corpo de Chriſto, nem ouve, nem vê, nem falla, e nem ſente; e, ou por falta de ſentidos, e ou por força de palavras hum corpo ſem alma: e eſta talvez he a razaõ; porque a eſte dia de hoje chama a Igreja, Dia do Corpo de Deos, ou de Chriſto: *In feſto Corporis Chriſti*, dando o primeiro lugar ao Corpo; e vulgarmente fallando, ſe chamaõ as funçoens de hoje, funçoens ſómente de Corpo;

Corpo; porque ſe diz: Feſta de Corpus, Prociſſaõ de Corpus, Dia de Corpus: e iſto he o que adoramos no dia. Vamos agora á feſta.

Na feſta, pelo contrario, temos huma alma ſem corpo; porque o que feſtejamos he o Glorioſo Padre Santo Antonio, e deſte Santo glorioſo ſó nos mãda a Igreja, veneremos hoje por Santa a ſua Alma; que o ſeu corpo, ainda eſtá na terra, e em terra desfeito, até aquelle ultimo dia, em que tornando a ſer corpo ſe ha de unir outra vez á ſua alma, para entrar a participar com ella daquelles dotes glorioſos, que ſe devem aos corpos dos bemaventurados, e Santos.

E ſe a Alma de Antonio eſtá hoje ſem corpo, e ſe o Corpo daquelle Sacramento eſtá hoje ſem Alma, nos ſentidos em que himos fallando, já me parece ſe eſtá entendendo, que todo o meu empenho hoje ha de ſer fazer deſtas duas partes hum admiravel compoſto, e unindo áquelle corpo eſta alma, dizer que he Santo Antonio hoje a Alma deſte Corpo de Deos: admiravelmente dito; outrem accreſcẽtará com muita novidade. Mas, eu, pondo a novidade ſó no dito, accreſcento, que nelle tenho hum grande fundamento para diſcorrer hũ pouco em abono de Santo Antonio, e occurrencia do Corpo de Deos.

O diſcurſo deſempenhará o dito: e quando naõ poſſa ſer de outra ſórte, ao menos por concomitancia; porque lhe naõ falte até niſto a proprieda-

de de Sacramento, moſtrará o como póde ſer Santo Antonio hoje a Alma do Corpo de Deos, fundado todo nas palavras do Thema; pois ellas ſó ſem mais expoſiçaõ alguma eſtaõ approvando eſte meu dito: porque ao pé da letra eſtaõ dizendo, que naquelle Corpo entra hoje a Alma de Antonio; ou que Santo Antonio entra a ſer hoje a Alma daquelle Corpo, pois nelle fica hoje: *In me manet.* Para deſempenho do dito, recorramos áquella Senhora pelo ſoccorro da Divina graça.

AVE MARIA.

A Demonſtraçaõ mais evidente de que hum corpo eſtá com alma, ſaõ os movimẽtos do meſmo corpo. E como conheceremos agora pelos movimẽtos daquelle Corpo Sacramentado, que a Alma, que o anima hoje, he a Alma de Antonio? Poderemos conhecer iſto, ſe virmos que as operaçoens da Alma de Antonio ſe cõformaõ com os movimẽtos daquelle Corpo. Tudo havemos ver; com differença ſómente, que ſe no corpo, naturalmente informado com alma, he a alma, a que alenta, e diſpõem os movimentos do corpo; aqui, pelo contrario, como a informaçaõ he ſobre o natural, foi o corpo, o que encaminhou, e dirigio as operaçoens da alma, ſeguindo a Alma de Antonio os movimentos daquelle Corpo Sacramentado.

Os primeiros, e mais notaveis movimentos daquelle Corpo Sacramentado foraõ,

raõ, ſaõ, e haõ de ſer huma continua repetiçaõ do ſeu ſacrificio, repetindo-ſe tãtas vezes o ſacrificio, quantas ſe conſagra o Corpo. Deſde a primeira inſtituiçaõ daquelle Sacramento por Chriſto, que ſe eſtá repetindo eſte ſacrificio, e ſe ha de repetir até o fim do mundo; repete-ſe todos os dias, e em hum ſó dia muitas vezes: e como ſe tudo iſto fora pouco, o meſmo Sacerdote, que huma ſó vez faz eſte Sacramento, duas repete o Sacrificio, huma na conſagraçaõ do Corpo, outra na conſagraçaõ do Sangue, em que por concomitancia repete, o que ja tinha feito na do Corpo. Eſtes foraõ, e ſaõ os movimentos daquelle Sacramentado Corpo, e naõ foraõ menos, que eſtes, as operações da Alma de Antonio, para ſe moſtrar aſſim ſacramentada com aquelle Corpo.

Sacrificou-ſe a Alma de Antonio a primeira vez, quando de idade de cinco annos, com pouca differença, entrando na Sé de Liſboa para tomar com hum devoto Sacerdote as lições das primeiras letras, alli fez logo o ſeu primeiro voto de perpetua pureza, diſpondo já naquella tenra idade ſervir ſómente a Deos: *In eadem Eccleſia educandum pariter tradunt, & literis imbuendum.* Neſta meſma Igreja, de menino da eſcóla paſſou Antonio para moço do Coro; da Sé de Lisboa paſſou para Santa Cruz de Coimbra, a ſer Religioſo de Sãto Agoſtinho, e daqui para a Reli-

Religiaõ Serafica, fazendo em cada huma deſtas mudanças hum novo, e repetido ſacrificio da ſua Alma; e álem de outros muitos ſacrificios, que neſta Religiaõ fez, teve nella hum perpetuo, e continuado por toda a vida naquelle grande deſejo de padecer martyrio; taõ repetido eſte ſacrificio, que nelle ardia, e ſe abrazava ſempre: *Fervet ad martyrium.*

Até o fim do mundo ſe ha de repetir o Sacrificio daquelle Sacramentado Corpo: por toda a vida repetio Antonio o ſacrificio da ſua Alma. E naõ he iſto conformarem-ſe as operaçõns da Alma de Antonio com os movimentos daquelle Corpo Sacramentado? Aſſim parece. E para que tanta conformidade entre eſta Alma, e aquelle Corpo? Já eſtá dito. Para que entendeſſemos aſſim por eſta conformidade o como eſtá hoje Sacramentada com aquelle Corpo a Alma de Antonio; podendo-ſe dizer hoje he Antonio a Alma daquelle Corpo: e como a Alma que he daquelle Corpo, ſe póde dizer tambem hoje eſtá feita a Alma de Antonio outra como eſpecie de Sacramento. Parece muito; mais ſeja hoje tudo pelo q̃ parece. A Alma de Antonio, em quanto Alma daquelle Corpo, eſtá feita hoje outro como Sacramento. E porque? Pela repetiçaõ do ſeu ſacrificio; porque, donde ha repetiçaõ do ſacrificio, por conſequencia ha de haver Sacramento; e pelo contrario, naõ há Sacramento, donde

de o Sacrificio ſe naõ repete.

He opiniaõ cõmũa, que aquelle Sacramentado Corpo naõ ha de durar mais que até o fim do mundo; e aſſim ſe diz tambem, que no Ceo naõ ha de entrar o Corpo de Chriſto Sacramentado, nem ha de haver Sacramento da Euchariſtia no Ceo. Eſtará no Ceo, como eſtá o Corpo de Chriſto em quanto homem; mas o Corpo de Chriſto em quanto Sacramento naõ eſtá, nem eſtará no Ceo. E porque naõ ha de entrar no Ceo o Corpo de Chriſto Sacramentado; e porque ha de durar o Sacramento do Corpo ſó até o fim do mundo? A razaõ he; porque, como até o fim do mundo ſe ha de repetir o Sacrificio do Corpo, até o fim do mundo ha de durar o Corpo do Sacramento; porque ahi ſe dá Sacramento, donde o ſacrificio ſe repete. E como no Ceo ſe naõ ha de repetir o ſacrificio do Corpo, porque no Ceo ſe naõ ha de conſagrar o Corpo de Chriſto; por iſſo o Corpo do Sacramento naõ ha de entrar no Ceo: porque naõ póde haver Sacramento donde naõ ha repetiçaõ do ſacrificio. E como a Alma de Antonio deſde as primeiras luzes da razaõ conheceo eſſes movimentos no Corpo de Chriſto Sacramentado; para ſe fazer outro como Sacramento, repetio tambem o ſeu ſacrificio. Sacrificou-ſe em vida tantas vezes, para que por eſta repetiçaõ parecceſſe hoje outro como Sacramento.

E ſe a Alma de Antonio

tonio eſtá feita hoje outro como Sacramento, que Sacramento ſerá? Será Samento como o do Corpo? Hoje naõ pode ſer aſſim; porque eſte o eſtamos vendo alli naquelle Throno. Será Sacramento como o do Sangue? Digo que, ſe naõ, pelo menos aſſim o parece. E porque? Porque, aſſim como o Sacramento do Sangue ſerve de perfeiçoar o Sacramento do Corpo; aſſim a Alma de Antonio, quando entra a ſer Alma daquelle Corpo, parece outro Sacramẽto do Sangue; porque, como outro Sacramento do Sangue, entra tambem a perfeiçoar naquelle Corpo, o que lhe falta de Alma para Sacramento.

Que o Sacramento do Sangue ſirva de perfeiçoar o Sacramento do Corpo he evidente, na precizaõ em que himos fallando; porque conſagrado ſó o Corpo, na eſpecie de paõ, conforme ao que aqui ſe contêm: *directè, & ex vi verborum*: como ſe naõ dá ainda inteira razaõ, e eſſencia do Sacramento da Euchariſtia, naõ ſe dá ainda Sacramento perfeito: e aſſim neſta meſma precizaõ, para a perfeiçaõ do Sacramento he neceſſario conſagrar-ſe tambem o Sangue. E como entra aqui o Sangue a perfeiçoar o Corpo para Sacramento? Sabem como? Como Alma, que entra a ſer daquelle Corpo. Huma fyſica natural nos ha de facilitar eſta razaõ.

Perguntaõ Medicos, e Filoſofos, em que parte do noſſo corpo tenha a noſſa alma o ſeu

ſeu aſſento? E reſolve muita parte delles, que no ſangue he que reſide a alma, da qual participa elle os eſpiritos vitaes, que participa a todo o corpo. Logo bem ſe ſegue, que ſe a alma reſide no ſangue, por iſſo entra o Sacramento do Sangue a perfeiçoar o Sacramento do Corpo, porque entra como Alma daquelle Corpo, dando ao Corpo, o que lhe faltava de Alma para Sacramẽto. E bem ſe ſegue tambem, que ſe a Alma de Antonio entra hoje a ſer Alma daquelle Corpo, eſtá por iſſo feita hoje outro como Sacramento do Sangue; e como Sacramento do Sangue, entra tambem a perfeiçoar naquelle Corpo, o que lhe faltava de Alma para Sacramento. Grande texto naquellas palavras de S. Paulo tantas vezes repetidas, e ſempre difficultoſas.

Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionũ Chriſti in carne mea. De todo, diz S. Paulo, acabo de encher, e aperfeiçoar em meu Corpo, o que faltou na Paixaõ de Chriſto. A difficuldade eſtá muito á viſta. A Paixaõ de Chriſto foy obra de hum homem Deos, e aſſim naõ a podia perfeiçoar hum puro homem como S. Paulo; porque o homem naõ póde perfeiçoar, o que he ſobre o meſmo homem. Logo havemos concluir, que S. Paulo naõ fallava aqui de ſi, ſenaõ que em ſi figurava outro, que com alguma couſa mais de homem pudeſſe perfeiçoar a Paixaõ de Chriſto. E que ſujeito ſeria eſte? Em outro dia ſeria difficil conhecê-lo,

cê-lo, hoje he muito facil; porque podemos concordar, que eſte ſujeito era a Alma de Antonio, quando Alma daquelle Corpo; e quãdo como Alma daquelle Corpo eſtá feito outro como Sacramento do Sangue. E iſto, por huma razaõ muito fundamental deduzida da raiz deſte meſmo texto.

O texto de S. Paulo nomeadamente falla aqui em muitas Paixões: *Paſſionum Chriſti*; e muitas Paixões em Chriſto ſó ſe achaõ no ſeu Corpo Sacramentado. A Paixaõ do Corpo de Chriſto na Cruz foy huma ſó Paixaõ; porque huma ſó vez padeceo Chriſto na Cruz: no Corpo do Sacramento ſim he que ſaõ muitas as Paixões de Chriſto; porque tantas vezes ſe repreſenta a ſua Paixaõ, quantas o ſeu Corpo ſe Sacramenta. E ſe eſte texto, pela repetiçaõ das Paixões, ſe entẽde á letra do Corpo de Chriſto Sacramẽtado: *Paſſionum Chriſti in carne mea*, bem ſe ſegue, que dar perfeiçaõ ao Corpo de Chriſto Sacramentado, ſó o póde fazer hoje a Alma de Antonio, quando entra a ſer Alma daquelle Corpo; e quando, como Alma daquelle Corpo, eſtá feita outro como Sacramento do Sãgue, em que reſide a Alma: *Adimpleo ea, quæ deſunt Paſſionum Chriſti in carne mea.*

E ſe bem repararmos nas ultimas palavras deſte meſmo texto: *In carne mea*, ainda ſe conhece melhor fallava S. Paulo aqui determinadamẽte da Alma de Antonio, quando Alma daquelle Corpo; porque, ſe aquella per-

perfeiçaõ, que faltava ao Corpo do Sacramento, ſó a podia dar hum ſujeito, que mais que S. Paulo tiveſſe alguma participaçaõ de Deos: eſte ſó podia ſer hoje Santo Antonio, quando Alma daquelle Corpo; pois, como Alma daquelle Corpo, ſó póde dizer hoje, que aquelle Corpo he ſeu: *In carne mea*; e como ſeu, ſó a Alma de Antonio póde perfeiçoar nelle, como outro Sacramento do Sangue, o que lhe faltava de Alma para Sacramento: *Adimpleo ea, quæ deſunt Paſſionum Chriſti in carne mea: In me manet.*

E qual ha de ſer agora a razaõ de tudo iſto? Qual ha de ſer a razaõ, porque a Alma de Antonio, quando Sacramentada aſſim, ha de dar, ao que parece, eſta perfeiçaõ, que faltava ao Corpo do Sacramento? A razaõ he, porque toda a perfeiçaõ deſte Sacramento conſiſte na repetiçaõ do ſacrificio: e como a Alma de Antonio Sacramentando-ſe naquelle Corpo, como outro Sacramento do Sangue, repetia em ſeu modo o ſacrificio, perfeyçoava em ſeu modo o Sacramento do Corpo.

Na precizaõ, que temos dito, conſagrado ſó o Corpo, ainda naõ eſtá perfeito o Sacramento; conſagra-ſe o Sangue, e ja o Sacramento eſtá perfeito. E que mais teve eſta ſegunda conſagraçaõ, que a primeira, para aquella perfeiçaõ? Na realidade nada; porque por concomitancia, tanto ſe contèm em huma, como em outra: na circunſtancia muito; porque eſta ſegun-

da foy huma repetiçaõ: *Simili modo*; e tanto que houve repetiçaõ do ſacrificio, logo o Sacramento ſe perfeiçoou. Agora ao noſſo ponto: eſtava aquelle Corpo Sacramentado como imperfeito; porque, por força de palavras, eſtava ſem Alma: eſtava a Alma de Antonio pela repetiçaõ do ſeu ſacrificio outro como Sacramento do Sangue, unio-ſe áquelle Corpo, e como iſto em ſeu modo foi repetir-ſe o ſacrificio, foi tambem em ſeu modo perfeiçoar-ſe o Sacramento; dando aſſim a Alma de Antonio, como outro Sacramento do Sangue, o que faltava ao Corpo de Alma para Sacramento: *Adimpleo, ea, quæ deſunt Paſſionum Chriſti in carne mea: In me manet.*

Atéqui temos viſto a conformidade das operaçoens da Alma de Antonio com os movimẽtos daquelle Corpo Sacramentado; e ſe iſto atéqui pareceo muito, ainda o que agora quero dizer parece mais. Taõ Sacramentada ficou com aquelle Corpo a Alma de Antonio, e tanto ficou Alma daquelle Corpo, que naõ ſó ſeguio a Alma de Antonio os movimentos daquelle Corpo, ſenaõ que até o meſmo Corpo ſeguio as operações da Alma de Antonio.

Por tres vezes foy viſto Santo Antonio em dous lugares ao meſmo tempo. Duas prégando em Italia, e ao meſmo tempo apparecendo em Lisboa, para livrar a ſeu pay em dous perigos grandes, em que ſe vio; e a

ter

terceira prégando em huma Igreja de Padua, e aſſiſtindo ao meſmo tempo a dizer huma liçaõ, ou alleluia no Coro do Convento. Os Filoſofos negaõ, que o meſmo corpo poſſa, nem ainda por milagre, aſſiſtir em dous lugares realmente; porque dizem, que em hum lugar ha de eſtar o corpo verdadeiro, e no outro lugar ha de ſer corpo fantaſtico; ainda que, por milagre, dizem alguns que póde ſer.

Mas Santo Antonio, deixando eſta Filoſofia em ſeu vigor, e ſem recorrer a milagre, podemos dizer hoje, eſteve ao meſmo tempo em dous lugares, e em ambos com corpo verdadeiro. E como? Por hum modo muito admiravel, e nunca ouvido. Porque no lugar aonde prégava eſtava com o ſeu proprio corpo, e no outro aonde apparecia, ainda que o corpo parecia de Antonio, era o Corpo do Sacramento, o que repreſentava o corpo de Antonio. Para tudo iſto nos dá fundamento huma authoridade do grande Dionyſio.

Diz eſte Padre, fallando daquelle Corpo Sacramentado, que era *Antypum, ſeu exemplar aliunde expreſſum*, que quer dizer, que aquelle Corpo Sacramentado he exemplar, e juntamẽte imagem. O exemplar ſabem os Filoſofos he aquelle, pelo qual ſe faz outro como elle, e á ſua imagem, e ſimilhança: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur*. E por iſſo as idéas Divinas ſaõ cauſas exemplares. Tambem ſabe o Theologo,

logo, que esta voz: *Expressum*, Expressaõ, he o mesmo que imagem, ou representaçaõ; e assim o Verbo Divino he expressaõ do Entendimento do Pay, porque he imagem do mesmo Pay. E pois o Corpo do Sacramento ha de ser exemplar, e juntamente imagem? Imagem, que representa outro Corpo, e exemplar, por quem outro se encaminha? Sim; porque tudo foi, e póde ser hoje.

Foi exemplar da Alma de Antonio; porque esta Alma governou as suas operações pelos movimentos daquelle Corpo: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur*: e foy imagem; porque aquelle Corpo Sacramentado ja em outro tempo tinha representado o corpo de Antonio: *Aliunde expressum.* Prégava Santo Antonio em hum lugar, e estava alli com o seu proprio corpo; apparecia ao mesmo tempo em outro lugar, e como apparecia? Parecia que era Antonio em corpo; mas era o Corpo de Sacramento, o que representava o corpo de Antonio, que estava em outro lugar: *Aliunde expressum.*

Reparem bem naquelle: *Aliunde expressum*, que em todo rigor quer dizer huma imagem tirada toda por aquella, que está em outro lugar: *Aliunde expressum, ex alio loco*: em Italia prégava Santo Antonio, e estava alli com o seu proprio corpo; e cá estava em Lisboa o Corpo do Sacramento representando o corpo de Antonio, que estava ao mesmo tempo

tempo prégando em Italia: *Aliunde expreſſum, ex alio loco.*

Se eſte caſo de Santo Antonio apparecer em dous lugares ao meſmo tempo, acontecera no dia de hoje, em que o Corpo do Sacramento poderia parecer corpo de Antonio, por ſer hoje corpo da ſua Alma, naõ nos podia cauſar iſto muita novidade; mas ſucceder iſto tantos annos antes, e ainda em vida de Santo Antonio, parece tem alguma repugnancia. Digo, que naõ póde iſto cauſar duvida alguma; antes digo, que por iſſo meſmo, que aquelle Corpo Sacramentado havia parecer hoje corpo de Antonio, por ſer corpo da ſua Alma; por iſſo meſmo havia ja em vida de Antonio ter tomado tambem a figura, e imagem do corpo do noſſo Santo. Porque eſtes ſaõ os extremos daquelle Paõ Sacramentado, que quando por morte de algum ſujeito ha de ficar ſubſtituindo o ſeu corpo, e quando ha de ſer alguma vez corpo de outrem, ſempre ſe anticipa a tomar antes de tempo a fórma, e figura, ou imagem deſte Corpo, e faz eſta repreſentaçaõ ainda em vida deſte ſujeito.

Tinha determinado Chriſto ſacrificar-ſe no altar da Cruz pelos homens, e para deixar no mundo deſte ſeu ſacrificio huma repreſentaçaõ, tinha decretado tambem tranſubſtanciar em ſeu Corpo o Corpo daquelle Paõ Sacramentado. O ſacrificio do Corpo de Chriſto na Cruz havia conſũmar-ſe em ſexta feira da Paixaõ; e na

quinta

quinta feira antes, e ainda em vida do Senhor, ſe anticipou aquelle Paõ Sacramentado a fazer eſta repreſentaçaõ do Corpo de Chriſto na Cruz: *Qui, pridie quam pateretur, accepit panem: Hoc eſt corpus meum, hoc facite in meam commemorationem.*

Hoje havia ſer o dia em que o Corpo do Sacramento havia parecer corpo de Antonio, por eſtar unido hoje com ſua Alma: e como iſto havia ſer algum dia, e depois da morte do noſſo Santo, ja lá naquelle tempo, e ainda em vida de Antonio, quiz aquelle Corpo Sacramentado tomar a figura, e imagem do corpo de Antonio. E por iſſo, prégando Antonio em hum lugar lá em Italia, podia eſtar cá em Lisboa o Corpo do Sacramẽto repreſentãdo o corpo de Antonio, que lá eſtava em outro lugar: *Aliunde expreſſum, ex alio loco.* Para que ficaſſemos aſſim entendendo, que taõ Sacramentada ficou com aquelle Corpo a Alma de Antonio, que naõ ſó ſeguio eſta Alma os movimentos daquelle Corpo, como exemplar ſeu: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur*; ſenaõ que até o meſmo Corpo Sacramentado ficou como imagem do corpo de Antonio, ſeguindo as operaçoens deſte Santo: *Aliunde expreſſum, ex alio loco: In me manet.*

Eu naõ ſey que ſimpatia teve Santo Antonio com iſto de repetições, que as acçoens da ſua vida commummente as fazia repetidas. Ja no ſacrificio da ſua Alma o vimos tantas

tas vezes repetido: e agora tambem repetido nas apparições do ſeu corpo repetido em dous lugares, e por muitas vezes repetido. Aſſim era bem que foſſe. Havia ter Santo Antonio por idéa das ſuas acçoens os movimentos daquelle Corpo Sacramentado: e como as repetiçoens fizeraõ aquelle Sacramento a mayor obra da Omnipotencia de Deos pela perfeiçaõ, que lhe deraõ: *Miraculorum ab ipſo factorum maximum*; quiz Antonio, como taõ Sacramẽtado com aquelle Corpo, moſtrar que as ſuas acçõẽs, por perfeitas, eraõ as mayores, e repetio-as tambem. Porque as obras, para ſerem grandes, haõ de ſer repetidas.

He digno de reparo, que formando Deos ao Sol no quarto dia, daquella meſma luz, que tinha creado no primeiro dia, diz o texto que aquella luz era ſómente luz: *Fiat lux*, e no quarto dia accreſcenta que fora luz mayor: *Luminare maius*: e que mais teve a luz neſte quarto dia, do que no primeiro, para que naõ no primeiro, ſenaõ no quarto ſeja luz mayor: *Luminare maius*? Na ſubſtancia naõ teve nada de mais, porque a luz era a meſma; no modo houve muito: porque no quarto dia repetio Deos a meſma acçaõ de crear, que ja tinha feito no primeiro: *Quarto die renovata eſt lux.* No primeiro dia foy luz feita: *Facta eſt lux*; no quarto dia foy luz refeita, ou renovada: *Renovata eſt lux*; e tanto que a acçaõ foi repetida: *Renovata*, logo a obra fi-

cou a mayor: *Lumina-re maius.*

Aſſim fez Deos ao Sol, o mayor aſtro do Ceo, quando lhe repetio a formaçaõ; e aſſim, como Sol das ſuas maravilhas, inſtituio o Sacramẽto do ſeu Corpo: *Euchariſtia Sol*, dándo-lhe a mayoria pela repetiçaõ: *Factorum maximum*; e aſſim repetio Antonio as acções da ſua vida, para que aſſim repetidas, ou Sacramentadas aſſim, as fizeſſe mayores; e para que conhecendo nós a conformidade do Corpo daquelle Sacramento com a Alma de Antonio, pudeſſemos dizer hoje era S. Antonio a Alma daquelle Corpo: *In me manet.*

Temos concluido com as palavras do thema do dia, agora para darmos alguma ſatisfaçaõ ao thema da feſta: *Hic magnus vocabitur*, digo, brevemente, que ſe Antonio em quanto Alma daquelle Corpo concorreo no modo, que temos viſto para a perfeiçaõ da ſua grandeza, pede agora a correſpondencia que aquelle Corpo Sacramentado concorra tãbem para as mayorias de Antonio. Vamos ao ponto.

Sabido he o caſo, em que Santo Antonio cõ aquelle Corpo Sacramẽtado em ſuas mãos, fazendo com que hum bruto faminto de muitos dias deixaſſe o ſuſtento natural, e adoraſſe a Hoſtia conſagrada, venceo a hum Herege, e nelle convenceo a muitos, que negavaõ a preſença real de Chriſto no Sacramento de ſeu Corpo. E vencer aos que negaõ, e ſe oppõem ao Sa-

Sacramento do Corpo de Chriſto, com o meſmo Corpo do Sacramento; iſto he darſe a conhecer, quem aſſim vence, pelo mayor do Reyno do Ceo.

Por mayor no Reyno do Ceo eſtá declarado o Archanjo S. Miguel, como Principe de toda a milicia celeſte: *Michael unus de Principibus primis*: *Michael Princeps magnus*. E que motivo haveria, para que foſſe S. Miguel no Ceo declarado pelo mayor: *Michael Princeps magnus*? Dizem cõmummente, que foy por aquella celebrada vitoria, que conſeguio do demonio no Ceo. Mas eu accreſcentára hoje, que naõ foi tanto pela victoria, que alcançou do demonio, quanto foi pelas armas, com que venceo, e pela occaſiaõ daquella contenda.

A contenda de S. Miguel no Ceo com o demonio foy ſobre o Sacramento do Corpo de Chriſto; e com eſte meſmo Corpo Sacramentado venceo S. Miguel ao demonio. Aindaque o dito pareça novidade, a demonſtraçaõ o fará evidente. Orá notem: Que foſſe o peccado de Lucifer ſoberba, naõ ha quem o duvide; e que eſta ſoberba foſſe motivada de huma grande inveja, graves Authores o defendem; e que eſta inveja foſſe do homem em quanto ao beneficio da redempçaõ, pelo myſterio da Incarnaçaõ, ſe diz tambem: mas hoje parece-me que iſto ſó naõ podia cauſar ao demonio tãta inveja; porque o homem, aindaque, em quanto remido, ficava livre, ſempre com tudo ficava inferior, e o

que he menos naõ póde cauſar inveja ao que he mais: logo havemos dizer por força, que no homem, álêm de remido, houve alguma couſa mais, que cauſou ao demonio aquella inveja. He ſem duvida que houve. E que couſa ſeria eſta? Sabem qual foy? Foi aquella grande dadiva, e aquelle beneficio grande, que, depois de remido o homem, lhe fez Chriſto em lhe dar ſeu Corpo Sacramentado, e fazê-lo por virtude do Sacramento de ſeu Corpo hum como Deos; porque aſſim he, que o homem ficava ſuperior ao demonio. E aqui he que bateo toda a inveja do demonio. O diſcurſo he evidente, e ſe naõ vejaõ.

Era aquelle Corpo Sacramentado Paõ dos Anjos: *Panem Angelorum*: E que fez Chriſto? Deo-o aos homẽs: *Manducavit homo*: E ver o demonio que, ſendo a propriedade ſua *Angelorum*, havia ſer dos homens o uſufructo: *Mãducavit homo*; aqui começou a inveja: vio depois que com aquelle Paõ Sacramentado ſe haviaõ os homens tornar Anjos, como diz Santo Thomaz: *Datus eſt iſte Panis hominibus, ut fiant Angeli*, e aqui foy creſcendo a inveja. Vio finalmente, que com aquelle Paõ ſe haviaõ os homens fazer huns como Deoſes: *In me manet, & ego in illo*; aqui ſe rematou a inveja, aqui deſabafou em blaſfemias, e naõ podendo ſoffrer que os homens ficaſſem como Deoſes em algum tempo, quiz elle tomar para ſi primeiro eſta ſimilhança,

pelo

pelo direito que preſumia ter áquelle Paõ: *Similis ero Altiſſimo. Panem Angelorum. In me manet &c.*

Deſorte que o peccado de Lucifer foy huma inveja ſoberba, querendo alcançar por ſi, o que os homens haviaõ conſeguir por virtude do Sacramento do Corpo de Chriſto; vindo aſſim a ſer o demonio o primeiro Herege do Corpo de Chriſto Sacramentado. E com que venceo S. Miguel a eſte primeiro Herege do Sacramento? Com o meſmo Sacramento. Ouçamos a Santo Athanaſio ſobre eſte caſo: *Mactatus eſt, non alibi, quam in ipſo latere ad coſtas, ex quo fluxit ſanguis, & aqua.* Foy vencido o demonio, diz eſte Santo Padre, por S. Miguel, com o Sangue que ſahio do peito de Criſto. Reparem bem naquelle: *Non alibi*; naõ com outro qualquer Sangue, ſenaõ ſó com o que ſahia do peito: *Quam in ipſo latere ad coſtas ex quo fluxit ſanguis, & aqua.* E porque ſó com eſte, e naõ com outro?

Porque do Sangue, que Chriſto derramou do mais Corpo, ſe formou a Redempçaõ: *Pretioſo Sanguine redemiſti*; do Sangue, que ſahio do lado, ſe formou o Sacramento do Corpo: *Exivit ſanguis, & aqua: De latere Chriſti Sacramẽta manarunt.* E como o triunfo, que S. Miguel conſeguio do demonio, naõ o alcançou tanto por Chriſto, como Redemptor, quanto por Chriſto em quãto Sacramento; por iſſo ſó com o Sangue, de que ſe formou o Sacramento,

mento, e naõ com outro qualquer Sangue, ſe havia vencer o demonio: *Mactatus eſt, non alibi, quam in ipſo latere ad coſtas, ex quo fluxit ſanguis, & aqua.*

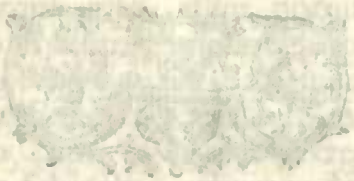
Toda a oppoſiçaõ do demonio era aqui ao Corpo de Chriſto Sacramentado, e por iſſo ſó com o meſmo Sacramento do Corpo ſe havia vencer o demonio. Naõ invejou ao homem ſó o ſer remido com o Sangue de Chriſto, e por iſſo naõ foy neceſſario para o vencer o Sangue, que derramou do mais Corpo; porque eſte pertencia ao myſterio da redempçaõ: *Pretioſo Sanguine redemiſti*: foy vencido com o Sangue, que ſahio do lado, que tocava ao beneficio do Sacramẽto; porque toda a ſua inveja tinha ſido ao Sacramento do Corpo de Chriſto. Para que ſe viſſe aſſim, que os inimigos do Sacramento do Corpo de Chriſto com o meſmo Corpo Sacramentado he que ſe vencem: *Mactatus eſt, non alibi, quam in ipſo latere ad coſtas, ex quo exivit ſanguis, & aqua.*

Aſſim venceo S. Miguel áquelle primeiro Herege do Sacramento do Corpo de Chriſto, com o meſmo Corpo Sacramentado. E aſſim ficou S. Miguel declarado no Ceo pelo mayor: *Michael Princeps magnus.* E aſſim, porque com o meſmo Corpo de Chriſto Sacramentado venceo Santo Antonio aquelle Herege do Sacramento do Corpo de Chriſto, póde ficar S. Antonio conhecido tambem no Ceo pelo mayor: *Hic magnus voca-*

vocabitur in regno cœlorum.

Tenho concluido, glorioſo Santo, ſe naõ foi como pedia o elevado do objecto, foi como pode o raſteiro do Orador; ſó vos peço agora, naõ como pága, porque naõ merece premio quem, devendo engrandecer as voſſas prerogativas, ſó boube diminuir as voſſas excellencias: peço-vos ſim, como mercê, ou beneficio, que naquelle ultimo dia, em que havemos fazer jornada deſta para a outra vida, nos naõ falteis com o Viatico deſte Corpo Sacramentado; porque ſe, ſendo Corpo de Deos, tambem parece voſſo Corpo, nelle, em quanto voſſo, bem nos podeis fazer ſeguro eſte ſoccorro: para que nelle, em quanto de Deos, tenhamos certo hum penhor da Eterna Bẽaventurança: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur.* Amen.

FONTE



FONTE X.

NASCE DO ℣. XVIII. CAP. I. MATTH.

Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.

E com as ſuas myſticas agoas entra a accreſcentar as deſta primeira corrente em hum diſcurſo panegyrico do glorioſo Patriarcha

O SENHOR

S. JOSEPH,

Na Igreja da Boa Viagem na Praya da Candelaria do Reciffe de Pernambuco, fazendo a feſta annual o Reverendo Ignacio Ribeyro Noya Meſtre da Capella, no anno de 1730.

J. M. J.

COm ſingular propriedade, e diſcreta analogia, contemplo neſte lugar, e nos devidos obſequios, que aqui ſe conſagraõ ao glorioſo Patriarcha, o Senhor S. Jozé, aquelle inveterado coſtume, com que ſolemnizavaõ os ſeus deſpoſorios alguns dos antigos. Tinhaõ eſtes, conforme eſcreve Santo Iſidoro, huma particular, e magnifica caſa, onde ajuntandoſe os parentes, amigos, e convidados dos que ſe haviaõ receber por eſpoſos, alli ao ſom de muſicos, e a-

cordes, inſtrumentos ſe entoavaõ canticos, metros, e poeſias, proprias, e accommodadas para aquelle feſtejo: *Lyra & cythara circumferebantur, & accubantibus ſingulis ordinabatur genus cãticorum.* Iſto, que entaõ foi huma jovial ceremonia, com que ſe expreſſava o goſto dos aſſiſtentes, e liſongeavaõ a felicidade dos deſpoſados, vemos com mais pura idéa repreſentado neſta caſa, e na preſente Solemnidade.

Solemnizamos hoje os felices, e Sagrados Deſpoſorios do Senhor S. Jozé com Maria Santiſſima neſta ſua caſa, que por ſer caſa deſta Senhora, e celebrarem-ſe nella os ſeus Deſpoſorios, naõ podiaõ faltar inſtrumentos muſicos, e canticos ſuaves, pois he Maria a melhor Meſtra da Capella, e aquella extremada Muſica, ou Cantora, que ao meſmo tempo, que com os concertados paſſos da ſua voz deleitava os Ouvidos de Deos: *Sonet vox tua in auribus meis*; com o ajuſtado compaſſo das ſuas acçoens o ſabia tambem encantar: *Maria eſt cantatrix peritiſſima*, como diſſe Joaõ Gerſon; e Alberto Magno diſſe: *Maria eſt Muſica: Effectum muſicæ ſcientiæ in ſummo habẽs, cujus vox, maximè harmoniaca, delectabiliſſima Deo ad audiendum fuit.* E nem podia deixar de ſer para Deos a muſica deſta Senhora a mais ſuave, pois naõ ſó lhe fazia agradavel ſom aos Ouvidos, com o natural, e engraçado da ſua voz, mas muito mais com

Joan. Gerſon. tract. 4. ſup. Magn. Alb. Mag. ſup. Miſſus eſt. Cap. 143.

as

as graças ſuperabundantes da ſua alma, que he o que para eſte Senhor mais conſonancia lhe faz quando as ouve, como eſcreve Santo Agoſtinho: *Non vox, ſed votum, non cordula muſica, ſed cor, non clamans, ſed amans, cantat in aure Dei.*

E ſe eſta caſa, em que eſtamos, por ſer de Maria, he com propriedade analogica caſa da Muſica mais peritiſſima, naõ podiaõ faltar nella os mais feſtivos epitalamios, pois ſe celebraõ hoje nella os mais felices Deſpoſorios: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph. Lyra, & Cythara circumferebantur, ordinabatur genus canticorũ. Maria eſt cantatrix peritiſſima: Maria eſt Muſica.*

E porque o Evangelho he o papel, por donde ſe haõ de cantar hoje as letras, e compoſiçoens muſicas na feſtividade deſtes felices Deſpoſorios, peguemos ja delle, e vamos vendo ſe pelas linhas, claves, ſignos, vozes, figuras, e mais elementos da Arte, achamos aſſentada com propriedade a Metaphora da Muſica no papel do Evangelho. Saõ as linhas os primeiros riſcos, ou raſgos, que ſe lançaõ em todo o papel de ſolfa, e pelas quaes ſe põem em ordem, e compõem a Muſica, ou ſolfa toda, e fazem em todo o papel o numero de cinco. Cinco ſaõ tambem as linhas, pelas quaes ſe ordenou, diſpôs, e eſcreveo no papel do Evangelho a conſonancia harmonioza dos ſeus

Deſpoſorios, e foraõ eſtas: a Terceyra Peſſoa da Trindade do Ceo, o Eſpirito Santo: *Inventa eſt in utero habens de Spiritu Sancto*; as tres Peſſoas da Trindade da terra, Jeſus, Maria, Jozé, que fazem quatro: *Mater Jeſu, Maria, Joſeph*; e a quinta o Anjo S. Gabriel: *Apparuit ei Gabriel Angelus*. O tempo, que neſtas, ou por eſtas linhas ſe aſſentou, e por onde ſe cantou toda a ſolfa deſte papel, foi o de Prolaçaõ, ou Proporçaõ mayor; porque foi eſte o mayor Myſtério da Ley da Graça, e porque ſó neſte tempo de Prolaçaõ mayor, vaõ tres figuras em hum compaſſo, como no do Evangelho cabem Jeſus, Maria, Jozé: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu, Maria, Joſeph*; e aſſim vem a conſtar toda a Muſica do Evangelho de hum, e o melhor Terno, e nelle mettidas as mais ſonoras tres vozes, que ſe achaõ neſta ſolfa; a voz de Maria: *Sonet vox tua in auribus meis: Vox turturis audita eſt*, a voz do Eſpoſo S. Jozé: *Vox dilecti mei pulſantis*, e a voz do Divino Verbo: *Eructavit cor meum Verbum bonum*; e foi o meſmo Verbo Divino a clave, por onde ſe percebeo toda eſta conſonancia: *O' Clavis David, qui aperis, & ſolvis*. Vê-ſe neſta muſica a melhor compoſtura; pois entra nella a Santidade de JESUS, a pureza de Maria, e a innocencia de Jozé, que ſaõ as tres perfeitas, e ajuſtadas figuras, ou vozes, que compõem eſte Terno, e entaõ eſta

eſta ſolfa, e por iſſo ſe nota nellas a concordata mais conforme nas vozes e o melhor concerto nas acçoens. Aquí ſe ouve em Uniſonos, o Tiple mais alto, o Menino Deos: *Vocabis nomen ejus Jeſum. Ego in Alliſſimis habito*, com o baixo da maior humildade de Maria: *Reſpexit humilitatem Ancillæ ſuæ*; e o contralto, ou ligado, deſtas duas vozes ſe ouve em Jozé, porque, para fazer liga a Divindade de Deos com a humanidade de creatura, interveyo aqui Jozé: *Joſeph fili David, noli timere accipere Mariã conjugem tuam, quod enim in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt.*

Tambem ſe entoou a ſolfa deſte Terno pelo tempo perfeito; porque Deos, que ſe contêm nelle, contêm em ſi por perfeiçaõ todo o tempo, ou a perfeiçaõ de todos os tempos, preterito, preſente, e futuro. Naõ faltaraõ neſta muſica, o que ella chama Arremedadas; porque arremedou, ou imitou quanto pôde a voz pura de Jozé, a pureza de Maria. De tres figuras, que apparecem no papel deſta ſolfa, a de mayor valia parece a de Jozé; porque era ſuperior a Maria, como Eſpoſo: *Vir eſt caput mulieris*; e ao meſmo Chriſto em quãto homem, como ſeu Putativo Pay: *Et erat ſubditus illis.* O Signo, com que ſe notou toda eſta ſolfa, foi o de Virgem; porque pela Peſſoa da Virgem ſe fez notoria ao mundo toda a compoſiçaõ Divina das vozes deſte Terno.

no.

no. Nelle ſe deo huma ſegunda, em a Segunda Peſſoa da Trindade, e fazendo eſta ſegunda diſſonancia a S. Jozé : *Inventa eſt in utero habens*, para fazer a melhor melodia, ſe deſculpou logo com huma terceyra, que foi a Terceyra Peſſoa da Trindade Santiſſima: *Quod enim in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt*, com que ſe compôs a melodia mais ſonora neſte Soberano Terno, com a voz de fóra, com a qual ſuſpendeo o Anjo o paſſo, que Jozé intentava fazer em fuga : *Voluit occulte dimittere eam.* Naõ faltaraõ ás figuras deſta ſolfa ſeus pontos; huns, que chamaõ de perfeiçaõ, e de augmentaçaõ outros; porque em verdade todo o ponto do Senhor S. Jozé foi ſempre aperfeiçoar a virtude, e augmentar a Santidade: *Joſeph accreſcens, augmentum.* Teve tambem eſta muſica ſuas aſpiraçoens: *Angelus Domini apparuit in ſomniis, dicens.* Só pauzas, e mudanças naõ houve neſta ſolfa; pauzas naõ, porq̃ naõ ſabe fazer pauzas a ſolfa do amor, e o Senhor S. Jozé naõ parava. *Exurgens Joſeph*; mutanças tambẽ naõ; porque as trocou em firmezas o noſſo Santo: *Accepit conjugem ſuam.* Foi finalmente ſolfa eſta, que toda na melodia ſe apurou, nos ſuſtinidos foi encanto, nas conſonancias eſmero, e nos compaſſos conforme: porq̃ foi muſica compoſta, e harmonia formada para os mayores, e mais celebres Deſpoſorios, que vio, nem

nem ha de ver o mundo, do Glorioſo, e Grande Patriarcha o Senhor S. Jozé com Maria Santiſſima May de Deos: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.*

Nem parece menos propria a metaphora por parte de quem com tanto diſpendio, deſvélo, e devoçaõ ſolemniza hoje eſtes Deſpoſorios, como Juiz da feſta; pois ſe pela feſta dos Deſpoſorios, e pelo Evangelho, vem hoje propria a metaphora da ſolfa, naõ vem menos ajuſtada pelo Juiz, que a ſolemniza; pois, como todos ſabem, he notoriamente conhecido pelo melhor, e mais perito Meſtre da Arte do Canto, e Contra-ponto. Logo, concluamos: Se a caſa he de Muſica, por ſer de Maria: *Maria eſt Muſica*; ſe nella ſe celebraõ os mayores Deſpoſorios: *Cum eſſet deſponſata*; e eſtes ſe devem ſolemnizar cõ a melhor muſica: *Lyra, & Cythara circomferabantur: Genus canticorum* e o Juiz, he em tudo Meſtre neſta Arte; naõ ſerá bem que ſó o Prégador faça diſſonancia em taõ uniſona concordata: e aſſim levantará tambem a voz, e entoará a letra do Evangelho; mas ſerá em recitado, para aſſim explicar melhor o quanto ſe remontou hoje o Senhor S. JozS, ſubindo com as ſuas vozes a eſſes ares, nas Areas, concertadiſſimas das ſuas excellencias, em quanto Eſpoſo feliciſſimo da melhor Eſpoſa Maria, May de Deos: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.*

Fa-

Farei muito, mas breve, por me chegar á metaphora, quanto me permittir a pouca intelligencia, que della alcanço. E bem podem perdoar os Meſtres da ſolfa o metterſe o Prégador pelos ſegredos da ſua Arte, couſa fóra da ſua profiſſaõ: mas nem por iſſo me podem elles condenar, pois tudo vay hoje em louvor do Senhor S. Jozé, e ſua Santiſſima Eſpoſa, de quem ſaõ os Muſicos neſta caſa particulares devotos. Mas, porque, naõ deixe de haver alguma condenaçaõ, eſta a tomará o Prégador á ſua conta, pois ſe metteo no que lhe naõ toca; e aſſim fiquẽ condenados todos os Muſicos a entoarem acórdemente, para o acerto do Diſcurſo, o Cantico, ou Saudaçaõ Angelica; mas ha de ſer com affectos da alma, e naõ com harmonia de inſtrumẽtos; naõ com paſſos de gar ganta, mas com vozes da alma; que eſta he tambem a Muſica, que mais agrada a Maria: *Non cordula muſica, ſed cor non clamans, ſed amans cantat in aure.*

Ave Maria.

EPois temos ao Senhor S. Jozé no celeſte choro da Muſica dos ſeus Deſpoſorios: *Intraverunt cum eo ad nuptias: In domum chori, in feſtina gaudia nuptiarum*; vamos vendo já a conſonancia, que faz a ſua voz neſte choro, e o mais alto a que ſubio, e ouçamos para iſſo o que ſobre o papel do Evangelho, porque canta hoje nos ſeus Deſpoſorios o noſſo Santo, eſcreve o Doutor

Sylveir. hic.

tor Maximo S. Jeronymo, que he bem seja a primeyra figura deste papel huma Maxima: : porque, se esta he a que na solfa tem a mayor valia, e val mais ella só, que muitas outras figuras; muyto grande foi sem duvida a valia do Senhor S. Jozé no papel da solfa dos seus Despoſorios. Ouçamos o valor desta Maxima, medida pela penna do Maximo dos Doutores.

Pergunta S. Jeronymo, reparando nas principaes Figuras destes Despoſorios, qual havia ser a razaõ, porque se ha de dizer no Evangelho, que nascera Christo de Maria Santissima, em quanto Virgem, e despoſada, e naõ em quanto só, e simplezmẽte Virgem? *Quare non de ſimplici Virginè, ſed de deſponſata concipitur?* E de tres respostas, que dá o Santo Doutor, he a segunda a que para a solfa, ou cantilena de hoje lhe póde servir de letra, ou recitado, e he esta: *Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.* Quiz dizer S. Jeronymo: Ainda que Maria Santissima havia ser May de Deos, e havia Deos nascer della, sendo Virgem, e naõ carecia para isso ter Espoſo; com tudo foi necessario que o tivesse, porque naõ fosse reputada por adultera, e pouco honesta, tendo filho, sem ter marido, e assim castigada: *Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.* E por consequencia se segue, que para q̃ a opiniaõ da Senhora de nenhuma sorte perigasse, foi conveniente, que o seu Espoſo fosse o Se-

nhor S. Jozé, Puro, Caſto, e Juſto: para que ſe viſſe aſſim neſtes Deſpoſorios naõ ſó a grande valia da figura, que nelles fazia o Senhor S. Jozé; como tambem para q̃ ſe moſtraſſe na figura de ſua Eſpoſa a ſua grande valia, e ſe conheceſſem por maximas da pureza, na ſolfa do Evãgelho, eſtas duas Figuras: *Cum eſſet deſpõſata Mater Jeſu Maria Joſeph: Quare non de ſimplici Virgine, ſed de deſponſata concipitur? Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.*

Ainda naõ moſtramos, como deviamos, a grande valia deſtas duas maximas aſſentadas no papel da ſolfa dos Deſpoſorios do Senhor S. Jozé. Ouçamos mais, e appliquemos os ouvidos. Dous pontos ſe achaõ na Arte da Muſica, hum de perfeiçaõ, e de augmentaçaõ outro, e ſervem eſtes de perfeiçoar, e augmentar aquellas figuras, em frente das quaes ſe põem por nota. Notem agora tambem. Fazia o Senhor S. Jozé no papel da ſolfa dos ſeus Deſpoſorios a figura de Maxima; porque continha elle ſó o valor de muitas figuras, pois foi adornado para Eſpoſo da Senhora, com todas as virtudes, que pelos mais ſe achavaõ divididas, como com o Evangelho, e a ſua letra, o cõmentaõ os Santos Padres, e Expoſitores: *Joſeph autem cum eſſet juſtus: Juſtus hic in omni virtute dicit eſſe perfectum.* Neſtes meſmos Deſpoſorios, e na ſua Muſica, e concordata fazia tambem a Senhora a figura de outra Maxima; porque, pa-

para Eſpoſa, como May, a dotou, e enriqueceo Deos, com os dons, e graças de todas as Jerarchias Celeſtiaes, como eſcrevem os meſmos Padres, e Doutores. Agora vejaõ o como foi o Senhor S. Jozé na Muſica deſtes Deſpoſorios taõ deſtro, e agudo compoſitor, que cantando a Duo com Maria neſte papel, e fazendo ambos nelle a figura de Maxima, de tal ſorte aſſentou nas ſuas linhas eſtas duas figuras, que para a conſonancia ficar mais pura, e harmonioſa, notou as figuras, ſendo, com dous pontos, a ſua com hum ponto de augmentaçaõ; e com hum ponto de perfeiçaõ a Maxima de Maria. A ſua Maxima com hum ponto de augmentaçaõ; porque ſendo Jozé já de antes muito juſto: *Joſeph autem vir ejus, cum eſſet juſtus*, ainda creſceo a mayor augmento como Eſpoſo: *Joſeph accreſcens, Joſeph augmentum.* A Maxima de Maria com hum ponto de perfeiçaõ; porque, ainda, que neſta Senhora foi ſempre Maxima a ſua pureza, eſta ſe moſtrou muito mais perfeiçoada com a viſta, e conſorcio deſte Eſpoſo, conſervando-ſe Virgem, pura, e caſada, e moſtrando aos olhos do mundo a ſua ſumma perfeiçaõ: *Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.* E naõ he iſto ſer o Senhor S. Jozé muito deſtro muſico, e ſubir com a ſua voz, e de ſua Eſpoſa ao mais alto, e ſonoro tom no papel da ſolfa dos ſeus Deſpoſorios: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu*

Maria Joſeph?

Ainda me parece naõ temos percebido como deve ſer os altos pontos, a que chegou com a ſua voz neſta muſica dos ſeus Deſpoſorios o noſſo Santo; e para o vermos melhor, notemos mais, e acharemos que foi taõ deſtro neſta ſolfa, que inventou nella huma arte nova, chegando a cantar pelo modo de deſcantar. E ſe naõ, vejaõ. Era o Senhor S. Jozé Virgem, Puro, e Caſto, teve por Eſpoſa a que por excellencia foi, e he Puriſſima, entre todas as Virgens; he o matrimonio pela ſua inſtituiçaõ, e pelo ſeu fim, oppoſto á pureza, e virgindade: e que ſendo iſto aſſim, foſſe o Senhor S. Jozé muito máis Caſto, e Puro no eſtado do Matrimonio; e iſto foi ſem duvida cantar a ſolfa dos ſeus Deſpoſorios pelo modo de deſcantar; ou foi, digamo-lo de outro modo, foi hum modo de cantar mais alto, naõ ſó no choro dos Virgens, tambem no choro dos Anjos.

Saõ os Anjos no Ceo os Cantores daquella Superior, e Real Capella, e he a ſua muſica a mais Celeſtial; porque ſempre cantaõ com vozes de Anjos. Pois reparem, que até neſte choro, levantou o Senhor S. Jozé tanto de ponto a ſua voz, que, ſe naõ deſcantou, encantou a os meſmos Anjos, dando pontos mais altos, e fazêdo mais harmonia, e melhor conſonancia no ſeu choro. Dos Anjos diz Chriſto, por S. Mattheus, que naõ ſaõ caſados, nem caſaõ; e por iſſo ſe comparaõ a eſtes

eſtes Eſpiritos taõ puros aquellas almas, que, vivendo cá em pureza, nem caſaraõ, nem caſaõ: *Quæ non nubunt, neque nubentur, erunt ſicut Angeli Dei in cœlo.* E neſte caſo, quem naõ vê que cantou o Senhor S. Jozé neſte choro, por huma Arte nova, levantando a voz de ponto ſobre a dos meſmos Anjos? Os Anjos, que naõ caſaõ, ſaõ puros pelos modos de o poder ſer; S. Jozé, que foi caſado, foi puro pelo modo de o naõ ſer. Os Anjos, que naõ caſando ſaõ puros, cantaõ no ſeu choro pela ſolfa, e papel da pureza; S. Jozé, q̃ em verdade foi caſado, foi puro pelo caminho de o naõ ſer. Os Anjos, que naõ caſando ſaõ puros, cantaõ no ſeu choro pelo papel, e ſolfa da pureza; S. Jozé, que caſando foi puro, cantou neſte choro pelas figuras de huma ſolfa, que naõ moſtravaõ pureza: bẽ podemos logo dizer, que a meſma pureza, que nos Anjos he Cantochaõ, em o Senhor S. Jozé foi Contraponto, e taõ alto, que requintou a ſua voz ſobre a dos meſmos Anjos, por huma nova Arte de cantar deſcantando, ſendo puro pelo compaſſo de o naõ ſer, novo modo de cantar, mais alto, ſuave, e harmonioſo, que o dos meſmos Anjos: *Quæ non nubunt, neque nubentur, erunt ſicut Angeli Dei in cœlo. Cùm eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.*

Vamos ao Tono ſegundo, e ſegunda Letra, ou Recitado do Evangelho deſtes Deſpoſorios; e ſe a primeira,

meira, porque a deo S. Jeronymo Doutor Maximo, foi huma Maxima, figura mayor de toda a ſolfa; eſta ſegunda, porque a ha de dar Santo Agoſtinho, que foi o Sol da Igreja, começará por hum Sol, que he tambem na ſolfa a ſegunda voz mais alta depois do Lá.

Sol, diz Santo Agoſtinho, foi Jozé entre os Eſpoſos, ou nos ſeus Deſpoſorios: *Beatus Joſeph velut Sol: Cùm eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.* E porque havia o Senhor S. Jozé neſta ſegunda letra começar o canto dos ſeus Deſpoſorios pela voz de Sol, e naõ por qualquer voz? Duas razoens acho para iſſo: huma, que reſpeita a figura; outra, que diz conſonancia com a metaphora. Vamos á figura, que he o Sol. Naſce eſte luzido, e viſtoſo Planeta, e ao meſmo compaſſo, que ſe figura a os noſſos olhos chegar ao ſeu Zenith, he o meſmo, em que o vemos dar paſſos para o ſeu Occaſo; alli meſmo, donde o levou, ou elevou a maõ do Divino Compoſitor ao mais alto, alli ſente logo a ſua declinaçaõ, e cuidando que alli pára, torna a ſubir para mais deſcer: *Oritur Sol, & occidit, & ad locum ſuum revertitur, ibique renaſcens gyrat per meridiem.* Eccle. 1. 5. Duas couſas faz aqui o Sol repetidas vezes, guiado pelo compaſſo da maõ do Altiſſimo Contrapontiſta, que o aſſenta nas linhas do diafano papel dos ceos: ſóbe para deſcer, e deſce para ſubir. Sobe até o Zenith, para deſcer até o Occaſo; e

do

do Occaſo até onde deſceo, tornar a ſubir até o Zenith. E qual he mais para admirar no Sol, ſubir para deſcer, ou deſcer para ſubir? Sem duvida que eſte ſegundo modo he mais notavel, porque parece contra a ordem da natureza. Pois iſto, que na ſolfa do Ceo he o mais notavel na figura do Sol, foi o mais perfeito em o Senhor S. Jozé, quando com voz de Sol cantou nos ſeus Deſpoſorios. Quẽ vira ao Senhor S. Jozé, antes de Eſpoſo, homem puro e caſto, ſem duvida o julgara no Zenith, da mayor perfieçaõ: *Juſtus hic, in omni virtute dicit eſſet perfectum*; mas quem o viſſe depois de caſado, e ſua Eſpoſa, com ſinaes de pejada: *Inventa eſt habens in utero de Spiritu Sancto*, que poderia dizer, ſenaõ, que Jozé tinha deſcido do Zenith para o Occaſo da pureza. Mas iſto foi em Jozé fazer com propriedade a voz de Sol na muſica dos ſeus Deſpoſorios, ſubindo pelo meſmo tom de deſcer. Deſcer na figura de Eſpoſo, para ſubir como Sol na voz da pureza; q̃ he o modo de cantar mais perfeito na voz de Sol: vamos á metaphora da ſolfa, que he a ſegunda razaõ, ou confirmaçaõ da primeyra.

Seis vozes deſcobrẽ os Muſicos na ſua Arte, e vem a ſer: Ut, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá. Deſtas dizem elles, que tres ſervem para ſubir, e tres para deſcer: Ut, Ré, Mi, para ſubir; Fá, Sol, Lá, para deſcer. Agora pergunto: e por qual deſtas vozes cantou o Senhor S. Jozé neſta ſegunda

gunda letra dos ſeus Deſpoſorios ? Já eſtá dito, que em voz de Sol : *Beatus Joſeph velut Sol.* E de que ſerve o Sol, em voz de Muſica? Já fica tambem dito, que naõ obſtante ſer voz alta, porque he immediata ao mais alto ponto, que he, o Lá, com tudo naõ he voz, que ſerve para ſubir, he voz, que ſerve para deſcer : e como ſendo o Sol, voz de deſcer, ſóbe a voz alta ? Sóbe deſcendo. E qual ha de ſer a razaõ deſte modo de ſubir deſcendo, na voz do Sol ? Naõ ſabemos outra mais, que acharem os Muſicos na ſua Arte, ſer eſte na ſolfa o modo de cantar mais eſpecioſo, e perfeito. Pois eis-ahi a razaõ, porque o Senhor S. Jozé, como Eſpoſo, entoou a ſolfa dos ſeus Deſpoſorios pelo tom de Sol; ſubindo pelas vozes de deſcer, e naõ pelas vozes de ſubir : porque ſubir pelas vozes de ſubir, naõ he na muſica o mais ſubido; pois he cantar em eſtylo ordinario ; ſubir pelas vozes de deſcer, eſſe ſim, que na ſolfa he o modo mais perfeito; pois he cantar com huma tal graça, que faz ſubir contra o cõmum, ou natureza da meſma voz. Aſſim entoou o Senhor S. Jozé eſta ſegunda letra dos ſeus Deſpoſorios. Quãdo parecia, que naõ guardava, com as razoens commũas de Eſpoſo, a voz da pureza, e que deſcia do alto deſta; aſſim concordou eſtas duas razoens de Eſpoſo, e Puro,; em taõ ſuave conſonancia, que, cantando com voz de Sol, com eſta voz de deſcer, ſubio

bio ao mais alto da perfeiçaõ na ſua pureza, e como Eſpoſo: *Cum eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph: Beatus Joſeph velut Sol.*

Vamos á terceyra letra do Evangelho, ou Recitado da ſua ſolfa, pelo Douto Iſolano, a reſpeito da terceyra voz, que entra no Terno deſtes Deſpoſorios, Chriſto Jeſus; que he bem entre tambem na ſua concordata, pois já ouvimos as duas de Jozé e Maria. Falla o Iſolano do Senhor S. Jozé como Pay de Chriſto por Eſpoſo de Maria: *Cum eſſet deſſata Mater Jeſu Maria Joſeph*; e diz que he o Senhor S. Jozé aquelle grande dia de Sabbado, ou o ſeptimo da ſemana, no qual deſcançou Deos das obras admiraveis, que nos ſeis dias primeyros havia feito, porque em Jozé, em quanto Pay Putativo de Deos feito homem deſcançou eſte Soberano Artifice dos trabalhos deſte mundo: *Requievit Dèus die ſeptimo: Vere Joſeph magnus eſt dies ille Sabbati in quo requievit Deus.* Diz o Iſolano. E que ſom fará a os noſſos ouvidos eſta letra, e o ſeu recitado? Faz ſem duvida hum muy alto, e taõ elevado de ponto, que cantando no Terno deſtesDeſpoſorios, eſtas tres vozes, a de Jeſus, a de Maria e a de Jozé; a de Jozé, como Eſpoſo, e Pay, e a de Jeſus, como Filho, e a de Maria, como Eſpoſa; taõ alto levantou Jozé a voz neſte Terno, como Eſpoſo de Maria, que fez hum contraponto

Oo ſobre

ſobre a Paternidade de Chriſto, ficãdo a ſua voz mais alta, quando entôa a ſolfa de Eſpoſo de Maria; (he hoje o dia Solemne deſtes Deſpoſorios) do que quando canta a letra de Pay de Chriſto. Ora ouçaõ o alto, ou contraponto da ſua voz.

Jozé como Eſpoſo de Maria cantou no Terno dos ſeus Deſpoſorios com voz de Sol: *Beatus Joſeph velut Sol*; Joſeph, como Pay de Chriſto, entoou nos meſmos Deſpoſorios com voz de Ré: *Requievit die ſeptimo*: e de que ſerve na Muſica a voz de Ré, e a voz de Sol? Já fica dito, que a voz de Sol ſerve para deſcer, e a voz de Ré, ſerve para ſubir. E que fez o Senhor S. Jozé cantando neſte Terno com voz de Ré, como Pay: *Requievit*; e como Eſpoſo com voz de Sol: *Velut Sol*? O meſmo, que faz o que canta na ſolfa com eſtas vozes. O que canta com voz de Ré, ſóbe pelos meyos de ſubir; porque iſto he o que pede a voz de Ré, porque ſe canta. O que canta com voz de Sol, ſóbe pelos meyos de deſcer, e iſto he o que encanta, e he o mais; porque iſto he ſubir contra o que pede a voz de Sol, por onde ſe canta. Logo ſe o Senhor S. Jozé, como Eſpoſo de Maria, ſubio pelos meyos de deſcer na opiniaõ da ſua pureza, com voz de Sol: *Velut Sol*, que he na muſica modo mais perfeito; e ſe como Pay de Chriſto, ſubio pelo modo de ſubir a eſta honra, con voz de Ré: *Requievit*, que he na ſolfa modo commum: bem ſe ſegue, que

que ſobre o alto do Ré, ou voz de Pay: *Requievit*, lançou o Senhor S. Jozé hum contraponto, ou ponto mais alto, com a voz de Sol, como Eſpoſo: *Velut Sol*: *Cùm eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.*

Glorioſo Santo, pouca conſonancia parece tiveraõ atéqui as minhas deſentoadas vozes, no ſuave recitado das voſſas excellencias; porque, ſem duvida, fez-ſe imperceptivel á noſſa comprehenſaõ, a conſonancia admiravel da ſolfa dos voſſos Deſpoſorios, com a qual regalaſtes, nos contrapontos dos voſſos merecimentos, os ouvidos do proprio Deos: *Cantat in aure Dei.* E pois tanto goſta eſta Divina Mageſtade dos Villancicos do voſſo amor, das Coplas dos voſſos affectos, das Areas das voſſas jaculatorias, dos Recitados das voſſas petiçoens, e expreſſoens da voſſa vontade, que nada ouve com mais attençaõ, nem tarda em deferir o que vós quereis, porque ainda no Ceo he reſpeituoſa aquella admiravel Paternidade, com que vos veneroù na terra: *Et erat ſubditus illis*; lá no Ceo, aonde a melodia he a mais ſuave, apuray as vozes ſonoras da voſſa protecçaõ, em favor de todos os voſſos devotos; e muito particularmente, por aquelle, que empenhando os eſmeros da ſua Arte para eſtes voſſos obſequios, exprime os affectos mais rendidos na harmonia das ſuas vozes, já deſcendo pela reverencia com que vos adora; já ſu-

ſubindo, nos affectos com que vos louva: fazei com que elle, e todos os voſſos, exercitada a melhor ſolfa das virtudes a impulſos dos toques da graça, e com vozes ſuaves de pureza, entremos comvoſco no Choro da Bemaventurança, e ſejamos admittidos para aquella Celeſte Capella da Gloria. *Ad quam. &c.*

F I M.